

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

PAULA MENDES COSTA

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO CRIOULO GUINEENSE

RECIFE

2014

PAULA MENDES COSTA

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO CRIOULO GUINEENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

RECIFE

2014

Catálogo na fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667

C837d Costa, Paula Mendes
Descrição fonológica do crioulo Guineense / Paula Mendes Costa. –
Recife: O Autor, 2014.
233p.; Il.: fig., tab. e quadros; 30 cm.

Orientador: Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC.
Letras, 2014.

Inclui referências e anexos.

1. Linguística. 2. Fonologia. 3. Dialetos crioulos. 4. Dialetos crioulos
portugueses. 5. Guiné-Bissau. I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo
Pereira (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC2014-131)

PAULA MENDES COSTA



Descrição Fonológica do Crioulo Guineense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 25/2/2014.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Stella Virginia Telles de Araujo Pereira
Orientadora – LETRAS - UFPE


Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
LETRAS - UFPE
Prof. Dr. Aldir Santos de Paula
LETRAS - UFAL

Recife – PE
2014

A minha mãe, que não pôde acompanhar em vida a realização desse trabalho.

A Delo, Marcelina, Milanca, Roberto e Flaviano, meus fieis companheiros nessa jornada.

Aos guineenses, os verdadeiros Mestres dessa língua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui.

À Professora Stella, Professora-mãe, que sempre acreditou em mim e por quem tenho enorme carinho e admiração. Que me acolheu desde o princípio com todo o empenho, que me ensinou como enveredar pelos caminhos da pesquisa linguística, que me mostrou a beleza que há nos trabalhos com línguas indígenas e minoritárias, e que me incentivou a chegar até aqui. Profissional admirável, cujos exemplos sempre tentarei seguir, e pessoa maravilhosa, na qual me espelho para enfrentar os desafios que a vida coloca. Agradeço por todo o carinho, pela confiança depositada em mim e pela amizade tão bonita.

A Delo, Marcelina, Milanca, Roberto e Flaviano, meus companheiros fieis nesse trabalho, sem os quais a elaboração do mesmo não teria sido possível. Agradeço pela confiança, pelos ensinamentos e por terem partilhado comigo a beleza e a riqueza de sua cultura, de seu país e de sua língua.

A minha mãe, a quem também dedico este trabalho, e que não pôde acompanhar em vida a realização do mesmo. Para mim, um exemplo de mãe, de vida, de mulher e de bravura, que sempre trago comigo, no coração e na alma. Agradeço por me ensinar a viver e por me mostrar como é bonito e eterno o amor entre mãe e filha.

Ao meu irmão, companheiro de todos os momentos, que sempre me incentivou e me deu forças para trilhar o meu caminho e me mostrou como a amizade e o amor fraterno são fundamentais para superar todas as dificuldades. Para mim, um exemplo de intelectual e de superação. Agradeço por estar ao meu lado sempre.

À Professora Dilma, também Professora-mãe, que nunca deixou de acreditar em mim e que sempre me incentivou a seguir em frente. Amiga querida e também um exemplo a ser seguido de profissional e de pessoa. Agradeço por todo o carinho, pela confiança, pelas conversas especiais e pela linda amizade.

A Mariana, Danilo e Vanessa, tão queridos, agradeço também o apoio e o carinho.

A Luci, amiga-mãe que me acompanha desde sempre e com a qual também divido minhas inquietações e alegrias. Uma pessoa especial e de coração puro, por quem tenho grande admiração. Agradeço pelos conselhos, pelas conversas, pelo carinho e pela amizade.

A Rita, mestra e especial companheira de todas as horas, sem a qual eu também não teria chegado até aqui. Agradeço pelo carinho, pela confiança e por me ajudar em todos os momentos em que preciso.

Ao meu avô Paulo, mais um exemplo de vida e de intelectual.

As amigas-irmãs de todas as horas do Núcleo de Estudos Indigenistas Clarinha Santos, Fernanda Maciel Ziober e Letânia Ferreira, com as quais pude compartilhar minhas inquietações e que sempre trouxeram alegria e doçura mesmo nos momentos de trabalho. Exemplos de companheiras, de estudiosas e de pesquisadoras nos quais me espelho diariamente. Agradeço a companhia e a amizade únicas.

A Maria e Sivaldo, meus amigos-irmãos de todas as horas, que também sempre acreditaram em mim e me incentivaram nessa jornada. Companheiros com os quais dividi angústias, alegrias e momentos felizes durante toda a trajetória do mestrado. Agradeço pela amizade especial e por todo o carinho.

Aos amigos e companheiros queridos do mestrado e doutorado Edney, Ricardo, Leonardo, Ritinha, Michele, Shênia, Eduardo, Sônia, Renato, Silvânia e Jurandir.

Aos professores da Pós-graduação em Letras, da graduação, da escola e da vida. Aprendi muito com cada um de vocês.

Aos amigos queridos da escola Lilian Massa, Tiago, Bruno, Márcio, Dani, Natasha, Ráian, Daniel, Breno, Queila e às “amiguinhas” Débora, Marina, Larissa, Livia, Andresa, Rebeca e Nathália, por me compreenderem sempre e por me ensinarem diariamente o valor da amizade.

Aos amigos educadores Lourenço, Wanderick, Amanda, Estelita, Bruna, Flavinha, Fernando, Josefina, Paty e Saulo, com os quais aprendo muito e que também me mostram a importância da amizade.

A Carol Lima e Alber, teachers-amigos únicos por quem tenho grande carinho e admiração. Obrigada por estarem sempre comigo e por serem tão especiais.

A Felipe e Ju, companheiros especiais de todas as horas, com os quais compartilho as alegrias e as risadas de muitos fins de semana.

Aos amigos de Letras Anne, Gabi Braga, Luisa, Laura, Ritcchelle, Cris, Gabi Espíndola, Elissa, Raissa, Leo, Amanda Mangureira, Priscylla e Rafa por serem únicos e especiais, cada um a seu modo.

A Bartek, grande companheiro que me mostrou como a distância não representa nada diante de amizades especiais e sentimentos verdadeiros.

A Priscila, Hadassa, Kati, David, Swane e Taísa, amigos de aventuras inesquecíveis.

Aos professores Aldir Santos de Paula e Alberto Poza, por terem aceitado fazer parte da banca examinadora e contribuir com suas valiosas considerações para este trabalho.

À CAPES, pela contribuição vinda na forma da bolsa de mestrado;

Aos colegas do PPGL/UFPE: Diva, Jozaías e bolsistas.

Kiriol sabi obi. Ma ora ku bu kaba obil, bu ta kuda dritu antis di bu konbersa. Pa bia asin bu ta pudi konbersa ke ku bu na konbersa antis di bu bin ripindi di ke ku bu papia. I pa kila tudu jintis ta ntindi ke ku bu misti konbersa.

“O crioulo é agradável de ouvir. No entanto, é preciso pensar bem antes de usá-lo. Só assim você poderá falar o que fala sem se arrepender de dizê-lo. É por isso tudo que as pessoas entendem o que você quer dizer”.

(Trecho da fábula guineense *Storia di kin ku mas obi kiriol* “História de quem entende melhor o crioulo”)

RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar uma descrição sincrônica da fonologia segmental do crioulo da Guiné-Bissau (Kriyol). Para a sua realização, foram levados em consideração trabalhos anteriores acerca da fonologia do Crioulo da Guiné-Bissau (CGB), como os de Mbodj (1979), Scantamburlo (1981), Kihm (1986), Rougé (1988) e Couto (1994). Há, também, trabalhos que apresentam análises fonológicas de outras línguas africanas, os quais contribuíram para a elucidação de questões pertinentes ao presente estudo (Moura (2007), Couto e Souza (2004), Quint (2006), Rodrigues (2007), Lang (2007)). O CGB integra a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné (CAG), da qual também fazem parte o Crioulo Kabuverdianu e o crioulo de Casamansa. O CGB é uma língua que resulta do contato entre o português (língua de superstrato) e as diversas línguas africanas (línguas de substrato) faladas na Guiné-Bissau, todas pertencentes à família Níger-Congo (grupos Mande e Atlântico), havendo no país um total de 22 línguas. Para a realização desse estudo, foram coletados dados com cinco estudantes guineenses vinculados à UFPE através de programas e convênios de intercâmbio de estudantes. Finalmente, é importante dizer que a presente pesquisa de descrição fonológica inscreve-se nos estudos crioulisticos de base sincrônica, apoiando-se inicialmente na abordagem estruturalista norte-americana, através do uso das técnicas da linguística distribucional, bastante úteis para o estabelecimento da fonologia segmental das línguas naturais. Além disso, para se alcançar interpretações mais aprofundadas acerca da fonologia da língua, o estudo se apoiou em arcabouço teórico mais moderno, fornecido pela fonologia pós-gerativa, constantes em Kenstowicz (1994), Goldsmith (1995), Clements (1995), Blevins (1995) e Clements & Hume (1995), entre outros. A partir da pesquisa realizada, concluiu-se que o sistema fonológico do crioulo guineense apresenta 25 segmentos, sendo 18 consoantes e 7 vogais. A sílaba tem como molde (C)(C)(C)V/N(V)(C), sendo o único elemento obrigatório a primeira posição nuclear, ocupada sempre por uma vogal, que pode formar sílaba sozinha. Os principais processos fonológicos observados foram: despalatalização, desnasalização, assimilação, apagamento e inserção.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Fonologia Segmental. Línguas Crioulas. Crioulos de Base Portuguesa. Crioulo Guineense.

RÉSUMÉ

Ce travail-ci a le but de réaliser une description synchrone de la phonologie segmentale du créole de Guinée-Bissau. Nous avons considéré pour sa réalisation des travaux antérieurs sur la phonologie du Créole de Guinée-Bissau (CGB) comme ceux de Mbodj (1979), Scantamburlo (1981), Kihm (1986), Rougé (1988) et Couto (1994). Il y a aussi des études qui présentent des analyses phonologiques d'autres langues africaines, ceux qui contribuent à clarifier des points importants pour notre étude Moura (2007), Couto et Souza (2004), Quint (2006), Rodrigues (2007), Lang (2007)). Le CGB fait partie de la famille linguistique des créoles à base lexicale portugaise de l'*Alta Guinée* (CAG) dont le créole capverdien et le créole casamançais font partie aussi. Le CGB est une langue qui a son origine du contact entre le portugais (langue de superstrat) et les plusieurs langues africaines de la famille Niger-Congo (langues de substrats des groupes Mande et Atlantique) parlées en Guinée-Bissau, où il y a 22 langues. Pour réaliser cette étude on a rassemblé des informations de la recherche avec cinq étudiants Bissau guinéens de l'UFPE à travers les programmes et accords d'échange d'étudiants. Finalement, il est important de dire que cette recherche de description phonologique correspond à une étude créoliste synchrone basée tout d'abord sur l'approche structuraliste nord-américaine à travers l'usage des techniques de la linguistique distributionnelle, très utiles à l'établissement de la phonologie segmentale des langues naturelles. De plus, pour arriver à des interprétations plus approfondies de la phonologie de la langue l'étude s'est basée sur théories plus modernes comme celles-là conçues par la phonologie post générative de Kenstowicz (1994), Goldsmith (1995), Clements (1995), Blevins (1995) et Clements & Hume (1995), etc. À partir la recherche réalisée on a conclu que le système phonologique du créole de Guinée-Bissau a 25 segments dont 18 sont des consonnes et 7 sont des voyelles. La syllabe a la structure (C)(C)(C)V/N(V)(C) et l'unique élément obligatoire est la première position du noyau qui est toujours occupée par une voyelle qui peut former une syllabe toute seule. Les plus importants processus phonologiques observés ont été : la dépalatalisation, la dénasalisation, l'assimilation, l'effacement et l'insertion.

MOTS CLÉS: Linguistique. Phonologie Segmentale. Langues Créoles. Créoles à Base Portugaise. Créole de Guinée-Bissau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização geográfica da Guiné-Bissau.....	58
Figura 2: Mapa etnográfico da Guiné e da Guiné-Bissau.....	59
Figura 3: O molde da sílaba fonética.....	170
Figura 4: O molde da sílaba fonológica.....	177
Figura 5: Espectrograma da palavra “cansar”.....	189
Figura 6: Espectrograma da palavra “honra”.....	189
Figura 7: Espectrograma da palavra “encontrar”.....	190
Figura 8: Espectrograma da palavra “embarcar”.....	192
Figura 9: Espectrograma do enunciado “eu fui”.....	192
Figura 10: Espectrograma do enunciado “eu chorei”.....	193
Figura 11: Localização de algumas línguas, famílias de línguas e agrupamentos linguísticos importantes da África Ocidental.....	240
Figura 12: As línguas Nigero-Congolesas.....	241

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil e características individuais dos informantes.....	23
Quadro 2: O <i>continuum</i> do crioulo guineense.....	66
Quadro 3: O inventário fonético das consoantes.....	76
Quadro 4: O inventário fonético das vogais orais.....	90
Quadro 5: O inventário fonético das vogais nasais.....	96
Quadro 6: O inventário fonológico das consoantes.....	99
Quadro 7: Os fonemas consonantais e as descrições anteriores do crioulo guineense.....	100
Quadro 8: O /l/ e o /r/ nas línguas da África Ocidental.....	104
Quadro 9: A fonologia do português falado no século XVI.....	105
Quadro 10: O /s/, o /ʃ/ e o /tʃ/ no português do século XVI.....	107
Quadro 11: A origem das africadas /tʃ/ e /dʒ/.....	109
Quadro 12: As mudanças fonéticas do crioulo a partir do português.....	110
Quadro 13: O inventário fonológico das vogais.....	120
Quadro 14: Os fonemas vocálicos e as descrições anteriores do crioulo guineense.....	122
Quadro 15: Padrões silábicos do português e do crioulo.....	158
Quadro 16: As fricativas pós-alveolares e as línguas africanas.....	205

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais etnias da Guiné-Bissau (SILVA, 2000).....	60
Tabela 2: Principais etnias da Guiné-Bissau (COUTO E EMBALÓ, 2010).....	60
Tabela 3: Panorama linguístico da Guiné-Bissau.....	61
Tabela 4: Distinções entre vogais semiabertas e semifechadas.....	124
Tabela 5: Variação de altura do 1º formante das vogais orais.....	125
Tabela 6: tipos de sílaba (MBODJ, 1979).....	160
Tabela 7: tipos de sílaba (COUTO, 1994).....	161
Tabela 8: Distribuição dos fonemas relevantes nas 451 línguas da base de dados UPSID....	204

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CG	Crioulo da Guiné-Bissau (ou Crioulo Guineense)
CGB	Crioulo da Guiné-Bissau
CT	Crioulo Tradicional
CA	Crioulo Aportuguesado
1.s.g	Primeira pessoa do singular
cf.	Conforme
Hz	Hertz
IPA	The International Phonetic Alphabet
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UPSID	Phonological Segment Inventory Database
UCLA	University of California, Los Angeles
C	Consoante ou margem silábica
(C)	Consoante não obrigatória
(V)	Vogal não obrigatória
V	Vogal ou núcleo silábico
ñ	Vogal nasal
N	Núcleo silábico ou segmento nasal
O	Onset
R	Rima
X	Tempo

LISTA DE SÍMBOLOS

-	Fronteira de morfema ou formação de ditongo
//	Transcrição fonológica
[]	Transcrição fonética
{ }	Morfema
:	Oposição, como em /t/ : /d/
'	Acento
~	Variação lexical
#	Fronteira de palavra
/	Indica um contexto
—	Marca a posição em que ocorre um segmento
.	Fronteira de sílaba
∅	Não realização
σ	Sílaba
→	Realiza-se como

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Objetivos.....	22
1.2 Metodologia (pesquisa de campo).....	22
1.3 Referencial teórico.....	27
1.4 Estrutura da dissertação.....	29
2 O CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU: LÍNGUA, HISTÓRIA E SOCIEDADE.....	31
2.1 As línguas crioulas.....	31
2.1.1 Breve histórico da crioulística.....	31
2.1.2 Os crioulos de base lexical portuguesa.....	38
2.1.3 Origem e desenvolvimento do crioulo guineense.....	44
2.1.3.1 Para uma contextualização histórica do crioulo guineense.....	44
2.1.3.2 Teorias sobre a origem do crioulo português da Guiné-Bissau.....	46
2.1.3.3 O desenvolvimento do crioulo guineense a partir do século XX.....	49
2.2 A Guiné-Bissau e o Kriol.....	51
2.2.1 A independência guineense.....	51
2.2.2 A situação linguística.....	57
2.2.3 O crioulo e o ensino.....	70
2.2.4 O crioulo e a identidade nacional.....	73
3 O INVENTÁRIO FONÉTICO DO CRIOULO GUINEENSE.....	76
3.1 O inventário fonético das consoantes.....	76
3.1.1 Descrição dos fones consonantais e de seus ambientes de ocorrência.....	77
3.1.1.1 As oclusivas.....	77
3.1.1.2 As nasais.....	80
3.1.1.3 As fricativas.....	82
3.1.1.4 As africadas.....	85

3.1.1.5 As laterais.....	86
3.1.1.6 Os róticos.....	87
3.1.1.7 As aproximantes orais.....	88
3.1.1.8 As aproximantes nasais.....	89
3.2 O inventário fonético das vogais.....	90
3.2.1 O inventário fonético das vogais orais.....	90
3.2.1.1 Descrição dos fones vocálicos orais e de seus ambientes de ocorrência.....	90
3.2.1.1.1 As vogais altas	90
3.2.1.1.2 As vogais médias.....	93
3.2.1.1.3 As vogais baixas.....	95
3.2.2 O inventário fonético das vogais nasais.....	96
3.2.2.1 Descrição dos fones vocálicos nasais e de seus ambientes de ocorrência.....	96
3.2.2.1.1 As vogais altas.....	96
3.2.2.1.2 As vogais médias.....	97
3.2.2.1.3 A vogal baixa.....	98
4 O INVENTÁRIO FONOLÓGICO DO CRIOULO GUINEENSE.....	99
4.1 O inventário fonológico das consoantes.....	99
4.1.1 Contraste entre fonemas consonantais.....	114
4.2 O inventário fonológico das vogais.....	120
4.2.1 Contraste entre fonemas vocálicos.....	126
4.3 Fonemas e alofones.....	128
4.3.1 Os fonemas segmentais consonânticos e seus alofones.....	128
4.3.2 Os fonemas segmentais vocálicos e seus alofones.....	140
4.4 Os ditongos.....	150
4.4.1 Ditongos crescentes.....	151
4.4.2 Ditongos decrescentes.....	153

5 A SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	157
5.1 A sílaba do crioulo guineense.....	157
5.1.1 As sílabas fonéticas.....	162
5.1.1.1 A sílaba [V].....	162
5.1.1.2 A sílaba [VC].....	163
5.1.1.3 A sílaba [CV].....	164
5.1.1.4 A sílaba [CVC].....	164
5.1.1.5 A sílaba [CCV].....	165
5.1.1.6 A sílaba [CCVC].....	166
5.1.1.7 A sílaba [VV].....	166
5.1.1.8 A sílaba [CVV].....	167
5.1.1.9 A sílaba [VVC].....	167
5.1.1.10 A sílaba [CVVC].....	168
5.1.1.11 A sílaba [CCCV].....	168
5.1.1.12 A sílaba [N].....	169
5.1.2 O molde da sílaba fonética.....	169
5.1.3 As sílabas fonológicas.....	170
5.1.3.1 A sílaba /V/.....	171
5.1.3.2 A sílaba /VC/.....	171
5.1.3.3 A sílaba /CV/.....	172
5.1.3.4 A sílaba /CVC/.....	173
5.1.3.5 A sílaba /CCV/.....	174
5.1.3.6 A sílaba /CCVC/.....	174
5.1.3.7 A sílaba /CVV/.....	175
5.1.3.8 A sílaba /CCCV/.....	175
5.1.3.9 A sílaba /N/.....	176
5.1.4 O molde da sílaba fonológica.....	176
5.2 Os processos fonológicos.....	177
5.2.1 Processos de assimilação.....	179

5.2.1.1 Palatalização do /s/.....	179
5.2.1.2 Harmonia vocálica.....	182
5.2.1.3 Ponto de articulação da consoante nasal em coda.....	184
5.2.1.4 Nasalização.....	194
5.2.2 Processo de velarização do /l/.....	195
5.2.3 Processo de lenição.....	197
5.2.3.1 Enfraquecimento da oclusiva dental vozeada.....	197
5.2.4 Processo de apagamento.....	198
5.2.4.1 Redução ou apagamento silábico.....	198
5.2.5 Processos de inserção.....	201
5.2.5.1 Prótese.....	201
5.2.5.2 Epêntese.....	201
5.2.6 Processos diacrônicos.....	203
5.2.6.1 Processo de despalatalização.....	203
5.2.6.2 Processo de desnasalização.....	206
5.2.6.3 Processo de coalescência.....	208
5.2.6.3.1 Monotongação ou coalescência vocálica.....	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	213
ANEXOS.....	218

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação desenvolve o estudo fonológico segmental do crioulo da Guiné-Bissau (crioulo guineense ou Kriyol)¹. O Crioulo da Guiné-Bissau (CGB) corresponde a uma língua cuja formação remonta aos séculos XV (quando os portugueses chegaram à Guiné-Bissau, em 1446) e XVI (quando os portugueses iniciaram o comércio de escravos e fundaram Cachéu, primeira povoação portuguesa, em 1588). É importante destacar, também, que o CGB integra a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné (CAG), da qual também fazem parte o Crioulo Caboverdiano (ou Kabuverdianu) e o crioulo de Casamansa.

A Guiné-Bissau corresponde a um país com uma dimensão territorial de aproximadamente 36.125Km² e está situado na costa ocidental do continente africano. É banhado a oeste pelo oceano Atlântico e estabelece fronteira com o Senegal (a norte) e com a Guiné (a leste e a sul), apresentando uma população total estimada em aproximadamente 1.416.027 habitantes (2005), segundo coloca Embaló (2008, p.101). Seu mosaico linguístico compreende um total de 22 línguas, das quais 21 constituem línguas vivas e 1 corresponde a uma língua segunda (L2), sem configurar-se como língua-materna.

Assim, o crioulo guineense é uma língua que resulta do contato entre o português (língua de superestrato ou lexificadora) e as diversas línguas africanas (línguas de substrato) faladas na Guiné-Bissau, todas pertencentes à família Níger-Congo, nomeadamente aos grupos Mande e Atlântico, conforme atestam Hagemeijer e Alexandre (2010, p.03).

A língua oficial do país é o Português, língua de ensino e de comunicação utilizada no âmbito internacional. Entretanto, se a língua portuguesa é a língua oficial, esta corresponde à língua materna apenas de uma pequeníssima percentagem dos guineenses e não se configura como a língua de comunicação nacional. Nesse cenário, é o crioulo que surge como língua franca, sendo utilizado na comunicação quotidiana, em alguns discursos oficiais, em instituições públicas e em debates promovidos pela Assembleia Nacional. Desse modo, é ao crioulo guineense que é concebido o estatuto de língua da unidade nacional (ou língua nacional).

¹ É importante esclarecer que a variante do crioulo guineense descrita no presente trabalho trata-se de uma variante mais próxima do português e, em certa medida, de uma manifestação mais culta da língua, visto que todos os informantes cursam nível superior. Assim, ao longo desse trabalho, as referências ao crioulo guineense ora descrito dizem respeito a essa variante específica.

Assim, a importância do crioulo no cenário guineense é incontestável, porém, para melhor compreender a formação dessa língua e suas características, é interessante refletir a respeito do que vem a ser uma língua *crioula*. De acordo com Bull (1989, p.45):

O crioulo é [...] um pidgin aceite como língua habitual e familiar, e gradualmente aperfeiçoado por aqueles que só o falavam de tempos a tempos, em caso de necessidade. Foi esse pidgin que se consolidou, ou adquiriu formas interna e externa próprias, com suas regras gramaticais, seu vocabulário riquíssimo, flexível e receptivo a novas aquisições. O crioulo é esse pidgin que se tornou a língua materna e a língua principal de uma comunidade.

Paralelamente a Bull (1989), Pereira (2007) traz alguns conceitos sobre línguas crioulas que merecem atenção. Para a autora (2007, p.91), “os crioulos são línguas maternas que, como qualquer outra, permitem representar o mundo, traduzir e expressar o pensamento, comunicar com os outros, agir e fazer agir”. Costuma-se associar o aparecimento dos crioulos à época dos descobrimentos, e a maioria dos crioulos hoje conhecidos surgiu entre o início do século XVI e o século XVIII. Há algumas divergências quanto à definição do que é um crioulo, mas pelo menos em um ponto os linguistas estão em consenso: os crioulos se diferenciam das outras línguas pela rapidez de sua formação, em condições históricas incomuns. Então, como afirma Pereira (2007, p.13-5):

Um crioulo é uma língua que resulta de uma forma especial de contacto entre línguas. A palavra-chave para a compreensão do que é um crioulo é essa mesmo: contacto. E muitas são as situações em que as línguas podem entrar em contacto. No entanto, nem todas dão origem a crioulos. [...] Os crioulos de base portuguesa nasceram num contexto de relações comerciais e de escravatura em que o português era a língua dominante. Uma vez formados, mantiveram-se, durante séculos, à sombra de línguas de maior prestígio. Uns mais falados do que outros, mas sempre marcados pelas origens, foram remetidos para um estatuto subalterno de que ainda hoje alguns se estão a libertar, procurando criar condições para a sua oficialização (através, nomeadamente, da definição de formas normalizadas de escrita). [...] A componente histórica e social está, pois, sempre presente no estudo (e na defesa) das línguas crioulas que são uma espécie de laboratório privilegiado de análise dos processos de aquisição linguística em contextos adversos e das mudanças linguísticas operadas pelo contacto entre línguas.

Dessa maneira, ainda que 80% do léxico do crioulo guineense seja proveniente da língua portuguesa, o mesmo institui-se como uma língua que apresenta uma autonomia própria de uma língua natural, isto é, possui uma gramática independente das de suas línguas de substrato (línguas africanas) e da língua de superstrato (lexificadora, o português), apresentando-se como “a principal língua de comunicação interétnica da Guiné-Bissau”, conforme propõe Couto (2007).

Torna-se evidente, então, a relevância que o crioulo guineense apresenta no tocante à conjuntura sócio-linguístico-cultural da Guiné-Bissau. Mesmo assim, Scantamburlo (1981, p.9) afirma que este é uma das línguas crioulas menos estudadas, assertiva que anos mais tarde seria reiterada por Couto (2009, p.69). Ainda de acordo com Scantamburlo (1981, p.9), no tempo colonial, essa língua foi desprezada como “língua portuguesa mal falada” e seu uso era proibido nas cerimônias públicas. Após a Independência de setembro de 1973, a língua crioula foi reconhecida como língua nacional e hoje é a mais falada pelo povo e compreendida pela maioria, tendo sua importância como língua independente e autônoma cada vez mais assegurada.

Desse modo, pode-se dizer que a investigação científica do crioulo guineense faz-se necessária. É fato, no entanto, que já existem alguns trabalhos a respeito dessa língua, numa tentativa de compreendê-la e descrever fenômenos a ela inerentes, como os de Mbodj (1979), Kihn (1986), Rougé (1988) e Couto (1994). Há, também, trabalhos que apresentam análises fonológicas de outras línguas africanas, os quais, pela natureza da pesquisa científica, podem contribuir para a elucidação de questões pertinentes ao presente estudo. Alguns exemplos são o de Moura (2007), a respeito da língua Fula, falada na Guiné-Bissau, e os de Couto e Souza (2004), Quint (2006), Rodrigues (2007) e Lang (2007), acerca do caboverdiano (ou Kabuverdianu), língua pertencente à mesma família do crioulo guineense.

Tendo em vista análises já existentes na literatura científica sobre a língua em estudo, ao se realizar essa dissertação acreditava-se, inicialmente, que parte do que seria encontrado nos dados coletados viria a coincidir com as análises prévias, o que de fato ocorreu, confirmando o que fora observado pelos autores. No entanto, devido à própria mudança linguística (tendo em vista que muitos dos trabalhos de descrição linguística do crioulo guineense datam da década de 80 e 90), acreditava-se que provavelmente também haveria discrepâncias entre a descrição de cunho fonológico que seria realizada e análises feitas anteriormente, o que comprova mais uma vez a necessidade de uma descrição sincrônica contemporânea do crioulo da Guiné-Bissau, a qual a pesquisa ora exposta se propôs a realizar, mesmo que apenas no âmbito da fonologia segmental. Além disso, vale a pena ressaltar que, na própria literatura existente, há interpretações divergentes acerca de fenômenos da língua, como o caso das nasais, sendo interessante, portanto, que houvesse (e que continue a haver) mais estudos a ela relacionados para se tentar melhor compreendê-los.

Diante do exposto, pode-se afirmar, por fim, que os benefícios do trabalho realizado se respaldam, pelo menos, em razões de três naturezas: 1) social, que diz respeito à relevância e

à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa); 2) linguística, que se refere à contribuição potencial que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística e para o avanço do entendimento da faculdade humana da linguagem; e 3) cultural, visto que compreende um intercâmbio sociocultural de conhecimento, cujo resultado vem a funcionar como elemento catalisador desse mesmo processo, fortalecendo o desenvolvimento de pesquisas que pressuponham uma relação de troca bilateral entre as partes envolvidas.

1.1 Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar a fonologia segmental do crioulo da Guiné-Bissau, o qual integra a família dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa, tendo em vista os pressupostos da Fonologia Moderna². Assim, objetiva-se, também, contribuir de alguma forma para um maior entendimento da fonologia do crioulo guineense, o qual, apesar de apresentar alguns estudos, ainda carece de mais investigações de modo a proporcionar uma melhor compreensão do funcionamento de seu sistema linguístico. Ao longo da dissertação, buscou-se realizar uma investigação acurada do que já havia sido mencionado na literatura, levando em consideração para tal trabalhos sobre a fonologia segmental de línguas crioulas de um modo geral e de línguas crioulas de base lexical portuguesa, a fim de trazer reflexões pertinentes sobre aspectos da língua e contribuições ao estudo tipológico dos crioulos da Alta Guiné.

1.2 Metodologia (pesquisa de campo)

Para realização do trabalho proposto, foram coletados dados sonoros junto a estudantes guineenses vinculados à UFPE (Curso de graduação em Engenharia Civil ou Letras), cujo montante corresponde ao segundo maior número³ de alunos africanos matriculados em cursos de graduação nesta Universidade.

² No que se refere à identificação dos fonemas e alofones, foram utilizados os procedimentos da fonologia tradicional, mas baseados na noção da perspectiva autosegmental para a identificação do inventário segmental e dos processos fonológicos observados.

³ Segundo dados fornecidos pela Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (Proacad) dessa Instituição em setembro de 2011, os guineenses compreendem 26 de um total de 86 estudantes africanos matriculados (através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G), superando a margem dos 30% relativamente ao montante supracitado.

Os critérios de inclusão de informantes potenciais para a realização da pesquisa apresentada nessa dissertação foram⁴: (1) ser aluno proveniente da Guiné-Bissau, especificamente da cidade de Bissau (capital), a fim de reduzir ao máximo a ocorrência de discrepâncias decorrentes de variações dialetais diatópicas; (2) estar devidamente matriculado em curso de graduação da UFPE; e (3) apresentar entre 20 e 30 anos, de modo que todos estejam numa mesma faixa etária. É importante dizer, ainda, que se planejou obter inicialmente, no mínimo, um total de 4 (quatro) informantes, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino. A coleta de dados foi realizada com um total de 5 (cinco) estudantes (2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino).

Desse modo, para a realização dessa dissertação, obteve-se uma amostra de dados sonoros com um total aproximado de 22 horas de gravação obtidas em pesquisa de campo realizada pela autora dessa dissertação entre 17 de outubro e 17 de novembro de 2013. Paralelamente a isso, cada um dos cinco informantes respondeu a um pequeno questionário sociocultural⁵, o qual contemplou as seguintes informações: nome, sexo, idade, etnia (pessoal, do pai e da mãe), língua materna, línguas faladas e/ou inteligíveis, cidade onde mora na Guiné-Bissau, cidade natal e permanência no exterior (tempo e motivo)⁶. Antes da gravação dos dados propriamente dita, houve o processo de identificação dos informantes da pesquisa e conversas iniciais para esclarecimento do que viria a ser a mesma. A coleta dos dados teve início apenas após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE (CEP – CCS – UFPE)⁷ e a concordância dos sujeitos em fazer parte da mesma⁸.

O perfil e as características individuais dos informantes podem ser visualizados a seguir⁹:

Quadro 1: Perfil e características individuais dos informantes

INFORMANTE 1

⁴ Foram considerados como critérios de exclusão para a pesquisa o não enquadramento em um dos três critérios de inclusão acima mencionados.

⁵ Ver anexo 1: Questionário Sociocultural.

⁶ É importante dizer que todo o material utilizado nessa pesquisa permanecerá guardado por, aproximadamente, 10 (dez) anos em pastas de arquivo e computador pessoal da pesquisadora, conforme solicitação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE (CEP – CCS – UFPE).

⁷ Ver anexo 2: Parecer Consubstanciado do CEP.

⁸ A concordância dos sujeitos efetivou-se formalmente por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme pode ser visto no anexo 3.

⁹ As idades apresentadas correspondem à época da realização da pesquisa de campo.

Sexo	Feminino.
Idade	28 anos.
Etnia	Biafada.
Etnia do pai e da mãe	Biafada.
Língua materna	Crioulo.
Outras línguas faladas ou compreendidas	Fula, francês, mandinga e português.
Local de residência na Guiné-Bissau	Bissau.
Cidade natal	Sonaco (mudou-se para Bissau aos 3 anos, quando a mãe – enfermeira – foi transferida).
Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo)	Senegal, 5 meses; Brasil, 5 anos.
Motivo	Senegal: passeio; Brasil: Estudos superiores.
INFORMANTE 2	
Sexo	Feminino.
Idade	24 anos.
Etnia	<i>Não informado.</i>
Etnia do pai e da mãe	<i>Não informado.</i>
Língua materna	Crioulo.
Outras línguas faladas ou compreendidas	Português, francês, olof, balanta e pepel.
Local de residência na Guiné-Bissau	Bissau.
Cidade natal	Bissau.
Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo)	Brasil, 5 anos.
Motivo	Estudos superiores.
INFORMANTE 3	
Sexo	Masculino.
Idade	24 anos.

Etnia	Pepel / Bijagó.
Etnia do pai e da mãe	Pepel / Bijagó.
Língua materna	Crioulo.
Outras línguas faladas ou compreendidas	Português, inglês, francês, espanhol.
Local de residência na Guiné-Bissau	Bissau.
Cidade natal	Bissau.
Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo)	Brasil, 5 anos.
Motivo	Estudos superiores.
INFORMANTE 4	
Sexo	Masculino.
Idade	30 anos.
Etnia	Papel.
Etnia do pai e da mãe	Papel.
Língua materna	Crioulo.
Outras línguas faladas ou compreendidas	Papel, inglês, espanhol, português.
Local de residência na Guiné-Bissau	Bissau.
Cidade natal	Bissau.
Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo)	Brasil, 5 anos.
Motivo	Estudos superiores.
INFORMANTE 5	
Sexo	Masculino.
Idade	26 anos.
Etnia	Manjaca.
Etnia do pai e da mãe	Manjaca.
Língua materna	Crioulo.

Outras línguas faladas ou compreendidas	Manjaca e Pepel.
Local de residência na Guiné-Bissau	Bissau.
Cidade natal	Bissau.
Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo)	Brasil, 3 anos.
Motivo	Estudos superiores.

Os principais sujeitos da pesquisa foram os informantes 1 e 3, com os quais foi gravada a maior parte dos dados, porém todos foram igualmente atenciosos e fundamentais para o andamento do estudo. As gravações foram majoritariamente individuais, sendo raros os momentos em que havia mais de um informante.

As entrevistas foram realizadas no Centro de Artes e Comunicação da UFPE – CAC/UFPE – e na residência dos informantes e se basearam em questionários criados pela autora a partir da consulta à gramática e ao glossário do guineense de Scantamburlo (1981); à gramática do guineense de Couto (1994); aos estudos de sintaxe do crioulo guineense presentes em Kihm (1994); à dissertação sobre a morfossintaxe do guineense, do balanta e do português de Intumbo (2007); à descrição fonológica do guineense de Mbodj (1979); à gramática de Lang (no prelo) sobre o crioulo de Cabo Verde; a artigos como o de Kihm (1986), sobre a nasalidade no crioulo guineense; Couto (1999), a respeito das nasais do crioulo da Guiné-Bissau; Couto e Sousa (2004), sobre as pré-nasalizadas do caboverdiano; Lang (1999), também sobre as pré-nasalizadas do crioulo de Cabo Verde; Wetzels (1997), a respeito da representação lexical da nasalidade no português brasileiro; e aos itens lexicais da lista de M. Swadesh.

Assim, inicialmente foram solicitados aos informantes apenas itens lexicais (em velocidade de fala normal ou mais lenta) e, em seguida, também foram solicitadas frases e alguns pequenos textos. Os dados compreenderam as informações dos questionários e pequenas histórias a respeito de experiências e lembranças da vida pessoal dos informantes, como experiências de viagens, momentos importantes de sua vida, gostos e preferências, cultura de seu país etc. Os dados foram gravados digitalmente através de Gravador Digital Profissional Tascam Dr-100 e armazenados em CD e no computador pessoal da pesquisadora.

Após as sessões de entrevistas com os informantes, os dados eram transferidos para o computador pessoal da pesquisadora e devidamente organizados. Em seguida, dava-se início à

sua transcrição fonética (usando o Alfabeto Fonético Internacional – IPA – e, para sua representação nesse trabalho, a fonte fonética *Doulos Sil*¹⁰), realizada de oitiva com o auxílio do programa computacional de análise fonológica *Praat*¹¹, a partir do qual foram realizadas as análises dos fones da língua.

Durante a transcrição fonética/fonológica do *corpus*, procurava-se segmentar os dados para análise fonológica individual dos mesmos. Em seguida, realizou-se a observação dos dados transcritos e o cruzamento dos mesmos com o que já se dispunha na literatura sobre a fonologia segmental do crioulo da Guiné-Bissau, estabelecendo-se as semelhanças e as diferenças¹².

Desse modo, diante dos dados transcritos e tendo em vista as leituras sobre teorias fonológicas já realizadas, desenvolveu-se a análise da fonologia segmental do crioulo guineense, quando foram observados seus fonemas consonantais e vocálicos, suas alofonias (por meio de pares mínimos e análogos), seus ditongos, alguns processos fonológicos e seus tipos silábicos.

Por fim, procedeu-se à realização das considerações finais a partir da análise feita e das informações que já existiam na literatura a respeito do tema, indicando-se, assim, os benefícios trazidos pelo estudo desenvolvido para a compreensão do inventário fonológico segmental do crioulo da Guiné-Bissau.

1.3 Referencial teórico

Neste trabalho deu-se início à análise dos dados tendo em vista os pressupostos da Fonologia Estruturalista. Para isso, os trabalhos de Hyman (1975) e Cagliari (2002) foram fundamentais. De acordo com a perspectiva do estruturalista, o fonema corresponde à unidade mínima do significante, e toda reflexão fonológica deve se basear sempre em dados e fatos obtidos por meio de cuidadosa análise fonética¹³, havendo, então, uma relação transparente e reversível entre a fonética e a fonêmica. Dessa maneira, fazendo uso dos princípios da teoria estruturalista, objetivou-se inicialmente realizar uma análise fonética (que começa no capítulo

¹⁰ Disponível *online* para download no site: < http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=doulosil_download>.

¹¹ Disponível *online* para download no site: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.

¹² Também foram levados em consideração ao longo de todo esse processo as informações contidas nos questionários socioculturais respondidos pelos informantes para verificação e descrição do perfil dos mesmos (cidade de origem, idade, língua(s) que fala, língua(s) inteligível(eis) etc.).

¹³ Cf. Cagliari, 2002.

2 e tem respaldos também no capítulo 3) para depois dar prosseguimento a uma interpretação fonológica do crioulo da Guiné-Bissau.

Nessa perspectiva, após o estabelecimento dos inventários segmentais do crioulo guineense, avançou-se nas interpretações acerca da fonologia da língua com base nos pressupostos da Fonologia Pós-Generativa, constantes em Goldsmith (1976; 1995), Clements (1990; 1995), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Blevins (1995) e Clements e Hume (1995)¹⁴.

Para favorecer a interpretação e a descrição dos processos fonológicos, o trabalho se apoiou na Fonologia Autossegmental presente em Goldsmith (1976). De acordo com esta, não há uma relação “bijectiva” entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, do que decorrem duas consequências: (1) os traços podem se estender para além ou aquém do segmento; e (2) o apagamento de um segmento não implica o desaparecimento de todos os traços que o compõem. Assim, a fonologia autossegmental compreende o fonema como sendo uma unidade de significação constituída por um feixe de traços dispostos hierarquicamente que, por sua vez, funcionam e fazem parte de processos de maneira autônoma; o som é, portanto, divisível em partes que podem ser tomadas independentemente. Sendo assim, Bisol (2001, p.45) expõe que, de acordo com essa abordagem, a fonologia de uma língua corresponde a uma organização na qual os traços distintivos encontram-se dispostos hierarquicamente em camadas, podendo-se estender-se para além dos segmentos.

Paralelamente a isso, a fonologia autossegmental, ao afirmar a existência de uma hierarquização entre os traços que compõem cada segmento, propõe uma nova representação formal dos mesmos, que podem funcionar isoladamente ou em conjunto. Essa hierarquização dos traços pressupõe uma *geometria dos traços*, em que os traços que constituem os segmentos formam uma representação tridimensional que permite distinguir as camadas e, desse modo, trabalhá-las de maneira isolada¹⁵.

No que concerne à sílaba, adotaram-se os pressupostos presentes em Clements (1990), Kenstowicz (1994) e em Blevins (1995). O modelo tomado para a análise compreende que a sílaba possui uma estrutura interna hierarquizada e, sendo assim, está de acordo com a ideia acima exposta de hierarquização dos traços.

¹⁴ É necessário destacar que, apesar de as teorias fonológicas modernas terem sido usados com maior vigor no capítulo 4 (e, ainda que em menor escala, também no capítulo 3), seus pressupostos foram levados em consideração ao longo de toda a descrição segmental da língua.

¹⁵ Cf. Bisol, 2001, p.46.

É importante ressaltar que, ao longo do trabalho, foram levadas em consideração descrições anteriores existentes a respeito do crioulo guineense – como as presentes em Mbodj (1979), Scantamburlo (1981), Kihm (1986), Rougé (1988), Couto (1994) e Scantamburlo (1999) – a fim de refletir sobre aspectos da língua e comparar as informações encontradas. Paralelamente a isso, também foram consultados sempre que necessário trabalhos sobre o crioulo de Cabo Verde ou sobre línguas crioulas de um modo geral e, ainda, estudos de algumas línguas de substrato (Moura (2007), Intumbo (2007), Couto e Souza (2004), Quint (2006), Rodrigues (2007), Lang (2007), Lang (no prelo), Kihm (1989, Parkvall (2012), entre outros.). Desse modo, nesse trabalho, em alguns momentos, usa-se a literatura para suprir a escassez de exemplos que por vezes foi verificada no *corpus* quando se tratando de determinados fenômenos da língua.

Para tratar de questões históricas e socioculturais, também foram considerados trabalhos merecedores de atenção, a exemplo de Pereira (2007), Couto (1996), Kihm (1994), Holm (1988; 1989), Bull (1988), Coelho (1967), Embaló (2008), Rougé (1986, 1995), Couto e Embaló (2010), Moura (2013), entre outros.

1.4 Estrutura da dissertação

A presente dissertação possui quatro capítulos, divididos em tópicos e subtópicos, e está organizada da seguinte forma:

O Capítulo 1 – *O crioulo da Guiné-Bissau: língua, história e sociedade* – trata, como o título sugere, da história do crioulo da Guiné e dos estudos crioulos como um todo e de aspectos socioculturais dos guineenses, tais como a questão do ensino e da identidade nacional. Nesse capítulo, também são feitas considerações a respeito da família dos crioulos de base lexical portuguesa, da qual o guineense faz parte, e das características gerais (geográficas, sociais e linguísticas) da Guiné-Bissau.

O Capítulo 2 – *O inventário fonético do crioulo guineense* – é destinado à fonética da língua. Corresponde a um capítulo de cunho expositivo no qual são apresentados e descritos os fones consonantais e vocálicos do crioulo guineense. Para cada fone apresentado, são expostos exemplos dos itens lexicais correspondentes.

O Capítulo 3 – *O inventário fonológico do crioulo guineense* – trata da fonologia da língua. Nesse capítulo são apresentados os fonemas consonantais e vocálicos do crioulo guineense, seus respectivos alofones e algumas oposições de pares mínimos e análogos. São apresentados, também, os ditongos e o seu comportamento na língua.

O Capítulo 4 – *A sílaba e os processos fonológicos* – encerra os capítulos desse trabalho e, como o título especifica, apresenta duas seções: a primeira destinada à sílaba e a segunda aos processos fonológicos. No que concerne à primeira seção, foram apresentados os tipos silábicos do crioulo guineense e o molde silábico do mesmo tendo em vista, também, o que Bisol (2001) estabelece para a sílaba do português. No que diz respeito à segunda seção, procedeu-se à apresentação de alguns dos principais processos fonológicos referentes ao crioulo observados no *corpus* analisado.

É importante ressaltar que, ao longo do texto, foram realizadas sempre que pertinente reflexões tendo em vista trabalhos descritivos anteriores do crioulo guineense, estudos acerca da fonologia das línguas crioulas de um modo geral e trabalhos a respeito de línguas pertencentes à mesma família do guineense, como o crioulo de Cabo Verde. Tais intervenções possuem o objetivo de promover a reflexão sobre aspectos da língua, atestar semelhanças e diferenças entre esta e outras línguas crioulas, enriquecer de alguma forma os conhecimentos acerca do crioulo guineense e dar uma contribuição, mesmo que singela, aos estudos tipológicos dos crioulos de base lexical portuguesa.

Na sequência, são apresentadas as considerações finais, as quais dizem respeito às principais conclusões da análise realizada. Por fim, há ainda os anexos, referenciados ao longo do trabalho e também importantes para a compreensão do mesmo como um todo.

2 O CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU: LÍNGUA, HISTÓRIA E SOCIEDADE

O crioulo da Guiné-Bissau (ou Kriol) é um crioulo de base lexical portuguesa que integra, juntamente com o crioulo Caboverdiano (ou Kabuverdianu) e o de Casamansa, o grupo dos crioulos da Alta Guiné. Trata-se de uma língua isolante, como tendem a ser os *pidgins* e crioulos de uma maneira geral, que constitui a língua materna de alguns guineenses e, embora não seja a língua oficial do país, é a língua de unidade nacional. O Kriol é a principal língua de comunicação dos guineenses, sendo usado para tal em diversos âmbitos; possui como língua de superstrato o Português e, como línguas de substrato, línguas étnicas dos grupos mande e atlântico.

Objetivando oferecer uma melhor compreensão sobre o crioulo guineense, objeto de estudo deste trabalho, optou-se por realizar nesse primeiro capítulo uma reflexão que visa contextualizá-lo sócio-historicamente e linguisticamente. Para tal, dividiu-se o capítulo em duas partes, sendo a primeira destinada às línguas crioulas de um modo mais geral, objetivando situar o crioulo da Guiné nesse cenário, e a segunda referente à Guiné-Bissau propriamente, tratando de aspectos históricos, linguísticos e sociais do país.

2.1 As línguas crioulas

2.1.1 Breve histórico da crioulistica

A fim de se conhecer, ainda que brevemente, como se deram através dos tempos os estudos acerca dos *pidgins* e das línguas crioulas, é importante remontar às origens. Assim, é sabido que o primeiro *pidgin*/crioulo de que se tem conhecimento era uma língua surgida do contato de diversas línguas hamito-semíticas no vale do Nilo, no Egito Antigo. Ela data provavelmente do terceiro milênio antes de Cristo e ficou registrada em hieróglifos. Quanto ao registro mais antigo de um *pidgin*, pode-se dizer que diz respeito a um pequeno texto de um árabe reestruturado que, ao que tudo indica, era usado durante o século XI nas rotas comerciais da Mauritânia¹⁶.

¹⁶ Cf. Holm, 1988, p.14.

Já o registro mais antigo de um texto crioulo corresponde a uma conversa de 33 frases em malaio-português publicado pelo alemão Georg Meister em 1692. A primeira referência não-nominal ao crioulo português do Noroeste africano foi feita por André Álvares de Almada e data de 1524. A primeira menção nominal a ele, por sua vez, foi realizada por Francisco de Lemos Coelho em 1684, tendo sido esta a primeira vez em que o termo “crioulo” foi utilizado para tratar de uma língua¹⁷.

Assim, os primeiros estudos relativamente sistemáticos dos pidgins e crioulos foram realizados por um Dinamarquês – Magens¹⁸ – e um holandês – Van Dyck –, e o primeiro autor a propor princípios gerais para a sua formação foi Francisco Adolfo Coelho. Além disso, como afirma Couto (1996, p.119), é importante mencionar o romanista Robert A. Hall Jr., autor do primeiro manual de estudos crioulos.

Desse modo, os precursores dos estudos dos pidgins e crioulos foram os primeiros cronistas da colonização da África, Ásia e América pelos europeus. No entanto, os registros que eram realizados não guardavam quaisquer preocupações concernentes às estruturas dessas línguas, sistemática ou assistematicamente. Os precursores desse tipo de estudo foram, então, os missionários morávios enviados para a ilha de St. Thomas (1730), onde era falado *negerhollands* (por eles chamado “cariols”), e para o Suriname (1735).

De acordo com Couto (1996, p.123), em 1780, os holandeses publicaram a primeira gramática e o primeiro dicionário do malaio-português (cf. Whinnom, 1965), sendo esta a primeira obra do gênero a tratar de uma modalidade de português pidginizado ou crioulo. Ao longo do século XVIII e início do século XIX, o quadro relativo aos estudos dos pidgins e crioulos não sofreu grandes alterações; os missionários morávios, entretanto, continuavam a realizar seu trabalho, produzindo dicionários, gramáticas, sermões, entre outros. A primeira aparição sobre estudos crioulos em língua portuguesa ocorreria apenas no final do século XIX.

Tal realidade começa a sofrer alterações a partir da segunda metade do século XIX e, mais especificamente, a partir dos anos 1880, quando começam a surgir estudos mais preocupados com variedades individuais. Além disso, começa-se a refletir sobre problemas

¹⁷ Cf. Couto, 1996, p.120.

¹⁸ Como afirma Holm (1988, p.18), a primeira gramática publicada de uma lingual crioula é de autoria de Jochum Melchor Magens e intitula-se *Grammatica over det Creolske sprog, som bruges paa de trende Danske Eilande, St. Croix, St Thomas, og St. Jans I Amerika* (Copenhagen, 1770). Magens estudou filologia na Dinamarca e era um falante nativo de um crioulo acroletal falado por brancos. Seu trabalho apresenta 24 páginas de gramática (em um modelo Latim) e 43 páginas de diálogos traduzidos para o dinamarquês, além de 3 páginas de provérbios.

teóricos relacionados à origem das línguas crioulas, levando à emergência de duas importantes teorias, a dos universalistas e a dos substratistas¹⁹.

Nesse contexto, pode-se destacar o papel fundamental de Addison Van Name, cuja obra *Contributions to Creole Grammar* (1869-70) é representativa do início do estudo científico das línguas crioulas. Esta se trata, então, do primeiro trabalho comparativo de crioulos das quatro bases lexicais encontradas no Caribe (francês, espanhol, holandês e inglês), sendo pautado em estudos anteriores e pesquisa com informantes²⁰.

É também do século XIX a primeira descrição do crioulo da Guiné-Bissau de que se tem conhecimento, tendo esta sido realizada em 1849 por Bertrand-Bocandé em *Notes sur la Guinée portugaise ou Sénégal méridionale (Bulletin de la Société de Géographie de Paris 12)*²¹. A referida descrição linguística foi devidamente registrada por Adolfo Coelho em 1880 no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Em um exemplar de reedição de trabalhos publicados nesse Boletim (1967), dentre os quais o de Coelho (1880), Jorge Morais-Barbosa, na introdução ao volume, expõe:

O interesse pelas línguas crioulas, que não é muito antigo no mundo científico – os primeiros trabalhos de Schuchardt sobre a matéria datam de 1882 –, manifestou-se pela primeira vez em Portugal em 1880, quando Francisco Adolfo Coelho publicou no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* o seu primeiro artigo sobre “Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América”; a esse artigo se seguiram dois outros, em 1882 e 1886. (MORAIS-BARBOSA, 1967, p.XIII).

Assim, é Adolfo Coelho o primeiro a articular um posicionamento teórico relativo à origem dos crioulos, posicionamento este que, posteriormente, viria compor a denominada teoria universalista²². O autor associa o surgimento dos crioulos à aprendizagem de segunda língua (L2), atribuindo valor a algumas tendências universais de adultos na aquisição da mesma e minimizando a importância do substrato. Em uma posição contrária à de Coelho estaria o filólogo francês Adam (1883), defensor de uma teoria substratista. Como colocaria Goodman (1964), Adam, em meio a seus estudos, evidenciou certos paralelismos entre os

¹⁹ Cf. Holm, 1988, p.27.

²⁰ Cf. Holm, 1988, p.24.

²¹ A segunda descrição desse crioulo, mais estruturada do que a de Coelho (1880), é a de Barros (1897/9, 1900/1). Há, ainda, como coloca Kihm (1994, p.5), um trabalho sobre o guineense realizado por Schuchardt (1888), baseado em dados providos por Barros (1849). Além disso, a primeira descrição moderna do crioulo da Guiné foi feita por Wilson (1959, 1962). Para o crioulo de Cabo Verde, tem-se como primeira descrição o estudo de Vasconcelos (1897/1899) (Cf. Couto, 1996, p.124-133).

²² Aproximadamente cem anos depois, surgiria a moderna hipótese do bioprograma linguístico, de Derek Bickerton, a qual revisitaria as propostas de Coelho para estabelecer seus pressupostos (Cf. Couto, 1996; Intumbo, 2007).

crioulos atlânticos e determinadas línguas africanas, alguns dos quais, no entanto, acabariam não sendo convincentes devido ao fato de poderem coincidir com características de numerosas línguas²³.

Nesse cenário é também proeminente a figura de Hugo Schuchardt, considerado por David DeCamp (1977, p.9)²⁴ como o pai dos estudos pidgins-crioulos²⁵. Ele ressaltou o papel dos indivíduos no processo social referente à mistura de línguas, dando início à moderna teoria sociolinguística da variação. Paralelamente, ele realizou a primeira anotação das similaridades entre o crioulo de base lexical portuguesa de São Tomé e os crioulos caribenhos (1882: 895ff), propondo a hipótese sobre o empréstimo ou difusão entre os crioulos de diferentes bases lexicais e sugerindo a possibilidade de relexificação²⁶. Desse modo, os trabalhos de Schuchardt são importantes até os dias coevos, tendo sido ele o primeiro a dar a importância devida aos crioulos no campo da linguística geral. A respeito de sua produção e de seu posicionamento acerca da origem dos crioulos, Holm (1988, p.30) expõe:

Schuchardt's major work was on the Portuguese-based creoles: those of São Tomé (1882a), Annobón (1888a), Senegal (1888b), Cape Verde (1888c), and Malayo-Portuguese (1890). However, he also published on Philippine Creole Spanish (1883b), Vietnamese Pidgin French (1888d), Melanesian Pidgin English (1883c, 1889d), American Indian English (1889e), Saramaccan Creole English (1914a), Atlantic Creole English (published posthumously by Gilbert 1985), and Lingua Franca (1909), as well as Negerhollands Creole Dutch (1914b). [...] Schuchardt's position on the origin of creole features lay somewhere between Coelho's extreme universalist theory and Adam's extreme substratist theory; as Gilbert (1980: 6) points out, Schuchardt generally tried to account for particular creoles features on a case-by-case basis²⁷.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que Schuchardt não chegou a formular uma teoria com um posicionamento bem estabelecido a favor do universalismo de Coelho ou dos substratistas, mas sua hipótese não deixava de reconhecer a importância do substrato na origem das línguas crioulas. Seu trabalho sobre línguas pidgins e crioulas vai além de 40

²³ Cf. Intumbo, 2007, p. 21-2.

²⁴ Cf. Couto, 1996.

²⁵ Holm (1988, p. 38), no entanto, afirma que, para muitos, o pai da crioulistica moderna é John Reinecke.

²⁶ Cf. Intumbo, 2007.

²⁷ Tradução livre sugerida pela autora: “O maior trabalho de Schuchardt foi com relação aos crioulos de base portuguesa: os de São Tomé (1882a), Annobón (1888a), Senegal (1888b), Cabo Verde (1888c) e Malayo-Português (1890). Entretanto, ele também teve publicações sobre o crioulo espanhol filipino (1883b), o pidgin francês vietnamita (1888d), o pidgin inglês *Melanesian* (1883c, 1889d), o inglês indiano americano (1889e), o crioulo inglês *Saramaccan* (1914a), o crioulo inglês atlântico (publicado postumamente por Gilbert 1985), e a Língua Franca (1909), assim como sobre o crioulo holandês *Negerhollands* (1914b). [...] A posição de Schuchardt quanto às características da origem do crioulo fica entre a extrema teoria universalista de Coelho e a extrema teoria substratista de Adam; como Gilbert (1980: 6) pontuou, Schuchardt de maneira geral tentou considerar cada crioulo (com suas características particulares) um caso específico”.

artigos e resenhas de livros, totalizando um número próximo a 700 páginas impressas (GILBERT, 1980, p.201)²⁸.

Assim, chegamos ao século XX, momento a partir do qual as obras sobre os crioulos começam a se avolumar cada vez mais. Nesse momento, novas teorias surgem, os estudos se desenvolvem de forma crescente e escrevem-se dissertações e teses de doutorado em crioulistica. Nesse âmbito, deve-se ressaltar o trabalho de John Reinecke, o qual é para muitos o pai da crioulistica moderna. Segundo Holm (1988, p.38), seu trabalho de mestrado (1935, publicado em 1969) é ainda hoje a melhor fonte de informação sobre o desenvolvimento do crioulo inglês havaiano. Sua tese de doutorado (1937), realizado no *Yale University's Department of Race Relation*, foi intitulada *Marginal Languages: a Sociological Survey of the Creole Languages and Trade Jargons* e corresponde a um guia completo do que era conhecido na época a respeito dos estudos crioulos. Muitos linguistas e antropólogos contemporâneos de Reinecke também acabaram por se dedicar aos estudos crioulos.

Deve-se destacar, igualmente, o trabalho do linguista holandês Dirk Christiaan Hesseling, cujas publicações no campo da crioulistica ocorreram entre os anos 1897 e 1934 e foram importantes para corroborar os estudos de Schuchardt e Reinecke. Suas maiores contribuições dizem respeito aos *afrikaans*, *negerhollands* e *papiamentu*.

Nesse cenário, há que se salientar, ainda, os estudos de Robert Hall e Douglas Taylor. Segundo Holm (1988, p.42), apesar de muitos de seus jovens contemporâneos estarem publicando e parecendo integrar muito mais a geração dos crioulistas da época, Hall e Taylor fizeram parte de uma fase anterior do desenvolvimento dessa disciplina. Os trabalhos dos crioulistas dos anos 1930 não eram amplamente lidos naquele período; paralelamente a isso, eles não apresentavam um efeito visível na linguística geral e não compunham um campo de estudo reconhecido entre os linguistas. Desse modo, foi em grande parte devido aos esforços de Hall e Taylor que houve uma ascensão no interesse para com os pidgins e as línguas crioulas após a Segunda Guerra Mundial, o que desencadeou o estabelecimento de um novo campo de estudo acadêmico no final dos anos 1950.

Assim, é em 1959 que é organizada por Le Page a primeira conferência sobre a disciplina, na Jamaica. Como expõe Intumbo (2007, p.6), uma consequência desse primeiro encontro foi o surgimento da teoria da monogênese dos crioulos, segundo a qual a maior parte dos pidgins e crioulos poderiam ter se originado de um único pidgin (de base lexical

²⁸ Cf. Couto, 1996.

portuguesa) ou de uma língua franca, no século XV, na África. Em um momento posterior, tal pidgin teria sido relexificado ou suas palavras teriam sido traduzidas para as outras línguas de base lexical europeia. Entretanto, a teoria da monogênese começa a não receber muito crédito por parte dos crioulistas, pois não foi comprovada a relação pressuposta entre o pidgin português e o Sabir²⁹. Dessa forma, lança-se mão da parte da teoria monogenética que estabelece a ligação entre os crioulos africanos e o substrato também africano independentemente da existência de um pidgin intermédio baseado em qualquer língua europeia³⁰.

Então, todas as teorias que se preocupam com a origem das línguas crioulas se baseiam na poligênese (exceto a teoria monogenética), a qual, como Intumbo (2007) bem apresenta, pressupõe uma origem múltipla dos crioulos, que teria ocorrido em diferentes lugares e em momentos diferentes, tendo, porém, produzido resultados paralelos. No entanto, ainda há crioulistas que interpretam a origem dos crioulos através da teoria monogenética, acreditando na existência de um protocrioulo³¹ que teria se espalhado para as diferentes partes³².

É na década de 1970 que se desenvolve, paralelamente à teoria da monogênese, o modelo do continuum, o qual explica a variação como sendo resultado da mudança. Ele foi usado por DeCamp (1961, p.82) para explicar a variação histórica entre os crioulos e as variações pós-crioulas. A seu respeito, Holm (1988, p. 52-3) explica:

Just as the theory of monogenesis could not have evolved without the concept of relexification as a key mechanism, so too the historical connection between creoles and post-creole varieties such as American Black English required the concept of a continuum with decreolization as a mechanism of change. A creole continuum can evolve in situations in which a creole coexists with its lexical source language and there is social motivation for creole speakers to acquire the standard, so that the speech of individuals takes on features of the latter – or avoids features of the former – to varying degrees. These varieties can be seen as forming a continuum from those farthest from the standard to those closest to it. Such a synchronic continuum can also serve as a conceptual model for a diachronic continuum of varieties resulting from a creole progressively dropping its nonstandard features and adding standard ones, or decreolizing³³.

²⁹ O Sabir era um pidgin de base italiana e occitana (hoje já desaparecido) usado como língua franca por comerciantes e cruzados nas costas africanas do Mediterrâneo até princípios do século XIX (Cf. Azevedo, p.106).

³⁰ Cf. Holm, 1988, p.59.

³¹ Para mais informações a respeito desse protocrioulo – ou *pidgin* – de base portuguesa (do qual derivariam todos os crioulos), ver Whinnom (1956) e Taylor (1963).

³² Cf. Holm, 1988, p. 47.

³³ Tradução livre sugerida pela autora: “Assim como a teoria da monogênese não pôde se desenvolver sem o conceito de relexificação como um mecanismo chave, também a conexão histórica entre crioulos e variedades

Assim, a descrioulização é um fenômeno de contato, mas a difusão de traços linguísticos pode resultar não apenas em crioulos adquirindo características de não-crioulos, mas também em não-crioulos adquirindo características daqueles. O fato de esta difusão poder operar em ambas as direções acarreta um sério problema para a reconstrução histórica: informações puramente sincrônicas podem não oferecer evidências suficientes para determinar quando uma variedade particular que está “misturada” (ou seja, com características crioulas e não-crioulas) é resultado de um crioulo adquirindo características não-crioulas ou vice versa³⁴.

Desse modo, de acordo com Holm (1988, p.61), o modelo do continuum obteve grande aceitação na metade dos anos 1970. Contudo, ele não apresenta implicações para a origem das línguas crioulas e não contribui significativamente para responder a questão concernente ao porquê de os crioulos atlânticos em particular partilharem tantas características estruturais não encontradas em suas diferentes línguas de fonte lexical. Sendo assim, nesse mesmo período se desenvolve a ideia de que as línguas africanas tiveram um papel relevante no que diz respeito à formação dos crioulos atlânticos, tendo início a atualização da teoria universalista introduzida por Coelho (1880).

Após discussões que permearam Chomsky (1965), Ferguson (1971), Kay e Sankoff (1974), entre outros, Bickerton progride com a teoria que ficou conhecida como teoria do bioprograma, segundo a qual o cérebro estaria biologicamente pré-programado para reconhecer determinadas estruturas gramaticais³⁵. De acordo com o autor, essa pré-programação guia a aquisição de línguas numa primeira fase, sendo sistematicamente suprimida com o tempo devido a razões sociais. Por fim, Bickerton, através de seus estudos, observa que há muitas semelhanças gramaticais entre os crioulos falados nas Américas, na África e no Pacífico.

Dando continuidade ao desenvolvimento dos estudos crioulos, em fins dos anos 1990 teve início um novo debate sobre a sua identidade. Em meio a este, McWhorter (1998, p. 812)

pós-crioulas, como o *American Black English*, necessitou do conceito de um continuum com a descrioulização como um mecanismo de mudança. Um continuum crioulo pode se desenvolver em situações em que um crioulo coexiste com sua língua de origem lexical e há motivação social para falantes crioulos adquirirem o padrão *standard*, então a fala de alguns indivíduos adquire características deste último – ou evita características da língua formadora – em vários graus. Essas variedades podem ser vistas como formadoras de um continuum que vai desde aquelas variedades mais distantes do padrão *standard* até aquelas mais próximas a ele. Tal continuum sincrônico também pode servir como um modelo conceitual para um continuum diacrônico de variedades de um crioulo que vão progressivamente perdendo suas características não-*standard* e adicionando outras características deste tipo, ou descrioulizando”.

³⁴ Cf. Holm, 1988, p.53.

³⁵ Cf. Intumbo, 2007.

apud Intumbo (2007, p.7) propõe uma teoria baseada na ideia de que os crioulos são sincronicamente diferenciáveis das línguas não crioulas devido a três motivos, a saber: (1) apresentam pouca ou total ausência de flexão por afixação; (2) apresentam pouco ou nenhum recurso ao tom para contrastar semanticamente monossílabos; e (3) morfologicamente, possuem afixação transparente e regular tendo em vista o fato de serem línguas relativamente novas³⁶.

É nesse cenário, então, que os estudos dos pidgins e das línguas crioulas vêm avançando. Em fins do século XX, encontros internacionais sobre os crioulos começam a ser organizados e cria-se, em Portugal, a Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE)³⁷, a qual realizou seu primeiro encontro na Universidade de Coimbra em 2001. Atualmente, já no século XXI, a disciplina vem seguindo os passos dados na virada do milênio e ganhando progressivamente mais espaço no âmbito dos estudos linguísticos modernos.

2.1.2 Os crioulos de base lexical portuguesa

A atenção que os crioulos de base lexical portuguesa receberam dos linguistas ao longo da história foi bastante desigual. Como já foi visto, os precursores dos estudos dos crioulos portugueses foram Coelho e Schuchardt, na segunda metade do século XIX. Posteriormente, esses crioulos continuaram a receber a atenção de dialetologistas e missionários, o que levou Reinecke em 1937 a afirmar que o crioulo português é, em sua maioria, admiravelmente documentado por estudiosos e amadores portugueses³⁸. Tal situação sofreu modificações a partir da segunda metade do século XX, mas, atualmente, apesar do desenvolvimento da crioulistica, não há muitos estudiosos trabalhando em primeira instância com os crioulos de base portuguesa³⁹.

Como já é sabido, uma língua crioula se origina a partir de um *pidgin*, língua subsidiária com léxico e morfologia reduzidos. Como afirma Pereira (2007), foi a urgência de

³⁶ Cf. Intumbo, 2007; Holm, 1988.

³⁷ Trata-se de uma associação científica internacional que se reúne anualmente a fim de promover os estudos de *pidgins*, crioulos e semi-crioulos de base lexical ibero-americana (INTUMBO, 2007).

³⁸ No que tange ao crioulo da Guiné-Bissau, Augel (2000, p.8) ressalta o papel do cônego guineense Marcelino Marques de Barros, que havia divulgado já em 1882 alguns poemas e canções em crioulo. Ele publicou em 1900 a *Litteratura dos Negros*, na qual transcreveu no idioma original, além do crioulo, canções e diversas histórias da tradição oral de várias etnias, de qualidade literária incontestada.

³⁹ Cf. Holm, 1989, p. 259.

entendimento entre europeus e africanos nos séculos XV e XVI que gerou as primeiras condições de emergência de *pidgins* de base portuguesa, os quais, ao passarem por um processo de complexificação estrutural e expansão lexical, originaram, em alguns casos, línguas crioulas.

Denominam-se crioulos de base (lexical) portuguesa as línguas crioulas que apresentam um léxico majoritariamente originário da língua portuguesa, da mesma forma que um *pidgin* de base portuguesa possui um léxico derivado dessa mesma língua.

Como expõe Holm (1989, p.14), apesar de na África já existirem *pidgins* (entre eles a língua franca e o pidgin arábico) antes da chegada dos europeus, a aparição destes tornou a região mais propícia ao contato linguístico e à formação de línguas crioulas. Naturalmente, devido à emergência de uma comunicação mais imediata, a formação de *pidgins* foi favorecida quando dos primeiros contatos. A formação das línguas crioulas de base portuguesa, por sua vez, ocorreu tipicamente em comunidades multilíngues nas quais existiu um fraco acesso ao modelo da língua do colonizador, perda do caráter funcional das outras línguas maternas e significativa miscigenação⁴⁰. Nesse contexto, conforme Holm (1989, p.264) descreve, todos eram imigrantes cujas antigas língua e cultura não estavam mais adaptadas para a sobrevivência no novo cenário; devido a isso, as novas língua e cultura crioulas emergem, tornando-se símbolos da identidade local.

Assim, a origem lexical dessas novas “línguas emergentes” – nesse caso, os crioulos de base portuguesa – é às vezes facilmente reconhecível. No entanto, deve-se ressaltar que a origem portuguesa do grande número de unidades lexicais das línguas crioulas não indica necessariamente que tenha havido manutenção do sistema lexical português. Em um movimento contrário, as unidades lexicais foram reanalisadas e incorporadas, em um processo de relexificação, a um sistema fonológico, morfológico, sintático e semântico novo e, apesar das semelhanças, quase sempre divergente⁴¹. Sobre esse processo, inerente à formação de todos os crioulos, Parkvall (2012, p.304) tece uma reflexão bastante pertinente, afirmando que o que é característico dos crioulos, distinguindo-os das outras línguas, é a redução associada à pidginização, seguida pela expansão associada à crioulição. Segundo o autor, frequentemente, “o fato de a expansão lançar mão de todos os recursos disponíveis no contexto, incluindo tanto a língua lexificadora quanto os substratos, torna de algum modo

⁴⁰ Cf. Pereira, 2007.

⁴¹ Cf. Pereira, 2007.

menos claro o passado pidgin dos crioulos de hoje” (PARKVALL, 2012, p.304). No entanto, na maioria das vezes, essa origem é acessível à observação e à análise.

Os crioulos de base lexical portuguesa são normalmente classificados tendo em vista um critério de ordem em grande parte geográfico. Entretanto, em muitos casos há também uma correlação entre a localização geográfica e o tipo de línguas de substrato presentes no momento da formação do crioulo⁴².

Assim, a fim de proporcionar uma melhor visualização de quais línguas compõem a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa e de como os mesmos se classificam, observemos o esquema abaixo⁴³:

Crioulos de base portuguesa

Crioulos da Alta Guiné

Cabo Verde (Kriolu de Cabo Verde ou kabuverdianu)

Variedade de Barlavento

São Vicente

São Nicolau

Sal

Boa Vista

Santo Antão

Variedade de Sotavento

Santiago

Fogo

Maió

Brava

Guiné-Bissau (Guineense ou Kriol)

Casamansa

Crioulos do Golfo da Guiné

São Tomé

Sãotomense (São-tomense ou Forro)

⁴² Cf. Pereira, 2007.

⁴³ Adaptado de Pereira (2007), Couto (1996), Holm (1989) e *Ethologue.org* (disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>).

Angolar (Ngola)

Príncipe (Principense, Língua da ilha ou Lung'ie)

Ano Bom (Fa d'Ambu, Fa d'Ambô, Anobonês ou Annobonense)

Crioulos Indo-portugueses

*Índia*⁴⁴

Diu

Damão

Bombaim

Korlai (Kristi ou Korlaiense)

Quilom

Cananor

Tellicherry

Cochim e Vaipim

Costa de Coromandel

Bengala

Sri-Lanka (antigo Ceilão - Ceilonês)

Trincomalee e Batticaloa

Mannar

Puttallam

Crioulos Malaio-portugueses

Malásia

Malaca (papiá kristang)

Kuala Lumpur

Singapura

Ilhas da Indonésia

Java

Flores

⁴⁴ Não há um consenso quanto à existência de um crioulo de base portuguesa em Goa (na Índia). Como afirma Pereira (2007), os estudiosos Theban (1985) e Tomás (1995) consideram que a forte pressão do português, língua oficial e de instrução, teria impedido a formação de uma língua crioula em Goa. Holm (1989) e Clemens (1996, 2000), no entanto, apresentam uma opinião contrária a esta. Sendo assim, devido a essa divergência de ideias, optou-se por não introduzir o suposto crioulo de Goa nesse esquema.

Ternate

Ambom

Macassar

Timor

Crioulos Sino-portugueses

Macau (macauense, macaísta ou patuá)

Hong-Kong

Como podemos perceber, os Crioulos de base portuguesa da Alta Guiné compreendem o crioulo de Cabo Verde (juntamente com suas variedades), o crioulo da Guiné-Bissau, objeto de estudo do presente trabalho, e o crioulo de Casamansa, falado em Senegal. Tais línguas são amplamente utilizadas e, ainda que não configurem idiomas oficiais, possuem o estatuto de línguas nacionais. São também consideradas como os mais antigos crioulos de base portuguesa.

O crioulo de Cabo Verde possui duas variantes principais, a de Barlavento e a de Sotavento, e foi criado inicialmente nas ilhas de Santiago e Fogo, as primeiras a serem povoadas e colonizadas⁴⁵. Corresponde à língua materna dos caboverdianos nascidos no arquipélago. O crioulo da Guiné-Bissau, por sua vez, também equivale à língua materna de grande parte da população do país, paralelamente às línguas étnicas.

Dessa maneira, os crioulos de Cabo Verde e Guiné-Bissau guardam muitas semelhanças entre si, distinguindo-se, no entanto, dos crioulos que integram as variedades do Golfo da Guiné. De acordo com Holm (1989, p.272), essas discrepâncias ancoram-se nas diferentes influências de substrato e histórias de colonização. De acordo com o autor:

The Cape Verde Islands were populated by slaves from Guinea-Bissau speaking West Atlantic and Mande languages, whereas the Gulf of Guinea islands were populated by slaves from areas of the Africa mainland where *Kwa* and *Bantu* languages are spoken. Both groups of substrate languages fall within the Niger-Congo family, so there are certain basic structural similarities between the Upper Guinea and Gulf of Guinea creoles [...] that indicate that they are Atlantic creoles [...]. However, the two groups of Portuguese creoles also have significant structural differences [...]⁴⁶. (HOLM, 1989, p.272).

⁴⁵ Cf. Pereira, 2007.

⁴⁶ Tradução livre sugerida pela autora: “As ilhas de Cabo Verde foram povoadas por escravos da Guiné-Bissau falando línguas do oeste Atlântico e Mandes, enquanto que as ilhas do Golfo da Guiné foram povoadas por escravos de áreas da África continental onde línguas *Kwa* e *Bantu* eram faladas. Ambos os grupos de línguas de

Complementando a reflexão feita por Holm (1989), Parkvall (2012) cita as razões geográficas como sendo mais um fator determinante para a existência de diferenças entre os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné. Para ele, “não chega a surpreender que falantes do baixo-guineano ou do banto não sejam substratos relevantes para os CPs⁴⁷ da Alta Guiné (mesmo que alguns indivíduos desacompanhados tenham chegado dessas regiões)” (PARKVALL, 2012, p.263-4).

No que concerne aos crioulos asiáticos, pode-se dizer que, contrariamente ao que ocorreu na África, foram perdendo sua vitalidade; no continente africano, nem as línguas de superstrato nem as de substrato foram capazes de suplantarem os crioulos que se formaram, ao passo que na Ásia a situação se mostrou diferente. Após o afastamento da metrópole portuguesa, línguas mais fortes e funcionais se impuseram de maneira crescente, acarretando, inclusive, a extinção de alguns crioulos. Os que ainda existem o fazem em alguns casos na memória de falantes mais idosos ou através de manifestações de tradições orais e religiosas, sendo poucas nesse contexto as comunidades nas quais os crioulos portugueses se fazem efetivamente funcionais. Como expõe Pereira (2007), na Índia os crioulos de base portuguesa mais resistentes são o de Damão e o de Korlai. Na Malásia, há o Papiá Kristang, falado em uma comunidade com cerca de mil indivíduos.

É importante destacar que na América também se formaram crioulos que, apesar de não serem de base portuguesa propriamente, apresentam influências dessa língua em seu léxico⁴⁸. É o caso, por exemplo, do *Papiamento*, língua crioula de base lexical espanhola falada nas ilhas de Curaçau, Aruba e Bonaire, nas Antilhas de domínio holandês. Para Pereira (2007), esse crioulo seria considerado “de base ibérica”, na medida em que seu léxico teria uma origem mista (espanhola e portuguesa) com termos de origem holandesa, inglesa, francesa, ameríndia e africana. Nesse mesmo contexto encontra-se o Saramacano, um crioulo do Suriname de base inglesa que, para a autora, manifesta no seu léxico uma influência significativa da língua portuguesa. Assim, ainda que tais crioulos possuam uma presença marcante do português em seu léxico, optou-se aqui por não introduzi-los na representação

substrato estão dentro da família Niger-Congo, então há certas similaridades estruturais básicas entre os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné [...]. Entretanto, os dois grupos de crioulos portugueses também têm significativas diferenças estruturais [...].”

⁴⁷ Crioulos Portugueses.

⁴⁸ Cf. Pereira, 2007.

acima realizada dos crioulos de base portuguesa, visto que, de fato, configuram-se tipologicamente como crioulos de base espanhola e inglesa respectivamente⁴⁹.

Outra questão também merecedora de atenção diz respeito à referência de alguns autores a variedades de um “semi-crioulo de base portuguesa” no Brasil. Assim, haveria uma variedade do português brasileiro – o Português Vernáculo do Brasil (Holm et al., 2000) – que seria um semi-crioulo, isto é, uma variedade que não resultou de um processo radical de criouliização, ainda que tenha em comum com os crioulos alguns traços estruturais⁵⁰. Para corroborar essa ideia, Holm (1989, p.268) coloca: “the long survival of African languages and the nature of social relations among the various groups seem to have blocked the formation or at least the survival of a creolized form of Portuguese, although some external influences are evident in modern colloquial Brazilian Portuguese”⁵¹.

Alguns autores, no entanto, vão de encontro a essa suposição referente ao semi-crioulo brasileiro. Parkvall (1999, 2012) afirma que o grau de reestruturação do Português Vernáculo do Brasil é relativamente pequeno, o que põe em pauta a terminologia “semi-crioulo”. Além disso, o autor afirma que a reestruturação poderia ser explicada pelo resultado do contato com outras línguas ou mesmo pela evolução interna característica das línguas de um modo geral.

2.1.3 Origem e desenvolvimento do crioulo guineense

2.1.3.1 Para uma contextualização histórica do crioulo guineense

Sabe-se que os portugueses chegaram à Guiné-Bissau em 1446, primeiramente na figura de Nuno Tristão, que morreu envenenado por uma flecha em um conflito com a população local, e em um segundo momento através de Álvaro Fernandes em uma viagem subsequente no mesmo ano⁵². Embora a Guiné-Bissau tenha sido unificada administrativamente a Cabo Verde desde praticamente a sua descoberta pelos portugueses

⁴⁹ Cf. Couto, 1996; Holm, 1989.

⁵⁰ Cf. Pereira, 2007.

⁵¹ Tradução livre sugerida pela autora: “A longa sobrevivência das línguas africanas e a natureza das relações sociais por entre os vários grupos parecem ter bloqueado a formação ou ao menos a sobrevivência de uma forma criouliizada do português, embora algumas influências externas sejam evidentes no português brasileiro moderno coloquial”.

⁵² Cf. Bull, 1989; Kihm, 1994; Intumbo, 2007.

(em 1462, de acordo com Holm (1989, p.275)), permanecendo nessas condições até 1879, ela teve por capital, sucessivamente, Cacheu, Bolama e Bissau⁵³.

Então, após a chegada dos portugueses, houve o início do comércio de escravos e as *Praças* e os *Presídios* passaram a constituir na Guiné os principais centros de população, as bases da colonização. Havia duas praças: Cacheu e Bissau. Farim, Ziguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno eram Presídios. É importante esclarecer quais sentidos são atribuídos aos termos “praça” e “presídio”; segundo Bull (1989, p.62), “a Praça é a povoação fortificada e armada com permanência, devidamente organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites. O Presídio é a praça de pequenas dimensões e mais escassos meios defensivos de tipo militar”. Assim, com o início do comércio de escravos, houve também uma miscigenação biológica, linguística e cultural dos povos.

Nesse cenário, deve-se destacar o papel dos *lançados*, dos *filhos da terra*, dos *grumetes* e das *tangomãs*. Os *lançados* (ou *tangomaus*) eram desertores ou aventureiros que, para sobreviverem e fugirem das sanções régias, iam se exilar no continente africano. Então, desde finais do século XV eles *se lançavam* entre os nativos e passavam a compartilhar com estes o modo de vida, assumindo inclusive novos comportamentos⁵⁴. Conforme Kihm (1994, p.4) expõe, algumas descrições contemporâneas retratam os lançados como indivíduos estabelecidos em vilas do interior, com mulheres e crianças, aclimatizados e socialmente integrados a ponto de adotarem as vestimentas locais (ou ausência das mesmas), praticarem a religião local e aceitarem rituais de sacrifício. No entanto, a língua não foi deixada para trás e participou também do processo de miscigenação, na medida em que a necessidade de comunicação, principalmente para as atividades comerciais, era iminente. Juntamente aos lançados havia os *filhos da terra* (ou mestiços), que eram seus filhos, e as *tangomãs*, as esposas africanas dos lançados. Havia, ainda, os *grumetes*, africanos em sua maioria convertidos ao cristianismo que auxiliavam os lançados no comércio.

Desse modo, a presença dos lançados foi significativa no que concerne à miscigenação dos povos na região, tendo contribuído largamente também para a formação do crioulo. Estes provavelmente falavam um português mais simplificado com as tangomãs e os grumetes, os quais por sua vez o teriam reproduzido e modificado, dando origem ao denominado *pidgin*

⁵³ De acordo com Bull (1989), Cacheu, a primeira capital da “província”, foi fundada por Manuel Lopes Cardoso, em 1588. Nos fins do século XVII, Cacheu foi o berço da cultura crioula da Guiné. Em 1859, a capital foi transferida para Bolama, onde seria mantida até 1941, data da sua transferência para Bissau.

⁵⁴ Cf. Bull, 1989, p.69.

português⁵⁵. Para que houvesse uma comunicação efetiva entre lançados, grumetes, tangomãs, filhos da terra e os africanos que viviam nas proximidades, a língua usada tinha que ser inteligível e compreendida por todos.

Pode-se depreender então que, a partir de um *pidgin* português, o crioulo guineense estaria mais ou menos completamente formado no início do século XVII. Kihm (1994, p.4) realiza tal suposição tendo em vista a presença no crioulo moderno de alguns itens lexicais que eram utilizados no Português do século XVI, mas não posteriormente. A título de exemplificação, o autor coloca:

[...] **misti** ‘want’ from *ter mester* ‘need’ (Modern Portuguese *precisar*), **montyadur** ‘hunter’ from *monteador* (MP *caçador*), or **limarya** ‘animal’ from *alimaria* (MP *animal*). Phonological features such as the palatal stop /c/ where Modern Portuguese has /ʃ/ written *ch* also point to a period when the affricated realization /tʃ/, now limited to Northern dialects, was more widespread and could still be heard in Lisbon [...] ⁵⁶. (KIHM, 1994, p.4-5)

Assim, sabe-se aproximadamente a época em que o crioulo guineense já estava mais ou menos formado e que o mesmo evoluiu a partir de um *pidgin* português, fruto das miscigenações ocorridas na Guiné-Bissau após a chegada dos europeus na região⁵⁷. No entanto, o local de origem desse crioulo ainda é uma questão controversa na literatura, não havendo um consenso. Para melhor entender suas implicações, então, passemos à próxima seção.

2.1.3.2 Teorias sobre a origem do crioulo português da Guiné-Bissau

Há, até o presente momento, quatro teorias sobre a origem do crioulo guineense. A primeira delas, defendida por Silva (1957), Silva (1985) e Carreira (1972), afirma que o crioulo guineense teria se formado em Cabo Verde e posteriormente teria sido levado para a

⁵⁵ Aqui é importante refletir que, como bem afirma Jorge Morais-Barbosa (1967) na introdução a Coelho (1880), numa reedição de 1967 publicada em Lisboa, os crioulos, ao contrário dos *pidgins*, não representam apenas simplificações das línguas europeias de origem. Indo além disso, “a sua formação implica uma profunda reinterpretação dos sistemas destas línguas determinada pela estrutura das línguas não europeias que constituíam língua primeira dos nativos.” (MORAIS-BARBOSA, 1967, p.X).

⁵⁶ Tradução livre sugerida pela autora: “[...] **misti** “querer” de *ter mester* “precisar” (Português Moderno), **montyadur** “caçador” de *monteador* (Português Moderno *caçador*), ou **limarya** “animal” de *alimaria* (Português Moderno *animal*). Características fonológicas, como a oclusiva palatal /c/, onde o Português Moderno tem /ʃ/ escrito *ch*, também apontam para um período em que a realização africada /tʃ/, agora limitada a dialetos do norte, era mais difundida e ainda podia ser ouvida em Lisboa [...]”.

⁵⁷ Vale ressaltar que, mesmo antes da expansão europeia, já havia *pidgins* na África, como por exemplo o *pidgin* arábico (cf. Holm, 1988, p.14).

Guiné. A segunda teoria, por sua vez, recusa essa primeira, argumentando que “não tem eco na Guiné-Bissau” (INTUMBO, 2007, p.6), e propondo a hipótese, defendida por Scantamburlo (1981) e Santos (1979), de que o crioulo de base portuguesa teria surgido dos contatos entre portugueses e africanos em Cacheu e Geba, na Guiné, e só depois teria sido levado para Cabo Verde.

Uma questão problemática da primeira teoria supracitada diz respeito à falta de registros de uma vinda significativa de cabo-verdianos para a Guiné-Bissau. Se tal fato tiver acontecido, o mesmo configurou uma indicação de “transplante” do crioulo português de Cabo Verde do arquipélago para o continente⁵⁸.

Contudo, não se pode esquecer que muitas informações históricas se perderam devido à falta de documentação, e a referida “transplantação” pode ter sido uma delas. Relativamente a essa migração de caboverdianos para a Guiné, sabe-se, ao menos, que ela realmente ocorreu, ainda que em proporções menores; muitas pessoas vieram do arquipélago para o continente – inclusive funcionários do governo português – em uma época em que Cabo Verde e Guiné, com sua administração unificada, compunham uma colônia portuguesa cuja capital era Cabo Verde.

Assim, as discussões acerca do lugar de origem do crioulo português da Alta Guiné são consideráveis. A esse respeito, Parkvall (2012, p.263) expõe uma reflexão pertinente, afirmando que, em qualquer hipótese, “os cabo-verdianos devem ter buscado seus escravos no Senegal e na Guiné-Bissau [...] e, independentemente de onde surgiram as línguas mães do CP de Cabo Verde e de sua língua irmã do continente, o material de substrato são as línguas atlânticas e mandês.”

Dessa maneira, é inegável a existência de semelhanças entre os crioulos de Cabo Verde e Guiné-Bissau. As principais línguas africanas da Guiné-Bissau são o balanta, o fula, o manjaco, o papel e o mandinka, sendo as quatro primeiras línguas atlânticas e a última mande. Acredita-se que, quando os portugueses chegaram à região, o mandinka era falado em uma área mais extensa do que é hoje, e o temne, língua pertencente ao grupo atlântico, era usado como língua franca (ROUGÉ, 1994, p.142)⁵⁹. No que se refere a Cabo Verde, as características etnolinguísticas da população que a fundou também parecem ter sido semelhantes. Essas proximidades entre os dois crioulos já havia sido percebida mesmo por Adolfo Coelho, que, em sua descrição do crioulo guineense feita em 1880, já a mencionava:

⁵⁸ Cf. Intumbo, 2007, p.6-7.

⁵⁹ Cf. Parkvall, 2012, p.263.

Dans la Guinée il [le créole] ressemble à celui des îles du Cap Vert ; mais dans celle-ci on peut dire que'on remarque autant de dialectes qu'il y a d'îles, et dans celle de San-Thiago seule les créoles de la Villa da Praya, du centre de l'île et de Terrafal, et de San-Miguel offrent des changements notables : plus on s'approche de la Villa da Praya, plus le créole ressemble au portugais. Dans la Guinée, le créole de Bissao sera mêlé davantage d'expressions *papels*, celui de Ziguichor, de *bagnoun* ou de *floup*, celui de Farim et de Géba de *mandingue*⁶⁰. (COELHO, 1880, p.36)

Apesar das semelhanças entre os dois crioulos, há referências de que, em Cabo Verde, em um primeiro momento, predominavam os falantes de atlântico, porém com o tempo o número de mandes cresceu significativamente. De acordo com Parkvall (2012, p.301), essa diferença de predominância dos grupos linguísticos dos quais derivam as línguas de substrato dos crioulos da Alta Guiné traz implicações que remetem às origens de tais crioulos. Segundo o autor:

É importante reconhecer que a maior parte da Guiné-Bissau fala atlântico e, portanto, muitas influencias no CP da Guiné-Bissau poderiam ser consideradas *adstratais* e não *substratais*. Se o componente africano do léxico do CP da Guiné-Bissau é predominantemente atlântico, é de crucial importância observar que essas proporções se invertem no CP de Cabo Verde, mas também que as palavras mandes predominam no léxico compartilhado (e, portanto, presumivelmente, representam a camada mais antiga). É pouco provável que esses itens tenham entrado na Guiné-Bissau por qualquer outro caminho que não as ilhas do Cabo Verde, e isso, por sua vez, sugere que o proto-CP da Alta Guiné nasceu nas ilhas e não no continente. (PARKVALL, 2012, p.301).

Paralelamente às hipóteses que põem em questão se o surgimento dos crioulos da Alta Guiné foi em Cabo Verde ou Guiné-Bissau, há uma terceira teoria, defendida por Naro (1978), segundo a qual esses crioulos tiveram a sua origem a partir de um *pidgin* português criado na Europa antes de ter sido levado e difundido na África. De acordo com o autor, a *pidginização* do português não ocorreu através dos contatos comerciais entre europeus e africanos, mas sim em Portugal, onde, a partir de 1440, brancos e negros teriam usado um *pidgin* denominado “língua de reconhecimento”⁶¹. Deve-se atentar para o fato de que nessa época existia em Portugal uma escola de línguas destinada a treinar intérpretes patrocinada pelo infante D. Henrique, o qual teria ordenado a captura de africanos para esta finalidade.

⁶⁰ Tradução livre sugerida pela autora: “Na Guiné o crioulo parece com aquele das ilhas de Cabo Verde; mas com relação a este se pode dizer que são percebidos tantos dialetos quanto há de ilhas, e na ilha de *San-Thiago* somente os crioulos da Villa da Praya, do centro da ilha e de Terrafal, e de *San-Miguel* apresentam mudanças notáveis: quanto mais se aproxima da Villa da Praya, mais o crioulo se assemelha ao português. Na Guiné, o crioulo de Bissau seria mesclado de expressões *papels*, o de Ziguichor, de *bagnoun* ou de *floup*, o de Farim, e o de Géba de *mandingue*”.

⁶¹ Cf. Rougé, 1986, p.29-30.

A teoria de Naro (1978) viria a ser refutada por Rougé (1986), que, por sua vez, propõe uma quarta teoria sobre a origem dos crioulos da Alta Guiné. O autor, considerando a discussão sobre o local de origem dessas línguas desprovida de interesse científico, desvaloriza-a, afirmando que tanto o crioulo da Guiné-Bissau quanto o crioulo de Cabo Verde têm em comum um protocrioulo. Para Rougé (1986, p.37):

[...] Na origem do Kriol está o português mal falado, da mesma maneira que na origem do português, do espanhol, do francês... e dos outros “crioulos românicos” está o latim mal falado. E, da mesma forma, seria absurdo perguntar-se se o francês vem do português ou o inverso, tão evidente é que os dois vêm do “latim corrompido” que utilizado em situações diferentes gerou línguas diferentes; acho sem interesse científico a questão de saber se o Crioulo do Cabo Verde está na origem do crioulo da Guiné-Bissau ou se o crioulo da Guiné-Bissau está na origem do crioulo de Cabo Verde. Os dois têm a mesma origem, o mesmo proto-crioulo...

Percebe-se, então, que, para Rougé (1986), não se pode dizer a respeito do crioulo da Guiné que foi simplesmente importado de Cabo Verde. O autor, em 1995, também fala na formação (considerada em dois tempos) das diferentes variantes do crioulo da Alta Guiné em zonas separadas, a partir de um mesmo material linguístico – o protocrioulo. Seria o caso, então, da “existência de *uma* língua guineo-caboverdiana, que desde sua origem aparece dialetizada”⁶², o que justificaria as diferentes variedades dos crioulos portugueses da Alta Guiné.

2.1.3.3 O desenvolvimento do crioulo guineense a partir do século XX

Pode-se afirmar que o período colonial guineense, quando o crioulo floresceu, foi marcado por repressões contra o uso da língua em instituições oficiais, tais como igrejas ou escolas. Sendo assim, durante essa época o crioulo foi marginalizado, embora já fosse utilizado por muitos na comunicação cotidiana.

A partir do século XX, o caráter utilitário do crioulo guineense crescia cada vez mais, o que fez com que medidas de repressão fossem tomadas pelas autoridades. Nessa perspectiva, após 1920 a língua crioula foi pela primeira vez abertamente estigmatizada. Como expõe Kihm (1994, p.6), em 1940 a educação primária para os nativos foi oficialmente confiada às missões católicas. Todo o ensino deveria ser em português e as línguas locais e o

⁶² Cf. Rougé, 1995, p.97.

crioulo foram explicitamente banidos desse contexto. Em 1946, um projeto de lei enunciou os critérios para distinção dos “indígenas” dos “cidadãos portugueses” entre os africanos. Paralelamente às condições econômicas, o critério eleito como mais importante era ser capaz de falar, ler e escrever em língua portuguesa, além de “ter um bom comportamento”, isto é, não praticar “os costumes das pessoas comuns da raça deles”⁶³.

Essa situação iria se estender até a guerra de independência do país, quando o crioulo, juntamente com as línguas africanas, era usado para a comunicação dos guerrilheiros. Vale a pena ressaltar que, nesse contexto, o uso do crioulo expandia-se cada vez mais, pois possibilitava uma comunicação mais eficaz entre soldados e grupos de diferentes origens étnicas e entre os guerrilheiros de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Assim, durante a Guerra de Independência (1961-1974), o crioulo floresceu novamente, tendo um papel fundamental para a unificação linguística do país e tornando-se símbolo de identidade nacional para os guineenses.

Houve, então, uma expansão considerável do crioulo da Guiné entre 1970 e 1980; antes do movimento emancipacionista, ainda eram as línguas étnicas (e apenas elas) que dominavam o sertão. A partir da urbanização e da guerra de independência, o processo de formação do crioulo tornou-se mais intenso e efetivo. Couto e Embaló (2010, p.37) afirmam que os principais responsáveis pelo início da disseminação do crioulo pela Guiné-Bissau foram os independentistas. Os autores expõem, ainda, que a formação dessa língua ocorreu com a sua expansão para as zonas rurais, sendo levado às tabancas (pequenas aldeias ou agrupamento de casas tipicamente africanas) do interior a partir das cidades, principalmente de Bissau. Após a conquista da independência do país, muitas pessoas migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida e trazendo consigo conhecimentos culturais e linguísticos. Em um movimento semelhante, pessoas da cidade, como professores e oficiais de saúde, também partiram para o interior.

Dessa maneira, a partir da emancipação política guineense o crioulo foi se difundindo de forma crescente, modificando-se e recebendo influências das várias línguas africanas do país e do próprio português. Atualmente, como é sabido, o crioulo da Guiné-Bissau é a língua de unidade nacional e a língua materna de um número considerável de guineenses.

⁶³ Cf. Bull, 1989, p.108; Kihm, 1994, p.6.

2.2 A Guiné-Bissau e o Kriol

Pode-se dizer que, para realizar um esboço a respeito da Guiné-Bissau, faz-se necessário falar um pouco sobre a sua história, peculiar e fundamental para a compreensão da realidade linguística do país, e de suas questões sociais e linguísticas, as quais serão abordadas a seguir.

Assim, conforme afirmam Couto e Embaló (p.15, 2010), a Guiné-Bissau é um país de pequenas dimensões localizado na costa ocidental africana e considerado como um dos países mais pobres do mundo. O país, enquanto nação independente, emergiu de uma luta armada de libertação nacional que durou 11 anos e que pôs fim a um longo período colonial. Nessa perspectiva, tendo em vista o novo panorama em que a Guiné-Bissau se encontrava, é possível afirmar que os desafios para a nova nação eram enormes. Para refletirmos melhor sobre a Guiné de hoje, passemos a uma breve explanação do que foi esse período de luta, conquista e libertação que marcou o país no século XX.

2.2.1 A independência guineense

A fim de compreender em sua completude como se deu e o que representou o movimento de independência da Guiné-Bissau, é importante retomar alguns aspectos relativos ao processo de colonização portuguesa, sobre o qual já se realizaram considerações na seção 1.1.3 deste capítulo. Segundo Hernandez (2008: p.535):

O século XV marcou o início do processo de “roedura” dos portugueses na costa ocidental africana. De acordo com o cronista Gomes Eanes Zurara, em 1446, Nuno Tristão chegou ao Cabo Branco e a Arguim, pontos de partida para a exploração dos rios da Guiné.

Nos primeiros séculos de colonização (XV a XVIII), a preocupação dos portugueses resumia-se aos entrepostos comerciais, não havendo objetivo de fixar população no local, como ocorrera em outras colônias (SILVA, 2000, p.36). Assim, através desses entrepostos realizava-se o comércio de grupos escravizados no denominado *comércio triangular* – Europa, África e América (PAIGC, 1974, p. 75)⁶⁴.

De acordo com Hernandez (2008, p.535), no tocante aos agrupamentos étnicos que estavam na região quando da chegada dos portugueses, ainda que tenham sido descritos por

⁶⁴ Cf. Hernandez, 2008.

estes como indiferenciados e culturalmente homogêneos, compunham um total de 6, dos quais 4 grandes grupos encontravam-se no litoral e 2 no interior. Tais grupos etnoculturais estavam, então, assim distribuídos:

Os que habitavam o litoral eram os grupos dos diulas e dos balantas (o mais numeroso); o dos manjacos (incluindo os papéis) e o dos banhus; os beafadas e nalus; e o dos bijagós, cocolis e padjadincas (que habitavam o arquipélago de Bijagós). Esses povos, no seu conjunto, tinham a família como unidade política e econômica, caracterizando, assim, as sociedades como horizontalizadas. Já no interior ficavam os maninkés e os fulas. Os primeiros foram chamados pelos portugueses de mandingas e eram guerreiros, comerciantes e agricultores convertidos ao islamismo desde o século XII. Tinham uma organização política centralizada e uma estratificação social que caracterizava sociedades como verticais. Desses grupos, os povos que tiveram maior atuação na Guiné “portuguesa” foram os manjacos, os papéis, os balantas e os fula. (SILVA, 2008, P.535-6)

Assim, em 1446, quando da chegada dos governantes à Guiné, Lisboa concede o monopólio de navegação e comércio entre o Rio Senegal e a Serra Leoa a comerciantes (os ditos lançados). Nessa época, havia um governo único para Guiné-Bissau e Cabo-Verde⁶⁵, e, como colocam Couto e Embaló (2010, p.21), as primeiras organizações administrativas da Guiné eram as praças (povoações fortificadas ou armadas) e os presídios (praças de pequenas dimensões e escassos meios defensivos). Em 1630 fundou-se a capitania (praça) de Cacheu, a qual comportava entre 200 e 300 habitantes e configurava como um importante entreposto comercial. Mais tarde, em 1692, seria criada a capitania (praça) de Bissau, na medida em que Portugal objetivava dotar a região de estrutura administrativa a fim de fazer frente às dificuldades ocasionadas por desentendimentos entre comerciantes e nações estrangeiras (França e Inglaterra), que queriam se fixar e traficar na região (SILVA, *ibidem*)⁶⁶.

É a partir de 1890 que a Guiné passa à categoria de província, apresentando como municípios mais importantes Bolama, Cacheu e Bissau. A conquista do território foi marcada por muitas guerrilhas denominadas guerras de “pacificação” ou “domesticação”, sendo isso decisivo para que a Guiné passasse de província para distrito militar autônomo com poderes centrados em governadores escolhidos pela metrópole⁶⁷.

⁶⁵ A separação entre Guiné e Cabo-Verde viria a ocorrer apenas em 1879, quando, a partir da nomeação de Augusto Coelho como seu primeiro governador, inicia-se a moderna história da Guiné (SILVA, 2000, p.35).

⁶⁶ Alguns outros entrepostos importantes da Guiné, os quais se configuravam como presídios, eram: Farim, Ziguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno (COUTO; EMBALÓ, 2010, p.21).

⁶⁷ Bissau, Cacheu, Geba e Buba passaram a constituir “comandos militares”, segundo afirma Hernandez (2008, p.536).

Então, de acordo com Pélissier (1989, p.167) *apud* Hernandez (2008, p.538), ao se analisar o período de 1893 a 1930:

[...] verifica-se que a cobrança de impostos foi a primeira responsável pelos conflitos (vinte e cinco casos), quer pela sua imposição, quer pela forma de cobrança, frequentemente não isenta de atos de corrupção ou de arbitrariedades. Seguiram-se as pressões administrativas (vinte e três ocorrências) e, a longa distância, a defesa contra a repressão (onze elementos), a pirataria ou pilhagem (sete), a oposição à expansão dos fulas (seis), a hostilidade comercial (cinco), a insatisfação dos grumetes (três) e o combate forçado (um caso).

Desse modo, de maneira conjunta, esses combates caracterizaram-se pela extrema violência mascarada na ideologia da “pacificação”, acentuada com a política do Estado Novo que, através do Ato Colonial⁶⁸, consolidava a centralização, ligando colônias e metrópole.

Pode-se dizer que a ideologia colonial contribui largamente para compreender a precária situação econômica da Guiné portuguesa, a qual era centrada na exportação de produtos como borracha e amendoim. Igualmente, permite entender a falta de interesse da burocracia colonial em relação à infraestrutura local, possibilitando avaliar, inclusive, a precária situação da assistência sanitária e o número resumido de alfabetizados (portugueses e descendentes).

Diante do exposto, observa-se que a realidade que contemplava a Guiné portuguesa caracterizava-se pela exploração, pela violência e pela ausência de estrutura e auxílios por parte da metrópole relativamente à colônia. No entanto, devido às diversas atividades desenvolvidas na região, verificava-se uma complexificação da composição da sociedade. A esse respeito, Hernandez (2008, p.540) coloca:

Concomitantemente à complexificação da composição da sociedade, despontavam em Portugal as elites culturais e políticas em torno das atividades de organizações antifascistas como o MUD juvenil, o Movimento da Paz, o Partido Comunista Português e, em especial, a Casa dos Estudantes do Império, integrando o grupo mais amplo de africanos de Cabo-Verde, São Tomé, Angola e Moçambique. Outros acontecimentos vêm somar-se a esses, sendo o mais importante a chegada em 1953 do agrônomo Amílcar Cabral à Guiné portuguesa, quando passou a reunir-se com integrantes do Movimento da Independência Nacional da Guiné, que tinha, sobretudo, uma dimensão educadora: preparar teoricamente seus integrantes, intelectuais locais e pequenos grupos de artesãos e operários, companheiros de trabalho de Amílcar Cabral na Estação Agrícola de Pessubé. Esse movimento esteve na base da fundação do Clube Desportivo e Cultural para educar civicamente os jovens, sensibilizando-os para a necessária remoção das injustiças da ordem social imposta pela metrópole.

⁶⁸ Em 1951, o Ato Colonial (Lei nº 2.048) foi revogado.

Assim, a importância da atuação de Amílcar Cabral e, mais especificamente, da criação dos grupos supracitados foi a promoção da conscientização de seus membros quanto à necessidade de uma ação coletiva que fosse de encontro às atitudes da metrópole. Nesse contexto, o ano de 1956 é significativo, sendo nele que Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luis Cabral, Fernando Fortes, Júlio de Carvalho e Elisée Turpin fundam o Partido para a Independência – União dos Povos da Guiné e Cabo-Verde (PAI)⁶⁹, o qual apresentava como divisa “Unidade e Luta”. Tal Partido viria a integrar organizações supraterritoriais articuladoras das “lutas de libertação” e determinaria estruturalmente quatro ações: a conquista da independência nacional; o desenvolvimento social e cultural; os objetivos de progresso econômico; e a democratização da Guiné e de Cabo-Verde.

O principal grupo de resistência africana em oposição ao “Estado colonial” foi a “classe-Nação”, composta pela “pequena burguesia”, a qual, de acordo com Amílcar Cabral, era capaz de “globalizar a cultura”, partilhando uma causa em comum. Essa “pequena burguesia” era composta por ideólogos do PAIGC e constituiu a “classe nacional” do Movimento de Libertação Nacional. Desse modo, a contradição principal consistia na oposição entre “Nação guineense” e “Estado colonial”, e, nesse cenário, as contradições da sociedade africana ganhavam um status secundário.

Dessa forma, aos poucos, o PAIGC começou a organizar manifestações variadas de protesto e a integrar guerrilhas contra o governo português, que sempre reagia com violenta repressão. Simultaneamente, o partido também voltava suas atenções para as relações políticas internacionais, ganhando espaço em meio a estas e fortalecendo-se no movimento emancipacionista. No entanto, em meio a esse movimento, a Guiné deparava-se com um problema, o qual permeava o fato de ter que unir diferenciados grupos etnoculturais com culturas próprias e fazer com que os mesmos caminhassem juntos e, concomitantemente, subordinados à “classe-Nação”.

Simultaneamente ao desenvolvimento da consciência nacional, reforçava-se o “espírito de pertença” nos grupos etnoculturais (em que as relações de parentesco eram predominantes) e, assim, a promoção da interação entre os mesmos tornava-se desafiadora na medida em que pressupunha um “abrandamento” de lealdades previamente estabelecidas. Era necessário, pois, proceder a uma interpenetração de culturas para se superar o referido sentimento de pertença, o qual deveria compreender, antes de tudo, uma lealdade mais ampla

⁶⁹ Após a organização do partido, em outubro de 1960, a sigla PAI é modificada para PAIGC (Cf. Hernandez, 2008, p.540).

representada pelo movimento de independência (e pelo partido) em direção ao estabelecimento do Estado Nacional. Nessa perspectiva, a tática adotada pelo PAIGC apresentou como ponto inicial a realidade cultural. Segundo Amílcar Cabral *apud* Hernandez (2008, p. 544):

Numa análise profunda da estrutura social que qualquer movimento de libertação deve ser capaz de fazer em função dos imperativos da luta, as características culturais de cada categoria têm lugar de primordial importância. Pois, embora a cultura tenha um caráter de massa, não é contudo uniforme, não se desenvolve igualmente em todos os sectores da sociedade. A atitude de cada categoria social perante a luta é ditada pelos seus interesses econômicos, mas também profundamente influenciada pela sua cultura. Podemos mesmo admitir que são as diferenças de níveis de cultura que explicam os diferentes comportamentos dos indivíduos de uma mesma categoria socioeconômica em face do movimento de libertação. E é aí que a cultura atinge todo o seu significado para cada indivíduo: compreensão e integração no seu meio, identificação com os problemas fundamentais e as aspirações da sociedade, aceitação da possibilidade de modificação no sentido do progresso.

Assim, no cenário das disputas territoriais, das guerrilhas contra os portugueses, das alianças políticas internacionais, da articulação com movimentos de outras províncias portuguesas e, portanto, da propagação do movimento de independência pela Guiné, pode-se afirmar que uma das tarefas mais difíceis de enfrentar consistiu na heterogeneidade dos povos africanos contidos no território. A integração dos trabalhadores rurais ao movimento dava-se através da ideia de resolução de seus interesses imediatos; eles eram mobilizados, então, pela esperança de que as injustiças e intransigências da colônia fossem extintas. Sendo assim, a unificação ocorria à proporção que o PAIGC constituía um sujeito coletivo revolucionário, como afirma Hernandez (2008, p. 545), convencendo os trabalhadores de campo de que a opressão era partilhada por todos, que eram, então, iguais perante as injustiças sofridas. A questão nacional passou a apresentar maior importância do que revolução social, antecedendo-a⁷⁰.

Ainda segundo a autora, no ano de 1966 o partido apresentava um controle de cerca de 60% do território (com aproximadamente metade da população), dividindo-se militarmente em frentes norte, sul e leste. Além disso, é importante dizer que, no mesmo período, a Guiné estava dividida administrativamente em regiões, zonas e tabancas com organizações de base próprias, tribunais populares e organismos partidários.

⁷⁰ Assim, o partido conquistou o apoio dos que não participavam diretamente da luta armada (entre eles as populações de grandes centros urbanos), integrando a guerra de guerrilhas com o movimento nacional. (Cf. Hernandez, 2008, p.545)

Entre os anos de 1966 e 1968 o movimento em prol da independência nacional avançou, havendo ataques a centros urbanos e, conseqüentemente, o recrudescimento da violência do governo português. Sobre a situação da Guiné nesse período, Amílcar Cabral (1968) *in* Davidson (1969, p. 15-6) afirma:

C'est sur la base de la réalité concrète de notre pays et de notre société que nous avons réussi à créer la situation qui prévaut chez nous. Nous n'aimons pas la guerre, mais cette lutte armée a ses avantages. À travers elle nous sommes en train de forger une nation solide et consciente d'elle-même. Nous avons libéré plus des deux tiers de notre territoire national, nous allons parachever la libération de la Guinée et nous allons sûrement libérer les îles de Cap Vert. Nous bâtissons, pas à pas, notre État⁷¹.

Em 1970, a Guiné e a sede da PAIGC foram bombardeadas e, em 1971, houve a atuação das Brigadas de Ação Política, que levou os princípios político-ideológicos e os objetivos do PAIGC até a população das zonas libertadas. Então, nesse período, os êxitos do processo de emancipação já eram bastante consideráveis e o território teve seu nome modificado para Guiné-Bissau (até então era Guiné Portuguesa). A partir desse período, o movimento pela independência obteve cada vez mais ganhos, mesmo com o assassinato de Amílcar Cabral em 21 de janeiro de 1973, e, em 24 de setembro do mesmo ano, a Assembleia Nacional Popular reuniu-se pela primeira vez e proclamou unilateralmente a independência. A esse respeito, Hernandez (2008, p.547-8) expõe:

De imediato, foi formado o Estado da República da Guiné-Bissau, que adotou a sua primeira Constituição e designou os órgãos do poder executivo. No dia 26 de agosto de 1974, o governo português reconheceu a independência. Abria-se uma nova etapa, na qual foi definida a organização partidária de acordo com as resoluções do I e II Congresso do PAIGC e do Congresso dos Quadros Dirigentes, em Boké. Também o partido foi reconhecido como “vanguarda” que, com “legitimidade histórica”, tutelaria o Estado e as manifestações da sociedade por meio das organizações de massa.

Assim, é após cerca de 20 anos de articulações e lutas (11 dos quais corresponderam à efetiva guerra de libertação) que a Guiné-Bissau consegue conquistar oficialmente, em 1974, a sua definitiva emancipação política de Portugal e se instituir nação independente.

⁷¹ Tradução livre do excerto proposta pela autora: “É sobre a base da realidade concreta de nosso país e de nossa sociedade que nós conseguimos criar a situação que prevalece em nosso território. Nós não amamos a guerra, mas essa luta armada tem suas vantagens. Através dela nós estamos forjando uma nação sólida e consciente dela mesma. Nós libertamos mais de dois terços de nosso território nacional, nós vamos concluir a libertação da Guiné e nós vamos certamente libertar as ilhas do Cabo-Verde. Nós batizamos, passo a passo, nosso Estado”.

Como afirmam Couto e Embaló (2010, p.27), no que concerne à história natural dos países africanos, a invasão dos europeus impôs uma ruptura, que fez com que a contradição colonizadores-colonizados se sobrepusesse às contradições internas a esses povos, os quais, por sua vez, tiveram que se unir para fazer face à dominação colonial. Uma vez adquiridas as independências e retomados os respectivos processos históricos, era de se esperar que as contradições internas ressurgissem, somando-se aos problemas normais os trazidos pelos invasores. Tendo em vista o caso específico dos guineenses, pode-se dizer que para os conflitos linguísticos eles encontraram uma solução. Perante o dilema de se usar uma língua africana ou o português, eles criaram uma terceira via, o crioulo, que é justamente uma solução comunicativa para a relação entre as duas realidades. Passemos, então, a uma reflexão sobre o panorama linguístico da Guiné-Bissau.

2.2.2 A situação linguística

A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental do continente africano com uma dimensão territorial de 36.125Km². Tem como capital a cidade de Bissau, é banhado a oeste pelo oceano Atlântico e estabelece fronteira com o Senegal (a norte) e com a Guiné (a leste e a sul), apresentando uma população total estimada em aproximadamente 1.500.000⁷² habitantes (2005), segundo expõe Embaló (2008, p.101). De acordo com Silva (2000, p. 33):

A extensão das fronteiras [da Guiné-Bissau] é de 865 Km, dos quais 705 terrestres e 160 marítimos. Excluindo-se os terrenos cobertos periodicamente pelas marés, a superfície do país passa a ser apenas 28.000 km². O território compõe-se de uma parte continental e de uma parte insular, formada pelas ilhas do arquipélago dos Binjagó, a ilha de Bolama, a ilha de Pecixe e outras ilhotas⁷³.

Para uma melhor visualização da localização geográfica da Guiné-Bissau, observemos o mapa a seguir:

⁷² Como propõem Couto e Embaló (p.28, 2010), é difícil estabelecer dados estatísticos populacionais precisos devido a dois fatores, quais sejam: (1) o recenseamento, que era associado no tempo colonial ao pagamento de impostos, sempre foi mal visto pela população, a qual, durante esse período, acaba por refugiar-se em países vizinhos; e (2) as emigrações sazonais para países vizinhos, que acabam repercutindo na coleta de informações.

⁷³ Segundo Intumbo (2007, p.2), se da área total da Guiné-Bissau em termos geográficos forem reduzidas as partes do território que são permanentemente inundadas e aquelas que ficam cobertas periodicamente pela água das chuvas, a área total habitável do país seria de aproximadamente 24.800 km².



Figura 1: Localização geográfica da Guiné-Bissau⁷⁴

Seu mosaico linguístico compreende 22 línguas, incluindo-se neste montante as línguas étnicas⁷⁵, a língua oficial e a língua nacional. A língua oficial da Guiné-Bissau é o Português, língua de ensino e de comunicação utilizada no âmbito internacional. Entretanto, se a língua portuguesa é a língua oficial, esta corresponde à língua materna apenas de uma pequena percentagem dos guineenses e não se configura como a língua de comunicação nacional. De acordo com Couto e Embaló (2010, p.47):

O português até hoje não é praticamente falado como língua vernácula na Guiné-Bissau. Ele só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades.

Nesse cenário, é o crioulo que surge como a língua usada na comunicação quotidiana, em alguns discursos oficiais, em instituições públicas e em debates promovidos pela Assembleia Nacional, sendo a ele concebido o estatuto de língua da unidade nacional (ou

⁷⁴ Fonte: <<http://wwp.greenwichmeantime.com/time-zone/africa/guinea-bissau/map-guinea-bissau/>>. Acessado em: 18 de dez. de 2013.

⁷⁵ No que concerne às línguas étnicas, observa-se na literatura a distinção em dois grupos linguísticos principais: o grupo Oeste-Atlântico e o grupo Mande, ambos pertencentes à família Níger-Congo, conforme atesta Intumbo (2007, p.4).

língua nacional). É importante notar, porém, que são as línguas africanas que se configuram como as línguas maternas de grande parte da população, através das quais são transmitidos os conhecimentos partilhados socialmente e as tradições, fato que não impede que o crioulo guineense também se insira nesse cenário como língua de cultura e expressão social. A fim de ilustrar essa riqueza linguística (e étnica) do país, observe-se a seguir o mapa etnográfico da Guiné-Bissau:

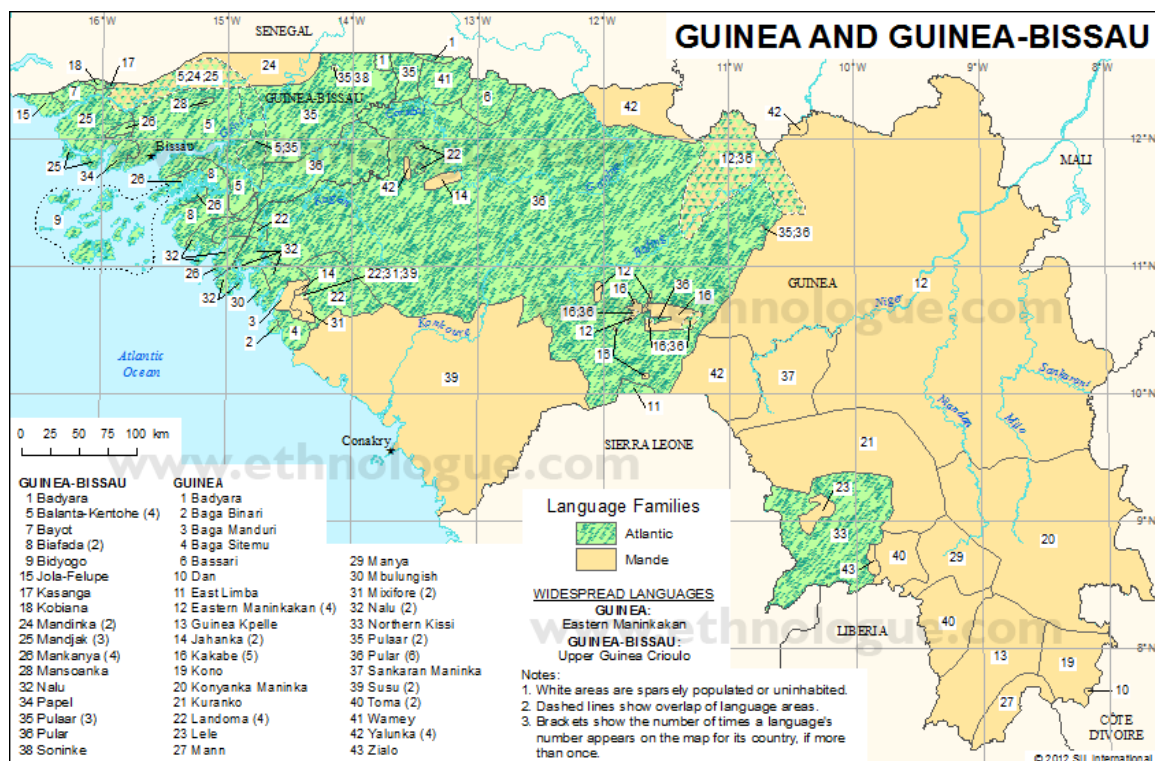


Figura 2: Mapa etnográfico da Guiné e da Guiné-Bissau⁷⁶

Assim, essa variedade linguística é fruto das diversas etnias existentes no país, as quais implicam também variedade cultural. Segundo Silva (2000, p.33), as diversidades étnicas trazem consigo também uma diversificação no que diz respeito à organização social e econômica. De acordo com o censo de 1950, a distribuição das principais etnias existentes em território guineense seria⁷⁷:

⁷⁶ Fonte: <<http://www.ethnologue.com/map/GNGW>>. Acessado em: 18 de dez. de 2013.

⁷⁷ Cf. Silva, 2000, p.33-4.

Tabela 1: Principais etnias da Guiné-Bissau (SILVA, 2000)

Etnias	Populações	Percentagem
Balantas	160.296	31,5%
Fulas	108.402	21,3%
Manjacos	71.712	14,0%
Mandingas	68.752	13,6%
Papéis	36.341	7,2%
Mancanhas	16.300	3,3%
Beafadas	11.581	2,3%
Bijagó	10.332	2,0%
Felupes	8.167	1,6%
Baiotes	4.373	0,8%
Nalus	3.009	0,6%
Outros	9.715	1,8%

Após 1991, é um tanto difícil encontrar dados oficiais relativos à distribuição étnica na Guiné-Bissau. Couto e Embaló (2010, p.29) sugerem a possibilidade de tal fato estar relacionado a uma decisão deliberada de não determinação da porcentagem dos grupos étnicos, talvez numa tentativa de se evitar o uso do fator étnico para fins políticos e/ou eleitorais. De qualquer forma, uma outra estatística trazida pelos autores, realizada tendo em vista o recenseamento de 1991, evidencia os seguintes números⁷⁸:

Tabela 2: Principais etnias da Guiné-Bissau (COUTO E EMBALÓ, 2010)

Fulas	25%
Balantas	24%
Mandingas	14%
Manjacos	9%
Papéis	9%

⁷⁸ Cf. Couto e Embaló, 2010, p.29.

Brames	4%
Beafadas	3%
Outros	12%

Dessa maneira, segundo dados obtidos em *Ethnologue*, o número de línguas concernente à Guiné-Bissau é 22, como já explicitado acima, sendo todas línguas vivas. Dentre essas, 1 é língua oficial e institucional, 7 estão em desenvolvimento, 9 estão em vigor, 3 estão ameaçadas, 1 está moribunda e 1 está quase extinta. Assim, o panorama linguístico do país a partir de 2006 e para uma população total estimada em 1.521.000 habitantes seria⁷⁹:

Tabela 3: Panorama linguístico da Guiné-Bissau

Língua	Nomes alternantes	Família	Porcentagem de falantes na Guiné-Bissau ⁸⁰	Número de falantes na Guiné-Bissau	Situação linguística
Português	–	Românica	0,03 % ⁸¹	500 falantes como L1 (2012)	Oficial / Institucional
Banyum	Bagnoun, Bainuk, Banhum, Banyuk, Banyun, Banyung, Elomay, Elunay, Guñuun, Bainouk-	Atlântico	0,6 %	8.860 falantes (2006 World Factbook)	Em vigor

⁷⁹ No presente trabalho, optou-se por adotar sempre que possível os nomes das línguas africanas em língua portuguesa, usando-se como referência para tal Parkvall (2012) e Couto e Embaló (2010). Nos casos em que não foi possível recorrer aos referidos nomes conforme apresentados nessas referências, optou-se por apresentá-los em itálico e conforme consta no *Ethnologue* (2013).

⁸⁰ A porcentagem de falantes aqui apresentada diz respeito aos que têm a língua como sendo língua materna.

⁸¹ Apesar de ter apenas 0,03% de falantes do português como língua materna, a porcentagem de falantes do idioma como língua segunda, terceira ou até mesmo quarta é de 13%, como atesta Embaló (2008, p.101). Para Benson (2010, p.325), esse número seria de 8,5%. Vale a pena ressaltar, ainda, que, para Intumbo (2007, p.11), não há precisão quanto aos dados relativos à quantidade de falantes nativos do português e ao número de falantes que o utilizam como língua principal no dia a dia. Apesar disso, é reconhecida a importância do idioma como elo de ligação entre a Guiné-Bissau e o mundo exterior.

	Gunyuño				
Biafada	Beafada, Bedfola, Biafar, Bidyola, Dfola, Fada	Atlântico	2,95 %	44.900 falantes (2006 World Factbook)	Em vigor
Bijago	Bijogo, Bijougot, Bijuga, Budjago, Bugago, Bidyogo	Atlântico	1,96 %	29.900 falantes (2006 World Factbook)	Em vigor
<i>Jahanka</i>	Diakhanke, Diakkanke, Dyakanke, Jahanque, Jahonque, Jaxanka	Mandê	1,90 %	29.000 falantes (1999 G. Gumbs)	Em vigor
Ejamat	Ediamat, Feloup, Felup, Felupe, Floup, Flup, Fulup, Jola- Felupe	Atlântico	0,39 %	6.000 falantes (2012 SIL)	Em vigor
<i>Jola-Fonyi</i>	Diola-Fogny, Jola, Jola- Fogny, Kujamataak, Kújoolaak Kati Fooñi	Atlântico	0,03 %	500 falantes	Em vigor
Kobiana	Buy, Cobiana, Uboi	Atlântico	0,04 %	690 falantes (2006 World Factbook)	Em vigor
Mandinga	Manding, Mandingo, Mandingue, Mandinque, Mandinka	Mandê	10,9 %	167.000 falantes (2006 World Factbook)	Em vigor
<i>Mansoanka</i>	Kunant,	Atlântico	1,02 %	15.500	Em vigor

	Kunante, Mansoanca, Maswanka, Sua			falantes (2006)	
Balanta	Alante, Balanda, Balant, Balante, Ballante, Belante, Brassa, Bulanda, Frase, Balanta- Kentohe	Atlântico	26,1 %	397.000 falantes (2006 World Factbook)	Em desenvolvim ento
Crioulo da Guiné-Bissau	Guinea- Bissau Creole, Kiryol, Kriulo, Portuguese Creole	Crioulo de base lexical portuguesa	13,54 % (como L1) 39,45 % (como L2) ⁸²	206.000 falantes como L1 (2006 World Factbook) – 600.000 ou mais falantes como L2	Em desenvolvim ento
Manjaco	Kanyop, Mandjaque, Mandyak, Manjaca, Manjack, Mandjak, Manjaku, Manjiak, Mendyako, Ndyak	Atlântico	12,09 %	184.000 falantes (2006 World Factbook)	Em desenvolvim ento
Mancanha	Bola, Mancagne, Mancang, Mancanha, Mankaañ, Mankanya	Atlântico	2,90 %	44.200 falantes (2006 World Factbook)	Em desenvolvim ento

⁸² Segundo dados do censo de 1979 (EMBALÓ, 2008, p.102), 15% da população tinha o crioulo como primeira língua, ao passo que 44,3% o tinham como língua segunda (dados confirmados por Benson (2010, p.325)), o que demonstra que, comparativamente aos números atuais, não houve uma mudança muito significativa. Para uma estimativa geral dos falantes do crioulo na Guiné-Bissau, como L1, L2 ou língua nacional de comunicação, chega-se a uma percentagem que vai de 75% a 80%. (Cf. Couto e Embaló, 2010, p.30).

Papel	Moium, Oium, Papei, Pepel	Atlântico	8,94 %	136.000 falantes (2006 World Factbook)	Em desenvolvim ento
Fula	Fulfulde- Pulaar, Peul, Peulh, Pulaar Fulfulde	Atlântico	17,42 %	265.000 falantes (2006 World Factbook)	Em desenvolvim ento
Saracolé	Maraka, Marka, Sarakole, Sarakolle, Sarakule, Sarakulle, Serahule Soninke	Mandê	0,33 %	5.000 falantes (LeClerc 2009)	Em desenvolvim ento
<i>Bassari</i>	Ayan, Basari, Biyar, Onëyan, Onian, Oniyan, Wo	Atlântico	0,03 %	510 falantes (2006 World Factbook)	Ameaçada
<i>Bayot</i>	Baiot, Bayote, Bayotte, Jola Bayote	Atlântico	0,14 %	2.190 falantes (2006 World Factbook)	Ameaçada
Nalu	Nalou	Atlântico	0,58 %	8.830 falantes (2006)	Ameaçada
<i>Badyara</i>	Badian, Badjara, Badyaranké, Bigola, Gola, Kanjad, Pajade, Pajadinca, Pajadinka	Atlântico	0,29 %	4.480 falantes (2006 World Factbook)	Moribunda
<i>Kasanga</i>	Cassanga, Haal, I-Hadja, Kassanga	Atlântico	0,04 %	690 (2006 World Factbook)	Quase extinta

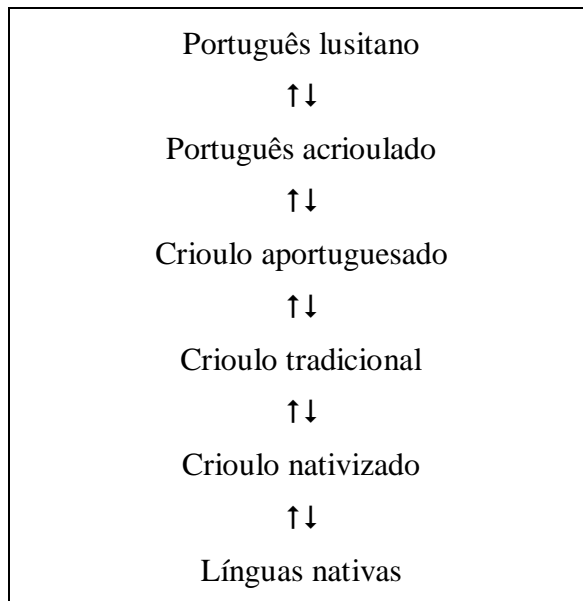
É importante ressaltar que, diante da quantidade de línguas existente no território guineense, é comum haver confusões entre o que seriam variedades ou dialetos de uma mesma língua ou línguas distintas entre si. A título de exemplo, Mane (2001)⁸³ defende a ideia de que Manjaco, Mancanha e Papel podem ser considerados três dialetos de uma mesma língua, devido ao fato de que sua fonologia é idêntica, excetuando-se algumas variedades alofônicas. A respeito dessas semelhanças linguísticas e desse limite tênue entre o que configura língua e dialeto, Intumbo (2007, p.6) afirma:

As línguas pertencentes aos grupos Oeste-Atlântico e Mande, em virtude de pertencerem à mesma família linguística, partilham entre si algumas semelhanças morfossintáticas e fonético-fonológicas. Por exemplo, enquanto o balanta, o papel, o manjaco e o mancanha (do grupo oeste-atlântico) marcam o plural no início da palavra, o fula (do grupo Mande) acrescenta o morfema de plural no final da palavra. Em balanta as oclusivas velares surda [k] e sonora [g] são alofones do mesmo fonema, mas nas outras línguas são fonemas distintos. No entanto, a proximidade morfossintática, fonológica e lexical entre o papel, manjaco e mancanha leva a supor que estas línguas têm uma relação quase dialectal entre si. [...] Trata-se de uma situação muito complexa. Landerset (1935) chega a apelidar a então Guiné Portuguesa de Babel Negra. Mas actualmente algumas destas línguas correm sérios riscos de extinção na Guiné [...].

Assim, paralelamente a essa realidade descrita, sabe-se que as línguas tidas como étnicas, as quais somam mais de 15, não estão codificadas (permanecendo orais) e consequentemente não correspondem a línguas de ensino. Paralelamente a essa tradição oral, que perpassa a história do país, ressalta-se que essas línguas, por conviverem em um pequeno território, mantêm um contato relativamente intenso. Desse modo, tendo em vista esse contato e os dois elementos resultantes do processo de colonização portuguesa – o crioulo e o português –, pode-se falar em uma espécie de *continuum*⁸⁴ (Cf. Couto e Embaló, 2010, p.30) que compreende desde variedades do português lusitano, passando por variedades de crioulo aportuguesado e crioulo tradicional, basilectal, até as línguas nativas, étnicas. Desse modo, apenas as extremidades do *continuum* são estranhas uma à outra, porém, como o conjunto faz parte de uma comunidade de fala na qual a interação entre falantes de diversas línguas sempre ocorre de alguma forma, devem-se reconhecer estágios intermediários entre as duas, dos quais três são variedades do crioulo (aportuguesado, tradicional, nativizado). Os extremos são, de um lado, o português, e do outro as línguas étnicas africanas, conforme pode ser visto no esquema a seguir (COUTO e EMBALÓ, 2010, p.31):

⁸³ Cf. Intumbo, 2007.

⁸⁴ Para uma melhor compreensão a respeito do que seria esse *continuum*, ver a seção 1.1.1 desse capítulo.

Quadro 2: O *continuum* do crioulo guineense

Diante desse cenário, é de se esperar encontrar uma gama de variação linguística referente ao crioulo falado na Guiné-Bissau, podendo ser ela diacrônica, diatópica ou diastrática. No que se refere à primeira – variação diacrônica –, sabe-se que, como esperado para qualquer língua, o crioulo de hoje difere bastante do crioulo falado nos séculos XVII e XVIII, por exemplo. A respeito dessa variação diacrônica do crioulo guineense, Bull (1989, p.78) coloca:

O crioulo falado hoje em dia é muito diferente do crioulo do século XVI. Poderíamos, é a nossa opinião, qualificar de antigo o primeiro crioulo; haveria dois outros crioulos menos antigos, e o crioulo moderno. [...] Embora não tenhamos elementos precisos que justifiquem ou expliquem a nossa repartição, situamos o crioulo antigo entre a sua formação, fins do século XV e o século XVIII. Era o crioulo falado nas vilas então existentes, onde viviam os lançados e os grumetes. [...] O crioulo menos antigo situar-se-ia entre o século XVIII e o início do século XX, incluindo o crioulo falado em Bolama [...]. Colocaremos a terceira fase do crioulo a partir de 1915-1920 – data do seu apogeu – até 1961; finalmente, o crioulo moderno surgiria com a luta pela independência da Guiné-Bissau. É o crioulo falado hoje, enriquecido de inúmeros vocábulos em todas as áreas: política, social, cultural, econômica, científica etc.

Assim, é fato a existência de variações no guineense ao longo dos séculos. No entanto, para uma observação mais cuidadosa dessas mudanças linguísticas, não se dispõe,

infelizmente, de textos escritos do crioulo; do período de sua formação, tem-se como registro apenas algumas poucas observações indiretas de cronistas da época⁸⁵.

No que tange à variação diatópica, há também considerações a serem feitas. Coelho (1880 p.36) já apontava a existência dessas variações, ao afirmar que “ce créole varie dans chaque lieu : Il y a des mots, des expressions, une accentuation et même quelquefois un ordre grammatical plus ou moins différents [...]”⁸⁶. Nesse contexto de variação diatópica, então, é importante ter em mente que:

As divergências entre os diferentes dialetos guineenses explicam-se não somente pela influência de línguas africanas diferentes mas também pela ausência de simultaneidade no processo de crioulição. Se se considerar a formação das praças como o elemento que desencadeia a crioulição, esta começa mais tarde em Bissau do que em Cacheu. Isto permite esclarecer um ponto: o surgimento de uma língua crioula não põe fim à situação de contactos linguísticos no interior do país. Ele complica-a, porque o crioulo aparece desde então como mais uma língua em contacto com as outras. (ROUGÉ, 1995, p.96-7)

Assim, de acordo com Couto e Embaló (2010, p.34), temos duas variantes do crioulo continental da Alta Guiné, faladas na Guiné-Bissau e na Casamansa. Wilson (1962), por sua vez, afirma que há três dialetos principais do crioulo no interior da Guiné, quais sejam: o de Bissau e Bolama, muito desenvolvido atualmente; o de Cachéu e São Domingos (e Ziguinchor [Casamansa]), falado principalmente ao longo da fronteira norte até a costa; e o de Bafatá e Geba, os quais são encontrados em regiões mais interioranas⁸⁷.

No caso do crioulo português da costa ocidental africana, as variantes que são primeiramente percebidas são a caboverdiana e a guineense. Alguns autores consideram-nas como sendo pertencentes à mesma língua, devido à grande semelhança e, até certo ponto, à intercompreensão que existe entre ambas⁸⁸.

Além da variação diacrônica e da diatópica, o crioulo guineense, como esperado, também varia diastraticamente. É possível encontrar, então, alternâncias na produção linguística de seus falantes decorrentes de diferenças socio-culturais ou econômicas, podendo

⁸⁵ Bull (1989, p.83) esclarece que nas relações e descrições dos viajantes e religiosos do século XVI até o início do século XX, aparecem palavras crioulas, principalmente no que se refere à fauna, à flora e algumas outras áreas e setores.

⁸⁶ Tradução do excerto sugerida pela autora: “Este crioulo varia em cada lugar: há palavras, expressões, uma acentuação e às vezes mesmo uma ordem gramatical mais ou menos diferente.”

⁸⁷ Scantamburlo (1981) também corrobora essa afirmação a respeito das variantes diatópicas do crioulo guineense.

⁸⁸ Para maiores esclarecimentos sobre a relação entre o crioulo guineense e o caboverdiano, ver seção 1.1.3.2 deste capítulo.

a variante estar mais próxima de um crioulo nativizado ou de um português acrioulado, em um *continuum* que vai desde as línguas nativas até a língua portuguesa, conforme o apresentado mais acima nessa seção⁸⁹. Nessa perspectiva, a variação diastrática no crioulo guineense pode estar relacionada, por exemplo, à origem étnica do falante, visto que, por influência de substrato, a variedade do crioulo falada pode estar mais próxima de um crioulo nativizado, o qual pode compreender diversas características, tendo em vista a quantidade de línguas nativas no país. Por outro lado, se o falante possuir uma vivência mais próxima com o português, poderá apresentar também uma variante do crioulo mais semelhante a um crioulo aportuguesado ou a um português acrioulado. Além disso, a interferência de outros elementos – como idade e sexo – na produção linguística do indivíduo também é esperada quando se trata de variação diastrática. Coelho (1880) também fez observações referentes à variação diastrática do crioulo guineense. Segundo o autor:

Cet idiome se modifie encore suivant les personnes qui le parlent : la position sociale, l'éducation, les habitudes, influent d'une manière aussi remarquable pour l'expression créole que pour les langues les plus parfaites. Il est facile à la personne la moins exercée, en entendant le créole, de dériver le rang ou l'éducation de celui qui le parle. On entendra même des personnes, quoique sans instruction, s'exprimer dans cet idiome avec une facilité et une grâce que l'on ne pourra s'empêcher d'admirer [...]⁹⁰.
(COELHO, 1880, p.36)

Sendo assim, é possível perceber a importância do crioulo guineense no tocante à sua sociedade. O crioulo é a língua de comunicação no seio da família, na área cultural, alguns livros já são publicados em crioulo e Bissau já exporta a sua música na língua. As autoridades guineenses utilizam-no como instrumento de trabalho e de comunicação nos Congressos, todos os serviços administrativos lançam mão do crioulo e, no campo social, é também essa língua que serve de meio de comunicação.

Diante desse quadro de incontestável riqueza linguística e cultural que permeia a Guiné-Bissau, é difícil prever o rumo que tal situação linguística seguirá. Para Scantamburlo (1981, p.15), a tendência é de o Crioulo se assemelhe cada vez mais ao português, opinião com a qual concordam Couto e Embaló (2010, p.58), ao afirmarem que todo crioulo que

⁸⁹ Pode-se dizer que um crioulo mais tradicional é também denominado *kriyol fundu*, ao passo que um crioulo mais aportuguesado seria o *kriyol lebi*. O primeiro – o *kriyol fundu* – não deve ser confundido com o *kriyol antigu*. (Cf. Kihm, 1994, p.8; Holm, 1989, p.272).

⁹⁰ Tradução livre sugerida pela autora: “Este idioma se modifica conforme a pessoa que o fala: a posição social, a educação, os hábitos influenciam de uma maneira notável tanto para a expressão crioula quanto para a expressão das línguas mais perfeitas. É fácil para uma pessoa das menos habituadas, escutando o crioulo, identificar a posição ou a educação daquele que fala. É possível ouvir mesmo pessoas sem instrução se exprimirem nesse idioma com uma facilidade e uma graça que não se pode deixar de admirar”.

coabita com a língua de superstrato tende a se aproximar dela, em um processo de descrioulização inerente. Como coloca Intumbo (2007, p.1), ainda nos tempos de hoje, o português continua exercendo uma forte influência sobre o crioulo, sendo por essa razão mais do que apenas seu superstrato. O crioulo falado hoje na capital guineense é compreensível, apesar das limitações, aos falantes de portugueses.

Sobre esse prognóstico da língua crioula, Kihm (1994, p.7) também faz uma observação pertinente, a qual converge com as ideias apresentadas pelos autores acima mencionados. Para ele, o crioulo guineense não está diretamente ameaçado, mas forma, juntamente com o português, um *continuum* linguístico, sobre o qual já nos referimos anteriormente. Variedades mais ou menos descrioulizadas existiam antes, porém estavam normalmente limitadas à classe dos indivíduos com maior grau de instrução. Agora, há grande probabilidade de que esse *continuum*, progressivamente, envolva cada vez mais falantes de diferentes estratos sociais.

É fato que, no contexto da Guiné-Bissau, adotar o português como língua, além de oficial, nacional, seria tecnicamente mais prático, pois facilitaria a resolução de problemas diplomáticos e de relações internacionais, por exemplo, entre outros. No entanto, como nos esclarece Scantamburlo (1981, p.15), de um ponto de vista literário e sobretudo cultural a língua crioula merece muito mais atenção. Ele continua:

O seu papel na sociedade da Guiné-Bissau, especialmente na construção da nova nação, tem sido proeminente. A luta pela liberdade foi o primeiro princípio pelo qual, nos diferentes grupos étnicos, se começou a desenvolver a percepção de que todos pertencem a um grupo maior, o total da Nação. A comunicação foi facilitada pelo uso do Crioulo, a língua comum a todos os membros do Partido. Actualmente, muitos podem comunicar com outras pessoas de outros grupos étnicos, através da língua Crioula, a qual contribui muito para o melhoramento de relações de amizade entre os guineenses.

Assim, é incontestável a importância do crioulo para a cultura e sociedade da Guiné-Bissau. Toda a sua história de luta, conquista e superação deve ser reconhecida, o que salienta ainda mais sua importância no contexto guineense. Como foi observado, a situação linguística da Guiné-Bissau, com suas 22 línguas coexistindo, é bastante rica e complexa. Paralelamente às línguas étnicas, realidade linguística primeira do país (e da África de um modo geral), tem-se o crioulo, língua afro-romance de base lexical portuguesa e língua de cultura e comunicação nacional, com um valor identitário significativo para a sociedade que o fala. Nesse contexto surge, ainda, o português, língua oficial e de ensino, que acompanha a criança durante toda a trajetória escolar. Para melhor compreender como se dá a relação entre o

crioulo, o português e o ensino da Guiné-Bissau, passemos para a próxima seção deste capítulo.

2.2.3 O crioulo e o ensino

A questão do ensino na Guiné-Bissau apresenta algumas complicações. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que é o português a língua oficial de ensino no país, e esta realidade se faz presente em todo o trajeto escolar, desde a alfabetização até o fim do 11º ano. Tentativas de introduzir o crioulo no sistema de ensino já foram verificadas há alguns anos, porém sem muito sucesso. Couto e Embaló (2010) expõem que, em 1989, 15 anos após a independência da Guiné-Bissau, foi anunciada a intenção de introduzir o crioulo nas escolas primárias, mais concretamente nos 2 ou 3 primeiros anos da escolaridade. Tal iniciativa, que suscita uma discussão que já existe desde 1973, com Amílcar Cabral, no entanto, não vingou.

Apesar do fracasso das intenções de adoção do crioulo como língua de alfabetização das crianças, essa questão é ainda atual e, inclusive, Intumbo (2007, p.1) afirma que, recentemente, encetaram-se novas tentativas de introduzir o crioulo como língua de ensino em projetos experimentais de ensino bilíngue. O fato é que é muito complicado alfabetizar crianças em uma *língua estrangeira*⁹¹, porém é o que continua sendo feito, desencadeando graves consequências para o ensino no país. A esse respeito, Couto e Embaló (2010, p.42) colocam:

Como a alfabetização e todo o ensino posterior se dá numa língua estrangeira, os resultados são calamitosos. Assim, somente um em cada 500 alunos transita da primeira à décima primeira classe sem nenhuma repetição. No nível elementar, apenas um em 400 chega ao sexto ano com sucesso. 41% dos alunos inscritos na primeira classe não são admitidos na segunda. Isso tudo, levando-se em consideração que apenas 40% das crianças guineenses se matriculam em alguma escola. Portanto, não é de admirar que “a taxa de analfabetismo é de 86%”, como reconheceu o próprio presidente da república em 1988, e a situação atual não é melhor.

Diante desse quadro lamentável, pode-se dizer que a língua de alfabetização tem um peso significativo no que concerne ao sucesso escolar, e vale ressaltar que, nos primeiros anos, os professores lecionam em crioulo para alfabetizar em Português, a fim de serem

⁹¹ O termo “língua estrangeira” utilizado nessa seção é baseado em Couto e Embaló (2010), os quais fazem uso do mesmo ao se referirem à língua portuguesa no contexto do ensino.

compreendidos. No entanto, não se pode esquecer que existem outras causas por trás do insucesso escolar constatado atualmente na Guiné-Bissau, causas estas que estão relacionadas a problemas de cunho econômico e estrutural: professores com baixo nível de formação, salários baixos, falta de programação e de meios para realização de reciclagens periódicas, entre outros. Inclusive, como bem coloca Embaló (2008, p.103), se compararmos a situação atual com o que ocorria na época colonial, observaremos que crianças dos meios rurais, que não possuíam o crioulo como língua materna, conseguiam cumprir seus estudos com êxito nas missões católicas ou nas escolas oficiais, às vezes conseguindo bolsas de estudo para formação superior no exterior. É fato que o objetivo do ensino na Guiné na época colonial – afastar das línguas africanas – era diferente do objetivo atual – possibilitar e facilitar as relações com o mundo exterior –, mas, ainda assim, não se pode fechar os olhos para a realidade que ora se apresenta no âmbito do ensino no país – e da seleção do idioma para tal⁹².

Nessa perspectiva, outro elemento que dificulta a promoção do crioulo como língua de ensino diz respeito à sua permanência como língua sem escrita regulamentada, apesar da existência de uma proposta de ortografia feita em 1987 pelo Ministério da Educação Guineense⁹³. Essa ausência de regulamentação na escrita acarreta várias consequências, como descreve Augel (2000, p.7), ao afirmar que é comum haver insegurança na maneira de grafar o crioulo, sendo natural a aparição de certo número de variações e incertezas. A autora continua:

O crioulo guineense não conhece, até o presente, nem uma ortografia fixada nem uma escrita normalizada. Apesar das dúvidas a respeito da codificação da escrita, existem já algumas obras publicadas em crioulo, entre elas sobretudo trabalhos envolvendo a tradição oral ou publicações de cunho religioso. Também brochuras com informações utilitárias, por exemplo sobre questões sanitárias e médicas, [...] [ou] folhetos de propaganda eleitoral que pretendem alcançar um público mais amplo. Parece-me que o crioulo é usado, por parte das instituições, sempre que existe um interesse maior em alcançar o povo e fazer-se ouvir. No mundo da política, por exemplo, popularizou-se desde a democratização do país até o pluripartidarismo. Igualmente as religiões não hesitam em cada vez mais lançar mão do guineense (como de outras línguas étnicas). A propaganda comercial, tanto nos jornais, no rádio, como na televisão, também já conheceu a eficácia desse meio de comunicação, enquanto as escolas mantêm, quase que de modo generalizado, o português como língua primeira de ensino. (AUGEL, 2000, p.7-8)

⁹² Cf. Couto e Embaló, 2010.

⁹³ Há também uma proposta ortográfica (não oficial) para o crioulo guineense apresentada por Luigi Scantamburlo, em 1999, em seu Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais, Vol. I, Edições Colibri, FASPEBI.

Diante disso, pode-se afirmar são os programas das escolas primárias os mais afetados pela ausência de um sistema oficial de escrita do crioulo. As crianças enfrentam uma dupla dificuldade nos primeiros anos de escolaridade: elas têm que aprender a escrever, porém devem fazê-lo numa língua estrangeira⁹⁴. Esta situação não é mais fácil para os adultos que querem aprender a ler e a escrever, no entanto, por eles serem menos flexíveis que as crianças, já houve tentativas de introduzir uma política de alfabetizá-los em crioulo, fula e balanta.

O fato, porém, é que, como já vimos, o problema do ensino na Guiné-Bissau não se resume ao aspecto linguístico e, além disso, há algumas questões técnicas que impedem o uso pleno da língua nacional e de outras línguas étnicas no âmbito escolar. No que diz respeito às línguas étnicas, não há classes homogêneas – devido à pluralidade de etnias – e, ainda que houvesse, seria complicado encontrar um professor qualificado na língua para ministrar aula do idioma. Além disso, há, ainda, o problema do material didático; ainda que houvesse professor qualificado, não existiria material didático em todas as línguas. Com relação ao crioulo, a situação já seria mais fácil, pois normalmente os professores já o têm como língua materna e há uma literatura escrita na língua, além de textos bíblicos produzidos pelos missionários. Há, ainda, a tal proposta de grafia, que também facilitaria o uso do crioulo como língua de ensino. No entanto, mesmo com todos esses elementos contando a favor da introdução da língua nacional como língua de ensino, ainda há carência de falta material didático, dicionários, livros, gramáticas em crioulo, e por isso o português continua a vigorar nesse cenário⁹⁵.

Assim, percebe-se que seria importante adotar o crioulo ao menos nos primeiros anos de alfabetização escolar, porém essa não seria a solução para todos os problemas do ensino no país. De qualquer forma, caso o crioulo fosse adotado, estudiosos recomendam que seria mais apropriado utilizar um crioulo mais tradicional, pois este é o mais próximo do dito “kriol fundu”, reconhecido pelos falantes como o verdadeiro crioulo. Além disso, Couto e Embaló (2010) expõem que o crioulo aportuguesado já traz muitas semelhanças com o português, o que tornaria sua descrição sobrecarregada. Entretanto, vale ressaltar que o crioulo aportuguesado também deveria ser considerado no universo escolar, pois é usado nos centros urbanos, na televisão, nos rádios, jornais, entre outros, fazendo parte do cotidiano dos guineenses.

⁹⁴ Cf. Scantamburlo, 1981, p.15.

⁹⁵ Cf. Couto e Embaló, 2010.

Como os intelectuais e políticos locais afirmam, a Guiné-Bissau é um país em formação e, podemos dizer, em desenvolvimento, o que também se estende à questão do ensino, com todas as suas idiossincrasias. Tal cenário também diz respeito à situação linguística do país, na qual o crioulo convive, numa situação de triglossia ou diglossia sobreposta, com o português e as línguas étnicas. Assim, todo esse panorama também traz implicações para o sentimento de identidade nacional do falante, sobre o qual versará a próxima seção do presente capítulo.

2.2.4 O crioulo e a identidade nacional⁹⁶

Pode-se dizer que a Guiné-Bissau foi um dos únicos países africanos no qual uma das línguas étnicas não se estabeleceu como língua franca ou dominante. Ao invés disso, como já é sabido, foi o crioulo guineense que se impôs, instaurando-se no país como língua nacional. O crioulo é falado no âmbito familiar, nos serviços públicos, nos escritórios, nos mercados, nas lojas, na rua, e, como afirma Bull (1989, p.118), “o certo é que, quando se expressa em crioulo, o Guineense sente mais a sua personalidade”.

No entanto, tal sentimento nem sempre foi partilhado por todos os guineenses. Sendo produto da miscigenação entre as línguas étnicas e a língua portuguesa, durante muito tempo o crioulo foi falado apenas nos centros urbanos, sem chegar até as zonas rurais. Isso porque, sendo fruto da colonização, permaneceu grande parte do tempo sendo falado apenas nas praças e nas regiões onde se estabeleciam os colonizadores, facilitando-lhes a comunicação. Seguindo essa reflexão, Couto e Embaló (2010, p.47) expõem:

Devido ao fato de a Guiné-Bissau ter sido apenas uma fonte de fornecimento de escravos e de algumas mercadorias para os exploradores portugueses até praticamente o século XIX, sua ocupação e colonização sempre foi muito precária. Só no século XX houve uma efetiva exploração da região da costa da Guiné, inclusive de regiões do interior. A consequência é que até hoje o forte nessa região são as línguas étnicas e o crioulo. Aquelas se restringiam às respectivas etnias, portanto, não possibilitavam uma comunicação em nível nacional. Por isso, durante as guerras de libertação (1963-1974) a língua que serviu de elo de ligação entre falantes das diversas línguas étnicas

⁹⁶ Entende-se por identidade nacional, numa perspectiva semelhante à que Embaló (2008, p.106) propõe para o termo “identidade cultural”, o conjunto de valores através dos quais se manifestam as relações entre indivíduos de um mesmo grupo (nesse caso, a nação) que partilham patrimônios comuns (cultura, costumes, entre outros). Não se trata de algo estático; ela vai evoluindo à medida que a sociedade se transforma cultural, social, econômico e/ou politicamente. Além disso, é devido a ela que um indivíduo se identifica com um dado grupo (com o qual a partilha).

foi o crioulo. O fato é que, nesse período, as diversas línguas nativas africanas só dividiam o país e o português era a língua do inimigo, não obstante a posição de Amílcar Cabral, favorável ao seu uso. Essa diversidade étnica fez com que a preocupação com a unidade nacional fosse uma constante.

Sendo assim, o surgimento do crioulo remonta ao início da colonização, porém o mesmo não ocorre com o seu processo de expansão no território nacional; o crioulo, até o século XX, não atingia todos os grupos da Guiné-Bissau. Ainda assim, o uso do idioma tornava-se cada vez mais intenso, o que levou o poder colonial a tomar medidas para estigmatizá-lo, situação que só viria a mudar com o movimento de independência nacional. A esse respeito, Embaló (2008, p.103) afirma:

A partir dos anos vinte do século XX [o crioulo] começou a ser estigmatizado e a sua utilização acabou por ser interdita pelas autoridades coloniais, o mesmo acontecendo com as línguas das comunidades etnolinguísticas. O *kriol* passa a ser visto como uma língua de “não-civilizado” e aquele que falasse o português era considerado “civilizado”. Esta situação prevaleceu nas zonas do território ocupadas pelos portugueses até a independência em 1974. Entretanto, nas regiões libertadas pelo PAIGC, desde o início da mobilização das populações para a luta armada, o *kriol* conheceu uma enorme expansão por todo o país. Foi durante a luta de libertação que ele adquiriu o estatuto de língua de unidade nacional.

Assim, a luta de libertação levou o crioulo a todos os lugares do país, sendo fundamental para a sua expansão e generalização. Ao servir de comunicação entre os vários grupos populacionais no movimento, tornou-se elemento congregante da diversidade étnica nacional⁹⁷. A existência de uma língua comum, diferente da do colonizador e símbolo de resistência cultural, contribuiu, paralelamente ao objetivo do movimento de independência, para a criação de uma unidade nacional. Como nos diz Lino Bacari *in* Scantamburlo (1981, p.5) “os cerca de trinta povos da Guiné começaram a sentir-se um só povo que, por exigência de luta unitária, escolheu uma língua, o ‘Criol’, a língua que nasceu com a colonização mas que se transformou em ‘Língua da Libertação’.”

Desse modo, o crioulo, mais do que uma língua, tornou-se elemento de unidade, de identidade nacional. Embaló (2008, p.105-6) afirma:

Com efeito, unidos pela mesma língua e partilhando um território e uma história comuns, historia essa forjada num combate secular de resistência em que a luta de libertação contribuiu grandemente para uma convergência de valores, povos com uma identidade cultural própria conseguiram engendrar uma identidade comum que se sobrepõe às de cada um dos grupos

⁹⁷ Cf. Embaló, 2008, p.105.

populacionais. E é esta identidade comum que faz a coesão da sociedade guineense, sobretudo nos momentos de crise, evitando que esta tome proporções maiores.

Nessa perspectiva, corroborando a assertiva de Bull (1989, p.118), na atualidade, um dos objetivos prioritários das autoridades guineenses deve ser o de promover cada vez mais as condições favoráveis para salvaguardar a identidade cultural do país, como sustentáculo da consciência e da dignidade nacionais, e como fator estimulador do desenvolvimento harmonioso da sociedade. É, pois, fundamental preservar e defender o patrimônio cultural crioulo, símbolo da identidade nacional guineense que já atinge grandes proporções na Guiné-Bissau.

3 O INVENTÁRIO FONÉTICO DO CRIOULO GUINEENSE

O crioulo da Guiné-Bissau apresenta uma fonologia, em parte, semelhante à da língua portuguesa, apesar de também apresentar características provenientes das línguas africanas de substrato. Sendo assim, as realizações fonéticas verificadas normalmente não destoam muito de suas formas subjacentes, o que evidencia uma interface fonético-fonológica relativamente simples. No entanto, é importante ressaltar que a fonologia do crioulo também apresenta algumas peculiaridades, as quais estão relacionadas ao fato de o mesmo ser uma língua de contato, concebida em meio a um ambiente plurilinguístico e para fins específicos.

No presente capítulo, de cunho expositivo, serão apresentados os fones consonantais e vocálicos do crioulo da Guiné-Bissau e a posição que os mesmos podem ocupar no âmbito da sílaba e da palavra⁹⁸. Não serão contempladas aqui discussões acerca do *status* fonológico dos sons da língua, mas apenas no capítulo 3.

3.1 O inventário fonético das consoantes

Quadro 3: O inventário fonético das consoantes

FONES CONSONANTAIS												
	Bilabial		Labiodental		Dental		Alveolar ⁹⁹		Palatal ¹⁰⁰		Velar	
	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ
Oclusiva	p	b					t	d			k	g
Nasal		m						n		ɲ		ŋ
Fricativa			f	v		ð	s	z	ʃ	ʒ		

⁹⁸ Quanto à posição dos segmentos relativa à tonicidade (sílabas tônica, pretônica ou postônica), ver capítulo 3.

⁹⁹ Os segmentos considerados “alveolares” também podem ser denominados “alveolodentais”, conforme sugere Mbodj (1979, p. 20).

¹⁰⁰ Ou “dorsopalatal”, conforme propõe Mbodj (1979, p. 23).

Africada					tʃ dʒ	
Lateral				l	ʎ	
Tepe				r		
Vibrante				r		
Aproximante	w			j		ɹ
Aproximante nasalizada	ẽ			ẽ		

3.1.1 Descrição dos fones consonantais e de seus ambientes de ocorrência

3.1.1.1 As oclusivas

[p] Segmento oclusivo bilabial surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(01) [papi¹a] “falar”

(02) [kũm¹pridu] ~ [kum¹pridu] “comprido(a), longo(a)”

(03) [lĩmpu] “limpo(a)”

(04) [pa¹didu] ~ [pa¹di] “nascer, nascido”

(05) [puj] “pôr, colocar”

(06) [kũmpɾe] “comprar”

[b] Segmento oclusivo bilabial sonoro. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(07) [l**baj**] “ir”

(08) [bi'as] “viagem”

(09) [l**baga**'baga] “cupim”

(10) [si'**bi**] “subir, saber”

(11) [o'**bi**] “ouvir”

(12) [kɔ**bə**] “cavar, buraco”

[t] Segmento oclusivo alveolar surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(13) [l'**tisi**] “trazer”

(14) [l'**tudu**] “tudo, todo(a)(s)”

(15) [l'**lante**] “levantar”

(16) [kɔn'**tênti**] “feliz, alegre, contente”

(17) [j'ent**rə**] ~ [i'ent**rə**] “entrar”

(18) [suku'**ta**] “escutar, prestar atenção”

[d] Segmento oclusivo alveolar sonoro. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(19) [ba'**dudə**] ~ [ba'**d³udə**] “moça”

(20) [ˈbĩndi] “vender”

(21) [ˈɔdʒa] “ver”

(22) [ˈdʊrmi] “dormir”

(23) [diˈnɛrʊ] “dinheiro”

(24) [ˈdanɐ] “estragar”

[k] Segmento oclusivo velar surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(25) [ˈkase] “casa”

(26) [kriˈɔɫ] “crioulo (guineense)”

(27) [ˈfikɐ] “ficar”

(28) [disˈkutu] “brigar, discutir”

(29) [ˈkansɐ] “cansar”

(30) [skirˈbi] ~ [skirˈvi] ~ [skriˈvi] “escrever”

[g] Segmento oclusivo velar sonoro. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(31) [giˈnɛ] “Guiné”

(32) [ˈtʃigɐ] “chegar”

(33) [ˈpɛgɐ] “pegar”

(34) [pɔrtuˈgis] “português”

(35) [sugu^lra] “pegar, segurar”

(36) [ga^lrandɪ] “grande, antigo, velho”

3.1.1.2 As nasais

[m] Segmento nasal bilabial. Ocupa a posição de ataque e coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início ou no meio da palavra. Em final de palavra, ocorre apenas em posição de ataque silábico.

(37) [m^õŋ] “braço, mão”

(38) [kũm^lpridɔ] “largo, grande, comprido”

(39) [ku^lmɛ] “comer”

(40) [a^lmi] “eu”

(41) [bur^lmeju] ~ [bur^lme^{d5}ɔ] “vermelho”

(42) [kampu] “campo”

[n] Segmento nasal alveolar. Ocupa a posição de ataque e coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início ou no meio da palavra. Em final de palavra, ocorre apenas em posição de ataque silábico.

(43) [mⁱninɔ] ~ [mi^lninɔ] “menino(a), garoto(a), criança”

(44) [bi^lãndɛ] ~ [bi^landɛ] “comida, alimento”

(45) [lantɛ] “levantar”

(46) [a^lnɔ] ~ [a^lnɔs] “nós”

(47) [ˈnãw̃] ou [ˈnaw] “não”

(48) [ˈnɔbɐ] “notícia”

[ɲ] Segmento nasal palatal. Ocupa a posição de ataque e coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(49) [ˈɲa] “minha”

(50) [ˈpaɲaˈrajbɐ] “enraivecêr, irritar-se”

(51) [ɲiˈɲi] “gargalhar”

(52) [kuˈsiɲɐ] “cozinhar”

(53) [ˈgɐɲɐ] “ganhar”

(54) [ˈmãŋu] “manga”

[ŋ] Segmento nasal velar. Ocupa a posição de ataque e coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra. A posição de ataque, no entanto, é ocupada por esse segmento mais raramente, ao contrário da posição de coda silábica.

(55) [ˈbĩŋ] “vir”

(56) [nĩŋˈgĩŋ] “ninguém”

(57) [ˈbrĩŋkɐ] “brincar”

(58) [ɲaˈtipɐ] “engatinhar”

(59) [piˈlõŋ] “pilão”

(60) [mãŋˈkarɐ] “amendoim”

3.1.1.3 As fricativas

[f] Segmento fricativo labiodental surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(61) [ˈfɛrtɐ] “deitar, colocar”

(62) [ˈfikɐ] “ficar”

(63) [ˈfrutɐ] “fruta”

(64) [ˈfirmɐ] “estar, ficar de pé”

(65) [iˈfɛrnɔ] ~ [inˈfɛrnɔ] ~ [nˈfɛrnɔ] “inferno”

(66) [ˈbafɐ] “abafar”

[v] Segmento fricativo labiodental sonoro. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(67) [ˈlivrɔ] “livro”

(68) [laˈvawˈkurpu] “banhar-se”

(69) [ˈvivi] “viver”¹⁰¹

(70) [ˈvɛw] “véu”

(71) [viˈzite] “visitar, visita”

(72) [universiˈdadɪ] “universidade”

¹⁰¹ Alterna com a forma [ˈbibi] “viver”.

[ð] Segmento fricativo dental sonoro¹⁰². Ocupa a posição de ataque silábico, sendo a sílaba corrente no final da palavra¹⁰³.

(73) [l'aðu] ~ [l'adu] “lado”

(74) [l'seðu] ~ [l'sedu] “ser”

[s] Segmento fricativo alveolar surdo. Ocupa a posição de ataque e coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(75) [l'kuse] “coisa”

(76) [l'sute] “bater”

(77) [bi'as] “viagem”

(78) [pis'ta] “emprestar”

(79) [mɔls'tra] “ferir”

[z] Segmento fricativo alveolar sonoro. Ocupa a posição de ataque podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra¹⁰⁴.

¹⁰² No *corpus* analisado, foram encontradas poucas ocorrências da fricativa dental sonora [ð]. Ressalta-se, ainda, que as fricativas oclusiva e velar sonoras, presentes no português europeu a nível fonético, não foram verificadas na variante do crioulo guineense aqui descrita (talvez pela limitação do próprio *corpus*).

¹⁰³ O fone [ð] também pode ser encontrado em sílabas produzidas no meio de palavras em uma sequência de fala. Não foram encontradas ocorrências da fricativa dental sonora [ð] em início de palavra.

¹⁰⁴ O segmento fricativo alveolar sonoro [z] também pode ser encontrado em posição de coda silábica como resultado do processo fonológico de sonorização da fricativa alveolar surda [s] que antecede um segmento vozeado (normamente vogais), podendo alternar com o [z] (portanto, nesse contexto, a fricativa alveolar sonora [z] não é fonológica). Tal processo não é categórico, visto que muitas vezes não ocorre a sonorização do [s], mas foram observadas diversas ocorrências em que o mesmo se fez presente, principalmente entre fronteiras de palavras em uma sequência de fala corrida. Alguns exemplos são: [l'duzmⁱninuzⁱgɪrɔ] “dois meninos inteligentes”; [eraⁱpazikaⁱerabapurⁱsɔr] “este rapaz não era professor”. É interessante observar que neste primeiro exemplo o [z] de [mⁱninuz] diz respeito à sonorização do [s] que, morfologicamente, corresponde a um morfema de plural. No crioulo, porém, esses morfemas flexionais não são comuns, inclusive devido ao fato de ser uma língua isolante, o que nos demonstra uma influência do português nessa realização. Assim, a

- (80) [i'zami] “exame”
- (81) [l'zãŋgɐ] “zangar-se, zanga”
- (82) [zaŋ'gadu] “zangado, chateado”
- (83) [l'zɛru] “zero”

[ʃ] Segmento fricativo palatal surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra¹⁰⁵.

- (84) [ʃati'a] “chatear-se”
- (85) [ʃa'tjadu] ~ [ʃati'adu] “chatiado”
- (86) [l'diʃɐ] “deixar”
- (87) [l'ʃkɔlɐ] ~ [l'skɔlɐ] “escola”
- (88) [l'ʃta] ~ [l'sta] “estar”

[ʒ] Segmento fricativo palatal sonoro. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ser produzida no início, no meio ou no final da palavra¹⁰⁶.

sonorização da fricativa alveolar surda [s] já diz respeito a um segundo processo, o qual ocorre após a inserção do morfema de plural {-s}, o qual, nesse contexto, vem a ser realizado como [z], correlato sonoro do [s], devido ao fato de anteceder um segmento vozeado (nesse caso, o [g]). Nas outras situações apresentadas, o [z] (em [l'duz] no primeiro exemplo e em [ra'paz] no segundo) são resultado apenas do processo de sonorização do [s] devido à assimilação da sonoridade do segmento subsequente.

¹⁰⁵ O segmento fricativo palatal surdo [ʃ] pode ocorrer em posição de coda silábica como resultado do processo fonológico de palatalização da fricativa alveolar surda [s] que antecede um segmento surdo. Tal processo não ocorre categoricamente, visto que muitas vezes não ocorre palatalização do [s], mas foram observadas diversas ocorrências em que o mesmo se fez presente, principalmente entre fronteiras de palavras em uma sequência de fala corrida. Alguns exemplos são: [l'fɛʃtɐ] ~ [l'fɛstɐ] “festa” e [l'fuʃka'fuʃkɐ] ~ [l'fуска'fuskɐ] “está anoitecendo”.

¹⁰⁶ O segmento fricativo palatal sonoro [ʒ] pode ocorrer (em alternância com o [z]) em posição de coda silábica como resultado do processo fonológico de palatalização e sonorização da fricativa alveolar surda [s] que antecede um segmento vozeado. Assim como o observado com o segmento [ʃ], tal processo não ocorre categoricamente, visto que muitas vezes não ocorre palatalização e sonorização do [s], mas foram observadas diversas ocorrências em que o mesmo se fez presente, principalmente entre fronteiras de palavras em uma sequência de fala corrida. Um exemplo seria [nũn'dɛkubu'puja'ruʒ'nɛʃ] ~ [nũn'dɛkubu'puja'ruz'nɛʃ] ~ [nũn'dɛkubu'puja'rus'nɛʃ] “onde você pôs o arroz?”.

(89) [ĩʒɛ'sõŋ] ~ [ĩ^dʒɛ'sõŋ] “injeção”

(90) [gor'ʒetɐ] “gorjeta”¹⁰⁷

(91) [ʒɔvẽjŋ] “jovem”¹⁰⁸

3.1.1.4 As africadas

[tʃ] Segmento africado palatal surdo. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(92) [tʃigɐ] “chegar”

(93) [tʃõŋ] “chão”

(94) [tʃɔɾɐ] “chorar”

(95) [ka'tʃur^u] ~ [ka'tʃur] “cão, cachorro”

(96) [pĩntʃɐ] “empurrar”

(97) [fɛrtʃɐ] “jogar, lançar”

[dʒ] Segmento africado palatal sonoro. Ocupa a posição de ataque, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(98) [dʒilɐ] “ambulante”

(99) [dʒũmbaj] “conversa (de jovens)”

(100) [lũndʒu] “longe”

¹⁰⁷ O informante esclareceu que essa ocorrência se trata de um empréstimo linguístico do português.

¹⁰⁸ O informante esclareceu que essa forma seria já muito moderna e muito próxima do português.

- (101) [ˈdʒũndɐ] “puxar”
- (102) [dʒũŋˈdʒũʃ] “jejum”
- (103) [iˈdʒɛˈsõŋ] ~ [iʒɛˈsõŋ] “injeção”

3.1.1.5 As laterais

[l] Segmento lateral alveolar. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

- (104) [ˈlɛj] “ler”
- (105) [ˈlĩmpɐ] “limpar”
- (106) [liˈmarʒa] ~ [liˈmaria] “animal”
- (107) [amaˈrɛlu] “amarelo”
- (108) [ˈlarmɐ] “lágrima”
- (109) [mɔˈlɔsˈtra] “ferir”

[ʎ] Segmento lateral palatal. Ocupa a posição de ataque silábico, podendo a sílaba ocorrer no meio ou no final da palavra. Foram encontrados apenas alguns casos pontuais de produção desse fone, os quais coexistem em situação de alofonia com [dʎ] ou [dʒ].

- (110) [ˈfiʎu] ~ [ˈfidʎu] ~ [ˈfidʃu] ~ [ˈfidju] “filho”
- (111) [ˈmɔʎɐ] ~ [ˈmɔdʎɐ] ~ [ˈmɔdʃɐ] “molhar”
- (112) [faˈmiʎɐ] ~ [faˈmidʎɐ] “família”

3.1.1.6 Os róticos

[r] Tepe. Pode ocupar a posição de ataque¹⁰⁹ ou coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(113) [ˈmar] “mar”

(114) [raˈpas] “rapaz”

(115) [ˈfrako] “fraco”

(116) [ˈverdi] “verde”

(117) [ˈlivro] “livro”

(118) [ˈkarɐ] “rosto, cara”

[r] Segmento vibrante alveolar. Pode ocupar a posição de ataque ou coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(119) [ˈkartɐ] “carta”

(120) [ˈkarɔ] “carro, caro”

(121) [ˈrua] “rua”

(122) [skɪrˈbi] ~ [skɪrˈvi] ~ [skrɪˈvi] “escrever”

(123) [ˈrostu] “rosto, cara”

(124) [ˈri] “rir”¹¹⁰

¹⁰⁹ Em caso de ataque ramificado, normalmente é o [r] (e não a vibrante [r]) que aparece como segundo segmento.

¹¹⁰ A forma [ˈri] “rir” aparece em variação lexical com a forma [ˈɲiɲi] “rir, gargalhar”.

3.1.1.7 As aproximantes orais

[w] Segmento aproximante labiovelar sonoro oral. Pode aparecer antes ou após a vogal, formando com esta um núcleo ramificado. A sílaba na qual ocorre pode ser encontrada no início ou no final da palavra.

(125) [bi^hsaw] “Bissau”

(126) [t^hfiw] “muito”

(127) [kwatru] “quatro”

(128) [maw] “mau”

(129) [gwardɐ] “guarda”

[j] Segmento aproximante palatal sonoro oral. Pode aparecer antes ou após a vogal, formando com esta um núcleo ramificado. A sílaba na qual ocorre pode ser encontrada no início ou no final da palavra.

(130) [jagu] ~ [i^hagu] “água”

(131) [jandɐ] ~ [i^handɐ] “andar”

(132) [ɔdja] ~ [ɔd^hja] ~ [ɔdia] “ver”

(133) [baj] “ir”

(134) [lej] “ler”

(135) [kaj] “cair”

[ɫ] Segmento aproximante lateral alveolar velarizado. Ocupa a posição de coda silábica, podendo a sílaba ocorrer no início, no meio ou no final da palavra.

(136) [ˈɛɫ] “ele(a)”

(137) [ˈmaɫ] “mal, muito”

(138) [kriˈɔɫ] “crioulo (guineense)”

(139) [kobaˈmaɫ] ~ [kɔbaˈmaɫ] “palavrão”

(140) [ˈsɔɫˈmãːsi] “amanhecer”

(141) [ˈkuɫpɐ] “culpa”

3.1.1.8 As aproximantes nasais

[w̃] Segmento aproximante labiovelar nasalizado. Pode aparecer antes ou após a vogal, formando com esta um núcleo ramificado. A sílaba na qual ocorre pode ser encontrada no início, no meio ou no final da palavra.

(142) [ˈkɔ̃w̃ãntɔ] ~ [ˈkãntɔ] “quanto”

[j̃] Segmento aproximante palatal nasalizado. Pode aparecer antes ou após a vogal, formando com esta um núcleo ramificado. A sílaba pode ocorrer no início, no meio ou no final da palavra. É importante ressaltar que foram encontrados poucos casos de produção desse fone, os quais normalmente correspondem a empréstimos do português.

(143) [bagaˈzɛ̃j̃ɲ] “bagagem” (forma alternante: [ˈkargɔ])

(144) [armaˈzɛ̃j̃ɲ] “armazém” (formas alternantes: [ˈlɔʒa] ; [ˈfɛrɐ])

(145) [aɫˈgɛ̃j̃ɲ] ~ [aɫˈgĩɲ] “alguém”

3.2 O inventário fonético das vogais

3.2.1 O inventário fonético das vogais orais

Quadro 4: O inventário fonético das vogais orais

FONES VOCÁLICOS ORAIS				
		ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
		Não-arredondado		Arredondado
Alto	Fechado	i	ɨ	u
	Aberto	ɪ		ʊ
Médio alto (ou médio fechado)		e		o
Médio baixo (ou médio aberto)		ɛ		ɔ
Baixo	Quase aberto		ə	
	Aberto		a	

3.2.1.1 Descrição dos fones vocálicos orais e de seus ambientes de ocorrência

3.2.1.1.1 As vogais altas

[i] Segmento vocálico anterior alto fechado não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(146) [tʃi̯gɐ] “chegar”

(147) [dite] “deitar”

(148) [a'mi] “eu”

(149) [ribe] “voltar”

(150) [si'bi] “subir, saber”

(151) [mⁱninʊ] ~ [mi'ninʊ] “menino(a), garoto(a), criança”

[i̯] Segmento vocálico central alto não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no meio ou no final da palavra¹¹¹.

(152) [skirⁱbi] ~ [skirⁱvi] ~ [skriⁱvi] “escrever”

(153) [nũn'dekiⁱnɔ'baj] “onde nós vamos?”¹¹²

[u] Segmento vocálico posterior alto arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(154) [muri] “morrer”

(155) [kuri] “correr”

(156) [ka'tʃur^u] ~ [ka'tʃur] “cão, cachorro”

(157) [puj] “pôr, colocar”

¹¹¹ Aqui, optou-se por colocar um exemplo que contempla o âmbito frasal porque o fone [i̯] é pouco frequente no corpus analisado, sendo poucos os casos em que o mesmo ocorre em palavra isolada de um contexto de produção.

¹¹² Kihm (1994, p.14-5) afirma que, no pronome relativo *ku*, a vogal pode ser reduzida para um tipo de schwa, ou até deletada, parecendo esse processo ser específico deste item lexical. No corpus observado, no entanto, observou-se a realização da vogal alta central [i̯], como evidenciado acima.

(158) [ˈdus] “dois”

(159) [kɛˈbur] ~ [keˈbur] “colheita”

[ɪ] Segmento vocálico anterior alto aberto não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba não acentuada localizada no final da palavra.

(160) [aˈõntɪ] “ontem”

(161) [ˈbĩndɪ] “vender”

(162) [ˈtɪsɪ] “trazer”

(163) [ˈpatɪ] “oferecer”

(164) [ˈmurɪ] “morder”

(165) [ˈbibɪ] “beber”

[ʊ] Segmento vocálico posterior alto aberto arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba não acentuada localizada no final da palavra.

(166) [ˈsusʊ] “sujo”

(167) [ˈtudʊ] “tudo, todos”

(168) [suˈkurʊ] “escuro”

(169) [ˈbaŋkʊ] “banco, cadeira”

(170) [ˈsujʊ] “sonho”

(171) [ˈbitʃʊ] “bicho, inseto”

3.2.1.1.2 As vogais médias

[e] Segmento vocálico anterior médio-alto não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(172) [ˈfɛtʃɐ] “fechar”

(173) [kaˈbɛlu] “cabelo”

(174) [kaˈbɛsɐ] “cabeça”

(175) [ˈɛlɪs] “eles(as)”

(176) [ˈsɛðu] ~ [ˈsɛdu] “ser”

(177) [oˈrɛdjɐ] “ouvido, orelha”

[o] Segmento vocálico posterior médio-alto arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(178) [ˈkɔntɐ] “informar, contar, falar”

(179) [oˈbi] ~ [ɔˈbi] “escutar, falar”

(180) [ˈlɔguˈlɔgu] “em breve”

(181) [ˈtʃɔmɐ] “chamar”

(182) [ˈboɑ] “voar”

(183) [ˈrɔstu] “rosto”¹¹³

¹¹³ Nesse vocábulo, os informantes afirmaram que a forma [ˈrɔstu] coexiste com a forma [ˈkarɐ], sendo a primeira mais utilizada do que a segunda.

[ɛ] Segmento vocálico anterior médio-baixo não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(184) [ˈfɛrtʃɐ] “jogar, lançar”

(185) [ˈɛɫ] “ele(a)”

(186) [ˈpɛgɐ] “pegar”

(187) [kɔmˈbɛrsɐ] “conversa, conversar”

(188) [baˈgɛrɐ] “abelha”

(189) [kuˈmɛ] “comer”

[ɔ] Segmento vocálico posterior médio-baixo arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(190) [ˈʃkɔlɐ] “escola”

(191) [ˈfɔs] “fósforo”

(192) [ˈmɔrɐ] “morar, habitar”

(193) [nɔmɔˈra] “namorar”

(194) [ˈtʃɔrɐ] “chorar”

(195) [aˈnɔs] “nós”

3.2.1.1.3 As vogais baixas

[a] Segmento vocálico central baixo não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(196) [ˈgaj̯ɐ] “ganhar”

(197) [ˈbɑdʲɐ] “dançar”

(198) [sukuˈtɑ] “escutar”

(199) [mˈbarkɐ] “embarcar”

(200) [ˈkɑmɐ] “cama”

(201) [liˈmarja] ~ [liˈmaria] “animal”

[ɐ] Segmento vocálico central quase aberto não-arredondado. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba não acentuada localizada no final da palavra.

(202) [ˈgaj̯ɐ] “ganhar”

(203) [ˈnɛgɐ] “negar”

(204) [ˈfumɐ] “fumar”

(205) [ˈalmɐ] “alma”

(206) [ˈpãntɐ] “espantar(-se)”

(207) [gaˈlij̯ɐ] “galinha”

3.2.2 O inventário fonético das vogais nasais

Quadro 5: O inventário fonético das vogais nasais

FONES VOCÁLICOS NASAIS			
	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não-arredondado		Arredondado
Alto	ĩ		ũ
Médio alto (ou médio fechado)	ẽ		õ
Baixo		ã	

3.2.2.1 Descrição dos fones vocálicos nasais e de seus ambientes de ocorrência

3.2.2.1.1 As vogais altas

[ĩ] Segmento vocálico anterior alto fechado não-arredondado nasal. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início ou no final da palavra¹¹⁴.

(208) [ˈbĩŋ] “vir”

(209) [ˈkĩŋ] “quem”

(210) [nĩŋˈgĩŋ] “ninguém”

(211) [ˈbrĩŋkɐ] “brincar”

(212) [ˈpĩntʃɐ] “empurrar”

(213) [ˈĩndɐ] “ainda”

¹¹⁴ Não foram encontradas ocorrências do [ĩ] em sílaba localizada no meio da palavra.

[ũ] Segmento vocálico posterior alto arredondado nasal. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início ou no final da palavra¹¹⁵.

(214) [ˈũŋ] “um(a)”

(215) [dʒũŋˈdʒũʙ] “jejum”

(216) [ˈpũntɐ] “perguntar”

(217) [kũˈsi] “conhecer”

(218) [kũmˈpridu] “comprido, grande, alto”

(219) [ˈkũmpɾɐ] “comprar”

3.2.2.1.2 As vogais médias

[ẽ] Segmento vocálico anterior médio-alto não-arredondado nasal. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

(220) [ˈpẽnsɐ] “pensar, achar”

(221) [kõnˈtẽntɪ] “feliz, alegre, contente”

(222) [ˈbẽntu] ~ [ˈvẽntu] “vento”

[õ] Segmento vocálico posterior médio-alto arredondado nasal. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.¹¹⁶

¹¹⁵ Não foram encontradas ocorrências do [ũ] em sílaba localizada no meio da palavra.

¹¹⁶ Kihm (1994) parece assumir a existência de um fonema nasal /õ/ herdado do português. Aqui, no entanto, o mesmo é considerado apenas no âmbito fonético, de modo que sua nasalidade é compreendida como resultado de um processo de assimilação do traço nasal da consoante que ocorre em posição de coda. De acordo com o autor: “as vogais nasais foram as mais afetadas pela criouliização. O crioulo ignorou totalmente os ditongos nasais que

- (223) [põŋ] “pão”
- (224) [mõŋ] “mão, braço”
- (225) [fi'sõŋ] ~ [fi'zõŋ] “feijão”
- (226) [kõntɾɐ] “encontrar”
- (227) [er'mõŋ] ~ [jer'mõŋ] ~ [ier'mõŋ] “irmão”
- (228) [a'õntɪ] “ontem”

3.2.2.1.3 A vogal baixa

[ã] Segmento vocálico central baixo não-arredondado nasal. É realizado em núcleo silábico e ocorre em sílaba localizada no início, no meio ou no final da palavra.

- (229) [ma'sãŋ] “maçã”
- (230) [mãŋ'karɐ] “amendoim”
- (231) [kãntɐ] ~ [kante] “cantar”
- (232) [mãŋu] “manga”
- (233) [pãntɐ] “espantar”
- (234) [ga'rãndɪ] ~ [ga'randɪ] “grande”

começaram a aparecer apenas no século XVI como resultado do /ão/ do complexo sistema Galego-Português. Através de alguns processos, o crioulo herdou apenas /õ/ (por exemplo: *mon* “mão” < 16thcP; *pon* “pão”, *lyon* “leão”). (KIHM, 1994, p.17).

4 O INVENTÁRIO FONOLÓGICO DO CRIOULO GUINEENSE

O inventário fonológico do crioulo da Guiné-Bissau¹¹⁷ é constituído por 25 segmentos, sendo 18 consoantes e 7 vogais. Na sequência, serão apresentados os quadros com os segmentos fonológicos consonantais e vocálicos da língua, uma breve discussão sobre os mesmos, alguns pares mínimos e análogos a fim de ilustrar a oposição entre aqueles e demonstrar que eles correspondem, de fato, a unidades distintivas de significado, as alofonias, os ditongos e alguns processos fonológicos. Nos contrastes, serão contempladas as formas fonética e fonológica das palavras.

4.1 O inventário fonológico das consoantes

As consoantes fonológicas observadas no *corpus* analisado são próximas das descritas por Mbodj (1979, p.46), Scantamburlo (1981, p.29-30) e Couto (1994, p.69) e aparecem distribuídas no quadro a seguir:

Quadro 6: O inventário fonológico das consoantes

	Bilabial		Labiodental		Alveolar		Palatal		Velar	
	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ	- VOZ	+ VOZ
Oclusiva	p	b			t	d			k	g
Nasal		m				n		ɲ		ŋ
Fricativa			f	v	s	z				
Africada							tʃ	dʒ		
Lateral						l				

¹¹⁷ A variedade do crioulo guineense descrita neste trabalho.

Vibrante ¹¹⁸			r		
-------------------------	--	--	---	--	--

A fim de proceder a uma análise e discussão mais acurada acerca dos fonemas consonantais do crioulo da Guiné-Bissau, observemos abaixo o quadro 7, que diz respeito à comparação desses fonemas listados por autores em descrições anteriores da língua:

Quadro 7: Os fonemas consonantais e as descrições anteriores do crioulo guineense

QUADRO COMPARATIVO DOS FONEMAS CONSONANTAIS LISTADOS POR AUTORES EM DESCRIÇÕES ANTERIORES DO CRIOULO GUINEENSE							
AUTORES CONSOANTES	Wilson (1962) ¹¹⁹	Mbodj (1979)	Scantamburlo (1981)	Rougé (1988)	Kihm (1994) ¹²⁰	Couto ¹²¹ (1994)	Scantamburlo (1999)
OCLUSIVAS	/p/	/p/	/p/	/p/	/p/	/p/	/p/
	/t/	/t/	/t/	/t/	/t/	/t/	/t/
	/k/	/k/	/k/	/k/	/k/	/k/	/k/
	/b/	/b/	/b/	/b/	/b/	/b/	/b/
	/d/	/d/	/d/	/d/	/d/	/d/	/d/
	/g/	/g/	/g/	/g/	/g/	/g/	/g/
NASAIS	/m/	/m/	/m/	/m/	/m/	/m/	/m/
	/n/	/n/	/n/	/n/	/n/	/n/	/n/
	/ɲ/ ¹²²	/ɲ/	/ɲ/	/ɲ/	/ny/ ¹²³	/ɲ/	/ɲ/

¹¹⁸ O termo “vibrante” usado para designar o /r/ do crioulo guineense foi empregado tendo em vista a análise realizada e o consenso existente na literatura a respeito dessa nomenclatura. No entanto, como será visto ainda nessa seção, as características articulatórias da vibrante do crioulo diferem um pouco daquelas do português.

¹¹⁹ Cf. Couto (1994).

¹²⁰ Aqui, foram destacados em negrito os segmentos que, segundo Kihm (1994, p.15), ocorrem apenas em palavras originadas do português que entraram recentemente no crioulo como “empréstimos” ou em palavras crioulizadas que de alguma forma retomaram seu étimo português. Um exemplo seria a palavra “cerveja”, a qual costumava ser produzida como **serbeja** (como estabelece Wilson (1962)) e, atualmente, observa-se a forma **serveza**, muito mais próxima do português “cerveja”. Similarmente, **disa** “deixar” é cada vez mais produzido como **diša**, seguindo a tendência do português “deixar”.

¹²¹ Couto (1994, p.72) afirma que /z, v, ʃ, ʒ, ʎ/ também podem ser fonemas do crioulo, porém apenas no que diz respeito a variantes mais próximas do português, e não ao crioulo tradicional.

¹²² Neste trabalho, adotou-se o símbolo /ɲ/ para este fonema.

	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/	/ŋ/
FRICATIVAS	/f/	/f/	/f/	/f/	/f/	/f/	/f/
	–	–	/v/	–	/v/	–	/v/
	/s/	/s/	/s/	/s/	/s/	/s/	/s/
	–	–	/z/	–	/z/	–	/z/
	–	–	/h/	–	–	–	–
	–	–	/š/ ¹²⁴	–	/š/	–	/š/
	–	–	/ž/ ¹²⁵	–	/ž/	–	/ž/
AFRICADAS	/tʃ/ ¹²⁶	/tʃ/	/tʃ/ ¹²⁷	/tʃ/	/tʃ/	/tʃ/	/tʃ/
	/dʒ/ ¹²⁸	/dʒ/	/dʒ/ ¹²⁹	/dʒ/	/dʒ/	/dʒ/	/dʒ/
LÍQUIDAS	/l/	/l/	/l/	/l/	/l/	/l/	/l/
	–	–	/ʎ/ ¹³⁰	–	/ʎ/¹³⁰	–	/ʎ/
	/r/	/r/	/r/	/r/	/r/	/r/	/r/
APROXIM. ORAIS ¹³¹	/w/	–	/w/	/w/	/w/	/w/ ¹³²	/w/
	/y/	–	/y/	/y/	/y/	/y/ ¹³³	/y/

¹²³ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /ɲ/ para este fonema.

¹²⁴ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /ʃ/ para este fonema.

¹²⁵ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /ʒ/ para este fonema.

¹²⁶ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /tʃ/ para este fonema.

¹²⁷ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /tʃ/ para este fonema.

¹²⁸ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /dʒ/ para este fonema.

¹²⁹ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /dʒ/ para este fonema.

¹³⁰ Neste trabalho, adotou-se o símbolo /ʎ/ para este som.

¹³¹ As aproximantes orais /w/ e /y/ são consideradas como consoantes por Wilson (1962) e como segmentos intermediários entre as vogais e as consoantes por Rougé (1988). Scantamburlo (1981; 1999) considera-as vogais, ao passo que Couto (1994) as tem como alofones das vogais altas quando em posição pós-vocálica e como consoantes em posição pré-vocálica. Aqui, optou-se por considerá-las consoantes, o que possibilita uma melhor sistematização da comparação entre os segmentos realizada no quadro 7.

¹³² Em posição prévocálica.

¹³³ Em posição prévocálica.

Como pode ser observado, no tocante às oclusivas não há disparidade nas interpretações, o que também corrobora a análise aqui apresentada. De maneira semelhante, as nasais também não contemplam divergências interpretativas, sendo, por todos os autores observados, consideradas as mesmas quatro consoantes: /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/. Quanto às africadas, o contexto mantém-se semelhante: os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ foram verificados por todos. No entanto, a situação mostra-se diferente quando observamos as fricativas, as líquidas e, em menor escala, as aproximantes orais.

Quanto às fricativas, verifica-se que os fonemas /f/ e /s/ são os únicos contemplados por todos os autores analisados. Os segmentos /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ são listados por Scantamburlo (1981; 1999) e Kihm (1994), sendo que neste último os mesmos aparecem em destaque devido ao fato de terem sido considerados pelo autor como concernentes a empréstimos linguísticos do português ou a palavras crioulizadas que acabaram por retomar seu étimo português. O fato, porém, é que, ainda que haja essa ressalva, Kihm (1994) considera tais segmentos como potenciais fonemas da língua imersos nesse contexto de contato e variação linguística. Dentre as fricativas, o fonema /h/ é o único que é mencionado apenas uma vez, na descrição do crioulo guineense feita por Scantamburlo (1981). É interessante ressaltar que, na descrição da língua realizada pelo mesmo autor em anos posteriores, não se faz menção alguma a esse segmento¹³⁴. Ao que parece, esse /h/ deveria corresponder ao /ɲ/, visto que, nos exemplos expostos para a sua representação, figuram **luha** “lua” e **luhada** “luar”, produzidos com a nasal velar [ɲ] nas outras descrições observadas e, eventualmente, no *corpus* analisado¹³⁵.

No que concerne às consoantes líquidas, observa-se que a lateral alveolar /l/ é contemplada por todos, tal qual a vibrante /r/. Vale a pena salientar, a respeito dessa última, que, apesar da representação como vibrante /r/, alguns autores fazem considerações a respeito de sua natureza. De acordo com Mbodj (1979, p.30), “le phonème /r/ se réalise soit comme une vibrante apico-dentale dévibrée, soit comme une vibrante apico-dentale à un ou plusieurs battements”¹³⁶. Scantamburlo (1981, p.24), ao falar a respeito do /r/, afirma que o mesmo corresponde a uma “líquida alveolar branda sem o correspondente fenômeno de vibração do

¹³⁴ Cf. Scantamburlo, 1999.

¹³⁵ Segundo Scantamburlo (1981, p.22), o /h/ é uma fricativa gutural surda cujo resultado é uma nasal velar entre as duas vogais e a velarização da vogal seguinte.

¹³⁶ Tradução livre sugerida pela autora: “O fonema /r/ realiza-se seja como uma vibrante apicodental sem vibração, seja como uma vibrante apicodental com um ou vários batimentos (vibrações).”.

Português”¹³⁷. Outro autor que também faz considerações a respeito da vibrante /r/ é Couto (1994, p.68), o qual afirma que, relativamente ao português seiscentista, “as vibrantes alveolares simples /r/ e múltipla /r̄/ convergiram para um som que vibra mais que a primeira e menos que a segunda.”¹³⁸. É interessante observar também que, Lang (*no prelo*, p.108), ao discorrer sobre a fonologia do caboverdiano, língua pertencente à mesma família do crioulo guineense, relata a respeito do /r/ que:

O fonema líquido interrupto /r/ do crioulo de Santiago é uma vibrante ápico-alveolar. Em termos fonológicos, a vibração da ponta da língua contra os alvéolos superiores é o único traço que o distingue do fonema líquido contínuo /l/. O número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques.

Assim, observa-se que, apesar de se manter a representação de um fonema vibrante /r/, a vibração resultante da realização fonética desse segmento pode ser mais branda ou mais forte, não correspondendo exatamente à vibrante /r/ do português. Paralelamente a isso, é interessante observar que, como afirma Parkvall (2012, p.74), a distinção íbero-românica entre um flepe e uma vibrante não é adotada em nenhum crioulo basileto, sendo conservada apenas nos dialetos do crioulo português Barlavento de Cabo Verde, os quais são mesoletais.

Além disso, há alguns crioulos portugueses que desconhecem a oposição /r : r/ e substituem os /r/ e /r/ etimológicos por meio de /l/ (ou Ø), como é o caso dos basiletos de São Tomé e Annobón. Há, também, vários dialetos do crioulo português caboverdiano que apresentam uma intercambialidade ocasional dos fonemas /l/ e /r ~ r/, tendo ambos caráter fonêmico¹³⁹.

No tocante aos potenciais substratos da África Ocidental, a maioria das línguas da Alta Guiné possui uma distinção fonêmica entre /l/ e um som que, como expõe Parkvall (2012, p.80), pode ser considerado uma aproximação aceitável das realizações europeias do /r/. Para melhor visualizar essa relação entre /l/ e /r/ nas línguas da África Ocidental, observemos o quadro abaixo, adaptado de Parkvall (2012, p.80-1)¹⁴⁰:

¹³⁷ Cf. Scantamburlo, 1981, p.24.

¹³⁸ Cf. Couto, 1994, p.68.

¹³⁹ Cf. Silva, 1957, pp.100 e 103 apud Parkvall, 2012, p.77.

¹⁴⁰ Aqui, optou-se por acrescentar à tabela apenas as informações concernentes aos crioulos e às línguas atlânticas e mandes, que correspondem aos principais substratos do crioulo guineense.

Quadro 8: O /l/ e o /r/ nas línguas da África Ocidental

Grupo/família linguística	GRUPO 1 Tem um rótico, e também tem /l/	GRUPO 2 Tem /l/, mas não tem rótico	GRUPO 3 Tem um rótico, mas não tem /l/	GRUPO 4 Não tem nenhum rótico e não tem /l/
Crioulos	<i>A maioria</i>	CI saramacano, CI ndyuka, CP de São Tomé, CP de Annobón. ¹⁴¹	<i>Nenhum</i>	<i>Nenhum</i>
Atlântico	wolof, balanta, fula, adamawa, temne, serer.	kissi.		
Mande	<i>wojenekakan, susu, maukakan, mandinka, malinqué, loko, kpelle, diúla congolês, bisa, bambara.</i>	<i>Worodugukakan, vai, mende, loko, Dan.</i>		

Assim, para o crioulo da Guiné-Bissau, considerou-se nesse trabalho a existência de apenas um /r/ fonológico, corroborando análises anteriores da língua. Além disso, a oposição entre /r/ e /l/ também é verificável, podendo o /r/ ser realizado ocasionalmente como a vibrante [r] (ainda que com uma realização um pouco diferenciada daquela do português) ou como o tepe [r̥].

Ainda no tocante às consoantes líquidas, é possível notar a referência feita ao fonema /ʎ/ por Scantamburlo (1981; 1999) e Kihm (1994). Este último, porém, faz os mesmos esclarecimentos acima referidos quando do tratamento das fricativas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/¹⁴².

Finalmente, com relação às aproximantes orais /w/ e /y/ as divergências são poucas e se resumem à não abordagem dessas consoantes por Mbodj (1979). Em todos os outros autores citados verificou-se o tratamento das aproximantes orais, como pode ser visto no quadro 7 acima.

Assim, a fim de refletir um pouco mais sobre o inventário fonológico das consoantes do crioulo guineense, é interessante observar qual seria o inventário fonológico do português

¹⁴¹ Nessa tabela, CI equivale a Crioulo Inglês e CP corresponde a Crioulo Português.

¹⁴² A lateral palatal /ʎ/, assim como os fonemas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/, consiste em um segmento fruto de empréstimos linguísticos advindos do português ou de palavras crioulizadas que retomaram seu étimo português.

seiscentista, a partir do qual a língua em estudo teria se originado, juntamente com as influências substratais. Nessa perspectiva, observemos o quadro abaixo, em que está representada a fonologia do português falado no século XVI¹⁴³. Em (a) tem-se as consoantes, e em (b) as vogais¹⁴⁴:

Quadro 9: A fonologia do português falado no século XVI

(a)				(b)			
p	t	k		i, ĩ		u, ã	
b	d	g		e, ě		o, õ	
	f	s	ś š	ε		o	
	v	z	ž ž	Λ		, ã	
		l	ł			a	
		ř					
		r					
m	n	ñ					

Desse modo, como afirma Couto (1996, p.121), foi basicamente esse o quadro fonológico que os portugueses levaram consigo em suas conquistas marítimas, havendo apenas pequenas modificações decorrentes de variações regionais dentro de Portugal. Conforme observado, alguns sons ainda hoje não existem no português do Brasil, como as apicoalveolares /ś/ e /ž/ e as vogais centrais não baixas /Λ/ e /ã/.

Partindo desse inventário fonológico do português seiscentista e tendo em vista uma variedade do crioulo guineense mais tradicional, como apresentado por Wilson (1962) e Mbodj (1979) por exemplo, verifica-se que o guineense acabou por não adotar determinados sons do português daquele período; as apicoalveolares /ś/ e /ž/¹⁴⁵ e as palatais /š, ž, ł/ não teriam sido incorporadas no crioulo tradicional, assim como a fricativa labiodental sonora /v/

¹⁴³ A fonologia do português seiscentista é aqui apresentada de acordo com o que expõe Couto (1996, p.121), o qual se baseia em observações feitas de Oliveira (1536), Barros (1540) e Teyssier (1987).

¹⁴⁴ Aqui, não iremos nos ater às vogais, visto que no momento a discussão permeia as consoantes da língua. Optou-se por colocar as vogais no quadro, então, apenas para que pudesse ser contemplada a fonologia do português seiscentista como um todo.

¹⁴⁵ Couto (1994, p.68) afirma que as apicoalveolares /ś, ž/ tendiam a desaparecer no próprio português do sul de Portugal, embora permaneçam até hoje no norte desse país.

e a distinção entre vibrante múltipla /r̄/ e vibrante simples /r/ ¹⁴⁶. Por outro lado, foram incorporadas ao crioulo guineense as africadas surda e sonora /tʃ/ e /dʒ/ e a nasal velar /ŋ/, segmentos não constantes no quadro fonológico do português do século XVI acima exposto.

No que concerne à procedência da nasal velar /ŋ/ incorporada ao inventário fonológico do crioulo da Guiné-Bissau, é quase consenso na literatura que tal segmento é proveniente da influência das línguas de substrato, em muitas das quais o /ŋ/ figura como fonema ¹⁴⁷. Nesse trabalho, assume-se o /ŋ/ como fonema da língua, principalmente, devido ao fato de os informantes da pesquisa o identificarem como tal (como um som pertencente à sua língua) e não aceitarem variação. Assim, mesmo que os contrastes encontrados tenham sido frágeis, como será visto adiante na seção 3.1.1, a nasal velar /ŋ/ é aqui considerada como um fonema do crioulo guineense, corroborando, inclusive, descrições fonológicas do crioulo anteriores.

No que se refere às africadas /tʃ/ e /dʒ/, pode-se dizer que não há consenso acerca de sua procedência. Para Couto (1994, p.68-9), a existência de tais segmentos remonta à influência das línguas africanas de substrato. De acordo com o autor, esses fonemas existiam no português dos séculos XIII e XIV, o que poderia levar a considerá-los, no que tange ao crioulo, como oriundos dessa variedade do português. No entanto, no período em que se iniciavam as grandes navegações, tais fonemas já estavam em vias de extinção, permanecendo apenas no norte de Portugal, visto que no sul, onde a língua se consolidava, eles não chegaram a penetrar. Paralelamente a isso, grande parte das línguas de substrato mandes e atlânticas possui esses fonemas. Desse modo, para Couto (1994, p.69), não faz sentido negar a origem de substrato africana referente aos fonemas /tʃ/ e /dʒ/¹⁴⁸.

Deve-se ressaltar, porém, que outra hipótese acerca da procedência de tais segmentos no crioulo guineense também se faz presente. Segundo Parkvall (2012, p.52), um primeiro indício de que o /tʃ/ e o /dʒ/ não procedem das línguas de substrato consiste no fato de que

¹⁴⁶ É importante observar que a comparação aqui realizada diz respeito a uma variedade mais tradicional do crioulo, mais próxima do crioulo falado nos séculos XVI e XVII, que não incorpora as palatais [ʃ, ʒ, ʎ] (ou [ʃ, ʒ, ʎ]) e as fricativas [v, z] em seu inventário fonológico. Ao se considerar variantes do crioulo guineense com mais influências do português – portanto, variantes mais aportuguesadas do crioulo – tais segmentos podem passar a figurar fonemas da língua.

¹⁴⁷ De acordo com Scantamburlo (1981, p.23-4), a nasal velar /ŋ/ é muito comum nas línguas africanas. O exemplo mais comum é o pronome pessoal de primeira pessoa do singular: N “eu”. Para o autor, esta consoante é muito comum no início e no fim dos vocábulos, de modo que, no início, é um fenômeno de substituição de uma nasal do português: /'ŋcanta/ “encantar” e /ŋja'son/ “injeção”. No fim, é um fenômeno de velarização de uma consoante nasal antes de uma outra consoante velar, que é chamado *concordia nasal*: /y'teŋ ke 'bay/ “ele tem que ir”.

¹⁴⁸ No que se refere a algumas interpretações a respeito da origem desses fonemas no crioulo caboverdiano, há também autores que sustentam a hipótese de que os mesmos teriam vindo das línguas de substrato (Cf. Parkvall, 2012, p.52).

apenas as ocorrências de /ʃ/ que dizem respeito em português moderno à grafia < ch > (e não < x > ou < s >) são reanalisadas como /tʃ/ nos pidgins e crioulos da Alta Guiné – as outras grafias resultaram em /s/. Desse modo, tendo em vista que os primeiros falantes dos pidgins e crioulos provavelmente adquiriram seu léxico português através da oralidade (e não da escrita), acredita-se que vários tipos de /ʃ/ eram distinguidos antigamente, inclusive em português falado. De fato, conforme afirma Parkvall (2012, p. 53), foi isso mesmo que aconteceu, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 10: O /s/, o /ʃ/ e o /tʃ/ no português do século XVI

Ortografia portuguesa	Português europeu atual	Pronúncia do século XVI	Reflexo no crioulo português da Alta Guiné
s\$	ʃ	s	s
x	ʃ	ʃ	s
ch	ʃ	tʃ	c ¹⁴⁹

Assim, na língua portuguesa, o < ch > mudou de africada para fricativa, porém ainda hoje alguns dialetos mantêm a distinção. A fim de corroborar a ideia de que as africadas presentes no crioulo guineense são provenientes do português seiscentista, Parkvall (2012, p.53) expõe:

Além disso, olhando para os empréstimos recebidos do inglês e do francês moderno pelo wolof e pelo *mandinka* (Peace Corps, 1995a, 1995b), dois importantes substratos do crioulo português da Alta Guiné, vê-se que as ocorrências do inglês /tʃ/ resultam sistematicamente em /c/, diferentemente do inglês e do francês /ʃ/, que são /s/. Isso sugere que os falantes de wolof e *mandinka* pelo menos teriam despalatalizado todas as ocorrências do português < ch >, caso fosse pronunciado /ʃ/ no período de formação do crioulo português da Alta Guiné – supondo, é claro, que os substratos não sofressem nenhuma mudança radical no período entre seus primeiros contatos com o português e seus primeiros contatos com o inglês e o francês. [...] Muito claramente, o /c/ do crioulo português da Alta Guiné não é a continuação direta do português moderno /ʃ/, e sim de um português mais antigo /tʃ/. Obviamente, então, a presença de /c/ no crioulo português da Alta Guiné (e sua contrapartida sonora /ɟ/¹⁵⁰, cuja história é paralela à de /c/, ou seja, deriva de um português mais antigo /dʒ/, hoje realizado como /ʒ/)

¹⁴⁹ O /c/ corresponde ao /tʃ/ adotado neste trabalho.

¹⁵⁰ O segmento /ɟ/ empregado por Parkvall (2012) corresponde ao /dʒ/ adotado neste trabalho.

não é devida à influência do substrato, mas simplesmente representa uma transferência direta a partir da língua lexificadora¹⁵¹.

Dessa forma, verifica-se que tanto o /tʃ/ quanto o /dʒ/ pertenceram a um português mais antigo. No entanto, no que se refere ao segundo segmento mencionado, há considerações importantes a serem feitas, pois o segmento /ʒ/ presente no português moderno não é o único som corresponde a /j/ no crioulo português da Alta Guiné; paralelamente a ele, há a palatal lateral /ʎ/.

Ainda de acordo com Parkvall (2012, p.54), no momento em que o português entrou em contato com línguas que não possuíam esse som, a língua receptora – no caso dos empréstimos – ou os criadores de um pidgin/crioulo – nos casos de reestruturação – tiveram que optar por preservar ou o traço [+palatal] ou o [+lateral]¹⁵². Na Alta Guiné, o segmento do português /ʎ/ regularmente corresponde a /j/, excetuando-se os empréstimos linguísticos recentes e os mesoletos mais próximos do acroleto, como foi verificado, inclusive, no corpus analisado. As ocorrências em que se observou o /ʎ/ sempre diziam respeito a produções mais próximas do português, normalmente coexistindo, inclusive, com uma forma variante na qual se observava ora o [dʒ], ora o [dj]¹⁵³.

Essa característica não é observada em nenhuma variedade do português, o que torna menos provável uma procedência superstratal para o /j/ (ou /dʒ/) guineense. Além disso, os dialetos portugueses que acabaram por perder o fonema /ʎ/ o substituíram normalmente por /j/, como São Miguel dos Açores, e o fato de /j/ não ser a continuação de /ʎ/ nos crioulos portugueses da Alta Guiné fora dessa região sugere uma explicação substratal¹⁵⁴.

Desse modo, ao se considerar mais variedades linguísticas do que somente o português padrão moderno e as línguas africanas locais, é possível verificar a origem de /c/ e as origens de /j/. Como sugere Parkvall (2012, p.54), a presença do primeiro tem pouca relação com a influência de substrato, enquanto que as ocorrências do segundo que dizem respeito ao

¹⁵¹ É interessante observar que Kihm (1994, p.18), ao tratar da africada /c/, também assume a procedência do português seiscentista. Segundo o autor, o surgimento de /c/ está de acordo com o fato bem estabelecido de que apenas durante o século XVI /tʃ/ (ch) começou a evoluir em direção à pronúncia atual da fricativa /ʃ/. Além disso, Lang (no prelo), ao tratar das africadas do caboverdiano, também considera sua procedência como sendo do português seiscentista.

¹⁵² Ambas as estratégias foram verificadas em línguas fora da Europa que entraram em contato com o português, sendo a primeira delas a mais comumente adotada. Além disso, pode-se verificar, ainda, a opção de usar os dois traços em sequência, o que dá como resultado o /j/. (Cf. PARKVALL, 2012, p.54).

¹⁵³ Por exemplo: [ˈmɔʎɐ] ~ [ˈmɔdjɐ] “molhar”; [ˈfʎɔ] ~ [ˈfidjo] ~ [ˈfidʒɔ] “filho”.

¹⁵⁴ Cf. Parkvall, 2012, p.54.

português < lh > (e só estas) têm grande relação com ela. Nessa perspectiva, a origem das africadas /tʃ/ e /dʒ/ pode ser assim esquematizada:

Quadro 11: A origem das africadas /tʃ/ e /dʒ/

Português europeu atual	Pronúncia do século XVI	Reflexo no crioulo português da Guiné-Bissau	Influência sugerida
ʃ	tʃ̃ (grafia com < ch >)	tʃ (ou /c/)	Superstrato (português seiscentista)
ʒ	dʒ̃	dʒ (ou /j/)	Superstrato (português seiscentista)
ʎ	ʎ	dʒ (ou /j/)	Substrato

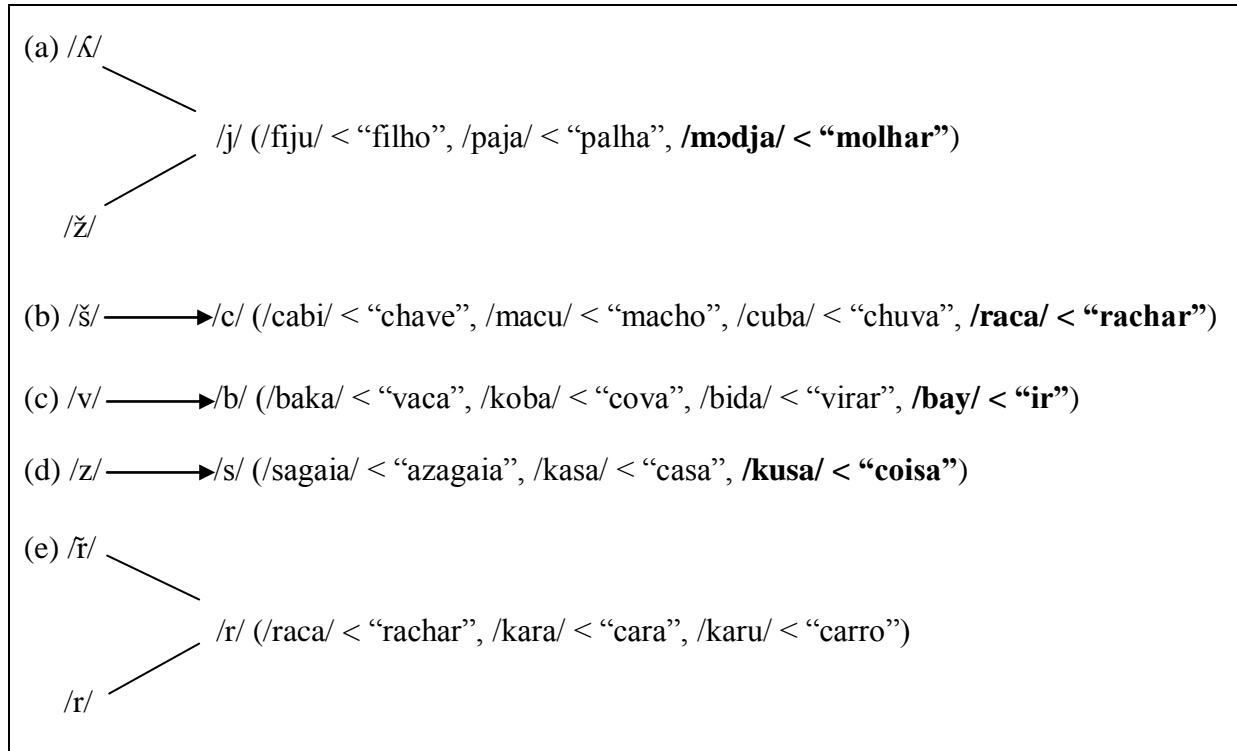
Ainda a respeito das africadas presentes no crioulo da Guiné-Bissau, Scantamburlo (1981, p.22-3) expõe que o segmento /tʃ/ (por ele representado como /č/) tem como correspondente a fricativa alveopalatal surda /ʃ/ (ou /š/) do português. Como vimos acima, tal afirmação procede, porém com algumas ressalvas, visto que, atualmente, algumas diferenças fonéticas do português seiscentista em comparação ao português atual já se perderam. Com relação ao /dʒ/ guineense (pelo autor representado como /ǰ/), o autor coloca que seu correspondente no português é a fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ (ou /ž/) e, às vezes, a lateral alveopalatal sonora /ʎ/ (ou /ǎ/), havendo algumas exceções. Ele acrescenta, ainda, que, para evitar algumas confusões, a consoante do português se mantém em alguns casos, como por exemplo nos pares /'beʒu/ “beijo” : /'bedʒu/ “velho” e /bi'ʎacu/ “velhaco” : /'biǎ/ “bilha”.

Nessa perspectiva, já pudemos observar as discussões que permeiam os fonemas pertencentes ao inventário fonológico das consoantes do crioulo guineense e que não fazem parte do inventário das consoantes fonológicas do português seiscentista – o /ŋ/, o /tʃ/ e o /dʒ/. Agora, voltemos a atenção aos fonemas consonantais do português que não se apresentam no crioulo guineense tradicional.

Sistematizando as diferenças mencionadas entre as consoantes, tem-se que os fonemas /ʎ, r, v, z, ʃ, ʒ/ não passaram para o crioulo, que, por sua vez, apresenta /ŋ, tʃ, dʒ/, inexistentes

em português. De acordo com Couto (1994, p.68), no processo de formação do crioulo houve as seguintes mudanças fonéticas a partir do português¹⁵⁵:

Quadro 12: As mudanças fonéticas do crioulo a partir do português



As mudanças acima evidenciadas, então, dizem respeito ao crioulo tradicional¹⁵⁶. Como nos diz Couto (1994, p.72), em comunidades de fala guineense modernas é mais utilizado o crioulo aportuguesado, com mais influências da língua de superstrato, no qual podem ser incluídos os fonemas /z, v, ʒ, ʎ/. A esses segmentos, acredito que seja pertinente acrescentar, ainda, o /ʃ/, que também aparece no *corpus* observado, mesmo que em pequena escala. Desse modo, pode-se afirmar, de uma maneira geral, que se tratando de falante inculto¹⁵⁷, camponês ou velho, e/ou de uma situação informal, normalmente se tem o crioulo

¹⁵⁵ O quadro 12 acima apresentado foi extraído de Couto (1994, p.68), porém a ele também foram acrescentados alguns exemplos da autora deste trabalho, os quais aparecem em negrito. É importante salientar que, nesses exemplos, utilizou-se a simbologia adotada por Couto (1994) para representar os fonemas /dʒ/ (representado como /j/) e /tʃ/ (representado como /ç/).

¹⁵⁶ Como coloca Kihm (1994, p.18), duas outras consoantes convidam para um comentário histórico: o /r/ e o /d/. Segundo o autor, é observável uma mudança /r/ > /d/ tendo em vista a formação do crioulo a partir do português, como em /bida/ “virar” ou /sedu/ “ser”. A equivalência fonética entre /r/ e /d/ é bem atestada nas línguas atlânticas, particularmente no Manjacu. É importante destacar que esse fato parece ser limitado a apenas alguns itens lexicais.

¹⁵⁷ Aqui, o termo “inculto” não possui valor pejorativo, mas apenas se refere a falantes da língua que não dominam sua forma culta.

tradicional, sem os cinco fonemas acima. Entretanto, se o falante é urbano, culto, jovem e/ou de situação formal, os cinco fonemas ocorrem, mas não obrigatoriamente e não com a mesma frequência¹⁵⁸.

Assim, no que concerne ao crioulo tradicional, os fonemas /z, v, ʃ, ʒ, ʎ/ estão excluídos de seu inventário fonológico. A fricativa alveolar sonora /z/ tem *status* de fonema em Português e em várias outras línguas de superstrato, como em francês e inglês, por exemplo. Apesar disso, como expõe Parkvall (2012, p.72), excetuando-se os crioulos ingleses do Suriname, os basiletos oeste-africanos correlacionados tendem a ensurdecer as ocorrências de /z/ das línguas lexificadoras, o que também ocorre com o crioulo basileto da Guiné-Bissau. Aproximadamente metade das línguas africanas ocidentais opõe /s/ e /z/, porém uma das que não o fazem é o balanta, uma das línguas nativas da Guiné-Bissau que apresenta maior extensão territorial.

No que tange ao padrão geográfico geral africano, sabe-se que a ausência de /z/ predomina entre as línguas atlânticas, ao passo que todos os substratos relevantes têm /s/. Ainda segundo Parkvall (2012, p.72-3), há outra grande concentração de línguas sem /z/ na área de falas *kwa*¹⁵⁹, onde acontece em síntese que, enquanto o /z/ falta em *akan*, ele existe em *gbe*. Logo, é plausível atribuir a falta de /z/ no crioulo guineense a influências da língua *akan* e de línguas atlânticas, além de alguma influência de membros dos grupos mande e delto-benuico¹⁶⁰.

Quanto ao /v/, há também algumas considerações interessantes. É característica de alguns crioulos atlânticos a ausência da labiodental sonora /v/, que também não aparece nos inventários fonológicos do crioulo basileto da Guiné-Bissau; mesmo em crioulos em que /v/ é certamente fonológica, alguns itens lexicais, provavelmente pertencentes a camadas mais antigas, têm /b/ como uma continuação da fricativa labiodental¹⁶¹.

Paralelamente a isso, deve-se observar que, excetuando-se o espanhol, todas as línguas lexificadoras possuem uma oposição fonológica entre /b/ e /v/, sendo que, por vezes, certa flutuação entre esses dois fonemas¹⁶² é atestada em variedades mais velhas e regionais do inglês e do português¹⁶³ (Cunha e Cintra, 1985, p.7 *apud* Parkvall, 2012, p.102).

¹⁵⁸ Cf. Couto, 1994, p.72.

¹⁵⁹ Ver anexo 4 para a localização de falas *kwa*.

¹⁶⁰ Ver anexo 5 para o grupo delto-benuico.

¹⁶¹ Cf. Parkvall, 2012, p.102.

¹⁶² Conforme Parkvall (2012, p.103), nos crioulos portugueses há, sincronicamente, alguma flutuação entre os dois sons no crioulo moderno de Cabo Verde. Foi sugerido tanto por Carvalho (1984, p.154) como por Cardoso

Assim, no tocante às línguas de substrato, é possível afirmar que as línguas Atlânticas normalmente não têm o /v/, e esse fonema também não se faz presente nos potenciais substratos mandes, havendo algumas exceções. No que se refere aos empréstimos europeus, o substituto de /v/ é /w/ (e não /b/) em Wolof e Mandinka, porém o uso de /b/ em vez de /v/ etimológico é atestado em Wolof, bem como nas línguas Bullom e na língua Fula (línguas atlânticas) e no Mandinka (mande)¹⁶⁴. Desse modo, sugere-se que a fusão de /v/ e /b/ no crioulo da Guiné-Bissau deve-se à influência de várias línguas de substrato (entre elas línguas atlânticas, mandes e akan). Ainda a respeito da ausência do fonema /v/ no crioulo guineense, Kihm (1994, p.17-8):

No domínio das consoantes, a perda do contraste de vozeamento das fricativas [faz-se presente]. De um lado, a contrapartida vozeada /v/ de /f/ foi ocupada por /b/ (como *baka* “vaca”). Pode-se ver aqui uma mudança interna do processo de criouliização, considerando que todas as línguas de substrato não possuem o /v/. Pode-se ainda levar em consideração o fato de que a fusão /v/-/b/ é um conhecido traço dos dialetos portugueses do norte, que estava certamente presente em Lisboa no período relevante. De fato, as duas casualidades provavelmente convergiram. A ausência de /v/ nos substratos é suficiente para explicar porque isso não pôde sobreviver no crioulo; o que isso não explica, entretanto, é porque o /v/ mudou para /b/ em vez de outra coisa, por exemplo /w/ como em Wolof *welo* “bicicleta” do francês “vélo”.

Dando continuidade à observação de algumas características inerentes aos segmentos fonológicos incorporados às variantes do crioulo guineense mais próximas do português, temos, juntamente ao /z, v/, sobre os quais alguns comentários já foram tecidos, as fricativas palatais /ʃ, ʒ/ e a lateral palatal /ʎ/. Sobre as primeiras, verificaram-se poucas ocorrências no *corpus*, as quais se resumem a alguns itens lexicais isolados (como /ʃatia/ “chatear”, /igreja/ “igreja”) e resultados de processo fonológico de palatalização do /s/ em alguns contextos, (diante de consoante não vozeada – [ʃ] – ou vozeada – [ʒ]).

Por fim, corroborando o que afirma Couto (1994, p.72), entre os segmentos mencionados, o mais raro e mais estranho ao crioulo é o /ʎ/¹⁶⁵. A lateral palatal ocorre no extremo do *continuun* mais próximo do português, numa transição do crioulo aportuguesado

(1989, p.88) que a língua, originalmente, não tinha /v/ e que voltou a tê-lo só mais tarde, devido à influência portuguesa posterior. Segundo Holm (1988, p.136), essa mesma característica se faz presente na língua irmã, o crioulo português da Guiné-Bissau.

¹⁶³ No entanto, um argumento contra a análise das oclusivas nos crioulos como sendo preservação de um traço antigo da língua lexificadora consiste no fato de que os teatrólogos seiscentistas portugueses frequentemente usavam /b/ para personagens negras, onde seria esperado /v/ na fala dos brancos. Para Parkvall (2012, p.102), tal aspecto apontaria antes para um efeito de substrato do que para uma influência superstratal.

¹⁶⁴ Cf. Parkvall, 2012, p.104.

¹⁶⁵ Scantamburlo (1981, p.19-30) faz algumas oposições entre [j/ʎ], porém as mesmas são difíceis de serem observadas e não foram verificadas no *corpus* analisado.

para o português acrioulado. Nos dados, foram observados apenas alguns casos isolados, os quais coexistiam com uma forma produzida com [dʒ] ou [dʲ], por exemplo: [ˈmɔʎɐ] ~ [ˈmɔdʲa] “molhar”, [ˈɔʎɐ] ~ [ˈɔdʲa] “olhar”, [ˈfʲilʊ] ~ [ˈfidʲɔ] ~ [ˈfidʒu] ~ [ˈfidju] “filho”.

Sendo assim, a introdução dos fonemas /z, v, ʃ ʒ, ʎ/ no inventário fonológico de variedades mais aportuguesadas do crioulo guineense é explicada pela descrioulização. Como em todo processo de transição, há muita variação livre, dentre as quais algumas foram observadas acima, como entre [v] x [b], [tʃ] x [ʃ], [s] x [z], entre outras. Além disso, segundo nos diz Couto (1994, p.73), como Portugal é uma referência para a Guiné-Bissau em vários sentidos, praticamente todo e qualquer processo fonético-fonológico lusitano pode ser observado na transição de crioulo aportuguesado para português acrioulado.

No presente trabalho, foram considerados fonemas consonantais do crioulo guineense (mais especificamente, da variedade dessa língua aqui descrita), paralelamente aos já presentes no crioulo tradicional, os fonemas /z, v/, na medida em que foram verificadas muitas ocorrências dos mesmos no corpus analisado, com as quais foi possível formar pares mínimos e análogos em contraste com outros segmentos fonológicos da língua. Além disso, em entrevistas realizadas, os informantes afirmaram que alguns itens lexicais por eles produzidos com /z/ ou /v/ já estavam assim cristalizados na língua.

É importante esclarecer que, no que concerne à fricativa labiodental vozeada /v/, foram encontradas produções que podem apresentar ou não uma variante realizada com [b]. Assim, há ocorrência de palavras que, nas produções de um mesmo informante, apresentam flutuação entre [v] e [b]; que não apresentam variação entre [v] e [b] em um mesmo informante, mas o fazem tendo em vista informantes diferentes; e palavras que são sempre produzidas com [v] por todos os informantes. Alguns exemplos são:

(235) [laˈvawˈkurpɔ] ~ [laˈbawˈkurpɔ] “banhar-se”

(236) [ˈvĩɲɔ] ~ [ˈbĩɲɔ] “vinho”

(237) [voˈvo] ~ [boˈbo] “avô” ou “avó”¹⁶⁶

(238) [ˈlivrɔ] ~ [ˈlibrɔ] “livro”

(239) [skɪrˈvi] ~ [skɪrˈbi] ~ [skɪrɪˈvi] “escrever”

¹⁶⁶ Também foi verificada a forma [ˈdonɐ] para “avô(ó)”.

- (240) [a'vãnsɐ] “avançar”
 (241) [ver'durɐ] “verdura”
 (242) ['arvorɪ] “árvore”
 (243) ['vivi] “viver”¹⁶⁷
 (244) ['nɔvi] “nove”

Vale a pena ressaltar, ainda, que em muitos casos, os informantes admitem a existência de uma variante realizada com [b], porém afirmam que não são formas usadas atualmente na língua, e que já foram incorporadas as variantes com [v] como mais produtivas, o que seria fruto de um processo de descrioulização, como mencionado. Dessa forma, na presente descrição admite-se que [v], mesmo que em alguns casos seja realizado como alofone de /b/, configura um fonema da língua – o /v/¹⁶⁸.

No entanto, não foram considerados como fonemas /ʃ, ʒ, ʎ/ devido a três razões: (1) foram observados poucos casos isolados de ocorrência desses segmentos, sendo alguns, inclusive, frutos de variação contextual (/ʃ, ʒ/); (2) devido à própria escassez dos dados encontrados com estes segmentos, não foi possível formar pares mínimos que evidenciassem seu contraste com outros sons da língua; (3) no que concerne ao /ʎ/, verificou-se que todas as suas ocorrências coexistiam com uma forma variante produzida com [dʒ] ou [dʝ].

4.1.1 Contraste entre fonemas consonantais

/p/ : /m/

- | | |
|--------------------------------|-------------------------------|
| (245) ['kapɐ] - /kapa/ “capar” | (246) ['kamɐ] - /kama/ “cama” |
| ['patɐ] - /pata/ “pata” | ['matɐ] - /mata/ “matar” |
| ['põŋ] - /poN/ “pão” | ['mõŋ] - /moN/ “mão” |

¹⁶⁷ Quando questionados a respeito da existência da forma ['bibi] para “viver”, os informantes expuseram que tal realização não é mais utilizada, sendo por eles considerada, portanto, como arcaica.

¹⁶⁸ Scantamburlo (1981; 1999) também coloca o /v/ como fonema da língua. Couto (1994) afirma que, em variedades do crioulo mais aportuguesado, comparativamente ao crioulo tradicional, podem-se encontrar os fonemas /s, z, v, ʒ, ʎ/, o que corrobora a possibilidade de /v/ ser também um fonema da língua. Mbodj (1979), por sua vez, não o considera como tal.

/m/ : /b/

(247) ['mõŋ] - /moN/ “mão”

[ka'melʊ] - /kamelu/ “camelo”

['kabɐ] - /kaba/ “acabar”

['mãŋkʊ] - /maNku/ “coxo, manco”

(248) ['bõŋ] - /boN/ “bom, bem”

[ka'belʊ] - /kabelu/ “cabelo”

['kamɐ] - /kama/ “cama”

['bãŋkʊ] - /baNku/ “banco, cadeira”

/b/ : /d/

(249) ['kabɐ] - /kaba/ “acabar”

['bibɪ] - /bibi/ “beber”

(250) ['kadɐ] - /kada/ “cada”

['dibɪ] - /dibi/ “dever”

/d/ : /t/

(251) ['dudʊ] - /dudu/ “doido, maluco”

['disɪ] - /disi/ “descer”

['kɔrdɐ] - /kɔrda/ “acordar, corda”

(252) ['tudʊ] - /tudu/ “tudo, todo(a)(s)”

['tisɪ] - /tisi/ “trazer”

['kɔrtɐ] - /kɔrta/ “cortar”

/g/ : /t/

(253) ['gerɐ] - /gera/ “guerra”

['pagɐ] - /paga/ “pagar”

(254) ['terɐ] - /tera/ “terra”

['patɐ] - /pata/ “pata”

/g/ : /d/

(255) ['ligɐ] - /liga/ “ligar”

['mãŋgɐ] - /maNga/ “manga (de camisa)”

(256) ['lidɐ] - /lida/ “lidar”

['mãndɐ] - /maNda/ “mandar”

/k/ : /b/

(257) ['kĩŋ] - /kiN/ “quem”

['kuro] - /kuru/ “couro”

['kaj] - /kai/ “cair”

(258) ['biŋ] - /biN/ “vir”

['buro] - /buru/ “burro”

['baj] - /bai/ “ir”

/k/ : /m/

(259) ['kamə] - /kama/ “cama”

[ka'dərə] - /kadera/ “cadeira”

['kuri] - /kuri/ “correr”

(260) ['mamə] - /mama/ “mama, mamar”

[ma'dərə] - /madera/ “madeira”

['muri] - /muri/ “morrer”

/k/ : /dʒ/

(261) ['kĩnti] - /kiNti/ “quente”

['kantə] - /kaNta/ “cantar”

['karu] - /karu/ “carro”

['kurə] - /kura/ “curar, cura”

(262) ['dʒĩnti] - /dʒiNti/ “gente, pessoas”

['dʒantə] - /dʒaNta/ “almoço, jantar”

['dʒaru] - /dʒaru/ “jarro, jarra”

['dʒurə] - /dʒura/ “jurar, jura”

/dʒ/ : /s/

(263) ['kudʒi] - /kudʒi/ “escolher”

['dʒĩnti] - /dʒiNti/ “gente, pessoas”

(264) ['kus'] - /kusi/ “costurar”

['sĩnti] - /siNti/ “sentir”

/dʒ/ : /d/

(265) ['dʒudʒu] - /dʒudʒu/ “joelho”

(266) ['dudu] - /dudu/ “louco, doido”

/s/ : /t/

- (267) ['kansɐ] - /kaNsa/ “cansar”
 ['kasɐ] - /kasa/ “casar, casa”
 ['disɐ] - /disa/ “deixar”

- (268) ['kantɐ] - /kaNta/ “cantar”
 ['katɐ] - /kata/ “catar, pegar”
 ['ditɐ] - /dita/ “deitar”

/s/ : /r/

- (269) ['raɲɐ] - /raɲa/ “arranhar”
 ['karɐ] - /kara/ “rosto, cara”
 ['kurɐ] - /kura/ “curar, cura”

- (270) ['saɲɐ] - /saɲa/ “assanhar”
 ['kasɐ] - /kasa/ “casa, casar-se”
 ['kuse] - /kusa/ “coisa”

/tʃ/ : /t/

- (271) ['matʃɔ] - /matʃu/ “macho”
 ['tʃomɐ] - /tʃoma/ “chamar”
 ['ĩntʃi] - /iNtʃi/ “encher, cheio”

- (272) ['matɔ] - /matu/ “mato, floresta”
 ['tomɐ] - /toma/ “tomar”
 ['kĩnti] - /kiNti/ “quente”

/tʃ/ : /m/

- (273) ['tʃɔɾɐ] - /tʃɔra/ “chorar”
 ['tʃõɲ] - /tʃoN/ “chão”

- (274) ['mɔɾɐ] - /mɔra/ “morar, habitar”
 ['mõɲ] - /moN/ “mão”

/f/ : /p/

- (275) ['fadʒɐ] - /fadia/ “falhar, falha”
 ['fikɐ] - /fika/ “ficar”

- (276) ['padʒɐ] - /padia/ “palha”
 ['pikɐ] - /pika/ “picar”

/f/ : /s/

(277) ['fiŋ] - /fiN/ “fim”

['fɛrɐ] - /fɛra/ “feira”

(278) ['siŋ] - /siN/ “sim, sem”

['sɛrɐ] - /sɛra/ “serra”

/v/ : /b/

(279) ['nɔvi] - /nɔvi/ “nove”

['vivi] - /vivi/ “viver”

['livri] - /livri/ “livre”

(280) ['ɔbi] - /ɔbi/ “ouvir”

['bibi] - /bibi/ “beber”

['ləbri] - /ləbri/ “lebre”

/v/ : /s/

(281) ['vɛu] - /vɛu/ “véu”

(282) ['sɛu] - /sɛu/ “céu”

/n/ : /k/

(283) ['nɔbɐ] - /nɔba/ “novidade”

['nu] - /nu/ “nu, sem roupa”

(284) ['kɔbɐ] - /kɔba/ “buraco”

['ku] - /ku/ “e”

/n/ : /m/

(285) ['kanɐ] - /kana/ “cana, bambu”

['nõŋ] - /noN/ “nó, laço”

(286) ['kamɐ] - /kama/ “cama”

['mõŋ] - /moN/ “mão”

/n/ : /d/

(287) ['kanɐ] - /kana/ “cana, bambu”

['bana] - /bana/ “abanar”

(288) ['kadɐ] - /kada/ “cada”

['badja] - /badia/ “dançar”

/n/ : /p/

(289) ['nɛgɐ] - /nɛga/ “negar”

(290) ['pɛgɐ] - /pɛga/ “pegar”

/l/ : /k/

(291) ['lamɐ] - /lama/ “lama”

(292) ['kamɐ] - /kama/ “cama”

['lãnsɐ] - /laNsa/ “lançar”

['kansɐ] - /kaNsa/ “cansar”

['largɐ] - /larga/ “largar, soltar”

['kargɐ] - /karga/ “carregar”

['largɔ] - /largo/ “largo, grande”

['kargɔ] - /karga/ “carga”

/l/ : /s/

(293) ['lantɐ] - /laNta/ “levantar”

(294) ['santɐ] - /saNta/ “santa”

['kalɐ] - /kala/ “calar”

['kasɐ] - /kasa/ “casar, casa”

['li] - /li/ “aqui”

['si] - /si/ “se”

/ɲ/ : /m/

(295) ['liɲɐ] - /liɲa/ “linha”

(296) ['limɐ] - /lima/ “lima”

['maɲɐ] - /maɲa/ “manha”

['mamɐ] - /mama/ “mamar, mama”

['ɲa] - /ɲa/ “meu, minha”

['ma] - /ma/ “mas”

/z/ : /ʃ/

(297) ['zɛrɔ] - /zɛru/ “zero”

(298) ['fɛrɔ] - /fɛru/ “ferro”

['zãɲgɐ] - /zaNga/ “zanga, aborrecimento”

['mãɲgɐ] - /maNga/ “manga (de camisa)”

/z/ : /s/

(299) ['lizɔ] - /lizu/ “liso”

(300) ['risɔ] - /risu/ “rijo, firme”

/ŋ/ : /g/

(301) [ŋa'tiŋɐ] - /ŋatija/ “engatinhar”

(302) [ga'liŋɐ] - /galija/ “galinha”

4.2 O inventário fonológico das vogais

Quadro 13: O inventário fonológico das vogais

FONEMAS VOCÁLICOS			
	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não-arredondado		Arredondado
Alto	i		u
Médio alto (ou médio fechado)	e		o
Médio baixo (ou médio aberto)	ɛ		ɔ
Baixo		a	

É importante ressaltar, de início, que não há consenso na literatura a respeito do caráter fonológico das vogais médias altas e baixas. Seguindo essa temática, Wilson (1962) verifica a existência de dois graus de abertura relativamente às vogais médias. Já para Mbodj (1979, p.37), há apenas um fonema /e/, o qual “se réalise comme une voyelle antérieure tantôt fermée, tantôt ouverte, non arrondie, sauf à l’initiale où il connaît une variante facultative [je]”¹⁶⁹. Da mesma forma, no que concerne às vogais médias posteriores, o autor faz referência a uma única vogal /o/, que “se réalise comme une voyelle postérieure tantôt fermée, tantôt ouverte, arrondie, sauf à l’initiale où il connaît une variante facultative [wo]”¹⁷⁰ (MBODJ, 1979, p.38).

¹⁶⁹ Tradução proposta pela autora : “Realiza-se como uma vogal anterior às vezes mais fechada, às vezes mais aberta, não arredondada, salvo em posição inicial, quando pode apresentar uma variante facultativa [je]”.

¹⁷⁰ Tradução proposta pela autora : “Realiza-se como uma vogal posterior às vezes mais fechada, às vezes mais aberta, arredondada, salvo em posição inicial, quando pode apresentar uma variante facultativa [wo]”.

Um pouco mais tarde, Scantamburlo (1981, p.20) apresenta em seu “Quadro de fonemas do Guineense” as vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/, seguidas dos exemplos /'sera/ “cera” e /'sɛra/ “serra”, e as vogais médias posteriores /o/ e /ɔ/¹⁷¹, as quais parecem acompanhadas dos exemplos /'bota/ “abandonar” e /'bɔta/ “bota”. O autor acrescenta, ainda, que “no complexo das vogais do GCr [Crioulo Guineense] encontra-se a característica das línguas africanas [...] e a do PTG [Português]. Especialmente no GCr falado em Bissau, as semelhanças com o modelo PTG são mais estreitas.” (SCANTAMBURLO, 1981, p.21). Em 1988, Rougé (1988, p.12) vem corroborar a descrição das vogais realizada por Mbodj (1979), estabelecendo apenas cinco vogais fonológicas para o crioulo da Guiné-Bissau - /i, u, e, o, a/ - e não se referindo a diferenças entre vogais médias altas e médias baixas.

Posteriormente, Kihm (1994, p.12), em seu “phonological sketch of Kriyol”, também expõe que o crioulo guineense apresenta cinco vogais, as mesmas supracitadas, podendo todas ser nasalizadas. Ele acrescenta que as vogais médias /e/ e /o/ “are realized moderately open, with a variation the conditions of which have not been explored”¹⁷². No mesmo ano, Couto (1994, p.73-4) corrobora a opinião de Mbodj (1979), Rougé (1988) e Kihm (1994), ao afirmar que o sistema vocálico do crioulo é relativamente simples, sendo composto pelas mesmas cinco vogais. O autor coloca, ainda, a respeito da abertura das vogais médias, que o som que se ouve em palavras como /'sera/ “cera”, /'sɛra/ “serra”, /'bota/ “abandonar” e /'bɔta/ “bota”, citadas por Scantamburlo (1981, p.20), é um som intermediário, isto é, mais aberto do que /e/ e /o/, mas menos aberto do que /ɛ/ e /ɔ/. Assim, para exemplificar tal afirmação, Couto (1994, p.74) expõe que “quando um crioulofôno diz *ele* temos a impressão de estar ouvindo [ɛli] e quando diz *ela* temos a impressão de ouvir [ela].”.

Finalmente, em 1999, Scantamburlo, ao realizar uma *Proposta de Grafia do Crioulo Guineense* (PGCG), faz uma retomada dos fonemas da língua e reafirma a existência das vogais médias altas - /e/ e /o/ - e baixas - /ɛ/ e /ɔ/ - no inventário fonológico do crioulo da Guiné-Bissau¹⁷³. Para tal, o autor se utiliza dos mesmos exemplos acima referidos, mencionados em Scantamburlo (1981, p.20).

Desse modo, pode-se observar que, apesar de haver mais opiniões que convergem para a ideia de que o crioulo guineense apresenta apenas cinco vogais fonológicas e, portanto, três

¹⁷¹ Correspondente ao /ɔ/.

¹⁷² Tradução proposta pela autora: “[as vogais médias /e/ e /o/] são realizadas moderadamente abertas, com uma variação de condições que não foram exploradas”.

¹⁷³ Cf. Scantamburlo, 1999, p.125-6.

graus de abertura em seu sistema vocálico, não se pode dizer que tal afirmação é consenso na literatura. Para uma melhor visualização das vogais consideradas fonológicas pelos autores supracitados em descrições anteriores do crioulo guineense, observemos o quadro que segue:

Quadro 14: Os fonemas vocálicos e as descrições anteriores do crioulo guineense

QUADRO COMPARATIVO DOS FONEMAS VOCÁLICOS LISTADOS POR AUTORES EM DESCRIÇÕES ANTERIORES DO CRIOULO GUINEENSE							
AUTORES VOGAIS	Wilson (1962) ¹⁷⁴	Mbodj (1979)	Scantamburlo (1981)	Rougé (1988)	Kihm (1994)	Couto (1994)	Scantamburlo (1999)
VOGAIS ALTAS	/i/	/i/	/i/	/i/	/i/	/i/	/i/
	–	–	/ɪ/	–	–	–	/ɛ/ (ou /ɪ/)
	/u/	/u/	/u/	/u/	/u/	/u/	/u/
VOGAIS MÉDIAS	/e/	/e/	/e/	/e/	/e/	/e/	/e/
	/ɛ/	–	/ɛ/	–	–	–	/ɛ/
	/o/	/o/	/o/	/o/	/o/	/o/	/o/
	/ɔ/	–	/ɔ/ (ou /ɔ/)	–	–	–	/ɔ/
VOGAIS BAIXAS	–	–	/ʌ/	–	–	–	/ɐ/ (ou /ʌ/)
	/a/	/a/	/a/	/a/	/a/	/a/	/a/

Ao observar o quadro acima, vê-se que, no que concerne às vogais altas, apenas Scantamburlo (1981; 1999) acrescenta o segmento /ɪ/ como fonológico, paralelamente ao /i/ e ao /u/ também apresentados pelos outros autores. Nos dados analisados, não foi verificada a

¹⁷⁴ Cf. Kihm (1994); Couto (1994).

ocorrência desse segmento fonológico. Quanto às vogais baixas, é também Scantamburlo (1981; 1999) que nos apresenta outro segmento – o /ʌ/ – juntamente com o /a/¹⁷⁵, distinção esta que também não foi verificada no *corpus*.

Dessa forma, é no âmbito das vogais médias que as divergências se fazem mais presentes, com Wilson (1962) e Scantamburlo (1981; 1999) considerando a distinção entre vogais médias altas e baixas, e Mbodj (1979), Rougé (1988), Kihm (1994) e Couto (1994) considerando a existência de apenas um grau de abertura para as médias.

A respeito dessa temática dos graus de abertura das vogais médias, Parkvall (2012, p.60) faz considerações relevantes. De acordo com o autor, algumas línguas lexificadoras (como o Português) têm inventários segmentais que distinguem quatro graus de abertura, com vogais meio abertas opondo-se a vogais semifechadas. No entanto, sabe-se que alguns crioulos atlânticos apresentam três graus de abertura (e não quatro) e que os sistemas de cinco vogais são muito mais comuns, o que nos leva a pensar que essa limitação a três graus de abertura não seria necessariamente devida à influência de substrato. Deve-se notar, porém, que muitos crioulos atlânticos (entre eles crioulos de base lexical inglesa e francesa) têm mais vogais com *status* fonêmico do que crioulos do oceano Pacífico e Índico, e que essa mesma característica ocorre amplamente em seus respectivos substratos, o que sugere a possibilidade de a influência dos substratos ter sido real. Assim, no que se refere ao crioulo da Guiné-Bissau, já se verificou que muitos autores distinguem apenas três graus de abertura em seus sistemas vocálicos¹⁷⁶.

Nessa perspectiva, a fim de promover uma maior reflexão a respeito dessa possível influência de substrato na distinção dos graus de abertura do sistema vocálico do crioulo guineense, observe-se a tabela abaixo extraída de Parkvall (2012, p.62), na qual estão devidamente apresentadas algumas porcentagens concernentes ao número de línguas de alguns grupos linguísticos da África Ocidental em cujos inventários fonêmicos foram encontradas distinções entre vogais semiabertas e semifechadas¹⁷⁷:

¹⁷⁵ Segundo Couto (1994, p.74), essa distinção entre /a/ e /ʌ/ (ou /ʌ/) é resquício do português medieval e acabou por se desfazer em crioulo.

¹⁷⁶ Cf. Mbodj (1979); Rougé (1988); Kihm (1994); Couto (1994).

¹⁷⁷ De acordo com Parkvall (2010, p.61), de um total de mais de 80 línguas da África Ocidental examinadas, quase dois terços fazem uma distinção entre vogais médias altas e médias baixas.

Tabela 4: Distinções entre vogais semiabertas e semifechadas

Grupo linguístico	Três graus de abertura	Quatro graus de abertura
Atlântico	33%	67%
Mandê	25%	75%
Kru	0%	100%
Kwa	3%	97%
Delto-benuico mais relevante	5%	95%
Banto mais relevante	100%	0%
Todos	32%	68%

Verifica-se, desse modo, que os falantes de substratos mais propensos a reduzir os inventários de vogais europeias teriam sido os falantes de banto e alguns poucos falantes de línguas atlânticas e mandês¹⁷⁸, sendo nesses dois últimos grupos menores de falantes que se localizariam as influências substratais do crioulo guineense.

No presente trabalho, observou-se no *corpus* analisado a ocorrência de produções com vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] e com vogais médias altas [e] e [o], como pôde ser observado no capítulo 2. Para uma melhor visualização dos graus de abertura do sistema vocálico do guineense, observemos a tabela abaixo, a qual sistematiza uma comparação da variação de altura do 1º formante dos fones vocálicos orais do crioulo da Guiné-Bissau¹⁷⁹:

¹⁷⁸ Parkvall (2012, p.62) acrescenta que, em sua amostra, as únicas línguas atlânticas com apenas três graus de abertura correspondem ao fula e ao *konyagi*. Quanto às línguas mandês, de todas observadas como apresentando três graus de abertura, em pelo menos uma fonte foi dito que distinguiam quatro graus.

¹⁷⁹ O valor atribuído a cada um dos segmentos corresponde a uma média de variação geral feita a partir da seleção e análise (no programa *praat*) de sete vocábulos que apresentavam o fone correspondente.

Tabela 5: Variação de altura do 1º formante das vogais orais

TABELA COMPARATIVA DA VARIAÇÃO DE ALTURA DO 1º FORMANTE DOS FONES VOCÁLICOS ORAIS DO CRIOULO GUINEENSE						
VOGAIS	FONES					VARIAÇÃO GERAL
Vogais altas	[i] 287.3834 Hz	[ĩ] 320.9229 Hz	[ɪ] 314.6933 Hz	[u] 340.2055 Hz	[ʊ] 350.4952 Hz	322.7400 Hz
Vogais médias-altas	[e] 406.2374 Hz		[o] 434.5462 Hz			420.3918 Hz
Vogais médias-baixas	[ɛ] 622.1501 Hz		[ɔ] 624.8437 Hz			623.4969 Hz
Vogais baixas	[a] 829.8284 Hz		[ɐ] 767.4082 Hz			798.6183 Hz

Na tabela acima exposta, observa-se uma variação geral de 322.7400 Hz para as vogais altas, de 420.3918 Hz para as médias-altas, de 623.4969 Hz para as médias-baixas e de 798.6183 Hz para as baixas. Tais informações demonstram que, no *corpus* analisado, confirma-se a existência de dois graus de abertura para as vogais médias, visto que a diferença de variação geral da altura do 1º formante das vogais médias-altas e das médias-baixas entre si (e entre as vogais altas e baixas) é significativa. Por essa razão, e também devido ao fato de os segmentos [e], [o], [ɛ] e [ɔ] contrastarem com outros segmentos vocálicos da língua, como será observado no subtópico 3.2.1 deste capítulo, considerou-se neste trabalho quatro graus de abertura para as vogais fonológicas do crioulo guineense: vogais altas, médias-altas, médias-baixas e baixas.

É importante salientar, no entanto, que também foram encontradas realizações das vogais médias que pareciam configurar uma posição intermediária entre o que seria

considerado vogal média-alta ou vogal média-baixa, porém essas produções não desmerecem as ocorrências e os fatos supracitados. Deve-se ressaltar, ainda, que tal aspecto diz respeito às variedades do crioulo guineense analisadas neste trabalho, mais próximas do português, podendo não corresponder à realidade de outras variedades da língua.

4.2.1 Contraste entre fonemas vocálicos¹⁸⁰

/u/ : /i/

(303) ['frutɐ] - /fruta/ “fruta”

['pudɪ] - /pudi/ “poder”

(304) ['fritɐ] - /frita/ “fritar”

['pidɪ] - /pidi/ “pedir”

/u/ : /ɔ/

(305) ['kusɐ] - /kusa/ “coisa”

(306) ['kɔsɐ] - /kɔsa/ “çoçar”

/u/ : /e/

(307) ['dudɔ] - /dudu/ “louco, doido”

(308) ['dedɔ] - /dedu/ “dedo”

/e/ : /a/

(309) [ka'besɐ] - /kabesa/ “cabeça”

[ka'belɔ] - /kabelu/ “cabelo”

(310) [ka'bas] - /kabas/ “cabaça”

[ka'balɔ] - /kabalu/ “cavalo”

/e/ : /i/

(311) ['tʃerɔ] - /tʃeru/ “cheiro”

['medɔ] - /medu/ “medo”

(312) ['dʒirɔ] - /dʒiru/ “bonito, bom”

['midɪ] - /midi/ “medir”

¹⁸⁰ Aqui, não se apresentou o contraste /u/ : /o/ porque não foram encontrados dados suficientes para tal no *corpus* analisado.

/i/ : /a/

(313) [ˈtʃigə] - /tʃiga/ “chegar”

[ˈbibɪ] - /bibi/ “beber”

[ˈlimə] - /lima/ “lima”

[ˈli] - /li/ “ali, lá”

(314) [ˈtʃagə] - /tʃaga/ “chaga, ferida”

[ˈbabə] - /baba/ “baba”

[ˈlamə] - /lama/ “lama”

[ˈla] - /la/ “aqui”

/i/ : /ɛ/

(315) [ˈsiti] - /siti/ “azeite”

[ˈlibri] - /libri/ “livre”

(316) [ˈsetə] - /seta/ “aceitar, concordar”

[ˈlebrɪ] - /lebrɪ/ “lebre”

/ɛ/ : /ɔ/

(317) [ˈbɛlə] - /bela/ “vela”

[ˈkɛbrə] - /kɛbra/ “quebrar, colher”

[ˈpɛrtə] - /pɛrta/ “apertar”

[ˈtʃɛrə] - /tʃɛra/ “cheirar”

(318) [ˈbɔlə] - /bɔla/ “bola”

[ˈkɔbrə] - /kɔbra/ “cobra”

[ˈpɔrtə] - /pɔrta/ “porta”

[ˈtʃɔrə] - /tʃɔra/ “chorar”

/ɛ/ : /a/

(319) [ˈpɛgə] - /pɛga/ “pegar”

[ˈɛɪ] - /ɛɪ/ “ele(a)”

(320) [ˈpagə] - /paga/ “pagar”

[ˈmaɪ] - /maɪ/ “mal”

/ɔ/ : /a/

(321) [ˈmɔrə] - /mɔra/ “morar, habitar”

[ˈbɔlə] - /bɔla/ “bola”

[ˈkɔrtə] - /kɔrta/ “cortar, colher”

(322) [ˈmarə] - /mara/ “amarrar”

[ˈbalə] - /bala/ “bala”

[ˈkartə] - /karta/ “carta”

['sɔɫ] - /sɔɫ/ “sol”

['saɫ] - /saɫ/ “sal”

['kɔbɐ] - /kɔba/ “buraco”

['kabɐ] - /kaba/ “acabar”

/o/ : /ɛ/

(323) ['rostu] - /rostu/ “rosto”

(324) [ˈrɛstu] - /rɛstu/ “resto, farelo”

/o/ : /a/

(325) ['bokɐ] - /boka/ “boca”

(326) ['bakɐ] - /baka/ “vaca”

/a/ : /u/

(327) [ˈtʃabi] - /tʃabi/ “chave”

(328) [ˈtʃubi] - /tʃubi/ “chover”

['karɐ] - /kara/ “rosto, cara”

['kuru] - /kuru/ “couro”

['ka] - /ka/ “não”

['ku] - /ku/ “com”

4.3 Fonemas e alofones

4.3.1 Os fonemas segmentais consonânticos e seus alofones

- O fonema oclusivo bilabial surdo /p/

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ possui apenas um alofone, o qual corresponde ao fone oclusivo bilabial surdo [p]. Ele sempre ocupa a posição de ataque silábico e, no que tange à tonicidade, pode ser realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(329) [papi¹a] ~ [pa¹pja] - /papia/ “falar”

(330) [pis¹ta] - /pista/ “emprestar”

(331) [ˈpatɪ] ~ [ˈpa:tɪ] - /pati/ “oferecer”

(332) [ˈpagɐ] - /paga/ “pagar”

(333) [ˈkurpu] - /kurpu/ “corpo”

(334) [ˈkapɐ] - /kapa/ “capar”

- O fonema oclusivo bilabial sonoro /b/

O fonema oclusivo bilabial sonoro /b/ possui apenas um alofone: o fone oclusivo bilabial sonoro [b]¹⁸¹. Ele sempre ocupa a posição de ataque silábico e, no que tange à tonicidade, pode ser realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(335) [baˈgas] - /bagas/ “bagaço”

(336) [baˈgɛrɐ] - /bagera/ “abelha”

(337) [ˈbakɐ] - /baka/ “vaca”

(338) [ˈbrugɐ] - /bruga/ “verruca”

(339) [ˈkabɐ] - /kaba/ “acabar”

(340) [ˈrajbɐ] ~ [ˈrɛjbɐ] ~ [ˈrejɐ] - /raiba/ “raiva”

- O fonema oclusivo alveolar surdo /t/

O fonema oclusivo alveolar surdo /t/ possui somente um alofone: o fone oclusivo alveolar surdo [t]. Ele sempre ocupa a posição de ataque silábico e, com relação à tonicidade, pode ser realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica¹⁸².

(341) [traˈbadʒu] ~ [traˈbadʒju] ~ [traˈbadʒu] - /trabadiu/ “trabalho”

¹⁸¹ Mbodj (1979) fala a respeito da existência do fone [β], alofone do fonema /b/, porém o mesmo não foi verificado no *corpus* analisado na presente descrição fonológica do crioulo guineense.

¹⁸² De acordo com Couto (1994, p.71), o [t], em alguns falantes, tende a ser retroflexo.

- (342) [ˈtene] - /tene/ “ter”
- (343) [ĩnˈteru] - /iNteru/ “enterro, funeral”
- (344) [ˈtisi] - /tisi/ “trazer, entrançar”
- (345) [ˈgirtɐ] - /girta/ “gritar”
- (346) [liˈbertɐ] - /liberta/ “libertar”

- O fonema oclusivo alveolar sonoro /d/

O fonema oclusivo alveolar sonoro /d/ possui dois alofones: o fone oclusivo alveolar sonoro [d] e o fone fricativo dental sonoro [ð]. O primeiro sempre é realizado em posição de ataque silábico, podendo aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica. O fone fricativo dental sonoro [ð] também ocorre apenas em posição de ataque silábico, porém é realizado somente em sílaba postônica¹⁸³.

- (347) [duˈrãntɪ] - /duraNti/ “durante”
- (348) [sukũnˈdi] ~ [sukonˈdi] - /sukuNdi/ “esconder”
- (349) [ˈnadɐ] - /nada/ “nadar, nada”
- (350) [ˈdedu] ~ [ˈdeðu] - /dedu/ “dedo”
- (351) [kãnˈsaðu] ~ [kãnˈsadu] - /kaNsadu/ “cansado”
- (352) [ˈsedu] ~ [ˈseðu] - /sedu/ “ser”

¹⁸³ Segundo Couto (1994, p.71), o [d], assim como o [t], em alguns falantes, tende a ser retroflexo.

- O fonema oclusivo velar surdo /k/

O fonema oclusivo velar surdo /k/ possui apenas um alofone, que corresponde ao fone oclusivo velar surdo [k]. Ele ocupa a posição de ataque silábico, podendo aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(353) [ku'ma] - /kuma/ “como”

(354) [ka'bas] - /kabas/ “cabaça”

(355) [ˈkatʃu] - /katʃu/ “macaco”

(356) [ˈkebrɐ] - /kɛbra/ “ceifar, cortar”

(357) [ˈbokɐ] - /boka/ “boca”

(358) [ˈbarku] - /barku/ “barco”

- O fonema oclusivo velar sonoro /g/

O fonema oclusivo velar sonoro /g/ possui somente um alofone, que corresponde ao fone oclusivo velar sonoro [g]. Ele ocupa a posição de ataque silábico, podendo aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(359) [sugu'ra] - /sugura/ “segurar”

(360) [ga'liɲɐ] - /galɲa/ “galinha”

(361) [ˈganɐ] - /gana/ “enganar”

(362) [ˈgɔsˈ] ~ [ˈgɔs] - /gɔsi/ “agora”

(363) [ˈkargɐ] - /karga/ “carregar”

(364) [ˈlogu] - /logu/ “logo”

- O fonema nasal bilabial /m/

O fonema nasal bilabial /m/ possui somente um alofone: o fone nasal bilabial [m]. Ele ocupa a posição de ataque silábico, podendo aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

- (365) [mãŋ'karɐ] - /maNkara/ “amendoim”
- (366) [mɔɓɔs'tra] - /molostra/ “machucar, ferir”
- (367) ['mɔdjɐ] ~ ['mɔdʒɐ] ~ ['mɔdia] - /mɔdia/ “molhar”
- (368) ['matu] - /matu/ “mato(a), floresta”
- (369) [tʃomɐ] - /tʃoma/ “chamar”
- (370) ['durmi] - /durmi/ “dormir”

- O fonema nasal alveolar /n/

O fonema nasal alveolar /n/ possui somente um alofone: o fone nasal alveolar [n]¹⁸⁴. Ele ocupa a posição de ataque, podendo aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

- (371) [nɔmɔ'ra] - /nomora/ “namorar”
- (372) ['nudʒu] ~ ['nudʒu] ~ ['nudiu] - /nudiu/ “nojo”
- (373) ['nɔbɐ] - /nɔba/ “notícia, novidade”
- (374) [mi'ninu] ~ [m^hininu] - /mininu/ “menino(a), garoto(a)”
- (375) ['sinɐ] - /sina/ “ensinar”
- (376) ['danɐ] - /dana/ “estragar”

¹⁸⁴ De acordo com Couto (1994, p.71), o [n] (tal qual o [t] e o [d]), em alguns falantes, tende a ser retroflexo.

- O fonema nasal palatal /ɲ/

O fonema nasal palatal /ɲ/ possui apenas um alofone, que corresponde ao fone nasal palatal [ɲ]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e pode aparecer em sílaba tônica e postônica. Não foram identificados casos de ocorrência do fone nasal palatal [ɲ] em sílaba pretônica.

(377) [maɲa] - /maɲa/ “amanhã”

(378) [diɲerɔ] - /diɲeru/ “dinheiro”

(379) [ɲa] - /ɲa/ “meu, minha”

(380) [bɔrɲgoɲɐ] - /borgoɲa/ “vergonha”

(381) [ɲapɲɐ] - /paɲa/ “apanhar”

(382) [ɲgaɲɐ] - /gaɲa/ “ganhar”

- O fonema nasal velar /ŋ/

O fonema nasal velar /ŋ/ possui apenas um alofone, que corresponde ao fone nasal velar [ŋ]. Ele ocupa a posição de ataque silábico, porém é importante ressaltar que foi encontrado no *corpus* somente uma ocorrência da nasal velar [ŋ] em posição de ataque, a qual foi realizada em uma sílaba pretônica¹⁸⁵. A nasal velar [ŋ] foi observada em sílaba tônica

¹⁸⁵ Kihm (1994, p.16) afirma que o status fonêmico de /ŋ/ não é claro. Segundo o autor, em final de palavra ou antes de uma velar ele é a realização de um arquivamento /N/. Além disso, há algumas palavras, todas de origem africana, onde ele é encontrado em posição inicial de palavra, por exemplo *ɲoroto* “foice”, do mandinka (deve-se ressaltar, porém, que no *corpus* analisado neste trabalho os informantes já não produziam essa palavra com o /ŋ/, mas sim com /m/). Há, ainda, algumas palavras derivadas do português em que, do resultado de uma aférese, encontra-se uma sequência inicial /ŋg/ (exemplo: *ɲgoda* “seduzir” < P. “engodar”) que não é foneticamente distintiva do /ŋ/ mencionado. Há ainda uma questão aberta envolvendo a posição do fonema nasal, a qual diz respeito à limitação de uma delimitada porção do léxico e a uma posição específica dentro da palavra. Segundo afirma Couto (1994, p.71-2), o /ŋ/ pode ser fonema por si só. Nesse caso, e em alguns outros, ele pode ser pronunciado com os lábios fechados, lembrando um [m], ou com os lábios abertos, quando é a legítima [ŋ]. Desse modo, nesse trabalho, como já foi mencionado mais acima nesse capítulo, assume-se o /ŋ/ como fonema da língua, tendo em vista que os informantes da pesquisa o identificam como tal (como um som pertencente à sua língua) e não aceitam variação.

apenas a nível fonético, em posição de coda silábica, sendo uma realização do arquifonema /N/¹⁸⁶.

(383) [ŋa'tiŋɐ] - /ŋatija/ “engatinhar”

- O fonema fricativo labiodental surdo /f/

O fonema fricativo labiodental surdo /f/ possui apenas um alofone, que corresponde ao fone fricativo labiodental surdo [f]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e, quanto à tonicidade, pode aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(384) [fo'reɫ] - /foreɫ/ “farelo”

(385) [ˈfalɐ] - /fala/ “falar”

(386) [ˈfidʲu] ~ [ˈfiɫu] ~ [ˈfidʲu] ~ [ˈfidiu] - /fidiu/ “filho”

(387) [ˈfɔs] - /fɔs/ “fósforo”

(388) [ˈflur] - /flur/ “flor”

(389) [ˈbafɐ] - /bafa/ “abafar”

- O fonema fricativo labiodental sonoro /v/

O fonema fricativo labiodental sonoro /v/ possui apenas um alofone: o fone fricativo labiodental sonoro [v]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e, quanto à tonicidade, pode aparecer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(390) [universiˈdadɪ] - /universidadi/ “universidade”

(391) [ˈvivi] - /vivi/ “viver”

¹⁸⁶ Para maiores esclarecimentos a respeito do arquifonema /N/ e de suas realizações fonéticas, ver o capítulo 4.

(392) [ˈlivrɪ] - /livri/ “livre”

(393) [ˈverdɪ] - /verdi/ “verde”

(394) [ˈlivrʊ] - /livru/ “livro”

- O fonema fricativo alveolar surdo /s/

O fonema fricativo alveolar surdo /s/ possui dois alofones: o fone fricativo alveolar surdo [s] e o fone fricativo palatal surdo [ʃ]¹⁸⁷. Ele ocupa a posição de ataque e de coda silábica e, quanto à tonicidade, pode aparecer em ambos os casos em sílaba pretônica e tônica. Apenas em posição de ataque ele se realiza em sílaba postônica.

O fonema fricativo alveolar surdo /s/ sempre se realiza como o fone fricativo alveolar surdo [s] em posição de ataque silábico. Já em posição de coda, o mesmo pode apresentar as realizações [s] e [ʃ] em variação livre, se o segmento que iniciar a sílaba subsequente for surdo. Em final de palavra, é normalmente o fone fricativo alveolar surdo [s] que é realizado.

(395) [sukuˈta] - /sukuta/ “escutar”

(396) [ˈkasɐ] - /kasa/ “casa”

(397) [rɔbaˈsa] - /robasa/ “vomitar”

(398) [ˈsusɔ] - /susu/ “sujo”

(399) [ˈpis] - /pis/ “peixe”

(400) [biˈas] ~ [ˈbjas] - /bias/ “viagem”

(401) [misˈti] - /misti/ “querer”

(402) [ˈgɔstɐ] - /gɔsta/ “gostar”

(403) [aˈnɔs] - /anɔs/ “nós”

(404) [masˈtigɐ] - /mastiga/ “mastigar”

¹⁸⁷ Foram encontrados apenas dois casos de variação da fricativa alveolar surda [s] com a sonora [z] em posição de ataque, os quais dizem respeito à influência do português: [ˈkasɐ] ~ [ˈkazɐ] - /kasa/ “casa” e [kuˈsijɐ] ~ [kuˈzɪjɐ] - /kusijã/ “cozinhar”. Ambas as ocorrências reincidiram no *corpus* poucas vezes.

- (405) [pis'ta] ~ [pij'ta] - /pista/ “emprestar”
 (406) [s'kɔlə] ~ [ʃ'kɔlə] - /skɔla/ “escola”
 (407) [s'ta] ~ [ʃ'ta] - /sta/ “estar”
 (408) ['fɛstə] ~ ['fɛʃtə] - /fɛsta/ “festa”
 (409) ['fuskə'fuskə] ~ ['fuʃkə'fuʃkə] - /fuskafuska/ “anoitecer”

- O fonema fricativo alveolar sonoro /z/

O fonema fricativo alveolar sonoro /z/ possui apenas um alofone: o fone fricativo alveolar sonoro [z]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e, quanto à tonicidade, é realizado em sílaba tônica.

- (410) [i'zami] - /izami/ “exame”
 (411) ['zãŋga] - /zaŋga/ “zangar-se, zanga”
 (412) ['zɛrɔ] - /zɛru/ “zero”
 (413) [di'zɛɲu] - /dizeɲu/ “desenho”

- O fonema africado palatal surdo /tʃ/

O fonema africado palatal surdo /tʃ/ possui apenas um alofone: o fone africado palatal surdo [tʃ]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e, quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica.

- (414) [tʃo'ris] - /tʃoris/ “linguiça”
 (415) [tʃigə] - /tʃiga/ “chegar”
 (416) [tʃɔrɐ] - /tʃɔra/ “chorar”
 (417) [tʃitʃu] - /bitʃu/ “bicho, inseto”

(418) [ˈpĩntʃɐ] - /pintʃa/ “empurrar”

(419) [ˈkatʃu] - /katʃu/ “pássaro, ave”

- O fonema africado palatal sonoro /dʒ/

O fonema africado palatal sonoro /dʒ/ possui apenas um alofone: o fone africado palatal sonoro [dʒ]. Ele ocupa a posição de ataque silábico e, quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica¹⁸⁸.

(420) [dʒaˈnãŋ] - /dʒanaN/ “já”

(421) [dʒũŋˈdʒũˈ] - /dʒuNdʒuN/ “jejum”

(422) [ˈdʒudʒu] - /dʒudʒu/ “joelho”

(423) [ˈdʒũndɐ] - /dʒuNda/ “empurrar”

(424) [ˈdʒugɐ] - /dʒuga/ “jogar”

- O fonema lateral alveolar /l/

O fonema lateral alveolar /l/ possui dois alofones: o fone lateral alveolar [l] e o fone aproximante lateral alveolar velarizado [ɭ]. O primeiro ocupa sempre a posição de ataque silábico e pode ser realizado em sílaba tônica, pretônica e postônica. O segundo, por sua vez, só é realizado em posição de coda e pode ocorrer em sílaba pretônica e tônica¹⁸⁹.

(425) [lejˈdur] - /leidur/ “leitor”

¹⁸⁸ Para Couto (1994, p.72), a africada sonora neste trabalho representada como /dʒ/ tem uma pronuncia toda especial; na maioria das realizações, ela é mais um [y] quase africado do que uma africada pura como [dʒ] (ou [dʒ]).

¹⁸⁹ Couto (1994, p.72) afirma que o /l/ é sempre alveolar, em qualquer posição que ocorra. No entanto, deve-se salientar que, quando em posição de coda silábica, o /l/ realiza-se como a aproximante lateral velarizada [ɭ], ao passo que, em posição de ataque, realiza-se sempre como a lateral alveolar [l].

(426) [mɔɫs'tra] - /molostra/ “machucar, ferir”

(427) [larmɛ] - /larma/ “lágrima”

(428) [ladu] ~ [laðu] - /ladu/ “lado”

(429) [pi'lõŋ] - /piloN/ “pilão”

(430) [s'kɔɫɛ] ~ [ʃ'kɔɫɛ] - /skɔla/ “escola”

(431) [falɛ] - /fala/ “falar”

(432) [sɔɫ] - /sɔl/ “sol”

(433) [kri'ɔɫ] - /kriɔl/ “crioulo (guineense)”

(434) [alɛmɛ] - /alma/ “alma”

(435) [kĩn'taɫ] - /kiNtal/ “quintal”

(436) [biɫ'giti] - /bilgiti/ “bilhete”

- O fonema vibrante alveolar /r/¹⁹⁰

O fonema vibrante alveolar /r/ possui dois alofones: o fone vibrante alveolar [r] e o fone tepe [r]¹⁹¹. O primeiro pode ocupar a posição de ataque ou coda silábica e pode ser

¹⁹⁰ De acordo com Couto (1994, p.72), a vibrante /r/ vibra menos que a vibrante múltipla do português e do espanhol e mais do que a vibrante simples dessas línguas.

¹⁹¹ É interessante observar a descrição do fonema /r/ do crioulo de Santiago (Cabo Verde) realizada por Lang (no prelo, p.108): “O fonema líquido interrupto /r/ do crioulo de Santiago é uma vibrante ápico-alveolar. Em termos fonológicos, a vibração da ponta da língua contra os alvéolos superiores é o único traço que o distingue do fonema líquido contínuo /l/. O número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques. Excepcionalmente o caso da ênfase, a distribuição das realizações é aproximadamente a seguinte. No início das palavras fônicas ouvem-se vários toques ([r]). Por exemplo, em *riba-l mésa* 'acima da mesa'. No fim da palavra fônica ouve-se apenas um toque ([r]). Assim, por exemplo, em *O nha mudjer!* 'Oh minha mulher!'. No interior da palavra costuma haver apenas um toque em posição intervocálica em determinados falantes e vários em outros. Em registos crioulos muito próximos do português, a pronúncia pode ajustar-se ao português, pronunciando-se *káru* 'carro' com [r] (um toque) e *káru* 'carro' com [r] (vários toques). Nos casos relativamente frequentes em que o fonema segue outra consoante ouvem-se, ao contrário do que ocorre em português, geralmente vários toques (por ex. em *bráku* ['braku] 'buraco'); na coda silábica, antes de outra consoante (por ex. em *bárku* ['barku] 'barco') costuma haver só um toque. Nas transcrições fonéticas desta gramática usamos [r] para todas estas variantes.”

realizado em sílaba tônica, pretônica e postônica. O segundo, tal qual o primeiro, também pode ocorrer em posição de ataque ou coda e pode ser realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica¹⁹².

- (437) [ra'pas] - /rapas/ “rapaz”
 (438) ['frakɔ] - /fraku/ “fraco”
 (439) ['livrɔ] - /livru/ “livro”
 (440) ['verdi] - /verdi/ “verde”
 (441) ['karɐ] - /kara/ “rosto, cara”
 (442) [ga'randi] - /garaNdi/ “grande”
 (443) [kri'ɔɫ] - /kriɔɫ/ “crioulo”
 (444) ['ribɐ] - /riba/ “voltar, em cima”
 (445) [ka'tʃur⁰] ~ [ka'tʃur] - /katʃuru/ “cachorro”
 (446) ['rua] - /rua/ “rua”
 (447) ['ri] - /ri/ “rir”¹⁹³
 (448) ['marɐ] - /mara/ “amarrar”
 (449) ['karɔ] - /karu/ “carro, caro”
 (450) ['kartɐ] - /karta/ “carta”

¹⁹² O /r/ do crioulo guineense, como já observado na literatura, vibra menos que o /r/ do português e mais do que o tepe /r/ e, por convenção, adotou-se o símbolo /r/ para representá-lo. Além disso, nos dados analisados, observou-se a ocorrência de variação livre entre a produção do /r/ como vibrante múltipla e como vibrante simples (o tepe). No entanto, foi verificado que, em ataque ramificado, normalmente é o tepe que ocupa a posição de segunda consoante do ataque, e em coda, muitas vezes é a vibrante múltipla que é realizada (mas não obrigatoriamente; também foram verificadas várias ocorrências com o tepe). Verificou-se, ainda, que nas produções de um dos informantes, era comum a ocorrência da vibrante /r/ diante das vogais altas /i/ e /u/, ao passo que na produção dos outros informantes tal prevalência não foi evidenciada. Apesar dessas observações, as variações entre produções do /r/ com mais ou menos vibração (mesmo nas posições descritas) ocorrem em larga escala e, sendo assim, adotou-se aqui o que também é consenso na literatura existente sobre o tema: apenas um /r/ fonológico para o crioulo guineense.

¹⁹³ Como já observado, a forma [ˈri] “rir” aparece em alternância com a forma [ˈɲiɲi] “rir, gargalhar”.

4.3.2 Os fonemas segmentais vocálicos e seus alofones

- O fonema anterior alto não-arredondado /i/

O fonema anterior alto não-arredondado /i/ é realizado em núcleo silábico e possui seis alofones: o fone anterior alto fechado não-arredondado oral [i], o fone anterior alto fechado não-arredondado nasal [ĩ], o fone anterior alto aberto não-arredondado [ɪ], o fone central alto não-arredondado [ɨ], o fone aproximante palatal oral [j] e o fone aproximante palatal nasal [j̃].

O fone anterior alto fechado não-arredondado oral [i], no que concerne à tonicidade, pode correr em sílabas pretônicas e tônicas.

(451) [si'bi] - /sibi/ “subir, saber”

(452) [li'mõŋ] - /limoN/ “limão”

(453) [ˈri] - /ri/ “rir, sorrir”

(454) [ˈtisi] - /tisi/ “trazer, entrançar”

(455) [a'mi] - /ami/ “eu”

(456) [ˈribɐ] - /riba/ “alto, em cima”

O fone anterior alto fechado não-arredondado nasal [ĩ] normalmente resulta de um processo de assimilação do traço nasal de uma coda nasal. Portanto, aparece em grande parte diante de [m, n, ɲ, ŋ], sendo poucos os casos em que ocorre a queda dessa coda após assimilação do traço nasal pela vogal tautossilábica. Quanto à tonicidade, o [ĩ] pode correr em sílabas pretônicas e tônicas. Deve-se ressaltar que foram encontrados poucos casos da ocorrência desse fone em sílaba pretônica.

(457) [i'fɛrnu] ~ [ĩn'fɛrnu] ~ [n'fɛrnu] - /iNfɛrnu/ “inferno”

(458) [l'ĩmpu] - /liNpu/ “limpo(a)”

(459) [l'bĩŋ] - /biN/ “vir”

(460) [l'bĩndɪ] - /biNdi/ “vender”

(461) [l'kĩŋ] - /kiN/ “quem”

O fone anterior alto aberto não-arredondado [ɪ], quanto à tonicidade, pode correr apenas em sílabas postônicas.

(462) [l'dʒĩntɪ] - /dʒiNti/ “gente, pessoa”

(463) [l'sɔrtɪ] - /sɔrti/ “sorte, acaso”

(464) [l'murɪ] - /muri/ “morrer”

(465) [l'murdɪ] - /murdɪ/ “morder”

O fone central alto não-arredondado [ɨ] ocorre em variação livre com o [i] em algumas sílabas pretônicas, normalmente produzidas com uma velocidade de fala acelerada. Foram encontrados poucos casos de sua ocorrência.

(466) [par^h'si] ~ [parⁱ'si] ~ [l'parsɪ] - /parisi/ “parecer”

(467) [skɪr^h'bi] ~ [skɪrⁱ'vi] ~ [skrɪ^h'vi] ~ [skɪr^h'bi] - /skirbi/ “escrever”

O fone aproximante palatal oral [j] forma ditongos crescentes e decrescentes com vogais contíguas. Normalmente realiza-se em sílaba do tipo /V/ e, se a sílaba seguinte não apresentar segmento em ataque, ele forma com a vogal desta um ditongo crescente. Da

mesma forma, se estiver antecedendo uma sílaba sem segmento em posição de coda, ele forma com a vogal que o antecede um ditongo decrescente. Quanto à tonicidade, pode ser realizado em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(468) [ja'sadu] ~ [ja'saðu] ~ [ia'sadu] - /iasadu/ “assado”

(469) [ba'djudɐ] ~ [ba'dʒjudɐ] ~ [badi'udɐ] - /badiuda/ “moça, menina”

(470) ['baj] - /bai/ “ir”

(471) ['lej] - /lei/ “ler”

(472) ['dʒũmbɛj] - /dʒuNbai/ “conversa (de jovens)”

(473) ['badjɐ] ~ ['badiɐ] - /badia/ “dançar”

O fone aproximante palatal nasal [j] forma ditongos crescentes e decrescentes com vogais contíguas nas mesmas circunstâncias que o [j]. Ao formar o ditongo com a vogal, assimila o traço nasal da consoante nasal presente na posição de coda silábica. Quanto à tonicidade, foi verificada sua realização apenas em sílaba tônica.

(474) [a'vʃõŋ] ~ [avi'õŋ] - /avioN/ “avião”

(475) [ʃẽntɾɐ] ~ ['jentɾɐ] ~ [i'entɾɐ]- - /ieNtra/ “entrar”

(476) ['jãndɐ] ~ ['jandɐ] ~ [i'andɐ] - /iaNda/ “andar”

- O fonema anterior médio alto não-arredondado /e/

O fonema anterior médio alto não-arredondado /e/ é realizado em núcleo silábico e possui três alofones: o fone anterior médio alto não-arredondado oral [e], o fone anterior médio alto não-arredondado nasal [ẽ] e o fone anterior médio baixo não-arredondado [ɛ].

O fone anterior médio alto não-arredondado oral [e], no que se refere à tonicidade, pode ocorrer em sílaba pretônica, tônica e postônica.

(477) [lej'dur] - /leidur/ “leitor”

(478) [o'redjɐ] - /oredia/ “orelha”

(479) [¹renu] - /renu/ “reino”

(480) [ka'besɐ] - /kabesa/ “cabeça”

(481) [¹nũnde] - /nuNde/ “onde”

O fone anterior médio alto não-arredondado nasal [ẽ], tal qual o [ĩ] descrito anteriormente, normalmente resulta de um processo de assimilação do traço nasal de uma coda nasal. Portanto, aparece em grande parte diante de [m, n, ɲ, ŋ], sendo poucos os casos em que ocorre a queda dessa coda após assimilação do traço nasal pela vogal tautossilábica. Quanto à tonicidade, o [ẽ] pode correr em sílabas pretônicas e tônicas, sendo menos comum nessa primeira.

(482) [ẽn'tõŋ] - /eNtoN/ “então”

(483) [¹bẽntu] ~ [¹vẽntu] - /beNtu/ “vento”

(484) [¹bẽjŋ] - /beN/ “bem”

O fone anterior médio baixo não-arredondado [ɛ] ocorre em sílabas tônicas e pretônicas e, em alguns casos, aparece em variação livre com o [e].

(485) [¹tene] ~ [¹tene] - /tene/ “ter”

(486) [ku'mɛ] ~ [ku'me] - /kume/ “comer”

(487) [kɛ'bur] ~ [ke'bur] - /kebur/ “colheita”

(488) [ɛr'mõŋ] ~ [jer'mõŋ] ~ [ier'mõŋ] - /iermoN/ “irmão(ã)”

- O fonema anterior médio baixo não-arredondado /ɛ/

O fonema anterior médio baixo não-arredondado /ɛ/ é realizado em núcleo silábico e possui apenas um alofone: o fone anterior médio baixo não-arredondado [ɛ]. Quanto à tonicidade, ele foi verificado apenas em sílaba tônica.

(489) ['fɛrɐ] - /fɛra/ “feira”

(490) [kũm'bersɐ] - /kuNbersa/ “conversa”

(491) ['pɛ] - /pɛ/ “pé”

(492) [li'bertɐ] - /liberta/ “libertar”

- O fonema central baixo não-arredondado /a/

O fonema central baixo não-arredondado /a/ é realizado em núcleo silábico e possui três alofones: o fone central baixo não-arredondado oral [a], o fone central baixo não-arredondado nasal [ã] e o fone central quase aberto não-arredondado [ɐ].

O fone central baixo não-arredondado oral [a], no que concerne à tonicidade, pode ocupar sílaba pretônica e tônica.

(493) [a'raŋɐ] - /araŋa/ “aranha”

(494) [ka'bas] - /kabas/ “cabaça”

(495) [ˈprasɐ] - /prasa/ “cidade”

(496) [ˈmar] - /mar/ “mar”

(497) [ˈtʃagɐ] - /tʃaga/ “ferida”

(498) [ˈbagɐˈbagɐ] - /bagabaga/ “cupim”

O fone central baixo não-arredondado nasal [ã], tal qual os fones vocálicos nasais já descritos anteriormente, normalmente resulta de um processo de assimilação do traço nasal de uma coda nasal. Portanto, aparece em grande parte diante de [m, n, ɲ, ŋ], sendo poucos os casos em que ocorre a queda dessa coda após assimilação do traço nasal pela vogal tautossilábica. Quanto à tonicidade, o [ã] pode correr em sílabas pretônicas e tônicas, sendo menos comum nessa primeira.

(499) [mãŋˈkarɐ] - /maNkara/ “amendoim”

(500) [jãŋgaˈsa] ~ [iãŋgaˈsa] - /iaNgasa/ “alcançar”

(501) [ˈsãŋ] - /saN/ “são, sã”

(502) [maˈsãŋ] - /masaN/ “maçã”

(503) [ˈmãŋɡɔ] - /maNgu/ “manga”

O fone central quase aberto não-arredondado [ɐ], quanto à tonicidade, ocorre apenas em sílabas postônicas.

(504) [ˈkasɐ] - /kasa/ “casar(-se), casa”

(505) [ˈkusɐ] - /kusa/ “coisa”

(506) [kaˈbesɐ] - /kabesa/ “cabeça”

(507) [ˈkɔbɐ] - /kɔba/ “buraco”

(508) [ˈɡudjɐ] ~ [ˈɡudiɐ] - /gudia/ “agulha”

- O fonema posterior médio baixo arredondado /ɔ/

O fonema posterior médio baixo arredondado /ɔ/ é realizado em núcleo silábico e possui apenas um alofone: o fone posterior médio baixo arredondado [ɔ]. Quanto à tonicidade, ele foi verificado apenas em sílaba tônica.

(509) [ˈmɔrɐ] - /mɔra/ “morar, habitar”

(510) [ˈdɔsi] ~ [ˈdɔs] - /ˈdɔsi/ “doce”

(511) [ˈgɔlpe] ~ [ˈgɔlpi] - /gɔlpe/ “golpe”

(512) [aˈɔs] - /aɔs/ “hoje”

- O fonema posterior médio alto arredondado /o/

O fonema posterior médio alto arredondado /o/ é realizado em núcleo silábico e possui três alofones: o fone posterior médio alto arredondado oral [o], o fone posterior médio alto arredondado nasal [õ] e o fone posterior médio baixo arredondado [ɔ].

O fone posterior médio alto arredondado oral [o], quanto à tonicidade, pode ocupar sílaba pretônica e tônica.

(513) [foˈrɛɫ] - /foreɫ/ “farelo”

(514) [ˈkɔntɐ] - /koNta/ “contar”

(515) [ˈoru] - /oru/ “ouro”

(516) [tʃomɐ] - /tʃoma/ “chamar”

(517) [ˈkor] - /kor/ “cor”

O fone posterior médio alto arredondado nasal [õ], tal qual os fones vocálicos nasais já descritos anteriormente, normalmente resulta de um processo de assimilação do traço nasal de uma coda nasal. Portanto, aparece em grande parte diante de [m, n, ɲ, ŋ], sendo poucos os casos em que ocorre a queda dessa coda após assimilação do traço nasal pela vogal tautossilábica. Quanto à tonicidade, o [õ] pode correr em sílabas pretônicas e tônicas, sendo menos comum nessa primeira.

(518) [kõn'tẽntɪ] - /koNteNti/ “contente, alegre”

(519) [bõn'dadɪ] - /boNdadi/ “bondade”

(520) [õnre] - /onra/ “honra”

(521) [kura'sõŋ] - /kurasoN/ “coração”

(522) [tʃõŋ] - /tʃoN/ “chão”

O fone posterior médio baixo não-arredondado [ɔ] foi verificado em sílabas pretônicas e tônicas, apresentando-se, em alguns casos, em variação livre com o [o].

(523) [ɔ' bi] ~ [o' bi] - /obi/ “escutar, falar”

(524) [nɔmɔ' ra] - /nomora/ “namorar”

(525) [ɔ' mɪ] ~ [o' mɪ] - /omi/ “homem”

(426) [ɔ' logu] - /logu/ “logo”

- O fonema posterior alto arredondado /u/

O fonema posterior alto arredondado /u/ é realizado em núcleo silábico e possui cinco alofones: o fone posterior alto fechado arredondado oral [u], o fone posterior alto fechado

arredondado nasal [ũ], o fone posterior alto aberto arredondado [ɔ], o fone aproximante labial oral [w] e o fone aproximante labial nasal [w̃].

O fone posterior alto fechado arredondado oral [u], no tocante à tonicidade, pode ocorrer em sílabas pretônicas e tônicas.

(427) [tur¹badɛ] - /turbada/ “trovão, trovoada”

(428) [sugu¹ra] - /sugura/ “segurar”

(429) [suku¹ta] - /sukuta/ “escutar”

(430) [¹suɲu] - /suɲu/ “sonho”

(431) [mɛ¹duɲu] - /meduɲu/ “medonho”

(432) [¹tudu] - /tudu/ “tudo, todo(a)(s)”

O fone posterior alto fechado arredondado nasal [ũ], tal qual os fones vocálicos nasais já descritos anteriormente, normalmente resulta de um processo de assimilação do traço nasal de uma coda nasal. Portanto, aparece em grande parte diante de [m, n, ɲ, ŋ], sendo poucos os casos em que ocorre a queda dessa coda após assimilação do traço nasal pela vogal tautossilábica. No que se refere à tonicidade, o [ũ] pode correr em sílabas pretônicas e tônicas.

(433) [diskũfi¹adu] ~ [diskũ¹fjadu] - /diskuNfiadu/ “desconfiado”

(434) [kũm¹pridu] - /kuNpridu/ “comprido, grande, largo”

(435) [¹pũntɛ] - /puNta/ “perguntar”

(436) [¹nũŋkɛ] - /nuNka/ “nunca”

O fone posterior alto aberto arredondado [ɔ], no que se refere à tonicidade, ocorre apenas em sílabas postônicas.

(437) [la'gartu] - /lagartu/ “lagarto(a)”

(438) [ĩŋ'ganu] - /iŋganu/ “engano”

(439) [mũn'tudu] - /muNtudu/ “lixo”

(440) ['nerbu] - /nerbu/ “nervo”

O fone aproximante labial oral [w] forma ditongos crescentes e decrescentes com vogais contíguas. Normalmente realiza-se em sílaba do tipo /V/ e, se a sílaba seguinte não apresentar segmento em ataque, ele forma com a vogal desta um ditongo crescente. Da mesma forma, se estiver antecedendo uma sílaba sem segmento em posição de coda, ele forma com a vogal que o antecede um ditongo decrescente. Quanto à tonicidade, pode ser realizado em sílaba tônica e postônica. Não foi verificada ocorrência em sílaba pretônica.

(441) ['maw] - /mau/ “mau”

(442) [t'fiw] - /tʃiu/ “muito”

(443) ['lĩŋgwɐ] - /liŋgua/ “língua”

O fone aproximante labial nasal [w̃] forma ditongos crescentes e decrescentes com vogais contíguas nas mesmas circunstâncias que o [w]. Ao formar o ditongo com a vogal, assimila o traço nasal da consoante nasal presente na posição de coda silábica. Quanto à tonicidade, foi verificada sua realização apenas em sílaba tônica. Foram encontrados poucos casos com o [w̃], os quais configuram realizações mais próximas do português.

(444) ['dũẽntɪ] ~ [du'ẽntɪ] - /dueNti/ “doente”

(445) ['dũẽnsɐ] ~ [du'ẽnsɐ] - /dueNsa/ “doença”

4.4 Os ditongos

O crioulo guineense apresenta ditongo crescente e decrescente, sendo apenas o segundo considerado fonológico – ditongo decrescente¹⁹⁴. O primeiro pode ser formado pela aproximante labial sonora [w] ou pela aproximante palatal [j]. O segundo, tal qual o primeiro, também pode apresentar ambos os segmentos mencionados na sua formação.

Para a compreensão do ditongo crescente como sendo não fonológico no crioulo guineense, foram consideradas aqui as interpretações de Mateus, Falé e Freitas (2005) e Bisol (2001) relativas aos ditongos do português.

De acordo com Mateus, Falé e Freitas (2005, p.258), a possibilidade de ocorrência, em uma mesma palavra, de uma forma com a sequência vogal + vogal e de uma forma com a sequência semivogal mais vogal evidencia que a estrutura fonológica contém duas vogais. Desse modo, fonologicamente, não há ditongos crescentes, o que leva a designar estas estruturas como “falsos ditongos”, em oposição à designação de “verdadeiros ditongos” atribuída pelas autoras aos ditongos decrescentes.

Bisol (2001) apresenta uma opinião semelhante quanto aos ditongos do português. Segunda a autora, Câmara Jr. (1969, p.54) considera que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes, pois os crescentes variam livremente com o hiato (por exemplo: *su.ar/suar*, *su.a.dor/sua.dor*)¹⁹⁵. Para Bisol (1989), também não há ditongo

¹⁹⁴ Para Kihm (1994, p.15-7) não é claro se há ditongos em crioulo. Segundo o autor, há razões para acreditar que em palavras como *kay* “cair” ou *kaw* “lugar”, a glide final é uma coda, e não um componente do núcleo. Os hiatos no interior de palavras são sempre resolvidos através da inserção de uma glide, então *dia* “dia”, por exemplo, é realizado [ˈdiya], e *bua* “voar” é realizado [buˈwa]. Assim, de acordo com o que Kihm (1994, p.17) propõe, os ditongos foram reinterpretados como uma sequência vogal e glide não-silábica, como em *bay* “ir”; ou eles foram simplificados como em *siti* “azeite”, *liti* “leite”, *kusa* “coisa” ou “cousa”, *puku* “pouco”, etc. Neste trabalho, porém, admite-se a existência de ditongos na língua. Não foram verificadas as inserções de glides nos hiatos em interior de palavras mencionadas por Kihm (1994) e acredita-se que os casos de simplificação referidos são processos que envolvem a formação das palavras da língua, quando pode haver perda de segmentos (como sínopes nos casos citados) ou acréscimos (como próteses, a exemplo de *iagu* “água” e *ientra* “entrar”). Além disso, em entrevistas realizadas, quando solicitados a pronunciar mais lentamente palavras e frases em crioulo, os informantes apresentaram uma tendência geral a não separar os ditongos decrescentes, o que não é suficiente, mas contribui para corroborar a hipótese de que os mesmos existem na língua. Outro fator importante a ser mencionado diz respeito ao fato de que Lang (no prelo, p.90), em sua *Gramática do crioulo da Ilha de Santiago*, ao tratar dos ditongos do crioulo cabo-verdiano (Ilha de Santiago), crioulo português pertencente à mesma família do crioulo guineense, como já visto, afirma “Nada se opõe a uma análise bifonemática dos ditongos do crioulo de Santiago. Quer dizer que todos os seus ditongos podem ser interpretados como sequências de dois fonemas vocálicos dentro de uma só sílaba dos quais cada um ocorre também noutras palavras, sem vir acompanhado pelo outro.” Na presente análise, adotou-se uma interpretação para os ditongos decrescentes semelhante à exposta por este autor. Note-se que os ditongos crescentes não foram aqui considerados a nível fonológico.

¹⁹⁵ Lopez (1979) tem posição semelhante a respeito do ditongo crescente (Cf. BISOL, 2001, p.111).

crecente, e a sequência VV (glide-vogal) é o resultado de ressilabação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não integram o inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. O principal argumento para essa interpretação corresponde ao fato de a sequência glide e vogal estar frequentemente em variação livre com a vogal alta correspondente¹⁹⁶.

É importante ressaltar, ainda, que, aqui, considerou-se para os ditongos a representação VV a nível fonológico. Segundo Câmara Jr. (1970) *apud* Bisol (2001, p.113), a semivogal é de natureza vocálica e ocupa com a vogal silábica o núcleo da sílaba; ela não comuta com consoante, mas o ditongo inteiro comuta com a vogal simples, a exemplo de *leu*, *lê*. Além disso, outra razão para analisar os ditongos como VV é a de que os glides não foram considerados, nesse trabalho, como elementos do inventário fonológico do crioulo guineense, podendo ser representados como C (ou mesmo V) apenas a nível fonético.

4.4.1 Ditongos crescentes

Os ditongos crescentes, existentes apenas a nível fonético, podem ser formados pela aproximante labial sonora [w] ou pela aproximante palatal [j], segmentos cujas representações fonológicas são /u/ e /i/, respectivamente. Os ditongos crescentes formados pela aproximante labial sonora são menos frequentes na língua, ao passo que os ditongos formados pela aproximante palatal são mais recorrentes. Em ambos os casos, os ditongos crescentes podem variar com o hiato.

A aproximante labial sonora [w] forma ditongo crescente com [a] e com [ɐ]. A aproximante palatal [j] forma ditongo crescente com [a], com [ɐ], com [e], com [ɛ], com [o], com [u] e com [ʊ]. Os ditongos crescentes ocorrem em sílabas do tipo [CV], [CCV], [CVC] e [CCVC] (ou [VV], [CVV], [VVC] e [CVVC]).

Ditongos crescentes formados com [w-]

¹⁹⁶ Cf. Bisol, 2001, p.111.

[wa]¹⁹⁷

(446) ['kwatɔ] - /kuatru/ “quatro”

(447) ['gwardɐ] - /guarda/ “guardar”

[wɐ]

(448) ['lĩŋgwɐ] ~ ['lĩŋguɐ] - /liNgua/ “língua”

Ditongos crescentes formados com [j-]**[ja]**

(449) ['jandɐ] ~ [i'andɐ] - /iaNda/ “andar”

(450) ['jagɔ] ~ [i'agɔ] - /iagu/ “água”

(451) ['jabɾɪ] ~ [i'abɾɪ] - /iabɾi/ “abrir”

[jɐ]

(452) ['badjɐ] ~ ['badiɐ] - /badia/ “dançar”

(453) ['padjɐ] ~ ['padʒjɐ] ~ ['padiɐ] - /padia/ “palha”

(454) [li'marjɐ] ~ [li'mariɐ] - /limaria/ “animal”

[je]

(455) ['tudje] ~ ['tudʒje] ~ ['tudie] - /tudie/ “impedir”

[jɛ](456) [jɛɾ'mõŋ] ~ [iɛɾ'mõŋ] ~ [ɛɾ'mõŋ]¹⁹⁸ - /iermoN/ “irmão(ã)”

¹⁹⁷ Estes ditongos estão bastante próximos de uma realização influenciada pelo português.

[jo]

(457) [nasjo'naɫ] ~ [nasio'naɫ] - /nasionaɫ/ “nacional”

[ju]

(458) [ba'djudɐ] ~ [ba'dʒjudɐ] - /badiuda/ “moça, menina, garota”

[jo]

(459) ['fidjo] ~ ['fidʒjo] ~ ['fidio] - /fidiu/ “filho(a)”

(460) ['badjo] ~ ['badʒjo] ~ ['badio] - /badiu/ “dança”

(461) ['bedjo] ~ ['bedʒjo] ~ ['bedio] - /bediu/ “velho, idoso”

4.4.2 Ditongos decrescentes

O ditongo decrescente, tal qual o crescente, pode ser formado pela aproximante labial sonora [w] ou pela aproximante palatal [j], com representações fonológicas /u/ e /i/, respectivamente. A aproximante labial sonora [w] forma ditongo decrescente com [a], com [e], com [ɛ] e com [i]. A aproximante palatal [j] forma ditongo decrescente com [a], com [ɐ], com [e], com [ɛ], com [o] e com [u]. Os ditongos decrescentes são fonológicos no crioulo guineense e ocorrem em sílabas do tipo [VC], [CVC], [CVCC] e [CCVC] (ou [VV], [CVV], [CVVC], [CCVV]).

Ditongos decrescentes formados com [-w]

¹⁹⁸ Verificou-se que esta palavra apresenta uma forma variante [er'mõŋ] “irmão(ã)” que, segundo os informantes da pesquisa, seria mais coloquial. A produção [jer'mõŋ] seria a forma por eles considerada mais padrão na língua.

[aw]

(462) ['maw] - /mau/ “mau”

(463) [bi 'saw] - /bisau/ “Bissau”

[ew]

(464) [tʃa 'pew] ~ [ʃa 'pew] - /tʃapeu/ “chapéu”

(465) ['dews] - /deus/ “Deus”

[ɛw]

(466) ['vɛw] - /vɛw/ “véu”

(467) [mar 'tɛw] - /martɛu/ “martelo”

[iw]

(468) ['tiw] - /tiu/ “tio”

(469) ['tʃiw] - /tʃiu/ “muito”

(470) ['friw] - /frii/ “frio”

Ditongos decrescentes formados com [-j]**[aj]**

(471) ['baj] - /bai/ “ir”

(472) ['rajbɐ] ~ ['rejbɐ] - /raiba/ “raiva”

(473) ['kaj] - /kai/ “cair”

[ɐj]

(474) ['dʒũmbɐj] - /dʒuNbai/ “conversa (de jovens)”

[ej]

(475) ['lej] - /lei/ “ler”

(476) [lej'dur] - /leidur/ “leitor”

[ɛj]

(477) ['rejbɐ] ~ ['rajbɐ] - /raiba/ “raiva”

[oj]

(478) ['boj] - /boi/ “boi”

(479) ['ojto] - /oitu/ “oito”

[uj]

(480) ['puj] - /pui/ “pôr”

Não foram identificados ditongos fonológicos nasais, pois as ocorrências de ditongos nasais observadas aparecem em sílabas com coda nasal e coexistem com suas respectivas realizações orais, configurando um processo de assimilação do traço nasal da coda pela vogal¹⁹⁹. Além disso, foram encontrados alguns casos de ditongos nasais fonéticos também em palavras com realizações mais próximas do português, como apresentado abaixo.

Foram encontrados apenas dois casos de ditongos nasalizados (ambos crescentes) que também apresentam uma forma variante oral. Nesses casos, o ditongo oral assimila o traço nasal da consoante em coda, tornando-se nasalizado. Trata-se, pois, de um ditongo apenas fonético:

[jẽ]

(481) [ˈjẽntɾɐ] ~ [ˈjɛntɾɐ] ~ [i'entɾɐ] - /ieNtra/ “entrar”

¹⁹⁹ Para melhor compreensão dos processos fonológicos, ver capítulo 4.

[jã]

(482) ['jãndə] ~ ['jandə] ~ [i'andə] - /iaNda/ “andar”

Ainda no que concerne aos ditongos fonéticos nasalizados, também foram encontrados algumas ocorrências relacionadas a produções mais influenciadas pelo português. Alguns exemplos aparecem abaixo:

Ditongos crescentes:**[wẽ]**

(483) ['dũẽntɪ] ~ [du'ẽntɪ] - /dueNti/ “doente”

(484) ['dũẽnsə] ~ [du'ẽnsə] - /dueNsa/ “doença”

[jõ]

(485) [a'vjõŋ] ~ [avi'õŋ] - /avioN/ “avião”

Ditongos decrescentes:**[ãw̃]**

(486) [kɔ̃fu'zãw̃] ~ [kɔ̃nfuzõŋ] - /koNfuzoN/ “briga, confusão”

(487) ['nãw̃] ~ ['naw] - /nau/ “não”

[ẽj]

(488) [arma'zẽjŋ] - /armazeN/ “armazém, loja”

(489) ['ʒɔvẽjŋ] ~ ['dʒɔvẽjŋ] - /dʒɔveN/ “jovem”

5 A SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS

Nesse capítulo, serão apresentados a sílaba e os processos fonológicos do crioulo da Guiné-Bissau, respectivamente. No que concerne à primeira seção, serão evidenciados os tipos silábicos e o molde silábico da língua, ao passo que a segunda seção desse capítulo apresentará os processos fonológicos observados no *corpus* analisado.

5.1 A sílaba do crioulo guineense

O crioulo da Guiné-Bissau apresenta os seguintes tipos silábicos fonéticos: [V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, VVC, CVVC, CCCV, N]. Os tipos [VV]²⁰⁰, [VVC] e [CVVC] não foram confirmados fonologicamente, sendo assim, a língua apresenta, em sua fonologia, os padrões silábicos que seguem: /V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV²⁰¹, N²⁰²/, e possui como molde silábico a estrutura (C)(C)(C)V/N(V)(C).

Tendo em vista que o português é a língua de superstrato do crioulo guineense, seria interessante observar, ainda que de forma sucinta, as diferenças e semelhanças concernentes aos padrões silábicos fonológicos das duas línguas. Para tal, observe-se o quadro a seguir:

²⁰⁰ Foi observada a palavra ['ojto] (VV.CV) nos dados, porém, por se tratar de um dado isolado e muito próximo ao português, não se considerou que o mesmo fosse suficiente para se afirmar a existência de uma sílaba fonológica VV em crioulo.

²⁰¹ Deve-se ressaltar que, aqui, considerou-se a existência do padrão fonológico /CCCV/, porém esta se trata de uma análise ainda incipiente, pois, para corroborar de fato a existência desse padrão fonológico na língua, seria importante realizar uma investigação da métrica da mesma, o que não foi feito aqui. Assim, apesar de se considerar o padrão /CCCV/ como fonológico, ainda não se pode afirmar isso de maneira contundente.

²⁰² Para evitar ambiguidade quanto ao estatuto da sílaba, devido ao fato de aqui se considerar a nasal que inicia os vocábulos como silábica (Cf. item 4.2.1.2 desse capítulo), seja ela lexical ou referente à 1ª pessoa do singular, preferiu-se representá-la, no que concerne à estrutura silábica, como a própria nasal: [N] e /N/.

Quadro 15: Padrões silábicos do português e do crioulo

PADRÕES SILÁBICOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS E DO CRIOULO			
Português²⁰³		Crioulo da Guiné-Bissau²⁰⁴	
V	/ɛ/	V	/iagu/
VC	/aR/	VC	/ɛl/
VCC	/iNstaNte/	_____	_____
CV	/ka/	CV	/pɛ/
CVC	/laR/	CVC	/kabas/
CVCC	/moNstro/	_____	_____
CCV	/tri/	CCV	/sta/
CCVC	/tres/	CCVC	/tras/
CCVCC	/traNspɔRte/	_____	_____
VV	/aula/	_____	_____
CVV	/lei/	CVV	/kai/
CCVV	/grau/	_____	_____
CCVVC	/klaustro/	_____	_____
_____	_____	CCCV	/splika/
_____	_____	N	/mbarka/

²⁰³ Cf. Bisol (2001); Mateus, Falé e Freitas (2005).

²⁰⁴ Aqui, também foram observadas as considerações de Mbodj (1979), Couto (1994) e Kihm (1994) no tocante à sílaba do crioulo guineense.

Assim, pode-se verificar que, enquanto o português apresenta treze padrões silábicos, o crioulo da Guiné-Bissau possui apenas nove, dos quais dois não se encontram no português, o /CCCV/ e o /N/. Já o português evidencia um total de seis padrões silábicos que não aparecem (ao menos fonologicamente) no crioulo, quais sejam: /VCC, CVCC, CCVCC, VV, CCVV, CCVVC/. Quanto ao molde silábico do português e do crioulo, também foram verificadas diferenças. O do português, segundo Bisol (2001, p.110), seria (C)(C)V(C)(C), e o do crioulo (C)(C)(C)V/N(V)(C).

Segundo Parkvall (2012, p.111), de um modo geral, observa-se com frequência que os crioulos atlânticos, em comparação com suas respectivas línguas lexificadoras, apresentam uma tendência maior para a estrutura silábica CV. Essa deriva em direção à estrutura canônica CV é algo que não necessariamente é devido à influência do substrato, pois uma tendência semelhante pode ser observada nas línguas pidgin e crioulas do mundo, independentemente dos substratos que lhes serviram de *input*. Entretanto, seria possível considerar que as diferenças entre os vários crioulos refletem uma diferença na composição dos substratos, visto que as fonotáticas dos crioulos não são igualmente estritas e, no que se refere aos crioulos africanos ocidentais, não são as mesmas de seus substratos.

Deve-se observar, porém, que nos crioulos atlânticos há uma correlação entre a simplificação da sílaba e a distância tipológica geral a partir da língua lexificadora. Assim, ainda de acordo com Parkvall (2012, p.111-2), é não só possível, mas mesmo plausível que, mais do que a contribuição de um substrato específico, a proporção de sílabas CV em relação a outros tipos mais complexos de sílabas reflita um afastamento geral da gramática e da fonologia da língua lexificadora.

No que diz respeito às línguas de substrato, em linhas gerais, CV é o tipo silábico mais comum na África Ocidental, e um grande número de línguas permite apenas sílabas V e CV, não admitindo coda nem ataque complexo. Há inclusive algumas línguas que não admitem as sílabas V, ou ao menos em que o vocábulo nativo não pode começar por vogal²⁰⁵.

Dentre as famílias que contemplam as principais línguas de substrato do crioulo guineense, o atlântico destaca-se como aquela em que vários tipos de coda são permitidos; muitas línguas desse grupo admitem até conglomerados finais de sílabas, ao passo que o banto e o kru, por sua vez, não aceitam nenhum tipo de coda. O mande é o grupo mais exigente, sendo poucas as línguas que permitem conglomerados iniciais. Portanto, pode-se

²⁰⁵ Cf. Parkvall, 2012, p.114.

afirmar a respeito das estruturas silábicas dos crioulos atlânticos que algumas variedades têm ou já tiveram restrições excepcionalmente rígidas, permitindo basicamente apenas sílabas V e CV²⁰⁶.

No que concerne ao crioulo da Guiné-Bissau, tanto as sílabas V quanto as CV foram atestadas fonologicamente, como será demonstrado mais abaixo, porém o padrão CV é o que se faz mais presente. De acordo com Couto (1994, p.75), é possível ver nas primeiras palavras registradas pelos cronistas dos séculos XVI e XVII que o padrão silábico mais comum no crioulo da Guiné-Bissau é CV²⁰⁷, e, quanto mais se recua na história do crioulo, mais nitidamente se observa a tendência a essa sílaba.

Kihm (1994, p.13) corrobora a assertiva de que o crioulo é majoritariamente uma língua CV e acrescenta que a coda da sílaba final da palavra é uma posição “especial”, pois ela aparece preferencialmente vazia ou ocupada por uma sonorante. Outra implicação do padrão CV é que as palavras do crioulo muitas vezes iniciam com uma consoante, isto é, o onset da sílaba normalmente não está vazio²⁰⁸. Além disso, ramificações primárias de consoantes não estão excluídas do crioulo.

Para Mbodj (1979, p.51-4), o cânone silábico do guineense é também o tipo CV(C). É interessante observar que o autor, a fim de estabelecer as frequências dos padrões silábicos da língua, fez uma análise pautada em 304 sílabas, as quais evidenciaram a presença de sílabas preferencialmente abertas e os seis tipos silábicos²⁰⁹ organizados na tabela a seguir:

Tabela 6: tipos de sílaba (MBODJ, 1979)

RANG ²¹⁰	TYPE ²¹¹	%
1	CV	65,46
2	V	14,80

²⁰⁶ Cf. Parkvall, 2012, p.114.

²⁰⁷ Como diz Couto (1994, p.75) essa tendência levou a algumas ressilabificações de termos portugueses. O exemplo mais convincente é o próprio nome da língua, *kriol* em crioulo aportuguesado, mas *kiriol* em crioulo tradicional.

²⁰⁸ Atualmente, há várias exceções a esse princípio, mas ele era certamente ativo como uma tendência histórica (KIHM, 1994, p.13).

²⁰⁹ Nesse trabalho, foram identificados nove padrões silábicos fonológicos para o crioulo: /V, VC, CV, CVC, CCV. CCVC, CVV, CCCV, N/.

²¹⁰ O *ranking* dos padrões silábicos, organizados em ordem decrescente.

²¹¹ Os tipos silábicos encontrados.

3	CVC	13,49
4	VC	5,59
5	CCV	0,33
6	CCVC	0,33

Couto (1994, p.75), em um procedimento semelhante ao de Mbodj (1979), também fez uma contagem exploratória de 765 sílabas retiradas de alguns textos, e o resultado foi o que se vê abaixo:

Tabela 7: tipos de sílaba (COUTO, 1994)

Tipo	%
CV	58,82
CVC	18,03
V	13,98
VC	4,44
CCV	4,05
CCVC	0,05

Uma comparação entre os resultados encontrados pelos dois autores evidencia que a contagem de Mbodj (1979) diferiu com a de Couto (1994) apenas quanto aos padrões V e CVC: para o primeiro autor, o padrão V ocupa a segunda posição do ranking, com 14,80%; para o segundo autor, é o padrão CVC que aparece em segundo lugar, com 18,03%. Deve-se salientar, porém, que as diferenças de porcentagem que separam os padrões V e CVC, em ambos os autores, são pequenas.

Os autores observaram, ainda, que no crioulo guineense as palavras dissílabas são as mais numerosas, seguidas pelas trissílabas, também numerosas na língua, pelas tetrassílabas e, finalmente, pelas monossílabas, que são as palavras mínimas da língua²¹². Note-se, no entanto, que os padrões que contêm mais de três sílabas estão quase sempre representados por palavras derivadas, e a derivação, ao contrário da composição, não é muito tipicamente crioula. Consequentemente, quanto mais se distancia do padrão dissilábico, na direção do tetrassilábico (ou mesmo pentassilábico), mais se distancia do crioulo tradicional e se aproxima do crioulo aportuguesado²¹³.

Nessa seção, serão apresentados os padrões silábicos fonéticos e fonológicos do crioulo guineense, bem como seus respectivos moldes silábicos. Para tal, serão levados em consideração trabalhos anteriores que versam sobre a fonologia da língua.

5.1.1 As sílabas fonéticas

No crioulo guineense, como já mencionado mais acima, foi verificada a ocorrência de doze padrões silábicos fonéticos, quais sejam: [V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, VVC, CVVC, CCCV, N]. A sílaba fonética, devido à ocorrência de processos fonológicos, nem sempre se confirma fonologicamente. A seguir, serão apresentadas as sílabas fonéticas do crioulo da Guiné-Bissau, sendo considerado, para isso, sua posição na palavra e os segmentos permitidos em cada posição.

5.1.1.1 A sílaba [V]

A sílaba [V] pode vir em início e em meio de palavra e pode formar palavra mínima (monossílabo). O padrão [V] pode ter seu núcleo preenchido pelas vogais [i, u, e, o, a], não tendo sido observada a presença de [ɛ, ɔ] nesse tipo silábico. Acredita-se, porém, que sua realização seria possível nessa estrutura da língua.

(490) ['amɛ] V.CV - /ama/ “ama, babá”

²¹² Apenas alguns pouquíssimos casos configuram palavras pentassílabas.

²¹³ Cf. Couto, 1994, p.76.

- (491) [i'ago] ~ [ˈjago] V.V.CV - /iagu/ “água”
 (492) [ˈuro] V.CV - /uru/ “ouro”
 (493) [ˈi] V - /i/ “é”
 (494) [a'bo] V.CV - /abo/ “você, tu”
 (495) [e'lis] V.CVC - /elis/ “eles(as)”
 (496) [ˈomi] V.CV - /omi/ “homem”

5.1.1.2 A sílaba [VC]

A sílaba [VC] pode vir em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão [VC] pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais, exceto [ɪ, ʊ, ɐ], e a coda pode ser preenchida pelos segmentos [m, n, ɲ, ŋ, s, ʃ, ʒ, ʎ, ɾ, r].

- (497) [ˈonrɐ] ~ [ˈõnrɐ] VC.CV - /oNra/ “honra”
 (498) [ˈar] VC - /ar/ “ar”
 (499) [ˈɛl] VC - /ɛl/ “ele(a)”
 (500) [i'entrɐ] ~ [ˈentrɐ] ~ [ˈjentrɐ] V.VC.CCV - /ieNtra/ “entrar”
 (501) [ˈindɐ] VC.CV - /iNda/ “ainda”
 (502) [bi'andɐ] CV.VC.CV - /biaNda/ “comida, alimento”
 (503) [ˈalmɐ] VC.CV - /alma/ “alma”
 (504) [ˈũŋ] VC - /uN/ “um(a)”
 (505) [a'ontɪ] V.VC.CV - /aoNti/ “ontem”
 (506) [a'ɔs] V.VC - /aɔs/ “hoje”

5.1.1.3 A sílaba [CV]

A sílaba [CV] pode vir em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão [CV] pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais orais e o onset preenchido por todas as consoantes fonéticas, exceto [h], que, como será visto na seção 4.2, é resultado de um processo fonológico e apenas ocupa a posição de coda, o que não se aplica a esse padrão silábico.

- (507) ['nɛgɐ] CV.CV - /nɛga/ “negar”
- (508) ['ku] ~ ['ki] CV - /ku/ “com”
- (509) ['sinɐ] CV.CV - /sina/ “ensinar”
- (510) ['medu] CV.CV - /medu/ “medo”
- (511) ['ʒuɲu] CV.CV - /dʒuɲu/ “junho”
- (512) [ʃa'tiɐ] CV.CV.V - /tʃatia/ “chatear”
- (513) [suku'ta] CV.CV.CV - /sukuta/ “escutar”
- (514) ['sedu] ~ ['seðu] CV.CV - /sedu/ “ser”
- (515) ['falɐ] CV.CV - /fala/ “falar”
- (516) ['vivi] CV.CV - /vivi/ “viver”
- (517) ['kɔbɐ] CV.CV - /kɔba/ “buraco, cova”
- (518) ['bokɐ] CV.CV - /boka/ “boca”

5.1.1.4 A sílaba [CVC]

A sílaba [CVC] pode vir em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão [CVC] pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais fonéticas, exceto [ɪ, ʊ, ɐ], o onset preenchido por todas as consoantes fonéticas, exceto [h], e a coda preenchida pelos segmentos [m, n, ɲ, ŋ, s, ʃ, ʒ, ʎ, ɾ, r].

- (519) [mĩɲ' dʒɛɾ] CVC.CVC - /miNdʒɛɾ/ “mulher”
- (520) ['falsu] CVC.CV - /falsu/ “falso”
- (521) [ka' tʃur] CV.CVC - /katʃur/ “cachorro”
- (522) [m' barkɐ] N.CVC.CV - /Nbarka/ “embarcar”
- (523) ['kĩntɪ] CVC.CV - /kiNti/ “quente”
- (524) [tur' badɐ] CVC.CV.CV - /turbada/ “trovoada”
- (525) ['bas] CVC - /bas/ “embaixo, abaixo”
- (526) [no' gɔs] CV.CVC - /nogɔs/ “negócio”
- (527) ['pɔstɐ] CVC.CV - /pɔsta/ “apostar”
- (528) ['pɛrtu] CVC.CV - /pɛrtu/ “perto”
- (529) ['põŋ] CVC - /poN/ “pão”
- (530) ['pensɐ] CVC.CV - /peNsa/ “pensar”

5.1.1.5 A sílaba [CCV]

A sílaba [CCV] pode vir em início, em meio e em final de palavra e não forma palavra mínima. O padrão [C¹C²V] pode ter seu núcleo preenchido pelas vogais [i, u, ɪ, ʊ, a, ɐ], a C¹ do onset preenchida pelos segmentos [p, b, t, k, g, f, v] e a C² também do onset preenchida pelos segmentos [l, ɾ, r], sendo o [l] menos frequente. Não foi verificada no *corpus* a presença do segmento [d] na posição de C¹, porém acredita-se que essa é uma realização possível na língua.

- (531) ['klarɔ] CCV.CV - /klaru/ “claro”
- (532) ['kru] CCV - /kru/ “cru”
- (533) ['libɾɪ] CV.CCV - /libri/ “livre”
- (534) ['magrɔ] CV.CCV - /magru/ “magro(a)”
- (535) ['livrɔ] CV.CCV - /livru/ “livro”

- (536) ['prato] CCV.CV - /pratu/ “prato”
- (537) [kũm'pridu] CVC.CCV.CV - /kuNpridu/ “comprido, largo, grande”
- (538) ['labrɛ] CV.CCV - /labra/ “lavarar”
- (539) ['fraku] CCV.CV - /fraku/ “fraco”
- (540) ['utru] V.CCV - /utru/ “outro(a)”

5.1.1.6 A sílaba [CCVC]

A sílaba [CCVC] foi observada apenas em três palavras mínimas da língua. O padrão [C¹C²V] pode ter seu núcleo preenchido pelos segmentos [i, u, ã], a C¹ do onset preenchida pelos segmentos [t, g, f] e a C² também do onset preenchida pelos segmentos [l, r, r].

- (541) ['tris] CCVC - /tris/ “três”
- (542) ['flur] CCVC - /flur/ “flor”
- (543) ['grãŋ] CCVC - /graN/ “grão”

5.1.1.7 A sílaba [VV]

A sílaba [VV] foi verificada apenas em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão [V¹V²] pode ter V¹ preenchido por [j] e V² por [a]. Deve-se notar que esse padrão silábico é mais raro no crioulo, de forma que nos dados analisados apenas duas ocorrências foram verificadas, ambas com uma forma variante, visto que se tratam de ditongos crescentes fonéticos que podem ser produzidos com uma sílaba VV (nesse contexto, igual a CV) ou duas sílabas V.

- (544) ['jagu] ~ [i'ago] VV.CV²¹⁴ - /iagu/ “água”
- (545) ['jabri] ~ [i'abri] VV.CCV²¹⁵ - /iabri/ “abrir”

²¹⁴ Ou CV.CV, ou V.V.CV.

5.1.1.8 A sílaba [CVV]

A sílaba [CVV] foi verificada em início, meio e fim de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão [CV¹V²] pode ter o onset preenchido pelos segmentos [p, b, t, k, g, m, n, f, v, s, tʃ, dʒ, l], V¹ preenchido por [j, a, u, e, i] e V² por [j, w, o, u].

(546) ['maw] CVV - /mau/ “mau”

(547) [nasjo'naʃ] CV.CVV.CVC - /nasionaʃ/ “nacional”

(548) [ba'djudɛ] ~ [ba'dʒudɛ] CV.CVV.CV - /badiuda/ “moça, menina, garota”

(549) ['kaw] CVV - /kau/ “casa”

(550) [bi'saw] CV.CVV - /bisau/ “Bissau”

(551) ['puj] CVV - /pui/ “pôr”

(552) ['rejbɛ]²¹⁶ CVV.CV - /reiba/ “raiva”

(553) ['lej] CVV - /lei/ “ler”

(554) ['baj] CVV - /bai/ “ir”

(555) ['tiw] CVV - /tiu/ “tio”

(556) ['tʃiw] CVV - /tʃiu/ “muito”

5.1.1.9 A sílaba [VVC]

A sílaba [VVC] foi verificada somente em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão [V¹V²C] pode ter a V¹ preenchida com [j, ʃ], a V² com [e, ê, a, ã] e a coda com [n]. Deve-se notar que esse padrão silábico é mais raro no crioulo, de forma que nos dados analisados apenas duas ocorrências foram verificadas, ambas correspondendo a ditongos fonéticos.

²¹⁵ Ou CV.CCV, ou V.V.CCV.

²¹⁶ Forma variante: [ˈrajbɛ] “raiva”.

(557) ['jentɾɐ] ~ ['jẽntɾɐ] VVC.CCV - /ieNtra/ “entrar”

(558) ['jandɐ] ~ ['jãndɐ] VVC.CV - /iaNda/ “andar”

5.1.1.10 A sílaba [CVVC]

A sílaba [CVVC] foi verificada apenas em início e fim de palavra e não forma palavra mínima. Os casos encontrados no *corpus* com esse padrão silábico correspondem a produções mais próximas do português, nas quais se observa a presença de ditongo nasal fonético. Assim, tendo em vista as ocorrências verificadas, o padrão [CV¹V²C] pode ter o onset preenchido pelos segmentos [d, z, v], V¹ preenchido por [ẽ, j̃, ã], V² por [ẽ, õ, j̃] e a coda por [n, ŋ].

(559) ['dũẽntɪ] ~ [du'ẽntɪ] CVVC.CV - /dueNti/ “doente”

(560) ['dũẽnsɐ] ~ [du'ẽnsɐ] CVVC.CV - /dueNsa/ “doença”

(561) [a'vjõŋ] ~ [avi'õŋ] V.CVVC - /avioN/ “avião”

(562) [arma'zẽj̃ŋ] CV.CV.CVVC - /armazeN/ “armazém, loja”

(563) ['ʒɔvẽj̃ŋ] CV.CVVC - /dʒɔveN/ “jovem”

5.1.1.11 A sílaba [CCCV]

A sílaba [CCCV] pode vir apenas em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão [C¹C²C³V] pode ter seu núcleo preenchido por [e, a, i], a C¹ do onset preenchida pelos segmentos [s, j], a C² também do onset preenchida pelos segmentos [p, t, k] e a C³ por [r, ɾ, l]. Esse padrão silábico é mais raro na língua, de modo que foram encontradas poucas ocorrências do mesmo²¹⁷.

(564) ['strelɐ] ~ ['ʃtrelɐ] CCCV.CV - /strela/ “estrela”

²¹⁷ Couto (1994, p.75) também atesta a existência desse padrão silábico.

- (565) ['stradɛ] ~ ['ʃtradɛ] CCCV.CV - /strada/ “estrada”
 (566) ['splikɛ] ~ ['ʃplikɛ] CCCV.CV - /splika/ “explicar”
 (567) [skrɪ'bi] ~ [ʃkrɪ'bi] ~ [skɪr'bi] CCCV.CV - /skirbi/ “escrever”

5.1.1.12 A sílaba [N]

A sílaba [N] pode vir somente em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão [N] pode ter seu núcleo preenchido pelos segmentos [m, n, ɲ, ŋ].

- (568) [m'barɛ] N.CVC.CV - /Nbarka/ “embarcar”
 (569) [n'fɛrɒ] ~ [ɲn'fɛrɒ] N.CVC.CV - /Nfernu/ “inferno”
 (570) [m'bai] N.CVV - /Nbai/ “eu fui”
 (571) [ŋ'kantɛ] N.CVC.CV - /NkaNta/ “eu cantei”
 (572) [ŋ'djũndɛ] N.CVC.CV - /NdzuNda/ “eu puxei”
 (573) [n'sibi] N.CV.CV - /Nsibi/ “eu soube, eu subi”

5.1.2 O molde da sílaba fonética

A partir da descrição e observação dos tipos silábicos fonéticos do crioulo guineense, pode-se afirmar que o molde da sílaba fonética da língua é o representado abaixo. Observe-se que, quando a sílaba é formada apenas pelo núcleo, este pode ser uma vogal ou um segmento nasal [N], que apenas ocorre em início de palavra, podendo ser lexical ou um morfema.

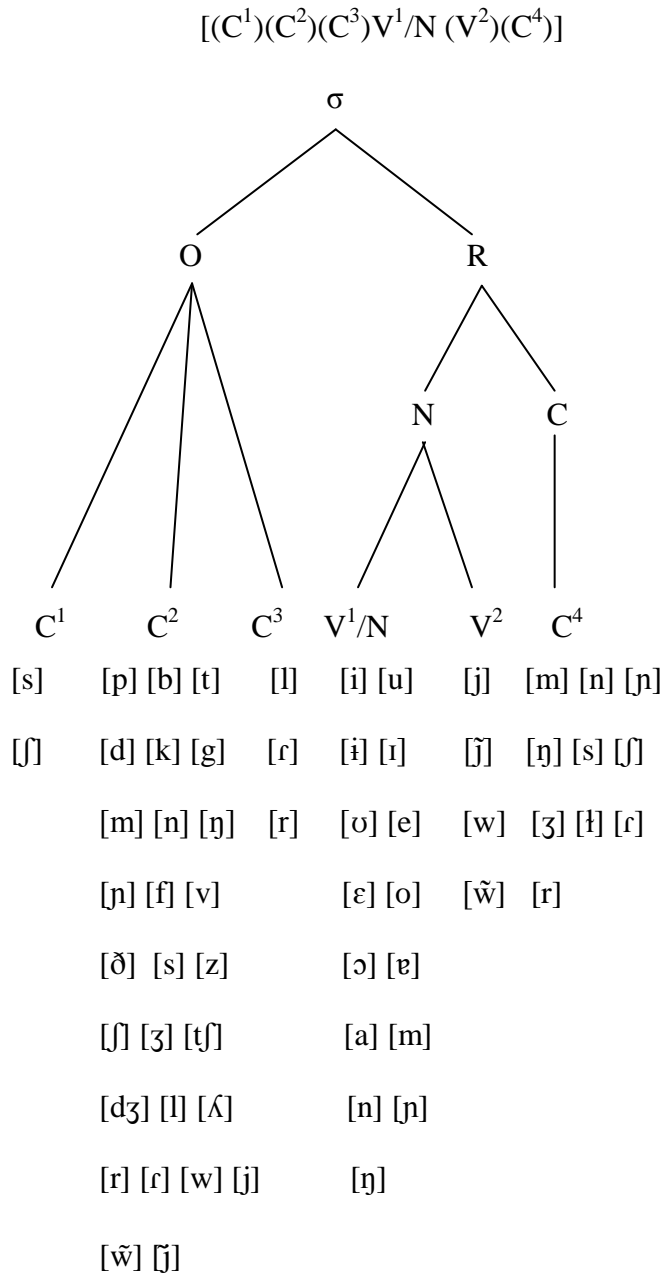


Figura 3: O molde da sílaba fonética

5.1.3 As sílabas fonológicas

No crioulo da Guiné-Bissau, há nove tipos de sílaba fonológica: /V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV, N/, sendo cinco abertas (/V, CV, CCV, CVV, CCCV/) e quatro fechadas (/VC, CVC, CCVC, N/). Comparativamente às sílabas fonéticas, observa-se que os tipos silábicos formados com onset e coda simples e núcleo ramificado – [CVVC] –, sem onset, com núcleo ramificado e com coda simples – VVC – e sem onset e com núcleo

ramificado – [VV]²¹⁸ – não se confirmaram fonologicamente. A seguir, serão apresentados os tipos silábicos do crioulo, levando-se em consideração para tal o seu comportamento na palavra e os segmentos permitidos em cada posição.

5.1.3.1 A sílaba /V/

A sílaba /V/ pode vir em início e em meio de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão /V/ pode ter seu núcleo preenchido pelas vogais /i, u, e, o, a/. Não se verificou a ocorrência de /ɛ, ɔ/ formando esse tipo silábico, porém acredita-se que tais segmentos poderiam integrá-lo.

(574) [a'ɔs] - /aɔs/ V.VC “hoje”

(575) ['urɔ] - /uru/ V.CV “ouro”

(576) [a'rus] - /arus/ V.CVC “arroz”

(577) ['elis] - /elis/ V.CVC “eles(as)”

(578) [i'agɔ] ~ ['jagɔ] - /iagu/ V.V.CV “água”

(579) ['omi] - /omi/ V.CV “homem”

(580) ['i] - /i/ V “é”

5.1.3.2 A sílaba /VC/

A sílaba /VC/ pode vir em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão /VC/ pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais fonológicas, e a coda pode ser preenchida pelos segmentos [N²¹⁹, s, r, l].

²¹⁸ Para o padrão [VV], encontrou-se apenas uma realização que poderia configurar o padrão fonológico /VV/. No entanto, tendo em vista que no *corpus* utilizado para essa pesquisa foi verificada a presença de apenas um dado cuja realização é muito próxima do português (['ojto] - /oitu/ “oito”), não foi possível confirmar o padrão fonológico /VV/ para o crioulo guineense.

- (581) ['ɛɫ] - /ɛɫ/ VC “ele(a)”
- (582) ['es] - /es/ VC “este(a)”
- (583) ['aɫmɐ] - /alma/ VC.CV “alma”
- (584) ['õnrɐ] ~ ['õnrɐ] - /oNra/ VC.CV “honra”
- (585) [bi'andɐ] ~ ['bjandɐ] - /biaNda/ CV.VC.CV “comida, alimento”
- (586) [a'ɔs] - /aɔs/ V.VC “hoje”
- (587) ['ũŋ] - /uN/ VC “um”
- (588) ['ĩndɐ] - /iNda/ VC.CV “ainda”
- (589) ['ar] - /ar/ VC “ar”

5.1.3.3 A sílaba /CV/

A sílaba /CV/aparece em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão /CV/ pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais fonológicas e o onset preenchido por todas as consoantes.

- (590) ['si] - /si/ CV “seu, sua”
- (591) ['kuro] - /kuru/ CV.CV “couro”
- (592) [si'bi] - /sibi/ CV.CV “saber, subir”
- (593) ['kapɐ] - /kapa/ CV.CV “capar”
- (594) ['gɛrɐ] - /gera/ CV.CV “guerra”
- (595) ['pɔstɐ] - /pɔsta/ CVC.CV “apostar”
- (596) ['dʒitu] - /dʒitu/ CV.CV “jeito”
- (597) ['nɔbɐ] - /nɔba/ CV.CV “nova, novidade, notícia”
- (598) [ka'miɲu] - /kamiju/ CV.CV.CV “caminho”

²¹⁹ O /N/ trata-se de um arquifonema, o qual representa um segmento nasal com ponto subespecificado (para os processos fonológicos que envolvem as nasais, ver a seção 4.2 desse capítulo).

- (599) ['bøkə] - /boka/ CV.CV “boca”
 (560) [ba 'gɛrɐ] - /bagera/ CV.CV.CV “abelha”
 (561) ['sedu] ~ ['seðu] - /sedu/ CV.CV “ser”

5.1.3.4 A sílaba /CVC/

A sílaba /CVC/ ocorre em início, em meio e em final de palavra e pode formar palavra mínima. O padrão /CVC/ pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais fonológicas, o onset preenchido por todas as consoantes e a coda preenchida pelos segmentos [N, s, r, l].

- (562) ['kor] - /kor/ CVC “cor”
 (563) ['sɔl] - /sɔl/ CVC “sol”
 (564) ['dentru] - /deNtru/ CVC.CCV “dentro”
 (565) [ka 'bantɐ] - /kabaNta/ CV.CVC.CV “acabar”
 (566) ['nerbu] - /nerbu/ CVC.CV “nervo”
 (567) ['mas] - /mas/ CVC “mas”
 (568) [ka 'bas] - /kabas/ CV.CVC “cabaça”
 (569) ['pĩntʃɐ] - /piNtʃa/ CVC.CV “empurrar”
 (570) ['barsɐ] - /barsa/ CVC.CV “abraçar”
 (571) ['punte] - /puNta/ CVC.CV “perguntar”
 (572) ['serkɐ] - /serka/ CVC.CV “sercar”
 (573) ['kɔrdɐ] - /kɔrda/ CVC.CV “corda”
 (574) ['baldu] - /baldu/ CVC.CV “balde”
 (575) ['mõŋ] - /moN/ CVC “mão”
 (576) ['pɛrtɐ] - /pɛrta/ CVC.CV “apertar”
 (577) ['larmɐ] - /larma/ CVC.CV “lágrima”

5.1.3.5 A sílaba /CCV/

A sílaba /CCV/ pode vir em início, em meio e em final de palavra e não forma palavra mínima. O padrão /C¹C²V/ pode ter seu núcleo preenchido pelas vogais /i, u, a/, a C¹ do onset preenchida pelos segmentos /p, b, t, k, g, f, v/ e a C² também do onset preenchida pelos segmentos /l, r/. Não foi verificada no *corpus* a presença do segmento /d/ na posição de C¹, porém acredita-se que a ocorrência deste nesse contexto é possível na língua.

- (578) [kri'ɔʎ] - /kriɔʎ/ CCV.VC “crioulo”
- (579) ['prato] - /pratu/ CCV.CV “prato”
- (580) ['brugɐ] - /bruga/ CCV.CV “verruga”
- (581) ['kubrɪ] - /kubri/ CV.CCV “cobrir”
- (582) ['magrɔ] - /magru/ CV.CCV “magro”
- (583) ['kru] - /kru/ CCV “cru”
- (584) [i'entrɐ] ~ ['jentɐ] - /ieNtra/ V.VC.CCV “entrar”
- (585) ['frakɔ] - /fraku/ CCV.CV “fraco”
- (586) ['livrɔ] - /livru/ CV.CCV “livro”

5.1.3.6 A sílaba /CCVC/

A sílaba /CCVC/ foi observada apenas em três palavras mínimas da língua. O padrão [C¹C²V] pode ter seu núcleo preenchido pelos segmentos /i, u, a/, a C¹ do onset preenchida pelos segmentos /t, g, f/ e a C² também do onset preenchida pelos segmentos /l, r/.

- (587) ['tris] - /tris/ CCVC “três”
- (588) ['flur] - /flur/ CCVC “flor”
- (589) ['grãŋ] - /graN/ CCVC “grão”

5.1.3.7 A sílaba /CVV/

A sílaba /CVV/ foi verificada início e fim de palavra e forma palavra mínima. O padrão /CV¹V²/ pode ter o onset preenchido pelos segmentos /p, b, t, k, g, m, n, f, v, s, tʃ, dʒ, l/, V¹ preenchido por /a, u, ε, e, i/ e V² por /i, u/.

- (590) ['kaw] - /kau/ CVV “casa”
- (591) ['maw] - /mau/ CVV “mau”
- (592) ['puj] - /pui/ CVV “pôr”
- (593) ['sɛw] - /sɛu/ CVV “céu”
- (594) ['rajbɐ] ~ ['rejbɐ] - /raiba/ CVV.CV “raiva”
- (595) [bi'saw] - /bisau/ CV.CVV “Bissau”
- (596) ['lej] - /lei/ CVV “ler”
- (597) ['tiw] - /tiu/ CVV “tio”
- (598) ['tʃiw] - /tʃiu/ CVV “muito”
- (599) ['kaj] - /kai/ CVV “cair”

5.1.3.8 A sílaba /CCCV/

A sílaba /CCCV/ pode vir apenas em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão /C¹C²C³V/ pode ter seu núcleo preenchido por /ε, a, i/, a C¹ do onset preenchida pelo /s/, a C² também do onset preenchida pelos segmentos /p, t, k/ e a C³ por /r, l/. Esse padrão silábico é relativamente raro na língua, de modo que foram encontradas poucas ocorrências do mesmo.

- (600) ['strele] ~ ['ʃtrele] - /strela/ CCCV.CV “estrela”
- (601) ['stradɐ] ~ ['ʃtradɐ] - /strada/ CCCV.CV “estrada”
- (602) ['splikɐ] ~ ['ʃplikɐ] - /splika/ CCCV.CV “explicar”

5.1.3.9 A sílaba /N/

A sílaba /N/ ocorre somente em início de palavra e não forma palavra mínima. O padrão /N/ pode ter seu núcleo preenchido apenas pelo arquifonema /N/, o qual se realiza foneticamente como os segmentos [m, n, ɲ, ŋ].

- (603) [n'ribə] - /Nriba/ N.CV.CV “eu voltei”
- (604) [m'bai] - /Nbai/ N.CVV “eu fui”
- (605) [m'puj] - /Npui/ N.CVV “eu pus, eu coloquei”
- (606) [m'badja] - /Nbadia/ N.CV.V.V “eu dancei”
- (607) [n'sibi] - /Nsibi/ N.CV.CV “eu soube, eu descí”
- (608) [ŋ'kuri] - /Nkuri/ N.CV.CV “eu corri”
- (609) [ŋ'kantə] - /NkaNta/ N.CVC.CV “eu cantei”
- (610) [n'tʃərə] - /Ntʃora/ N.CV.CV “eu chorei”

5.1.4 O molde da sílaba fonológica

A partir da descrição acima realizada dos tipos silábicos fonológicos do crioulo guineense, pode-se afirmar que o molde da sílaba fonológica da língua é o representado a seguir. Deve-se atentar para o fato de que, quando a sílaba é formada apenas pelo núcleo, este pode ser uma vogal ou um segmento nasal /N/, o qual apenas ocorre em início de palavra, podendo ser lexical ou um morfema.

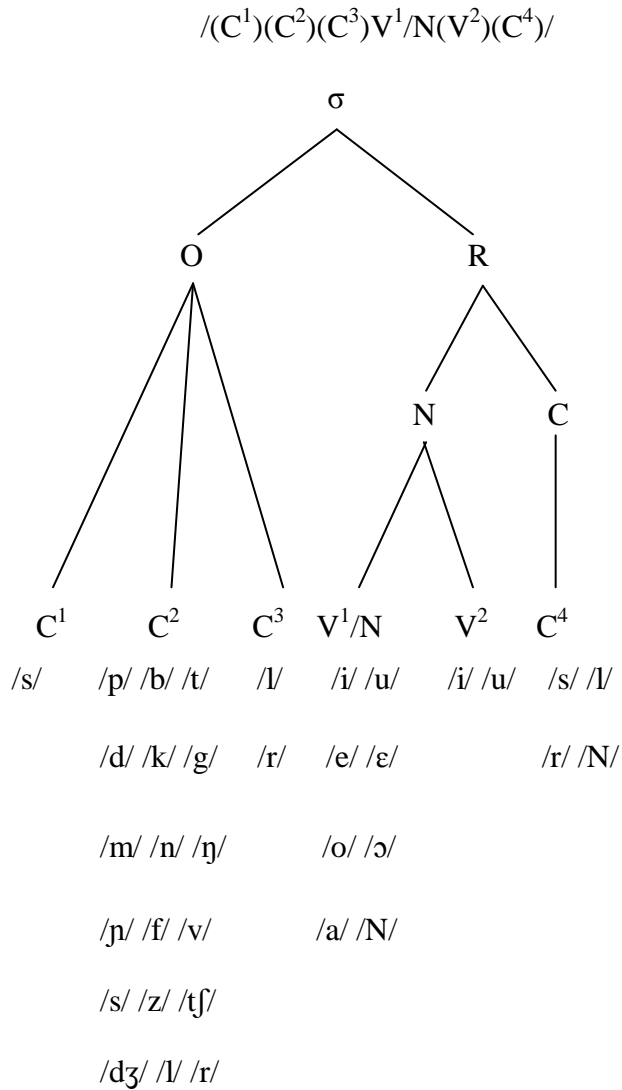


Figura 4: O molde da sílaba fonológica

Assim, nessa seção objetivou-se apresentar os padrões silábicos fonéticos e fonológicos do crioulo guineense e seus respectivos moldes silábicos. A seguir, serão abordados alguns dos processos fonológicos operantes na língua encontrados no *corpus*.

5.2 Os processos fonológicos

Nesta seção, serão apresentados os processos fonológicos do crioulo guineense observados em nível segmental no *corpus* analisado²²⁰. Para tal, também será considerado o

²²⁰ De acordo com Scantamburlo (1981, p.24), há muitas semelhanças entre o português (europeu) e o crioulo da Guiné-Bissau, visto que a maioria do léxico do crioulo provém do português. No entanto, há também algumas

que já existe sobre a temática na literatura. Na análise realizada, foi observada a ocorrência de 12 processos fonológicos, os quais podem ser classificados da seguinte forma: assimilação, velarização, lenição, apagamento, inserção, despalatalização, desnasalização e coalescência. É importante ressaltar que esses três últimos processos – despalatalização, desnasalização e coalescência – são muitas vezes considerados na literatura como sincrônicos, sendo apresentados em conjunto com os outros em uma mesma seção. No presente trabalho, tais processos fonológicos foram reinterpretados e considerados como diacrônicos, havendo, portanto, uma distinção entre processos sincrônicos e diacrônicos do crioulo guineense. Assim, os processos apresentados operam no domínio da sílaba e da palavra e estão esquematizados a seguir:

1. Processos de assimilação:

- Palatalização do /s/;
- Harmonia vocálica;
- Ponto de articulação da consoante nasal em coda;
- Nasalização.

2. Processo de velarização do /l/;

3. Processo de lenição:

- Enfraquecimento da oclusiva dental vozeada.

4. Processo de apagamento:

- Redução ou apagamento silábico.

5. Processos de inserção:

- Prótese;
- Epêntese.

6. Processo de despalatalização;

7. Processo de desnasalização;

diferenças, pois o complexo fonológico das línguas africanas é diferente do da língua portuguesa. Assim, nessa seção, sempre que se referir ao português será levado em consideração, principalmente, o português europeu (PE), visto que foi essa variante da língua portuguesa que participou ativamente do processo de formação do crioulo. Em alguns momentos também será mencionado, por exemplo, o português brasileiro.

8. Processo de coalescência:

- Monotongação ou coalescência vocálica.

5.2.1 Processos de assimilação

5.2.1.1 Palatalização do /s/

O processo de palatalização do /s/ ocorre em determinados contextos, tal como no português²²¹, e, apesar de ter sido observado nos dados, não ocorre com muita regularidade. Além disso, os dados em que se observou a palatalização do /s/ coexistem com produções em que essa palatalização não é verificada, o que ajuda a corroborar a ideia de que tal processo não corresponde a um padrão da língua²²². No entanto, como a ocorrência desse processo foi verificada mais de uma vez no *corpus*, ainda que não de maneira sistemática, não se podia deixar de mencioná-lo nessa seção.

Assim, pode-se dizer que o processo de palatalização do /s/ é, provavelmente, fruto da influência da língua de superstrato – o português –, sendo essa ideia partilhada com Parkvall (2012, p.97), o qual afirma que a palatalização é um processo tão comum que a influência de substrato deve ser considerada inocente até prova contrária. Ainda segundo o autor, um número considerável dos crioulos atlânticos apresenta fenômeno de palatalização de um modo geral e, para alguns estudiosos, a palatalização é, inclusive, uma herança óbvia da língua lexificadora²²³.

No crioulo guineense a palatalização também se faz presente em alguns contextos, porém de modo diferente do que ocorre, por exemplo, com crioulos do Golfo da Guiné, em que os fonemas /s, z/ apresentam [ʃ, ʒ] como alofones em posição de coda diante de vogal alta anterior. O mesmo acontece para /t, d/, com algumas pequenas exceções.

²²¹ Cf. Mateus, Falé e Freitas (2005), para o português europeu, e Cagliari (1974), para o português do Brasil.

²²² Kihm (1994, p.18) afirma que, exceto recentemente, a realização palatal de fricativas em final de sílaba, que é tão característica do português europeu moderno, nunca seguiu este caminho em crioulo. Então, *bisti* “vestir” é pronunciado [bis'ti] (compare com o português [və'ʃtir] “vestir”), *dus* “dois” é pronunciado ['dus] (compare com ['dɔiʃ]), entre outros, sendo todos esses dados confirmados no *corpus* analisado neste trabalho. O autor acrescenta, ainda, que isto não é surpreendente se for observado que não há evidência desse processo no português antes da metade do século XVIII.

²²³ Cf. Parkvall, 2012, p.98.

Dessa forma, o fonema /s/, quando em final de sílaba (coda) ou de palavra, pode se realizar como [ʃ] quando vem seguido de pausa ou de um segmento surdo e como [ʒ] diante de segmento sonoro²²⁴, de modo que ocorre a assimilação do valor do traço [vozeado] da consoante seguinte, esteja esta no interior da palavra ou na posição inicial da palavra seguinte. A representação fonológica simplificada desse processo e alguns exemplos são apresentados a seguir²²⁵:

$$/s/ \rightarrow [ʃ] / _ \left. \begin{array}{l} \# \\ [-\text{vozeado}] \end{array} \right\}$$

(611) [ʃkɔlə] ~ [skɔlə] - /skɔla/ “escola”

(612) [ʃtudə] ~ [studə] - /studa/ “estudar”

(613) [ʃta] ~ [sta] - /sta/ “estar”

(614) [gʌʃtə] ~ [gastə] - /gasta/ “gastar”²²⁶

$$/s/ \rightarrow [ʒ] / _ [+vozeado]$$

(615) [mi'ninuʒ'dʒiru] ~ [mi'ninus'dʒiru] - /mininus dʒiru/ “meninos inteligentes”

(616) [ʌomisgʌ'randi] ~ [ʌomisga'randi] - /omis garandi/ “homens altos”

(617) [pizna'jagu] ~ [pisna'jagu] - /pis na iagu/ “peixe na água”

Paralelamente às realizações [ʃ] e [ʒ] do fonema /s/, verificou-se, também, a realização [z] quando este fonema encontra-se em posição de coda silábica e a palavra seguinte inicia

²²⁴ É interessante observar que foram encontrados alguns poucos casos isolados (na fala de um informante) em que o /s/, diante de consoante sonora, realizou-se como [z] (e não como [ʒ]), como em: [ʌuzmi'ninuz'dʒiru] - /dus mininus dʒiru/ “dois meninos inteligentes” e [pizga'randi] - /pis garandi/ “peixe grande”.

²²⁵ Todos os exemplos apresentados coexistem com a forma produzida com [s], sendo esta, inclusive, mais comum.

²²⁶ Essa ocorrência foi observada na fala de apenas dois informantes.

com vogal. Vale à pena ressaltar, no entanto, que, tal qual os casos acima expostos, essa realização do fonema /s/ não é muito recorrente na língua, sendo normalmente preferível a realização com [s]. A representação fonológica simplificada e alguns exemplos aparecem abaixo:

/s/ → [z] / ___ [+vocóide]

(618) [elize'tʃigadibi'as] ~ [elise'tʃigadibi'as] - /elis ε tʃiga di bias/ “eles chegaram de viagem”

(619) [m'bĩndiɲa'kusaza'ɔs] ~ [m'bĩndiɲa'kusasa'ɔs] - /N biNdi ɲa kusa aɔs/ “eu vendi minhas coisas hoje”

(620) [era'pazika'erabapur'sor] ~ [era'pasika'erabapur'sor] - /ε rapas i ka era ba pursor/ “o rapaz não era professor”

(621) [a'ɔzitẽm'pis] ~ [a'ɔsitẽm'pis] - /aɔs i teN pis/ “hoje tem peixe”

Esses contextos de ocorrência da palatalização do fonema /s/ são semelhantes aos do português, os quais, por sua vez, são assim descritos por Mateus, Falé e Freitas (2005, p.229):

A **palatalização** do /s/ em final de sílaba ou de palavra é a realização desta consoante como uma palatal que é pronunciada como [–vozeada], [ʃ], se for seguida de pausa ou de uma consoante [–vozeada], e como [+vozeada], [z], se a consoante seguinte for [+vozeada]. Trata-se aqui de uma assimilação do valor do traço [vozeado] da consoante seguinte, seja no interior na palavra, seja no encontro entre duas palavras (p.ex. *pasta* [páʃte], *dois patos* [dójʃ pátuʃ]; *mesmo* [mézmu], *dois bois* [dójʒ bójʒ]). Neste caso, a assimilação é um processo pós-lexical. Também é um processo assimilatório o que provoca a realização da vozeada [z] a partir do /s/ fonológico quando, em final de palavra, a seguinte se inicia por uma vogal, visto que a consoante assimila o traço [+vozeado] da vogal (p.ex. *dois amigos* [dójʒ emíguʃ], *casas amarelas* [kázɛz emɛrélɛʃ]). Este fenómeno de fonética sintáctica em que o segmento final (ou inicial) de uma palavra é afectado pelo contexto em que se encontra – neste caso, a vogal que inicia a palavra seguinte – denomina-se *sândi*.

Sendo assim, é possível afirmar que tal semelhança com o português contribui ainda mais para a confirmação da hipótese de que a ocorrência da palatalização no crioulo, mesmo que de maneira pouco frequente, é devido à influência de superstrato.

5.2.1.2 Harmonia vocálica

Pode-se dizer que a existência do processo fonológico de harmonia vocálica no crioulo guineense não é consenso na literatura, sendo essa uma questão que merece certa atenção. De acordo com Parkvall (2012, p.117), a harmonia vocálica é frequentemente motivo de comentários nos estudos sobre a fonologia dos crioulos atlânticos. No entanto, segundo o autor, com exceção do Crioulo de Cabo Verde, nenhuma forma de harmonia vocálica é produtiva em qualquer crioulo atlântico, nem há indícios de que isso já tenha ocorrido no passado. Assim, sua distribuição é desigual na África Ocidental, sendo relativamente incomum na Alta Guiné e entre as línguas bantas.

Ainda segundo Parkvall (2012, p.118), a harmonia vocálica é um traço areal da África Ocidental, e em particular da Baixa Guiné central e ocidental, um fato que devia surpreender-nos quando se faz ausente (e não quando está presente) nos crioulos atlânticos. Essa ausência é ainda mais notável quando se observa que empréstimos sem harmonização recebidos por línguas que harmonizam são frequentemente ajustados aos padrões da língua hospedeira (como atestam, por exemplo, os empréstimos suecos no finlandês). Paralelamente a isso, a harmonia vocálica como processo produtivo é rapidamente tomada de empréstimo, como exemplificam várias línguas indo-europeias na Ásia.

Nesse contexto, Welmers (1973) *apud* Parkvall (2012, p.118) coloca que, embora as línguas mandes (importantes línguas de substrato do crioulo guineense) não tenham uma harmonia vocálica propriamente dita, as palavras dissilábicas com duas vogais idênticas são notavelmente frequentes, um fato que pode ser vestígio de um sistema vocálico que foi produtivo no passado (embora esta não seja uma proposta do próprio Welmers).

Nos dados aqui analisado acerca do crioulo guineense, as palavras dissilábicas com duas vogais semelhantes também são notáveis, a exemplo de ['kuro] - /kuru/ “couro”, ['kabɛ] - /kaba/ “acabar”, [si'bi] - /sibi/ “saber, subir”, ['susu] - /susu/ “sujo”, ['ɲɲi] - /ɲɲi/ “rir, gargalhar”, entre outros. Para melhor refletir sobre isso, pode-se observar que, como expõe Kihm (1994, p.17), no português do século XVI, a única redução vocálica dizia respeito ao /e/

e /o/ finais não acentuados, realizados [i] e [u] respectivamente. O crioulo herdou essa característica (por exemplo: **siti** “azeite”, **netu** “neto”). A mudança das vogais orais ocorreu, então, provavelmente devido a alguns processos chamados pelo autor de “harmonia vocálica”, como em **sibi** “saber, subir”. Como esse exemplo mostra, /e/ fechados mudam para /i/ quando parte de um final infinitivo (não no dialeto de Ziguinchor), e em outros casos não revistos. Aqui, admite-se que tais processos de harmonia vocálica de fato ocorreram e já foram incorporados à língua diacronicamente. No entanto, também foi verificada nos dados a ocorrência de um processo de harmonia vocálica não categórica que ocorre sincronicamente e que diz respeito às vogais médias pretônicas.

Assim, como afirma Bisol (2001, p.161), muitas vezes as vogais que se realizam de forma plena em posição tônica sofrem uma redução quando em posição pretônica (e/ou átona final), fenômeno que se dá devido a um processo de *neutralização*. O processo de neutralização ocorre a partir do momento em que se verifica em um determinado ambiente a perda de um traço distintivo entre dois fonemas, configurando, então, a perda da oposição entre os mesmos.

Desse modo, verificou-se no *corpus* analisado a ocorrência do processo de harmonia vocálica, que pode ocorrer, principalmente, devido a dois fatores: (1) proximidade com bilabial, que pode favorecer a abertura da vogal; e/ou (2) harmonização vocálica, a qual ocorre quando a vogal pretônica assimila a altura da vogal baixa da sílaba seguinte (BISOL, 2001). Em alguns dados, verifica-se a coocorrência dos dois fatores acima mencionados, quando a vogal pretônica, além de estar próxima a um segmento bilabial, antecede sílaba com vogal baixa. Alguns exemplos seguem abaixo:

(622) [pɔrtu'gis] - /portugis/ “português”

(623) [kɛ'bur] ~ [ke'bur] - /kebur/ “colheita”

(624) [ɔ'bi] ~ [o'bi] - /obi/ “escutar, falar”

(625) [ɛr'mõŋ] ~ [jer'mõŋ] ~ [ier'mõŋ] - /iermoN/ “irmão(ã)”

(626) [bɔr'goŋɐ] - /borgoŋa/ “vergonha”

(627) [mɔls'tra] - /molostra/ “ferir”

(628) [kɔba'maɫ] ~ [koba'maɫ] - /kobamal/ “palavrão”

(629) [nɔmɔ'ra] - /nomora/ “namorar”

(630) [rɔba'sa] - /robasa/ “vomitar”

Observa-se que os exemplos (622) a (626) contemplam casos em que a vogal pretônica aparece próxima a segmentos bilabiais, o que favorece sua realização como média-baixa (caso (1) acima mencionado). Os exemplos (627) a (630), por sua vez, contemplam dados nos quais ocorre a harmonização vocálica, quando a(s) vogal(is) pretônica(s) assimila(m) a altura da vogal baixa da sílaba seguinte, o [a] (caso (2) acima mencionado). Nesses últimos casos pode ser verificada, também, a presença de segmentos bilabiais.

Desse modo, para a variedade do crioulo guineense aqui estudada, verifica-se que, em posição pretônica, o inventário das vogais fonológicas é reduzido para cinco vogais /i,e,a,o,u/, visto que a realização das médias-baixas [ɛ, ɔ] nessa posição é fruto de um processo fonológico e está condicionada ao ambiente de ocorrência. Em posição tônica, o inventário fonológico das vogais do crioulo é composto por sete vogais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/²²⁷.

5.2.1.3 Ponto de articulação da consoante nasal em coda

Para discorrer a respeito do processo de assimilação do ponto de articulação da consoante nasal em coda do crioulo guineense, faz-se necessário proceder a algumas reflexões. Inicialmente, deve-se destacar que, na literatura, há divergências quanto à interpretação das nasais, divergências estas que contemplam tanto estudos anteriores acerca das nasais no Crioulo da Guiné-Bissau (CGB), como os de Mbodj (1979), Kihm (1986) e Couto (1994; 1996), quanto trabalhos que apresentam análises fonológicas das nasais no crioulo caboverdiano, semelhante em alguns aspectos ao CGB, como os de Couto e Souza (2004), Lang (1999; 2000; 2007) e Quint (2006).

²²⁷ Para mais detalhes acerca do inventário fonológico do crioulo guineense, ver capítulo 3.

Desse modo, no que concerne às nasais, a ausência de consenso quanto à interpretação de fenômenos que as envolvem muitas vezes diz respeito às ditas consoantes “pré-nasalizadas”²²⁸. Segundo Parkvall (2012, p.87-8):

Essa série fonêmica é, translinguisticamente, bastante incomum. Bem representada principalmente na África (onde uma de cada quatro línguas níger-kordofanianas a tem, em oposição à média mundial, que é de uma para dez línguas, segundo Ruhlen, 1976, p.154), também ocorre no *hakka* e em certas línguas sul-americanas e melanésias [...]. Das línguas representadas na base de dados UPSID²²⁹, quase 12% são caracterizadas pela presença de oclusivas pré-nasalizadas, ao passo que menos de 2% (principalmente línguas africanas) também têm fricativas pré-nasalizadas. Em nível fonético, as oclusivas pré-nasalizadas são bem mais comuns. [...] As línguas africanas que têm oclusivas pré-nasalizadas são bastante numerosas nas famílias atlântica e mande, porém não há nenhuma delas nas famílias kru, kwa ou delto-benuica. [...] De acordo com Rougé (1988, p.14), as línguas da Guiné-Bissau – substratos relevantes para os CPs da Guiné-Bissau – têm todas oclusivas pré-nasalizadas.

Então, verifica-se que, em línguas de substrato, há uma presença considerável de segmentos pré-nasalizados. No crioulo, no entanto, é importante estar atento a determinados fatores antes de se considerar a existência de tais segmentos. Algumas análises a respeito das consoantes “pré-nasalizadas” do caboverdiano, por exemplo, contemplam uma interpretação monofonemática²³⁰, segundo a qual a nasal corresponde a um segmento de contorno, e outras uma interpretação bifonemática²³¹, havendo uma sequência N+C.

No guineense, tal qual no caboverdiano, também aparecem em larga escala (e em sua maior parte nas mesmas situações contextuais que no caboverdiano) as consoantes ditas “pré-nasalizadas”, sendo importante observar para o crioulo guineense, portanto, qual interpretação para o fenômeno seria a mais plausível tendo em vista os dados analisados.

Como já é sabido, no guineense as vogais nasais não são fonológicas e as consoantes, que contemplam os segmentos /m, n, ɲ, ŋ/, podem aparecer em posição de ataque (onset) ou coda silábica. Em onset, as nasais apresentam um comportamento semelhante ao do português

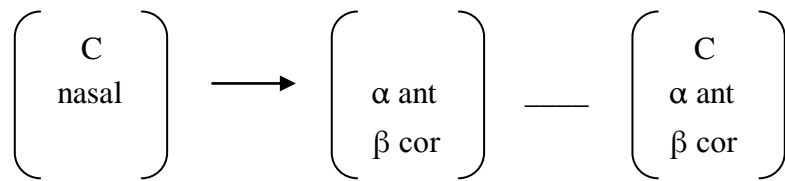
²²⁸ Vários autores fazem referência às “pré-nasalizadas” ao tratar do crioulo guineense. Wilson (1962, p.9) afirma que há uma combinação de dois fonemas; Mbodj (1979, p.50) menciona a existência de complexos pré-nasalizados; Scantamburlo (1981, p.19-34) não faz referência direta às pré-nasalizadas, mas sugere que elas não são fonemas independentes; Rougé (1988, p.12) considera a existência de pré-nasalizadas no crioulo, mas não é clara a interpretação que ele atribui às mesmas; Couto (1994, p.69-71) faz considerações relevantes acerca das pré-nasalizadas e parece não considerá-las como fonemas da língua.

²²⁹ UPSID corresponde ao UCLA Phonological Segment Inventory Database da Universidade da Califórnia (Los Angeles), uma base de dados estatística do inventário fonêmico de 451 línguas do mundo. (Cf, PARKVALL, 2012, p.41).

²³⁰ Cf. Quint (2006) e Lang (2007).

²³¹ Cf. Kihn (1986) e Couto e Souza (2004).

européu e várias vezes não nasalizam a vogal da sílaba precedente (o que não é aplicável a todas as variedades da língua). Em coda, a nasal tem ponto subespecificado e é realizada em meio de palavra, assimilando o ponto da consoante seguinte (arquifonema). Couto (1994, p.71) também propõe uma regra de assimilação da consoante nasal, a qual é exposta da seguinte forma: “a consoante nasal pós-vocálica ou de início de enunciado se assimila à consoante seguinte quanto ao ponto de articulação”²³². Ainda de acordo com o autor, esse processo assimilatório pode ser assim representado em traços distintivos:



Desse modo, o arquifonema /N/ realiza-se como [m] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento bilabial, isto é, apresentar [p, b] em posição de ataque; como [n] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento alveolar, isto é, apresentar [t, d, s, z, r] em posição de ataque²³³; como [ɲ] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento palatal, ou seja, [tʃ, dʒ]; e como [ŋ] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento velar, isto é, apresentar [k, g] em posição de ataque. Assim, alguns exemplos ilustrativos desse processo de assimilação do ponto de articulação da consoante nasal em coda e em meio de palavra²³⁴ são apresentados abaixo:

- (631) ['kampu] - /kaNpu/ “campo”
 (632) ['rũmpɪ] - /ruNpi/ “romper, quebrar”
 (633) ['indɐ] ~ ['ĩndɐ] - /iNda/ “ainda”
 (634) ['pontɐ] - /poNta/ “fazenda”
 (635) [a'õntɪ] - /aoNti/ “ontem”
 (636) ['kansɐ] ~ ['kãnsɐ] - /kaNsa/ “cansar”

²³² Cf. Couto, 1994, p.71.

²³³ Não foram identificados casos de realização da nasal alveolar [n] em posição de coda silábica diante de sílaba iniciada por [l].

²³⁴ Mais adiante, nessa mesma seção, também será contemplada a vogal nasal em início de palavra.

- (637) ['onzi] - /oNzi/ “onze”
 (638) ['onrɛ] ~ ['ðnrɛ] - /oNra/ “honra”
 (639) [dʒũɲ' dʒũɲ] - /dʒuNdʒuN/ “jejum”.
 (640) ['sãɲtʃu] - /saNtʃu/ “macaco”
 (641) [nĩɲ' gĩɲ] - /niNgiN/ “ninguém”
 (642) [mãɲ' gɛrɛ] - /maNgera/ “mangueira (objeto)”
 (643) ['bãɲku] - /baNku/ “banco, cadeira”
 (644) ['braɲku] - /braNku/ “branco”

Deve-se salientar que a vogal que antecede a nasal – a vogal tautossilábica – tem nasalização opcional (independente da tonicidade da sílaba), isto é, pode assimilar o traço de nasalidade da nasal, o que em grande parte das vezes não implica o seu apagamento²³⁵. Alguns exemplos estão demonstrados a seguir:

- (645) [mãɲ'karɛ] ~ [maɲ'karɛ] - /maNkara/ “amendoim”
 (646) ['kãnsɛ] ~ ['kansɛ] - /kaNsa/ “cansar”
 (647) [kãɲ'sadu] ~ [kan'sadu] ~ [kãɲ'saðu] - /kaNsadu/ “cansado”
 (648) ['pĩɲtʃɛ] ~ ['piɲtʃɛ] - /piNtʃa/ “empurrar”
 (649) ['kũmpɛ] ~ ['kumpɛ] - /kuNpra/ “comprar”

Em fim de palavra, a consoante nasal na maioria das vezes nasaliza a vogal precedente e é realizada como uma soltura retardada velar ([ɲ]):

- (650) ['sãɲ] - /saN/ “são”
 (651) ['bõɲ] - /boN/ “bom”

²³⁵ Nesse contexto, o fone nasal velar [ɲ] quase sempre tem seu traço de nasalidade assimilado pela vogal tautossilábica, e, em final de palavra, a assimilação do traço nasal pela vogal sempre ocorre.

- (652) [ˈbĩŋ] - /biN/ “vir”
- (653) [dʒũⁿdʒũŋ] - /dʒuNdʒuN/ “jejum”
- (654) [ˈpõŋ] - /poN/ “pão”
- (655) [maˈsãⁿ] - /masaN/ “maçã”

Além disso, deve-se observar que a consoante nasal não sonoriza o segmento seguinte, como evidenciado abaixo:

- (656) [ˈkampu] - /kaNpu/ “campo”
- (657) [ˈbraŋkɔ] - /braNku/ “branco”
- (658) [ˈkontɾɐ] - /koNtra/ “encontrar”
- (659) [ˈkansɐ] ~ [ˈkãnsɐ] - /kaNsa/ “cansar”

Dessa forma, paralelamente a todos os aspectos acima mencionados, acrescenta-se o fato de que, no espectrograma, é possível visualizar bem a realização da consoante nasal em coda medial, não havendo razão aparente para considerá-lo uma pré-nasalização. A fim de ilustrar essa assertiva, os espectrogramas das palavras “cansar”, “honra” e “encontrar” são apresentados na sequência e a produção da consoante nasal aparece destacada em vermelho:

- (660) [ˈkansɐ] - /kaNsa/ “cansar”

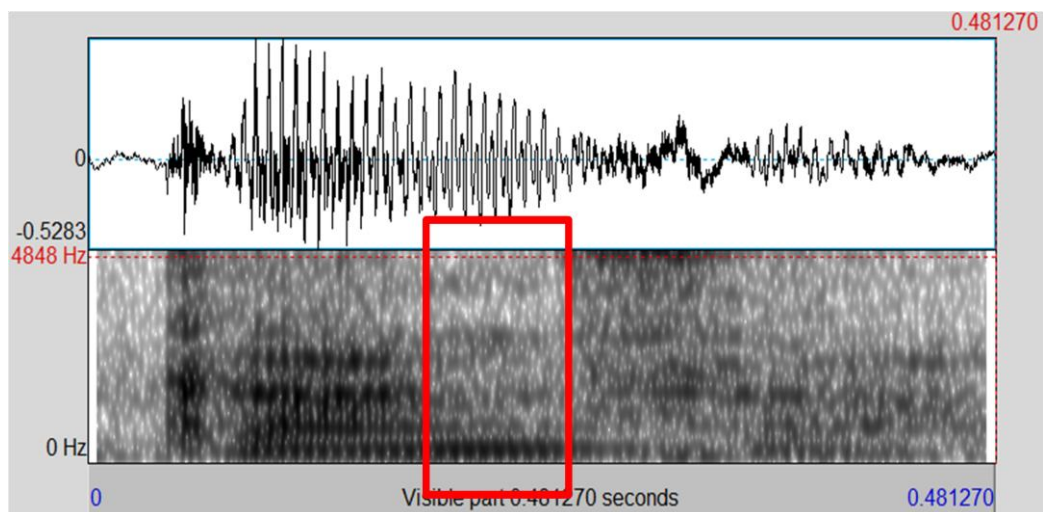


Figura 5: Espectrograma da palavra “cansar”

(661) [ˈonrɐ] - /oNra/ “honra”

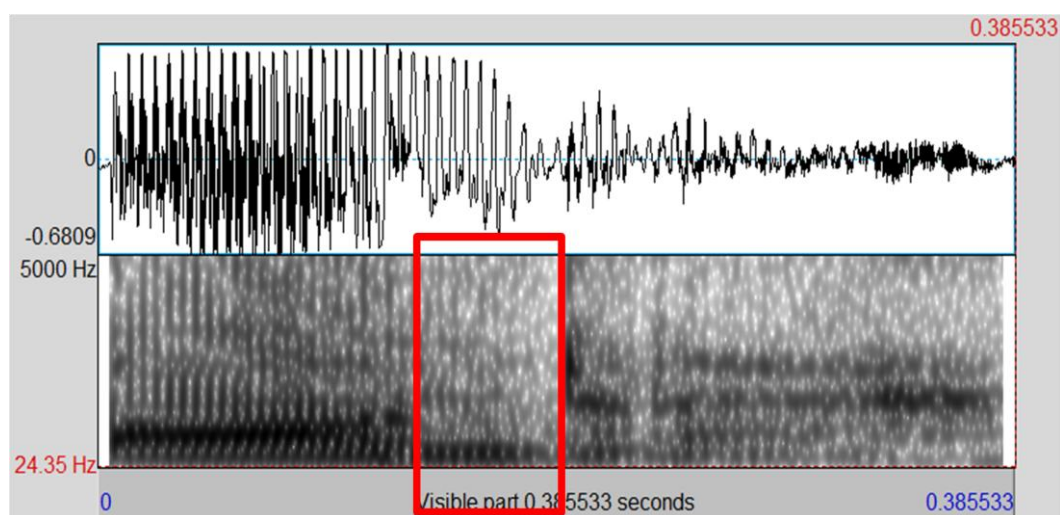


Figura 6: Espectrograma da palavra “honra”

(662) [ˈkɒntɾɐ] - /koNtra/ “encontrar”

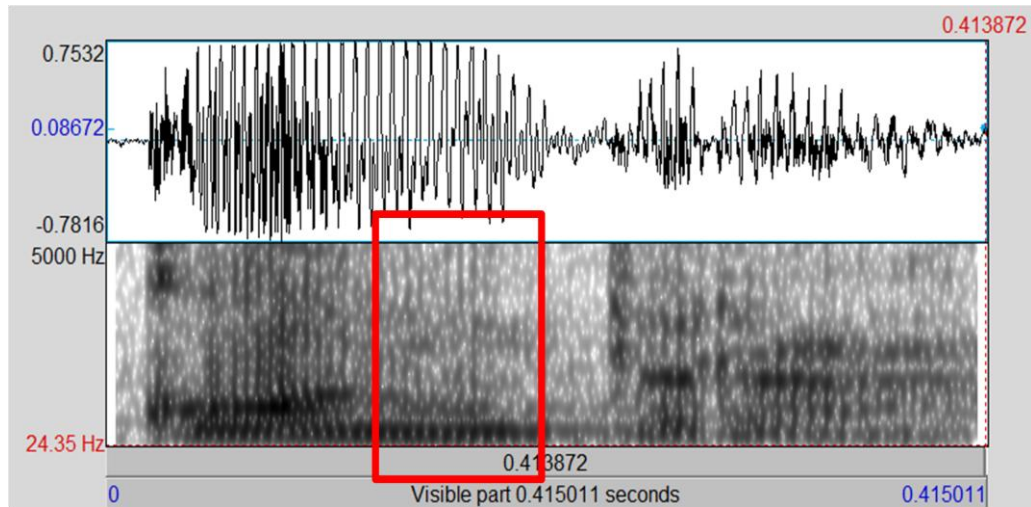
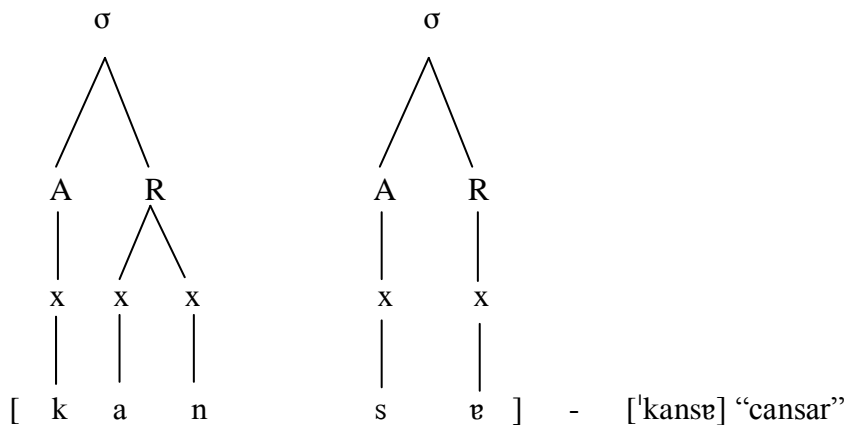


Figura 7: Espectrograma da palavra “encontrar”

Assim, a representação silábica da consoante nasal em coda no meio (ou no fim) da palavra seria a que segue:

(663) [ˈkɑnsɐ] - /kaNsa/ “cansar”



No que se refere à ocorrência de consoante nasal em início de palavra antecedendo outra consoante, pode-se afirmar que há, inicialmente, duas estruturas possíveis a serem

consideradas. A primeira delas diz respeito à nasal lexical²³⁶, muitas vezes resultado da perda da vogal inicial do português, a exemplo de [m' barkə] - /Nbarka/ “embarcar” e [n' fərnɔ] - /Nfərnɔ/ “inferno”. A segunda estrutura possível corresponde à nasal morfológica – o {N-} –, utilizada na marcação de 1ª pessoa do singular. Em ambos os casos, a nasal também assume o ponto de articulação da consoante seguinte e, nesse último, trata-se de um morfema nasal subspecificado, o {N-}. Alguns exemplos são:

- (664) [m' baj] - /N bai/ “eu fui”
 (665) [m' puj] - /N pui/ “eu pus, eu coloquei”
 (666) [n' sibi] - /N sibi/ “eu sei”
 (667) [n' tendi] - /N tendi/ “eu entendi”
 (668) [n' tʃɔrɛ] - /N tʃɔra/ “eu chorei”
 (669) [ndʒũn' dzumɛ] - /N dʒuNdʒuma/ “eu estou em jejum”
 (670) [ŋ' kãntɛ] - /N kaNta/ “eu cantei”
 (671) [ŋ' kumprɛ] ~ [ŋ' kũmprɛ] - /N kuNpra/ “eu comprei”

Em posição inicial, verificou-se também que a nasal não é vocalizada e tem tempo e amplitude de vogal. Além disso, ela é normalmente produzida com o tempo de um segmento e não sonoriza a consoante seguinte²³⁷, corroborando a ideia de não formar um contorno com a consoante subsequente.

A realização da nasal é bem audível e verificável no espectrograma como um segmento per si, como pode ser observado abaixo nas produções relativas a “embarcar”, “eu fui” e “eu chorei”, em que o segmento nasal aparece destacado em vermelho:

²³⁶ Às vezes a consoante nasal não é realizada em sílaba inicial, normalmente em palavras derivadas do português iniciando com a estrutura V+N, a exemplo de [ĩ' truj] “instruir”, [ĩgu' li] “engolir” e [ĩ' kantɛ] “encantar”.

²³⁷ A exemplo de [ŋ' kumprɛ] - /N kuNpra/ “eu comprei”, [n' falɛ] - /N fala/ “eu disse” e [n' sibi] - /N sibi/ “eu sei”.

(672) [m'bar̥kə] - /Nbarka/ “embarcar”

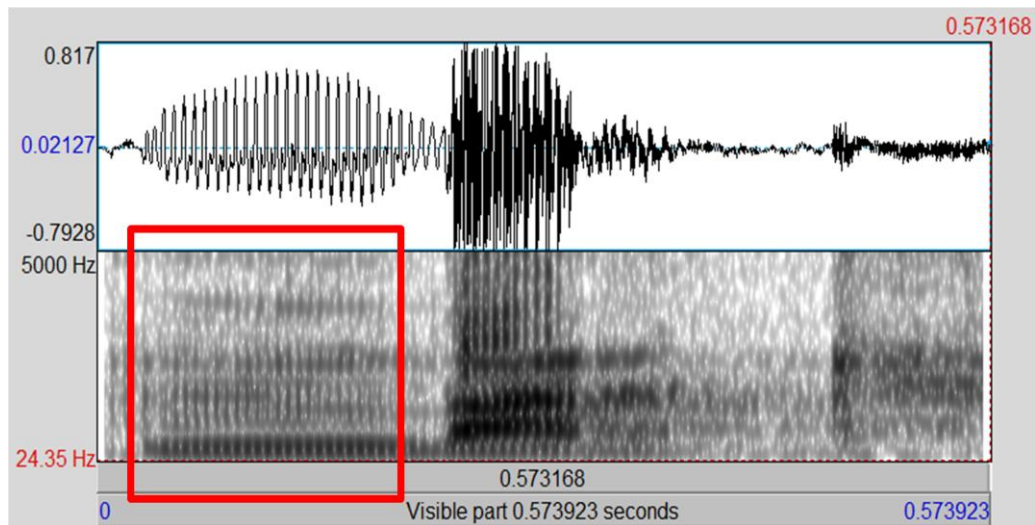


Figura 8: Espectrograma da palavra “embarcar”

(673) [m'bai] - /N bai/ “eu fui”

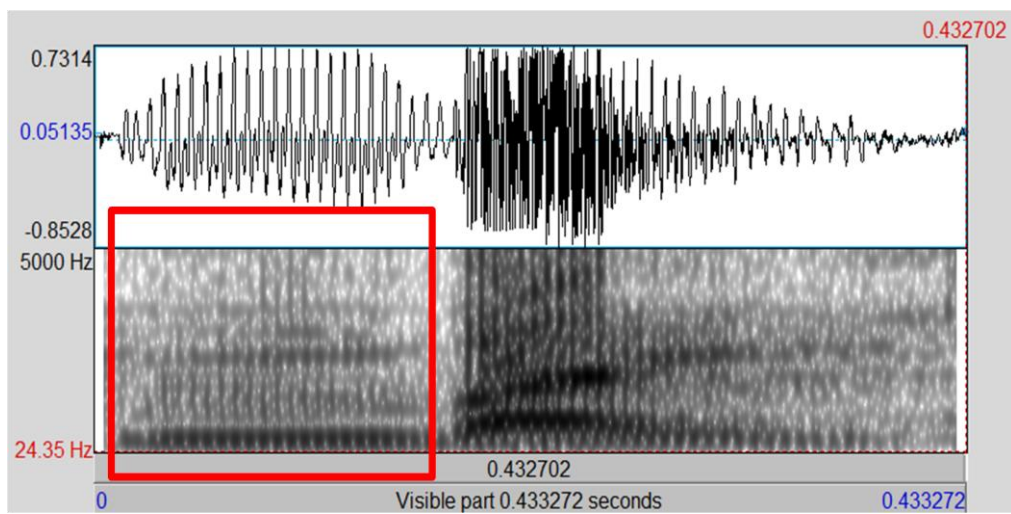


Figura 9: Espectrograma do enunciado “eu fui”

(674) [n'tʃɔrɛ] - /N tʃɔra/ “eu chorei”

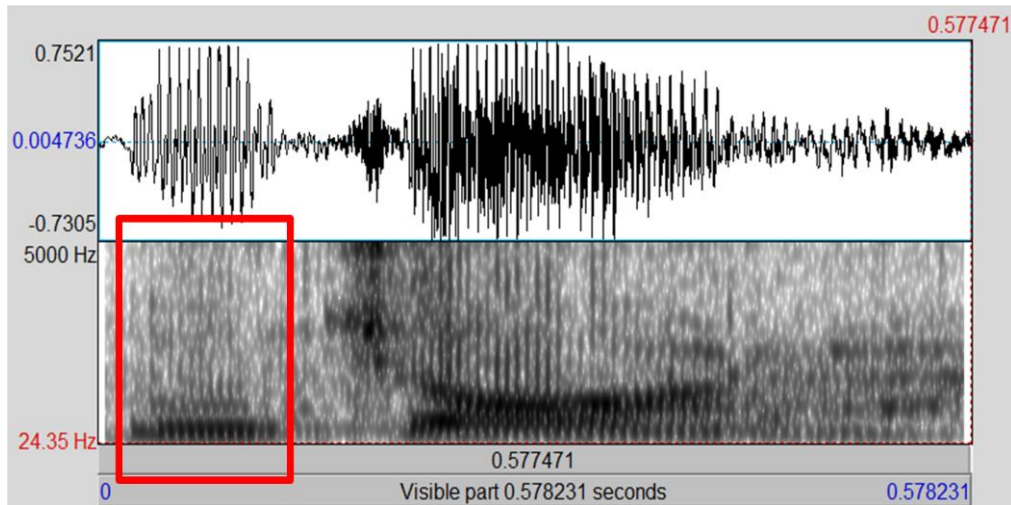
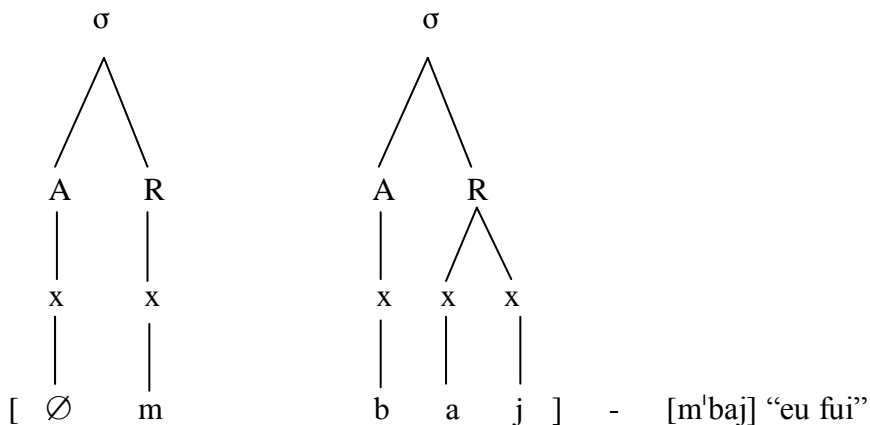


Figura 10: Espectrograma do enunciado “eu chorei”

Quanto à representação silábica da consoante nasal no início da palavra, considerou-se no presente trabalho o que segue:

(675) [m'bai] - /N bai/ “eu fui”



Desse modo, tendo em vista a análise dos dados e a verificação acústica realizadas, acredita-se que a nasal é silábica no crioulo guineense, e não uma pré-nasalização²³⁸. Parkvall

²³⁸ Couto (1994, p.71) parece ter uma opinião relativamente semelhante a essa ao afirmar que “quando a consoante nasal de início de enunciado não pode constituir um complexo fonético único pré-nasalizado, ela tem valor silábico”. O autor coloca, também, que, no crioulo, as oclusivas pré-nasalizadas das línguas africanas

(2012, p.90-1) faz algumas considerações relevantes ao tratar das dificuldades para se determinar o status de uma nasal inicial seguida de oclusiva. Para o autor:

Um sério problema, ao determinar o status de uma nasal inicial seguida por uma oclusiva, é que as nasais são aceitas como núcleos silábicos num grande número de línguas. Uma sequência [#NC-] poderia, portanto, ser analisada como [#N\$C-] ou como [#NC-] dependendo da fonotática da língua em questão. Tem-se dito que as nasais são silábicas pelo menos numa lista das línguas concernidas aqui, incluindo a maioria das línguas da Baixa Guiné, mas em poucas línguas bantas ou da Alta Guiné. Portanto, mesmo quando ocorre em posição inicial de palavra, /NC-/ não precisa representar um fonema pré-nasalizado. (PARKVALL, 2012, p.90-1).

Assim, sumariando, pode-se afirmar que: (1) em posição de onset, a nasal é semelhante ao português europeu e não nasaliza a vogal precedente (em coda, pode nasalizar ou não); (2) conforme comprovam a análise dos dados e a verificação acústica dos mesmos, em interior de palavra a nasal seria coda, e não uma pré-nasalização; (3) a nasal pode ser lexical ou morfema de 1ª p.s. em início de palavra; (4) em posição de coda silábica e em início de palavra, a nasal corresponde fonologicamente a um arquifonema que pode se realizar foneticamente como [m, n, ɲ, ŋ]; (5) conforme comprovam as análises dos dados realizadas, a nasal é silábica e não uma pré-nasalização; (6) Não precisaríamos considerar a existência de pré-nasalizadas no Crioulo da Guiné Bissau.

5.2.1.4 Nasalização

O processo de nasalização da vogal diante de coda nasal é relativamente comum nos dados analisados, e corresponde à assimilação do traço [nasal] da consoante em posição de coda pela vogal tautossilábica. Esse processo ocorre em variação livre, exceto quando se trata da última sílaba da palavra (sem vir seguida de outra palavra, isto é, antes de silêncio), quando a nasalização da vogal ocorre praticamente sempre. Alguns exemplos estão abaixo representados:

(676) [kãntɛ] ~ [kantɛ] - /kaNta/ “cantar”

foram reinterpretadas, e [mb, nd, ng], por exemplo, deixaram de ser /^mb, ⁿd, ^ŋg/ para virar /ŋ + b, ŋ + d, ŋ + g/. Essa fonologização do elemento pré-nasal teria sua origem na influência do português (COUTO, 1994, p.71).

(677) [ˈkũmpɾɐ] ~ [ˈkumpɾɐ] - /kuNpra/ “comprar”

(678) [ˈpĩntʃɐ] ~ [ˈpiɲtʃɐ] - /piNtʃa/ “empurrar”

(679) [ˈmõŋ] - /moN/ “mão”

(680) [fiˈsõŋ] - /fisoN/ “feijão”

(681) [maˈsãŋ] - /masaN/ “maçã”

5.2.2 Processo de velarização do /l/

O processo de velarização do /l/ é, assim como o processo de palatalização do /s/ acima exposto, semelhante ao do português europeu. Assim, conforme colocam Mateus, Falé e Freitas (2005, p.178 e 229), o [ɫ] ocorre antes de outra consoante ou em final absoluto de palavra, ocupando sempre a posição de coda silábica²³⁹. A representação fonológica simplificada da realização de /l/ como [ɫ], em posição de coda, é a que segue:

$$/l/ \rightarrow [ɫ] / _ \left\{ \begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right.$$

Alguns exemplos do crioulo guineense em que pode ser observada a ocorrência do processo de velarização do /l/ seguem abaixo:

(682) [ˈmaɫ] - /mal/ “mal”²⁴⁰

(683) [ˈɛɫ] - /ɛl/ “ele(a)”

(684) [ˈsɔɫ] - /sɔl/ “sol”

²³⁹ Alguns exemplos do português europeu apresentados pelas autoras para ilustrar os contextos de ocorrência do [ɫ] são [máɫ] “mal”, [maɫdáɫi] “maldade”, [sáɫ] “sal” e [saɫgáɫu] “salgado”.

²⁴⁰ Na fala de um dos informantes, o vocábulo “mal” apareceu também, em algumas situações, com o sentido de “muito”. Um exemplo seria: [ˈɛlitaˈkuriˈmaɫ] “ele corre muito”.

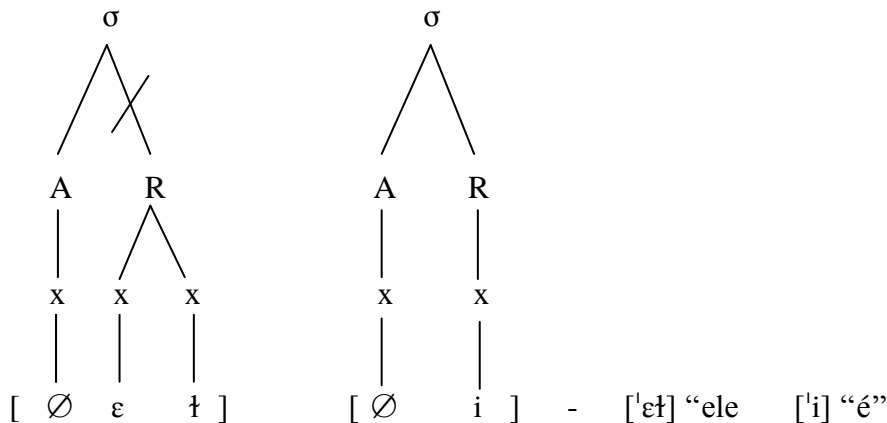
(685) [ˈkaɫdɔ] - /kaldu/ “caldo”

(686) [ˈkuɫpɛ] - /kulpa/ “culpar, culpa”

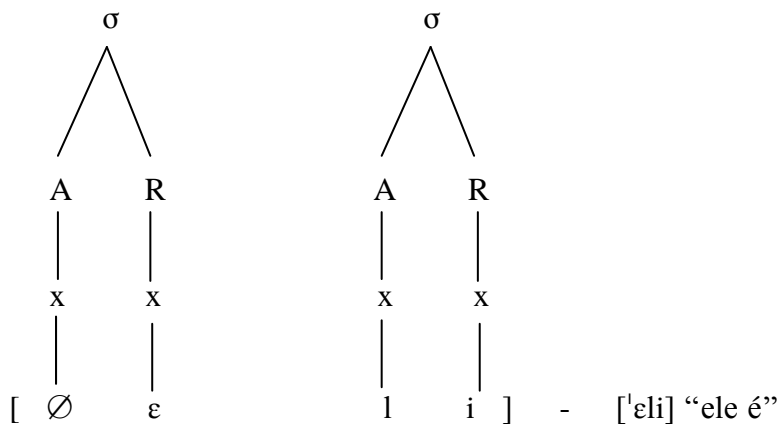
Note-se que, se uma palavra terminar em /l/ e vier seguida de outra iniciada por vogal, o /l/ realiza-se como [l] e não é velarizado porque passa a ocupar a posição de ataque da sílaba seguinte, sendo ressilabificado²⁴¹. Esse processo de ressilabificação do /l/ ocorre, por exemplo, em [ˈɛliˈkapurˈsor] “ele não é professor”, em que a lateral velarizada do pronome [ˈɛɭ] passa a ser ataque da sílaba seguinte, o verbo “ser” em sua forma conjugada produzido como [i] “é”. Esse processo aparece representado a seguir:

(687) [ˈɛliˈkapurˈsor] “ele não é professor”

(688) [ˈɛli] “ele é”



²⁴¹ Ao tratar dos contextos de ocorrência da lateral velarizada [ɭ] em contraponto com a lateral alveolar [l], Mateus, Falé e Freitas (2005, p.178) expõem que os contextos de ocorrência de [l] são mais numerosos, podendo este segmento vir depois de outra consoante, antes de vogal (p.ex. *placa* [pláke], *lado* [ládu], *mal amado* [mal ɛmádu]). Assim, dado que contextos mais numerosos implicam, neste caso, maior frequência de ocorrência da consoante, e dado que a lateral [ɭ], por ser velarizada, se pronuncia com um ponto de articulação secundário, o que torna a sua pronúncia mais rara nas línguas do mundo, determina-se que /l/ é o segmento fonológico subjacente a ambas as consoantes, e sujeito a alterações em diferentes contextos.



5.2.3 Processo de lenição

5.2.3.1 Enfraquecimento da oclusiva dental vozeada

O processo de enfraquecimento da oclusiva dental vozeada /d/ pode ocorrer quando a mesma encontra-se entre duas vogais, sendo a segunda a vogal alta arredondada [u]. Nesse contexto, e normalmente em produções que apresentam uma velocidade de fala mais acelerada, pode haver o enfraquecimento do fonema /d/, sendo ele produzido como a fricativa dental sonora [ð], a qual ocupa a posição de coda silábica. Foram encontrados poucos casos de ocorrência desse processo, que também se faz presente no português europeu²⁴². A representação fonológica simplificada do enfraquecimento do fonema /d/ e alguns exemplos ilustrativos do mesmo podem ser vistos a seguir:

/d/ → [ð] / V __ [u]

(689) ['laðu] ~ ['ladu] - /ladu/ “lado”

(690) ['seðu] ~ ['sedu] - /sedu/ “ser”

²⁴² Cf. Mateus, Falé e Freitas (2005, p.172).

5.2.4 Processo de apagamento

5.2.4.1 Redução ou apagamento silábico

Antes de discorrer a respeito do processo de redução silábica, é importante esclarecer que, assim como os processos de despatalização e desnasalização já mencionados, este não corresponde a um processo fonológico encontrado sincronicamente na variedade do crioulo guineense ora descrita, mas diz respeito a um resultado do processo de formação da língua, sendo interessante refletir sobre o mesmo e sobre a sua relação com o português.

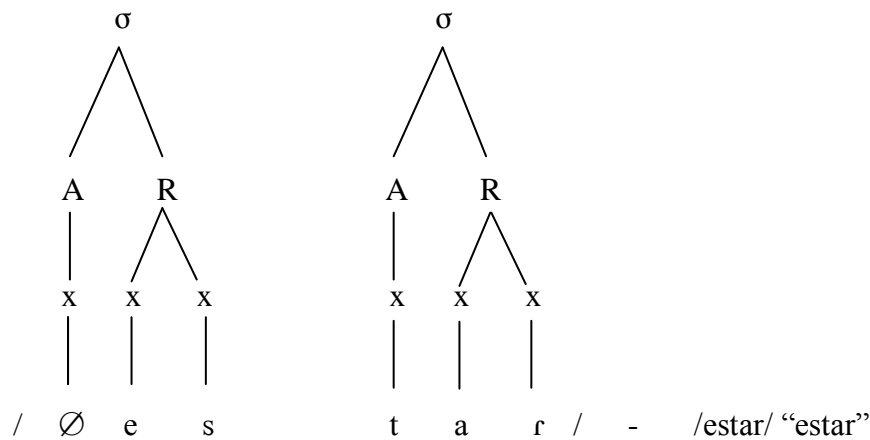
Nessa perspectiva, pode-se considerar, inicialmente, produções como [s'kɔlə] “escola”, [s'kirbi] “escrever”, [s'ta] “estar”, [s'tudɐ] “estudar”, entre outros²⁴³. Esses exemplos, se comparados às suas respectivas produções no português europeu, em nível fonético, diferenciam-se basicamente pela substituição da fricativa alveolar surda [s] pela palatal [ʃ] na primeira sílaba (variante também verificada no *corpus*) e pela produção do [r] para marcar o infinitivo verbal: como [ʃ'kɔlə] “escola”, [ʃ'kreviɾ] “escrever”, [ʃ'ta] “estar” e [ʃ'tudɐɾ] “estudar”²⁴⁴. No nível fonológico, entretanto, observa-se uma redução vocálica na sílaba inicial com relação ao português: /skɔla/ > Crioulo e /eskɔla/ > Português; /skirbi/ > Crioulo e /escrever/ > Português; /sta/ > Crioulo e /estar/ > Português; /studa/ > Crioulo e /estudar/ > Português.

Assim, a representação silábica do verbo “estar” /estar/ > Português e /sta/ > Crioulo, a nível fonológico, é a que segue:

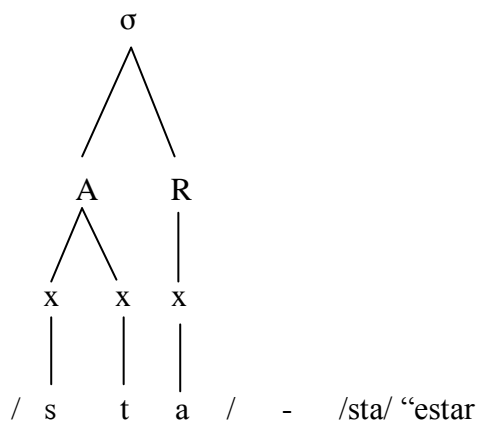
²⁴³ Todas as palavras aqui expostas apresentam uma forma variante produzida com a palatal surda [ʃ], no entanto, como o foco desse subtópico não diz respeito à palatalização do /s/ diante de consoantes [-vozeadas] e como esse processo não interfere diretamente no que está sendo abordado aqui, optou-se por representar os vocábulos com a fricativa alveolar surda [s], que, como já foi observado, normalmente prevalece nas produções dos informantes, mesmo quando em ambiente propício para a produção da palatal [ʃ].

²⁴⁴ Cf. Mateus, Falé e Freitas (2005, p.217); Instituto Camões Portugal (disponível em: < http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo2_2.html>).

(691) /estar/ “estar” > Português europeu



(692) /sta/ “estar” > Crioulo



Diante desses casos, observa-se que houve uma ressilabificação do /s/, que já foi sincronicamente incorporada na língua. Há três fatores que foram levados em consideração no presente trabalho para que fossem adotadas a representação fonológica e a representação silábica acima evidenciadas: (1) os informantes, que também são falantes do português, não consideram a existência de vogal antes do /s/ nessas palavras; (2) não há no *corpus* analisado uma variação robusta de dados produzidos com uma vogal ocupando a posição nuclear antes do /s/ e sem essa vogal, sendo as produções sem a vogal mais comuns; (3) os informantes afirmaram que, de um modo geral, é mais comum se observar essa variação de produção com e sem vogal nuclear precedendo /s/ em falantes mais jovens, de modo que, tratando-se de

falantes mais idosos, essa variação é dificilmente observada (dá-se preferência à produção sem a vogal).

Paralelamente, é importante notar que a representação dessas palavras (e de outras em contexto semelhante) sem vogal nuclear antes do /s/ já se convencionou na literatura²⁴⁵, não havendo vogal fonológica nos casos supracitados do crioulo, mesmo que, a nível fonético, nem sempre isso se confirme. Ainda assim, é curioso observar que, em vários momentos, verificou-se a produção dos vocábulos mencionados com a presença de uma vogal ocupando a posição nuclear antes do /s/²⁴⁶, o que pode indicar resquícios do português ou uma situação sincrônica de coexistência das duas variantes ([s'ta] ~ [i's'ta] “estar”) que poderia proporcionar, no futuro, produções mais sistemáticas nessas palavras (e em outras com contexto semelhante) com a vogal ocupando a posição nuclear, vogal esta que, aparentemente, fora “perdida” no processo de formação do crioulo se comparada à sua correlata no português.

Além disso, há alguns exemplos que correspondem a apagamento silábico de fato (e não redução), tais como [ˈkabɐ] “acabar”, [ˈdʒudɐ] “ajudar”, [ˈgosi] “agora” etc. Nesses casos, houve a perda da vogal baixa central [a] que inicia os vocábulos em português e que configura uma sílaba do tipo V²⁴⁷.

Por fim, ainda no que tange a redução vocálica no crioulo comparativamente ao português, tem-se os casos de apagamento da marca de infinitivo dos verbos (o [r] em português europeu), como em [ˈfale] “falar”, [ˈjandɐ] “andar”, [ˈkantɐ] “cantar”, [ˈbibi] “beber”, [ˈmɔrɐ] “morar, habitar”, entre outros²⁴⁸.

²⁴⁵ Cf. Scantamburlo (1981); Kihm (1994); Couto (1994).

²⁴⁶ O que se assemelha, por exemplo, à produção do português brasileiro.

²⁴⁷ Scantamburlo (1981, p.25) também fala a respeito de uma supressão da vogal inicial, a exemplo de: *gora* /ˈgora/ “agora” (no *corpus*, verificou-se a forma [ˈgosi] “agora), *djuda* /ˈdʒuda/ “ajuda” e *splika* /ˈsplika/ “explicar”. Paralelamente a esses casos, o autor se refere, ainda, à supressão de vogal no meio do vocábulo, evidenciando os exemplos *aldia* /alˈdia/ “aldeia” e *fera* /fera/ “feira”, os quais, nesse trabalho, foram classificados como casos de monotongação ou coalescência vocálica. Mesmo que se referindo a casos um pouco distintos, Mira Mateus, Falé e Freitas (2005, p.230) também fazem referência a situações de supressão de vogal no interior de vocábulos no português europeu. De acordo com as autoras, “a supressão da vogal átona [i] (e, por vezes, também de [u]), entre consoantes ou no final de palavra depois de uma consoante, situa-se no nível pós-lexical e quase sempre depende do registro de fala, ocorrendo geralmente na fala coloquial (p.ex. *meter* [mtér], *despegar* [dʃpɛgár], *bate* [bát], *toque* [tók])”. (MATEUS, FALÉ e FREITAS, 2005, p.230).

²⁴⁸ Scantamburlo (1981, p.25) também faz referência à supressão do /r/ final nos verbos derivados do português, e acrescenta os exemplos /ˈpara/ “parar” e /ˈkume/ “comer”.

5.2.5 Processos de inserção

5.2.5.1 Prótese

O processo de prótese vocálica ocorre em alguns vocábulos do crioulo guineense comparativamente aos respectivos itens lexicais do português. Tratam-se, portanto, de palavras já incorporadas na língua com a vogal protética²⁴⁹, como pode ser visualizado a seguir:

(693) ['jentɾɐ] ~ [i'entɾɐ] - /ieNtra/ “entrar”

(694) ['jabɾɪ] ~ [i'abɾɪ] - /iabɾi/ “abrir”

(695) ['jagɔ] ~ [i'agɔ] - /iagu/ “água”

(696) [jaŋga'sa] ~ [iaŋga'sa] - /iaNgasa/ “alcançar”

Kihm (1994, p.17) e Scantamburlo (1981, p.25) também consideram a prótese como um processo fonológico do crioulo guineense. Esse último refere-se ao “acréscimo da semivogal /y/ inicial” e apresenta os seguintes exemplos: *ianda* ~ *anda* /'yanda/ /'anda/ “andar”; *iermon* ~ *ermon* /yer'mon/ /er'mon/ “irmão”.

5.2.5.2 Epêntese

A epêntese é também um processo presente em alguns vocábulos do crioulo guineense, tendo em vista a comparação com os respectivos itens lexicais do português. Logo, as palavras a que aqui se faz referência já se encontram incorporadas sincronicamente na língua com a vogal epentética²⁵⁰. Alguns exemplos são dados a seguir:

²⁴⁹ Foi observado em alguns momentos, em produções mais próximas da fala espontânea, a não produção da vogal protética, como em ['jabɾɪ] ~ ['abɾɪ] “abrir” e ['jentɾɐ] ~ ['entɾɐ] “entrar”.

²⁵⁰ Alguns dos casos de epêntese vocálica também implicam a metátese do /r/, que muitas vezes sai da posição de ataque e passa para a coda silábica.

(697) [sukuru] - /sukuru/ “escuro”

(698) [suku'ta] - /sukuta/ “escutar”

(699) [skir'bi] ~ [skir'vi] ~ [skri'bi] - /skirbi/ “escrever”

(700) [pur'sor] ~ [pru'sor] - /pursor/ “professor”

Scantamburlo (1981, p.25) também faz referência ao processo de epêntese observado no crioulo. De acordo com o autor, há a “adição duma vogal no meio do grupo de consoantes para facilitar a pronúncia”. Os exemplos por ele apresentados são: *foronta* /fo'ronta/ “afrontar” e *pirguisa* /pir'gisa/ “preguiça”.

Paralelamente a Scantamburlo (1981, p.25), Kihm (1994) faz considerações interessantes a respeito da epêntese vocálica no crioulo guineense. Para o autor:

No domínio da sílaba, não há dúvidas de que a tendência em direção a um consistente padrão CV foi o principal desencadeador das mudanças. Paralelamente a isso, deve-se notar que o português do século XVI apresentava muito mais um padrão CV do que a variedade europeia atual. Vogais não acentuadas, sejam elas finais ou internas à palavra, eram pronunciadas de maneira distinta. Sendo assim, CV atingiu vários processos como aférese de vogais iniciais (muito regular), e epênteses. Para dar um exemplo em que ambos os processos estão representados, considere a palavra **sukuru** “escuro”. (KIHM, 1994, p.16-7).

Por fim, deve-se referir a inserção epentética da aproximante palatal nasalizada [j̃] após uma vogal nasalizada em produções mais próximas do português. Dois exemplos observados no *corpus* que dizem respeito a esse tipo de ocorrência são: [armazẽj̃ŋ] - /armazeN/ “armazém” e [ʔɔvẽj̃ŋ] - /ʔɔveN/ “jovem”, nas quais se verifica a formação de ditongos fonéticos nasais. Tais realizações são frequentes no português, como atestam Mira Mateus, Falé e Freitas (2005, p.229):

A inserção de uma semivogal nasalizada, [j̃], a seguir a uma vogal nasal, quando não lhe corresponde uma semivogal fonológica, é também um processo pós-lexical. Este é o caso das terceiras pessoas do plural dos verbos em português (p.ex. *batem* /bate/ → [bátẽj̃]) que, por inserção da semivogal, terminam em ditongo nasal.

5.2.6 Processos diacrônicos

5.2.6.1 Processo de despalatalização

O processo de despalatalização fez parte da formação do crioulo, nos séculos XVI e XVII, a partir do português e das línguas africanas de substrato. Sendo assim, este não corresponde a um processo fonológico encontrado sincronicamente na variedade do crioulo guineense ora descrita, mas diz respeito a um resultado do processo de formação da língua. É interessante, porém, fazer algumas reflexões a seu respeito.

De acordo com Parkvall (2012, p.94), o termo “despalatalização”, no presente contexto, diz respeito ao processo pelo qual as fricativas pós-alveolares (ou palatais) /ʃ, ʒ/ são substituídas por suas correspondentes alveolares /s, z/. As fricativas pós-alveolares existem atualmente em todas as cinco línguas lexificadoras, com exceção do espanhol que, entretanto, teve /ʃ/ (correspondendo à velar moderna /x/) até o século XVII. Por outro lado, sabe-se que os fonemas /ʃ, ʒ/ do português moderno foram /tʃ, dʒ/ na variedade padrão até o século XVI e assim ainda é em alguns dialetos. Note-se, ainda, que as fricativas pós-alveolares do francês têm a mesma origem, mas já tinham passado de africadas a fricativas antes que começasse a expansão ultramarina dessa língua. Nessa perspectiva, a respeito desse processo de despalatalização que envolveu o crioulo português guineense (e muitos outros), Kihm (1994, p.18) expõe:

Outra fonte do /s/ crioulo é a evolução do /ʃ/ (x) e do /ʒ/ (j, g) português. As formas mudaram sem exceção para /s/ em **basa** “baixar”, **disa** “deixar”, **kesa** “queixar”, entre outros. Há mudança mais tardia também para /s/ (por exemplo, **susu** “sujo”, **misa** “mijar”, etc.), ou para a oclusiva palatal vozeada /j/ (por exemplo, **janta** “jantar”, **lunju** “longe”, etc.). Essa variação pode representar o fato de que o /ʒ/ português teve sua origem em um segmento africado /dʒ/, a contrapartida não vozeada de /tʃ/. De acordo com gramáticas históricas, a mudança /dʒ/ > /ʒ/ ocorreu antes de 1450, mas isso é incerto. O tratamento dado pelo crioulo a esses segmentos indicam que a pronúncia africada ainda estava presente em certa medida no fim do século 15 e mesmo no início do século 16.

Assim, alguns autores consideram /s/ menos marcado do que /ʃ/ e afirmam que a oposição entre pós-alveolares e alveolares fricativas é adquirida relativamente tarde pelas crianças. Segundo Parkvall (2012, p.94-5), isso tem um reflexo, tanto nas línguas europeias como nas africanas (e em nível mundial também), no fato de que as línguas que possuem as

fricativas palatoalveolares (ou seja, /ʃ, ʒ/) quase invariavelmente possuem também uma das alveolares (isto é, /s, z/), sendo a variante surda mais comum do que as sonoras. Para corroborar essa afirmação, o autor apresenta a distribuição dos fonemas relevantes nas 451 línguas da base de dados UPSID²⁵¹, a qual pode ser visualizada a seguir:

Tabela 8: Distribuição dos fonemas relevantes nas 451 línguas da base de dados UPSID²⁵²

Um ou outro dentre /s, z, ʃ, ʒ/	/ʃ/	/ʒ/	/s/	/z/	/ʃ/ ou /ʒ/	/s/ ou /z/	/s/ ou /ʃ/	/z/ ou /ʒ/
397	189	63	378	135	192	380	396	146
88%	42%	14%	84%	30%	43%	84%	88%	32%

Devido ao caráter relativamente marcado das fricativas pós-alveolares e, dentre elas, das sonoras, era de se esperar que a distinção entre elas e suas contrapartidas alveolares fosse neutralizada em alguns crioulos, o que de fato ocorreu. Dessa forma, tem-se que as fricativas pós-alveolares etimológicas são sistematicamente substituídas nos crioulos portugueses do Golfo da Guiné pelas alveolares /s, z/ (com exceção dos empréstimos portugueses modernos)²⁵³. O crioulo da Guiné-Bissau, em sua variante tradicional, também perdeu a distinção da língua lexificadora entre /s/ e /z/, o que não procede para variantes mais próximas do português, como visto no capítulo 3 desse trabalho.

No que se refere à influência desse processo de despalatalização das fricativas alveolares, pode-se dizer que, em essência, deve ser atribuída aos substratos. Como coloca Parkvall (2012, p.96-7), a despalatalização em línguas europeias L2 ou em empréstimos lexicais europeus é atestada em wolof, fula, bambara, na língua senegalesa em geral, em *mandinka*, nas línguas da Guiné (L1 não determinada), em akan, ga, ioruba, nas línguas bantas do Congo-Kinshasa, e em *kituba*, umbundo, *ntandu*, quincongô e *malagasy*. Tendo como base os inventários fonológicos de cerca de 85 línguas africanas examinadas pelo autor, o padrão que emerge é exposto a seguir²⁵⁴:

²⁵¹ Base de dados UCLA (University of California, Los Angeles) Phonological Segment Inventory.

²⁵² Cf. Parkvall, 2012, p.95.

²⁵³ Cf. Parkvall, 2012, p.95.

²⁵⁴ Apesar de serem as famílias Mande e Atlântico as que contemplam as principais línguas de substrato do crioulo guineense, optou-se por apresentar o quadro completo da distribuição das fricativas pós-alveolares (ou

Quadro 16: As fricativas pós-alveolares e as línguas africanas²⁵⁵

Família linguística	Línguas que não têm as fricativas pós-alveolares	Línguas que têm pelo menos uma fricativa pós-alveolar	Dados conflitantes ou diferenças entre dialetos
Atlântico	fula, adamawa, balanta, wolof, kissi, serer	temne	
Mandes	bisa, dan, diúla, kpelle congolês, loko, mandinka, maukakan, mende, susu, vai, wojenekakan	malinqué, wrodugukakan	bambara
Kru	betê, godie, grebo, kru		
Gur	bariba, tampulma		dagbani
Kwa	akan em geral, basila, baúle, ebie, ewe, fânti, fon, gẽ, late, lelemi, twi	okere	achânti, ga
Delto-benuico	efique, efutu, etsako, ibo, isoko, izi, kalabari, bamba, nupe, edo	amo, berom, ijo, ioruba, gbari, tarok, urobo, ibilo	isekiri
Banto	bemba, ewondo, kituba, nguê, teque, iaka	tiv, luvale, ngemba, chôcue, quimbundo, umbundo	quicongo

Conforme acrescenta o autor, para algumas das línguas acima indicadas como não possuindo fricativas pós-alveolares, há também evidências adicionais na forma dos dados de aquisição de segunda língua ou nos empréstimos vocabulares europeus demonstrando que /s, z/ foram usados como substitutos para /ʃ, ʒ/ das línguas europeias. Em síntese, cabe a expectativa de que os falantes dos substratos da Alta Guiné e de grande parte das línguas bantas tenham contribuído para a despatalização das fricativas palatoalveolares nas línguas lexificadoras²⁵⁶.

palatais) trazido pelo autor, de modo a possibilitar a visualização mais abrangente dessa distribuição por entre as diversas línguas africanas de substrato.

²⁵⁵ Cf. Parkvall, 2012, p.96-7.

²⁵⁶ Cf. Parkvall, 2012, p.97.

Por fim, são apresentados abaixo alguns vocábulos do crioulo guineense presentes no corpus que passaram pelo processo de despalatalização do /ʃ, ʒ/ do português²⁵⁷:

(701) ['bas] - /bas/ “embaixo”

(702) ['disɐ] - /disa/ “deixar”

(703) ['misɐ] - /misa/ “mijar, urinar”

(704) ['susɔ] - /susu/ “sujo”

(705) [a'ɔs] - /aɔs/ “hoje”

5.2.6.2 Processo de desnasalização²⁵⁸

Ao tratar da desnasalização do crioulo guineense, é interessante observar que, de maneira geral, os crioulos atlânticos cujas línguas lexicadoras tinham vogais nasais (a saber, o Francês e o Português) preservaram essas vogais. Segundo Parkvall (2012, p.64), isso não é de maneira alguma óbvio, pois outros pidgins e crioulos de base francesa, tais como o *tayo*²⁵⁹, o pidgin francês de Burundi e o pidgin francês *tirailleur* do Congo, substituem as vogais nasais por suas homólogas orais (*tayo*) ou por uma sequência V+N (as duas variedades de pidgin francês da África). A desnasalização também é observada na fala dos negros portugueses do século XVI.

No tocante à África Ocidental, um número proporcionalmente grande de todas as línguas dessa região tem vogais nasais fonêmicas (53% de todas as línguas nigero-kordofanianas, em oposição à média mundial de 22%), e certo número das que não as têm as admite em nível fonético. As famílias linguísticas mande, kru e kwa são semelhantes quanto

²⁵⁷ Há alguns casos em que as formas com as fricativas palatais [ʃ, ʒ] voltam a emergir como formas variantes, num “retorno ao português”, como sugere Scantamburlo (1981, p.26). Alguns exemplos são: ['diʃɐ] “deixar”, ['ʒugɔ] “jogo” etc.

²⁵⁸ Deve-se ressaltar aqui que o termo “desnasalização” é baseado na realização fonética, pois o processo nesse subtópico apresentado não corresponde a uma desnasalização propriamente, em nível subjacente. De acordo com Mateus, Falé e Freitas (2005), a vogal nasal no português europeu corresponde a uma sequência V + [nasal], sendo este último um segmento que não se configura nem como arquifonema, nem como consoante. Assim, tem-se, a partir do português, já uma sequência de vogal mais segmento nasal, o que de certa forma é evidenciado no crioulo, quando se tem a sequência V + N, sendo N um segmento nasal com ponto subespecificado. Apesar dessas ressalvas, optou-se por manter o título “Processo de desnasalização”, tal qual aparece na literatura sobre o tema.

²⁵⁹ Segundo Parkvall (2012, p.64), Corne (1999, p.41; comunicação pessoal) questiona com veemência essa afirmação de que o *tayo* tem vogais nasais fonêmicas.

ao fato de terem vogais nasais, a tal ponto que é bastante difícil encontrar exceções. Analogamente, é típica das línguas atlânticas a ausência dessas vogais²⁶⁰.

Desse modo, conforme expõe Parkvall (2012, p.65), dentre as principais contribuições para a formação de crioulos atlânticos, são, principalmente, as línguas atlânticas e bantas que podem ter contribuído para a desnasalização. Como seria de esperar, é a partir das línguas africanas nas quais não há vogais nasais que se têm evidências da desnasalização nas variedades L2 das línguas europeias ou nas palavras tomadas de empréstimo ao europeu²⁶¹.

Ainda assim, pode-se dizer que não há praticamente nenhum crioulo atlântico em que faltem completamente as vogais nasais da língua lexificadora, exceto algumas poucas exceções. No crioulo da Guiné-Bissau, as vogais nasais do português são frequentemente realizadas como uma sequência de vogal oral + consoante nasal (V+N)²⁶². Alguns exemplos dessa assertiva podem ser visualizados a seguir:

(706) [a'ontɪ] ~ [a'õntɪ] - /aoNti/ “ontem”

(707) ['brɪŋkɐ] ~ ['břɪŋkɐ] - /briNka/ “brincar”

(708) [bi'andɐ] - /biaNda/ “comida, alimento”

(709) ['kontɐ] - /koNta/ “contar, falar”

(710) [kum'pridɔ] ~ [kũm'pridɔ] - /kuNpridu/ “comprido, alto, largo”

(711) ['pantɐ] - /paNta/ “espantar-se, assustar-se”

Assim, como as vogais nasais não faltam por completo em nenhum crioulo atlântico cuja língua lexificadora as tenha, a influência dos substratos nessa área pode ser considerada

²⁶⁰ Cf. Parkvall, 2012, p.65.

²⁶¹ De acordo com Parkvall (2012, p.65-6), os falantes do wolof, por exemplo, frequentemente substituem as vogais nasais do francês pelas vogais orais correspondentes e, um pouco menos frequentemente, por meio de VN. Em quicongo e nas línguas relacionadas, as vogais nasais do francês e do português são frequentemente desnasalizadas, porém às vezes são também substituídas por VN. Outras línguas bantas ocidentais apresentam desenvolvimentos semelhantes.

²⁶² A desnasalização simples também foi observada por Scantamburlo (1981, p.27) e Couto (1994, p.73), porém em variação livre com a sequência V+N (por exemplo: [ˈsĩ] ~ [ˈsĩŋ] “sim”, [ˈũ] ~ [ˈũŋ] “um”, [ˈpõ] ~ [ˈpõŋ] “pão”).

fraca²⁶³. No que se refere ao crioulo da Guiné-Bissau, a influência de substrato sugerida seria proveniente de línguas atlânticas, do quicongo e do quimbundo²⁶⁴.

5.2.6.3 Processo de coalescência

5.2.6.3.1 Monotongação ou coalescência vocálica

Pode-se afirmar que, comparativamente ao português, houve um largo processo de monotongação (a partir dos ditongos do português) na formação do crioulo, dando origem a vocábulos hoje já incorporados na língua. Alguns casos observados nos dados analisados capazes de ilustrar esse processo de coalescência vocálica estão dispostos a seguir:

(712) [ˈliti] - /liti/ “leite”

(713) [ˈkuru] - /kuru/ “couro”

(714) [ˈfɛrɐ] - /fɛra/ “feira”

(715) [kaˈdɛrɐ] - /kadɛra/ “cadeira”²⁶⁵

(716) [maˈdɛrɐ] - /madɛra/ “madeira”

(717) [ˈsɛtɐ] - /seta/ “aceitar”

(718) [ˈtʃɛrɐ] - /tʃeru/ “cheiro”

²⁶³ É importante salientar que também foram encontrados nos dados analisados alguns casos de nasalização da vogal que antecede a coda nasal, configurando um processo de assimilação do traço [nasal] da consoante homorgânica. Essas ocorrências, no entanto, não foram observadas de maneira sistemática e, grande parte das vezes, as produções com a vogal nasalizada coexistiam com as produções sem a nasalização da mesma, em situação de variação. Alguns exemplos ilustrativos desse processo são: [ˈkante] ~ [ˈkãnte] “cantar”, [ˈjɛntɐ] ~ [ˈjẽntɐ] “entrar”, [ˈkumpɐ] ~ [ˈkũmpɐ] “comprar”, [ˈdʒundɐ] ~ [dʒũndɐ] “puxar”, [ˈpɪˈtʃɛ] ~ [ˈpĩˈtʃɛ] etc. Ressalta-se, ainda, que, quando a nasal encontra-se na última sílaba da palavra, a assimilação do traço [nasal] pela vogal homorgânica ocorre praticamente sempre (fato já observado por Scantamburlo (1981) e Kihm (1986) e nesse trabalho corroborado). Alguns exemplos são os que seguem: [ˈpõŋ] “pão”, [ˈmõŋ] “mão”, [jɛrˈmõŋ] “irmão(ã)”, [ˈkĩŋ] “quem”, [ˈbĩŋ] “vir”, entre outras ocorrências. Scantamburlo (1981, p.27-8), ao tratar da “nasalização”, afirma que “no crioulo guineense não há a característica nasalização do português. Em analogia com as línguas africanas há a velarização do /ŋ-/ inicial e do /-ŋ/ final”. Assim, segundo o autor, as tendências principais são duas: (1) evitar a nasalização das vogais: *bon* /bon/ “bom” /bõ/; *nau* /naw/ “nã” /nãu/; *un* /un/ “um” /ũ/; *si* /si/ “sim” /sĩ/. E (2) emprego das regras de substituição, aférese e apócope para as vogais nasais no início ou no fim dos vocábulos: /N/ ~ /ŋ-/: “enganar” ~ *ngana*; /N-/ ~ /O/ “enxaguar” ~ *chagua*; /-N/ ~ /O/ “sim” ~ *sí*.

²⁶⁴ Cf. Parkvall, 2012, p.66.

²⁶⁵ Também se verificou a forma [ˈbaŋkɐ] - /baNku/ “banco, cadeira”.

(719) [ˈkuse] - /kusa/ “coisa”

Desse modo, aqui foram indicados, a partir da observância do *corpus* e do que já foi dito na literatura consultada sobre o tema, alguns dos processos fonológicos mais frequentes do crioulo guineense. Na origem destes processos estão fatores de várias ordens, como os de caráter articulatório (modificações de aparelho fonador para facilitar a pronúncia de sons em sequência) e perceptivo (inserção de segmentos), e fatores sociolinguísticos, como o contato com outras línguas²⁶⁶.

²⁶⁶ Tais fatores também são atestados para o português europeu, como expõem Mateus, Falé e Freitas (2005, p.229).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o crioulo da Guiné-Bissau, fruto do contato entre vinte e uma línguas que até hoje convivem entre si, corresponde a uma língua rica em vários aspectos. Os crioulos, de um modo geral, são um lugar privilegiado de compreensão dos fenômenos de mudança (e de resistência) na sua relação com os processos de aquisição e transmissão linguística e com as condições sociolinguísticas relevantes. A maneira rápida como se formam, em ruptura com as línguas que lhe deram origem, faz dos crioulos línguas especiais e idiossincráticas. Ao mesmo tempo, são um verdadeiro laboratório de estudo dos efeitos do contato de línguas e da variação linguística aí resultante.

No trabalho aqui apresentado tentou-se realizar um esboço do que seria a fonologia segmental de uma determinada variante do crioulo guineense, mais aportuguesada, com suas características e peculiaridades. Observou-se, por exemplo, que, foneticamente, a língua apresenta vinte e oito fones consonantais e dezesseis vocálicos, somando-se os orais e os nasais. Já no que concerne à fonologia, o resultado foi diferente: foram verificadas dezoito consoantes e sete vogais fonológicas na língua. Deve-se ressaltar, porém, que os segmentos que integram o inventário fonológico do crioulo guineense não são consenso entre os linguistas. As consoantes [z, ʃ, ʒ, ʎ, v], por exemplo, são comumente alvo de reflexões no que tange à sua pertença (ou não) à fonologia da língua, o que é reflexo, muitas vezes, do processo de descrioulização ao qual o crioulo, enquanto língua que convive com seu superstrato, está sujeito. Outro aspecto curioso que permeia, dessa vez, o inventário segmental das vogais do crioulo guineense diz respeito à existência ou não de dois graus de abertura para as vogais médias. Como foi observado, contrariando um pouco o que há na literatura sobre o tema, considerou-se nesse trabalho a existência de dois graus de abertura para esses segmentos, o que resulta na consideração de quatro graus de abertura para as vogais da língua.

No tocante à sílaba da variedade aqui estudada do crioulo guineense, verificou-se um total de doze tipos fonéticos, quais sejam: [V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, VVC, CVVC, CCCV, N]. Quanto ao nível fonológico, foram observados nove padrões silábicos: /V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV, N/. Além disso, verificou-se, ainda, que o crioulo da Guiné-Bissau possui como molde silábico a estrutura (C)(C)(C)V/N(V)(C). No entanto, tais resultados precisam ser checados em estudos futuros, pois aqui não foi realizada uma análise da métrica da língua, o que poderia implicar em novas interpretações para os fenômenos que se apresentam.

Além disso, na análise realizada, foi observada a ocorrência de doze processos fonológicos: a palatalização do /s/, que, apesar de ter sido verificada no *corpus*, não é tão frequente na língua; a harmonia vocálica; a assimilação do ponto de articulação da consoante nasal em coda; a nasalização; a velarização do /l/; o enfraquecimento da oclusiva dental vozeada; a redução ou apagamento silábico; a prótese; a epêntese; a despalatalização; a desnasalização; e a monotongação (coalescência). Aqui, é importante salientar o processo de harmonia vocálica nesse trabalho descrito, o qual não é amplamente discutido na literatura sobre o crioulo guineense. Desse modo, tentou-se lançar um olhar mais atento para esse processo, na medida em que foi verificado que a ocorrência das vogais médias baixas [ɛ, ɔ] em posição pretônica estava condicionada ao ambiente, o que nos levou a concluir que, em posição pretônica, o inventário fonológico das vogais do crioulo guineense fica reduzido a cinco segmentos: [i, e, a, o, u].

Outra importante consideração que o presente estudo tentou realizar foi a divisão dos doze processos fonológicos observados no *corpus* entre sincrônicos e diacrônicos. Dessa forma, os três últimos processos acima mencionados – despalatalização, desnasalização e coalescência – foram aqui considerados como sendo diacrônicos, ao passo que os outros nove foram interpretados como sincrônicos. Tal classificação é relevante na medida em que foi verificada uma aparente confusão a esse respeito na literatura, a qual muitas vezes trata todos os processos em conjunto em uma mesma seção. No presente trabalho, tais processos fonológicos foram, então, revistos e reinterpretados, havendo uma distinção entre processos sincrônicos e diacrônicos no crioulo guineense.

É importante ressaltar que, nessa dissertação, foi realizada uma análise segmental da língua que deve ser aprofundada posteriormente, pois muito ainda há a ser descoberto, refletido e analisado no tocante à estrutura e às características do crioulo guineense, contribuindo largamente para a ciência linguística. De acordo com Pereira (2007, p.113-4), o que legitima a existência dos estudos crioulos não é tanto o modo como os mesmos são formados, mas antes o conjunto específico de questões de caráter gramatical, histórico, sociolinguístico, psicolinguístico, metodológico e, até, de política e planificação linguística que os pidgins e os crioulos obrigam sistematicamente a colocar, sempre que um linguista os elege como objeto de estudo e, sobretudo, quando procura uma compreensão mais geral de tão maravilhosas formações.

Assim, compartilhando dessa ideologia, espera-se que, com este trabalho, se tenha contribuído de alguma maneira para a compreensão do sistema fonológico segmental do crioulo guineense e para a difusão dessa língua no âmbito acadêmico. A Guiné-Bissau, um país situado na costa ocidental africana, é relativamente pequeno geograficamente, porém comporta em sua história uma riqueza ímpar, marcada pela repressão, mas também pela resistência. Dentre essas riquezas carregadas pelo país, destaca-se o âmbito linguístico, onde se situa o crioulo guineense, língua que, antes de ser encarada apenas como elemento facilitador da comunicação, deve ser compreendida como símbolo de cultura, de resistência, e de identidade nacional, como símbolo de orgulho íntimo de pertença a um grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language Contact and Bilingualism*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005.
- AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. *Afro-Ásia*, Bissau, v. 20, n. 19, p.251-254, 1997.
- AUGEL, Moema Parente. No ka pudi tapa sol ku mon: o crioulo guineense como língua literária? *Papia*, 2000. 10 vol, pp.5-22.
- BENSON, C. How multilingual African contexts are pushing educational research and practice in new discussions. *Language and Education*, 24 (3).
- BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BLOT, Richard K. *Language and Social Identity*. USA: Greenwood Publishing Group, 2003.
- BULL, Benjamim Pinto. *O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1989.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A palatização em português: uma investigação palatográfica*. (dissertação de Mestrado) - Campinas, SP: [s.n.], 1974.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa. *Fonologia do guineense*. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade de Coimbra, 2007.
- CLEMENTS, G N. e E. V. HUME. The Internal Organization of Speech Sounds. In.: GOLDSMITH, J. A. (ed). *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford: Blackwell Publishers. 245-306, 1995.
- COELHO, F. Adolfo.Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América, *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*, 1886. (Reeditado in.: J. Morais-Barbosa (Ed.) (1967) *Estudos linguísticos crioulos*, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, Lisboa).
- COUTO, Hildo Honório do. A questão da gramaticalização nos estudos crioulos. *LIP*, Brasília, n., 2007. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/il/liv/papers/gramat.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.
- _____. *O Crioulo Português da Guiné Bissau*. Hamburg: Buske, 1994.

_____. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

_____. Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau. *Papia*, Brasília, n. 19, p.69-79, 2009.

_____. As consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau, *Soronda-Revista de Estudos Guineenses* (Bissau, INEP), 1997, 14, 97-105.

_____. O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau: um caso de extrasilabidade?. *Letras de Hoje*, 1996a, Porto Alegre, v.31, n.2, pp.119-128.

_____. Crioulística e letras e linguística. *ANPOLL*, n.2, 1996b, pp.217-226.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. *Papia*, Brasília, n. 20, p.1-254, 2010.

COUTO, H. H. do; SOUZA, U. R. de. As consoantes pré-nasalizadas do crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática, In.: LANG, J; HOLM, J; ROUGÉ, J.; SOARES, M. J. (eds.): *Cabo verde:origens da sua sociedade e do seu crioulo*. Tubingen: Narr, 133-146.

DAVIDSON, Basil. *Révolution en Afrique: la libération de la Guinée portugaise*. Paris : Combats SEUIL, 1969.

DECAMP, D. Social and geographical factors in Jamaican dialects. *Le Page*, 1961, p. 61-84.

EDWARDS, John. *Language and Identity: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. *Papia*, Brasília, v. 8, n. , p.101-107, 2008.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1990.

GOLDSMITH, J. (ed). *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

HAGEMEIJER, Tjerk; ALEXANDRE, Nélia. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Línguas Crioulas de Base Portuguesa na África*, Lisboa, v. 42, n. , p.1-17, 2010.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 2.ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOLM, John. *Pidgins and Creoles: theory and structure*. 1 vol. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. *Pidgins and Creoles: reference survey*. 2. Vol. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HYMAN, Larry M. *Phonology, theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

INTUMBO, Incanha. *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Línguas em Contacto: Pidgins, Crioulos e Semi- Crioulos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.

KIHM, A. Nasality in kriol: the marked case? *Journal of pidgin and creole languages* 1,1986.81-107.

_____. *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1994.

LANG, J. *O problema da nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde): uma resposta*. Tübingen: 2007.

_____. *Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: no prelo.

LASS, R. *Phonology: an introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LEWIS, M. Paul; GARY F, Simons; CHARLES D. Fennig (Eds.). *Ethnologue : Languages of the World*, Seventeenth edition. Dallas, Texas: SIL International, 2014. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>.

- LODGE, Ken. *Fundamental Concepts in Phonology: Sameness and Difference*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2009.
- MARLETT, Stephen. *An introduction to phonological analysis*. USA: Fall Edition, 2001.
- MATEUS, Maria Helena Mira; FALÉ, Isabel; FREITAS, Maria João. *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.
- MBODJ, Chérif. *Phonologie du créole de Guinée-Bissau*. n. 74. Dakar: Centre de Linguistique Appliquée de Dakar, 1979.
- MOURA, Maria Denilda. A concordância do adjetivo : uma abordagem comparativa entre o PB e o crioulo da Guiné-Bissau. In.: MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo Amorim (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Vol.3. Maceió: EDUFAL, 2013.
- MOURA, Ricardo Washington de Sousa. *Fonologia segmental preliminar da língua Fula da Guiné-Bissau*. 2007. 79f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- NARO, Anthony J. A study on the origins of pidginization. *Language* 54.2, 1978, pp.314-147
- PARKVALL, Mikael. *Da África para o Atlântico*. trad. Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- PEREIRA, Dulce. *Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.
- RODRIGUES, Ulisdete Rodrigues de Souza. *Fonologia do Caboverdiano: das Variedades Insulares à Variedade Nacional*. 2007. 443f. Tese (Doutorado) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ROUGÉ, Jean-Louis. *Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée Bissau et de Casamance*. Bissau : INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), 1988.
- _____. *A propósito da formação dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné*. *Soronda*, Revista de Estudos Guineenses. 20, 1995, p. 81-98.
- _____. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda*, 2, 1986, pp.28-49.
- SCANTAMBURLO, Luigi. *Gramática e dicionário da língua Criol da Guiné-Bissau (GCr)*. Bologna: Editrice Missionária Italiana, 1981.
- _____. *Dicionário do guineense vol.1, Introdução e notas gramaticais*. Edições Colibri, Fundação para o Apoio e Desenvolvimento dos Povos do Arquipélago dos Bijagós, 1999.

SILVA, Dilma de Melo. *Por entre as Dórcades Encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SPENCER, A. *Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1986.

WETZELS, Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, 9 vol., n.2, 2009, pp.203-232.

WILSON, André W. *The Crioulo of Guiné*. Johannesburg: Witwatersant University Press, 1962, 49 pp.

ANEXO 1

Questionário Sociocultural (modelo)



**PROJETO: DESCRIÇÃO FONOLÓGICA SEGMENTAL DO CRIOULO DA GUINÉ-
BISSAU**
QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

1) Nome Completo: _____

2) Data de nascimento: ____/____/____.

3) Etnia: _____

4) Etnia(s) do pai e da mãe: _____

5) Língua materna: _____

6) Outras línguas faladas ou compreendidas: _____

7) Local de residência na Guiné-Bissau: _____

8) Cidade natal: _____

9) Permanência no exterior (onde e durante quanto tempo?): _____

10) Motivo da permanência no exterior: _____

Observação: _____

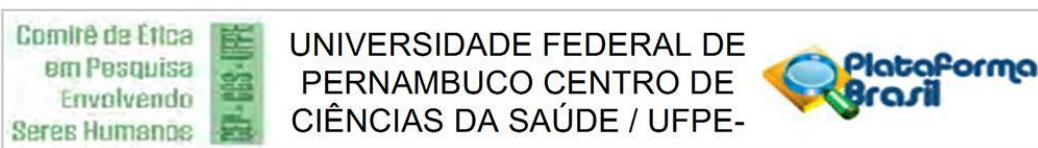
Recife, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 2

Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau

Pesquisador: Paula Mendes Costa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 20728513.8.0000.5208

Instituição Proponente: Departamento de Pos Graduação em Letras - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 425.655

Data da Relatoria: 18/10/2013

Apresentação do Projeto:

Indicado na relatoria inicial.

Objetivo da Pesquisa:

Indicado na relatoria inicial.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Indicado na relatoria inicial.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Indicado na relatoria inicial.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Indicado na relatoria inicial.

Recomendações:

Sem recomendações.

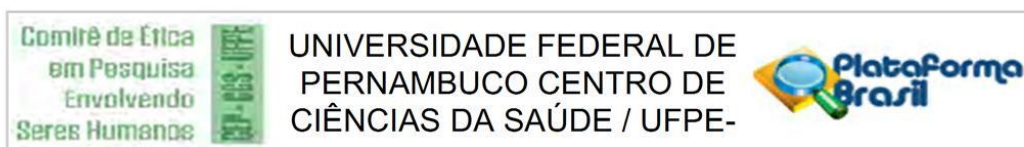
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 425.655

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado aprova o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, na PLATAFORMA BRASIL, através de 'Notificação' e, após apreciação, será emitido Parecer Consubstanciado .

RECIFE, 16 de Outubro de 2013

Assinador por:
GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO
 (Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br

ANEXO 3**Termos de Consentimento Livre e Esclarecido**



PPGL
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Mendes Costa, residente na Rua Sá e Sousa, n.286, Edifício Itália, apartamento 108, quadra N, bloco A, Boa Viagem, Recife, de CEP número 51030-065, telefone número (81) 88699022 e (81) 30393698 e e-mail paulamc06@gmail.com e está sob a orientação de Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima, Telefone para contato: (81) 88996576, e-mail stellatelles@hotmail.com, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva realizar uma descrição da fonologia do crioulo da Guiné-Bissau (CGB), isto é, descrever o funcionamento dos sons dessa língua. O CGB é uma língua que resulta do contato e, portanto, da mistura entre o português e as diversas línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. No país são faladas um total de 22 línguas, entre elas o Crioulo da Guiné-Bissau, a respeito do qual Couto (2009) afirma ser "um dos menos estudados do mundo". Para a realização desse estudo, deverá ser realizada coleta de dados junto a estudantes guineenses de ambos os sexos vinculados aos cursos de graduação em Engenharia Civil ou Letras da UFPE. Tal coleta de dados consistirá em gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa, que também irão preencher um pequeno questionário com informações socioculturais (por exemplo: local de origem, idade, línguas que fala etc.). Os dados recolhidos serão analisados pela pesquisadora e, se necessário, a mesma poderá precisar de novas gravações para complementar a amostra para a pesquisa.

A coleta e a análise dos dados dessa pesquisa estão programadas para o segundo semestre de 2013 (entre os meses de outubro e novembro), sendo esse o período de participação dos sujeitos envolvidos na mesma (início: 17 de outubro de 2013; término: 7 de novembro de 2013).

Para o estudo descrito observam-se como riscos aos informantes/sujeitos da pesquisa possíveis desconfortos ou timidez relacionados ao fato de terem que gravar

MCA

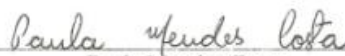
dados sonoros (entrevistas) em sua língua materna (o crioulo da Guiné-Bissau) junto à pesquisadora principal.

Tendo em vista que o crioulo da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo, pode-se dizer que sua investigação científica apresenta grande importância. Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios indiretos desse estudo seriam: 1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa, sem os quais a mesma não seria possível); 2) linguística, que se refere à importante contribuição que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística; e 3) cultural, visto que apresenta uma relação de troca sociocultural de conhecimento (Brasil – África).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e questionário sociocultural) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, 10 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepces@ufpe.br).



Paula Mendes Costa
(Pesquisadora)



**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, Marcelino Gomes Vaz,
CPF 016226624-31, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: Recife 23 outubro 2013

Assinatura do participante (ou responsável legal): _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar.

Nome: <u>Claristella Alves dos Santos</u>	Nome: <u>FERNANDA MACIEL ZIOBER</u>
Assinatura: <u>[Assinatura]</u>	Assinatura: <u>Fernanda Maciel Zieber</u>

MGV



PPGL
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Mendes Costa, residente na Rua Sá e Sousa, n.286, Edifício Itália, apartamento 108, quadra N, bloco A, Boa Viagem, Recife, de CEP número 51030-065, telefone número (81) 88699022 e (81) 30393698 e e-mail paulamc06@gmail.com e está sob a orientação de Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima, Telefone para contato: (81) 88996576, e-mail stellatelles@hotmail.com, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva realizar uma descrição da fonologia do crioulo da Guiné-Bissau (CGB), isto é, descrever o funcionamento dos sons dessa língua. O CGB é uma língua que resulta do contato e, portanto, da mistura entre o português e as diversas línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. No país são faladas um total de 22 línguas, entre elas o Crioulo da Guiné-Bissau, a respeito do qual Couto (2009) afirma ser “um dos menos estudados do mundo”. Para a realização desse estudo, deverá ser realizada coleta de dados junto a estudantes guineenses de ambos os sexos vinculados aos cursos de graduação em Engenharia Civil ou Letras da UFPE. Tal coleta de dados consistirá em gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa, que também irão preencher um pequeno questionário com informações socioculturais (por exemplo: local de origem, idade, línguas que fala etc.). Os dados recolhidos serão analisados pela pesquisadora e, se necessário, a mesma poderá precisar de novas gravações para complementar a amostra para a pesquisa.

A coleta e a análise dos dados dessa pesquisa estão programadas para o segundo semestre de 2013 (entre os meses de outubro e novembro), sendo esse o período de participação dos sujeitos envolvidos na mesma (início: 17 de outubro de 2013; término: 7 de novembro de 2013).

Para o estudo descrito observam-se como riscos aos informantes/sujeitos da pesquisa possíveis desconfortos ou timidez relacionados ao fato de terem que gravar

dados sonoros (entrevistas) em sua língua materna (o crioulo da Guiné-Bissau) junto à pesquisadora principal.

Tendo em vista que o crioulo da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo, pode-se dizer que sua investigação científica apresenta grande importância. Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios indiretos desse estudo seriam: 1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa, sem os quais a mesma não seria possível); 2) linguística, que se refere à importante contribuição que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística; e 3) cultural, visto que apresenta uma relação de troca sociocultural de conhecimento (Brasil – África).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e questionário sociocultural) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, 10 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepecs@ufpe.br).



Paula Mendes Costa
(Pesquisadora)

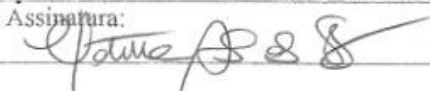
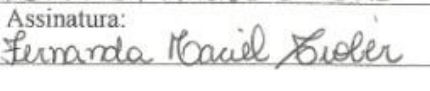
**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, Milamca Mendes de Carvalho,
CPF 09354355998, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: Beja 17/10/2023

Assinatura do participante (ou responsável legal): Milamca Mendes de Carvalho

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar.

Nome: <u>Christella Alves dos Santos</u>	Nome: <u>FERNANDA MACIEL ZOBER</u>
Assinatura: 	Assinatura: 



PPGL
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Mendes Costa, residente na Rua Sá e Sousa, n.286, Edifício Itália, apartamento 108, quadra N, bloco A, Boa Viagem, Recife, de CEP número 51030-065, telefone número (81) 88699022 e (81) 30393698 e e-mail paulamc06@gmail.com e está sob a orientação de Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima, Telefone para contato: (81) 88996576, e-mail stellatelles@hotmail.com, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva realizar uma descrição da fonologia do crioulo da Guiné-Bissau (CGB), isto é, descrever o funcionamento dos sons dessa língua. O CGB é uma língua que resulta do contato e, portanto, da mistura entre o português e as diversas línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. No país são faladas um total de 22 línguas, entre elas o Crioulo da Guiné-Bissau, a respeito do qual Couto (2009) afirma ser “um dos menos estudados do mundo”. Para a realização desse estudo, deverá ser realizada coleta de dados junto a estudantes guineenses de ambos os sexos vinculados aos cursos de graduação em Engenharia Civil ou Letras da UFPE. Tal coleta de dados consistirá em gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa, que também irão preencher um pequeno questionário com informações socioculturais (por exemplo: local de origem, idade, línguas que fala etc.). Os dados recolhidos serão analisados pela pesquisadora e, se necessário, a mesma poderá precisar de novas gravações para complementar a amostra para a pesquisa.

A coleta e a análise dos dados dessa pesquisa estão programadas para o segundo semestre de 2013 (entre os meses de outubro e novembro), sendo esse o período de participação dos sujeitos envolvidos na mesma (início: 17 de outubro de 2013; término: 7 de novembro de 2013).

Para o estudo descrito observam-se como riscos aos informantes/sujeitos da pesquisa possíveis desconfortos ou timidez relacionados ao fato de terem que gravar

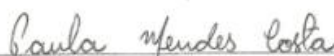
dados sonoros (entrevistas) em sua língua materna (o crioulo da Guiné-Bissau) junto à pesquisadora principal.

Tendo em vista que o crioulo da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo, pode-se dizer que sua investigação científica apresenta grande importância. Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios indiretos desse estudo seriam: 1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa, sem os quais a mesma não seria possível); 2) linguística, que se refere à importante contribuição que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística; e 3) cultural, visto que apresenta uma relação de troca sociocultural de conhecimento (Brasil – África).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e questionário sociocultural) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, 10 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepecs@ufpe.br).



Paula Mendes Costa
(Pesquisadora)



**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, ROCLAUDELO N'GAFÁ DE PAULO SILVA NANQUE,
CPF 016.166-254-96, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura)
deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas
dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Descrição
fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, como voluntário (a). Fui devidamente
informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos
nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu
acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: Recife, 05 DE NOVEMBRO DE 2013

Assinatura do participante (ou responsável legal):

Roclaudeles N. Ps. Nanque

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e
aceite do voluntário em participar.

Nome: <u>Cláudia Alves dos Santos</u>	Nome: <u>FERNANDA MACIEL ZIOBER</u>
Assinatura: <u>[Assinatura]</u>	Assinatura: <u>Fernanda Maciel Zieber</u>



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Mendes Costa, residente na Rua Sá e Sousa, n.286, Edifício Itália, apartamento 108, quadra N, bloco A, Boa Viagem, Recife, de CEP número 51030-065, telefone número (81) 88699022 e (81) 30393698 e e-mail paulamc06@gmail.com e está sob a orientação de Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima, Telefone para contato: (81) 88996576, e-mail stellatelles@hotmail.com, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva realizar uma descrição da fonologia do crioulo da Guiné-Bissau (CGB), isto é, descrever o funcionamento dos sons dessa língua. O CGB é uma língua que resulta do contato e, portanto, da mistura entre o português e as diversas línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. No país são faladas um total de 22 línguas, entre elas o Crioulo da Guiné-Bissau, a respeito do qual Couto (2009) afirma ser “um dos menos estudados do mundo”. Para a realização desse estudo, deverá ser realizada coleta de dados junto a estudantes guineenses de ambos os sexos vinculados aos cursos de graduação em Engenharia Civil ou Letras da UFPE. Tal coleta de dados consistirá em gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa, que também irão preencher um pequeno questionário com informações socioculturais (por exemplo: local de origem, idade, línguas que fala etc.). Os dados recolhidos serão analisados pela pesquisadora e, se necessário, a mesma poderá precisar de novas gravações para complementar a amostra para a pesquisa.

A coleta e a análise dos dados dessa pesquisa estão programadas para o segundo semestre de 2013 (entre os meses de outubro e novembro), sendo esse o período de participação dos sujeitos envolvidos na mesma (início: 17 de outubro de 2013; término: 7 de novembro de 2013).

Para o estudo descrito observam-se como riscos aos informantes/sujeitos da pesquisa possíveis desconfortos ou timidez relacionados ao fato de terem que gravar

Flávia

dados sonoros (entrevistas) em sua língua materna (o crioulo da Guiné-Bissau) junto à pesquisadora principal.

Tendo em vista que o crioulo da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo, pode-se dizer que sua investigação científica apresenta grande importância. Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios indiretos desse estudo seriam: 1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa, sem os quais a mesma não seria possível); 2) linguística, que se refere à importante contribuição que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística; e 3) cultural, visto que apresenta uma relação de troca sociocultural de conhecimento (Brasil – África).

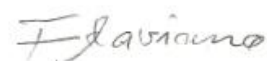
As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e questionário sociocultural) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, 10 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepecs@ufpe.br).



Paula Mendes Costa
(Pesquisadora)



**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, Flaviano Fernandes da Silva,
CPF 0173953429, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura)
deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas
dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Descrição
fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, como voluntário (a). Fui devidamente
informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos
nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu
acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: Rufo, 13 de novembro de 2013

Assinatura do participante (ou responsável legal): Flaviano F. da Silva

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e
aceite do voluntário em participar.

Nome: <u>Claristella Alves dos Santos</u>	Nome: <u>FERNANDA MACIEL ZIOBER</u>
Assinatura: <u>[assinatura]</u>	Assinatura: <u>Fernanda Maciel Ziober</u>



PPGL
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Mendes Costa, residente na Rua Sá e Sousa, n.286, Edifício Itália, apartamento 108, quadra N, bloco A, Boa Viagem, Recife, de CEP número 51030-065, telefone número (81) 88699022 e (81) 30393698 e e-mail paulamc06@gmail.com e está sob a orientação de Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima, Telefone para contato: (81) 88996576, e-mail stellatelles@hotmail.com, sendo esses dois os únicos participantes da pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa objetiva realizar uma descrição da fonologia do crioulo da Guiné-Bissau (CGB), isto é, descrever o funcionamento dos sons dessa língua. O CGB é uma língua que resulta do contato e, portanto, da mistura entre o português e as diversas línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. No país são faladas um total de 22 línguas, entre elas o Crioulo da Guiné-Bissau, a respeito do qual Couto (2009) afirma ser "um dos menos estudados do mundo". Para a realização desse estudo, deverá ser realizada coleta de dados junto a estudantes guineenses de ambos os sexos vinculados aos cursos de graduação em Engenharia Civil ou Letras da UFPE. Tal coleta de dados consistirá em gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa, que também irão preencher um pequeno questionário com informações socioculturais (por exemplo: local de origem, idade, línguas que fala etc.). Os dados recolhidos serão analisados pela pesquisadora e, se necessário, a mesma poderá precisar de novas gravações para complementar a amostra para a pesquisa.

A coleta e a análise dos dados dessa pesquisa estão programadas para o segundo semestre de 2013 (entre os meses de outubro e novembro), sendo esse o período de participação dos sujeitos envolvidos na mesma (início: 17 de outubro de 2013; término: 7 de novembro de 2013).

Para o estudo descrito observam-se como riscos aos informantes/sujeitos da pesquisa possíveis desconfortos ou timidez relacionados ao fato de terem que gravar

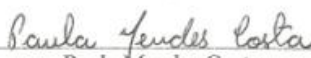
dados sonoros (entrevistas) em sua língua materna (o crioulo da Guiné-Bissau) junto à pesquisadora principal.

Tendo em vista que o crioulo da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo, pode-se dizer que sua investigação científica apresenta grande importância. Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios indiretos desse estudo seriam: 1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua (no caso, o crioulo da Guiné-Bissau) para sua sociedade (aqui se incluindo os informantes da pesquisa, sem os quais a mesma não seria possível); 2) linguística, que se refere à importante contribuição que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística; e 3) cultural, visto que apresenta uma relação de troca sociocultural de conhecimento (Brasil – África).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e questionário sociocultural) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de, aproximadamente, 10 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepecs@ufpe.br).


Paula Mendes Costa
(Pesquisadora)



**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

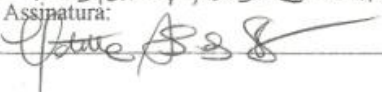
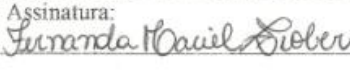
Eu, ROBERTO SOUSA CORDEIRO,
CPF 015 003 65408, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Descrição fonológica do crioulo da Guiné-Bissau, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: RECIFE, 31/10/2013

Assinatura do participante (ou responsável legal):



Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar.

Nome: <u>Charistella Alves dos Santos</u>	Nome: <u>FERNANDA MACIEL ZIOBER</u>
Assinatura: 	Assinatura: 

ANEXO 4

Localização de algumas línguas, famílias de línguas e agrupamentos linguísticos importantes da África Ocidental²⁶⁷

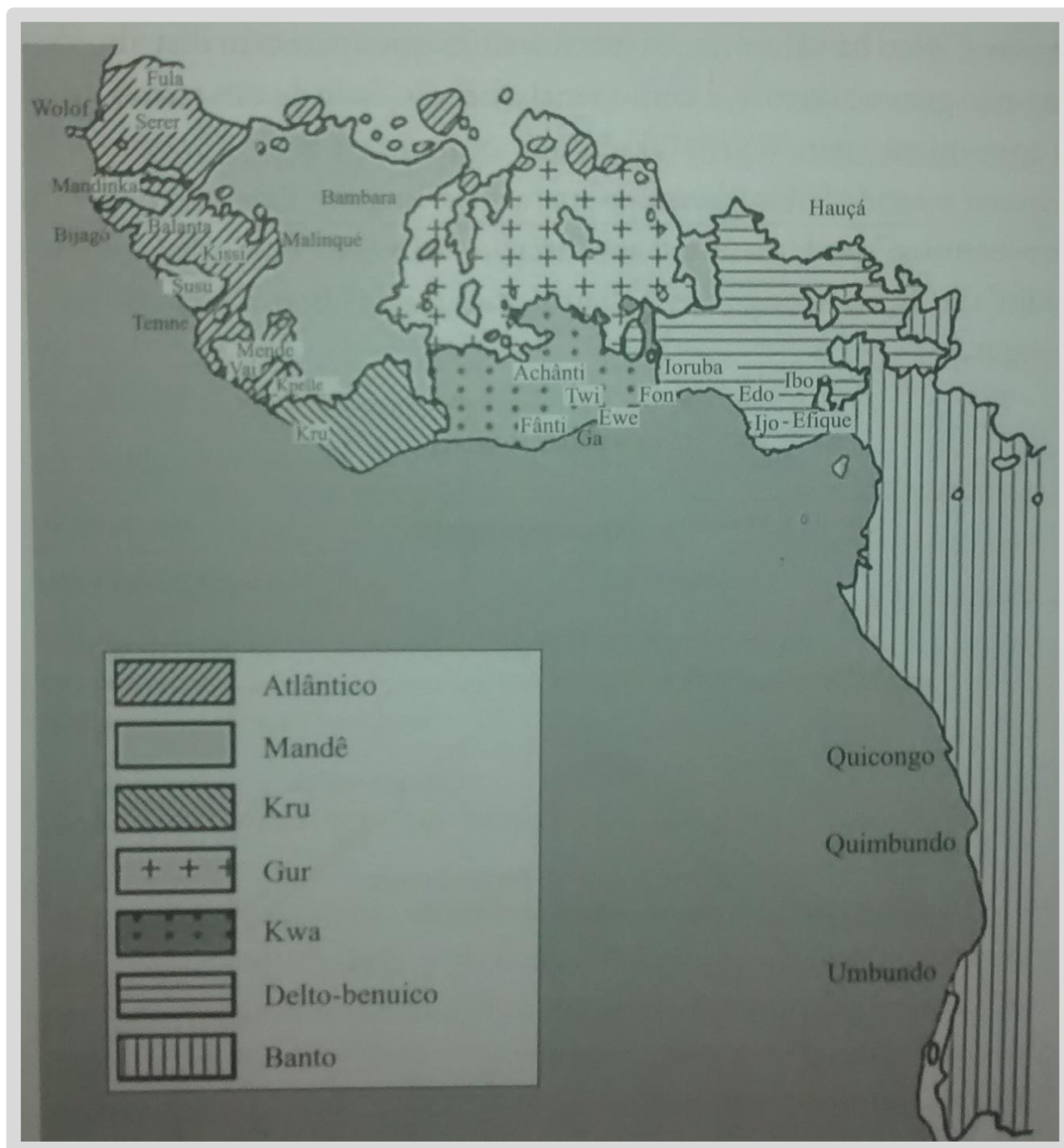


Figura 11: Localização de algumas línguas, famílias de línguas e agrupamentos linguísticos importantes da África Ocidental

²⁶⁷ Extraído de Parkvall (2012, p.36).

ANEXO 5

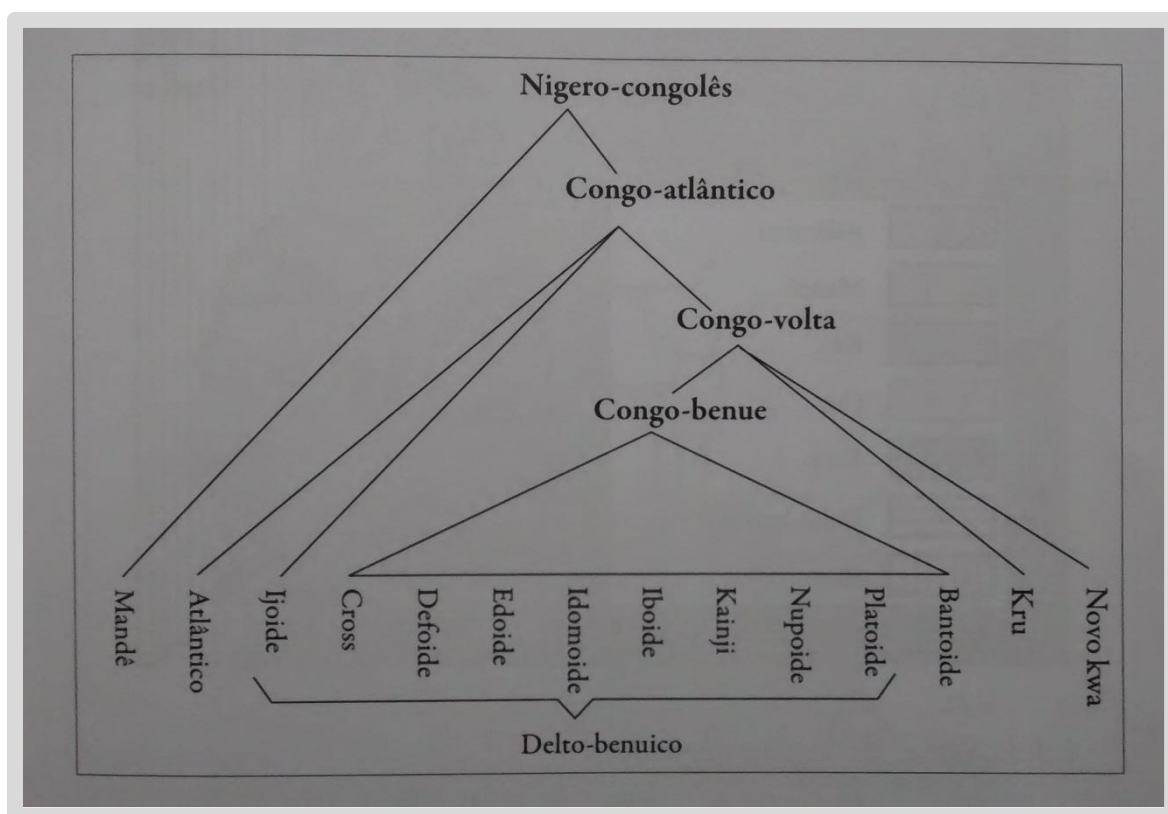
As línguas Nigero-Congolesas²⁶⁸

Figura 12: As línguas Nigero-Congolesas

²⁶⁸ Extraído de Parkvall (2012, p.35).